

GRÃOS: TENDÊNCIAS DOS MERCADOS PARA 2017/2018



Carlos Cogo
16 de Maio de 2017

ÍNDICE DO RELATÓRIO DE MAIO/2017

<u>PG</u>	<u>TEMA</u>
03	Indicadores econômicos para o Brasil em 2017/2018
06	Cenários agrícolas globais para 2017/2018
11	Clima: tendências para 2017/2018
17	Crédito Rural: liberações na safra 2016/2017
32	10 ^a estimativa para a safra de grãos 2016/2017
39	Grãos: tendências dos mercados no Brasil e no mundo
41	Soja: tendências de mercado para 2017/2018
81	Milho: tendências de mercado para 2017/2018
121	Trigo: tendências de mercado para 2017/2018
153	Arroz: tendências de mercado para 2017/2018
194	Feijão: tendências de mercado para 2017/2018
218	Algodão: tendências de mercado para 2017/2018

INDICADORES ECONÔMICOS BRASIL 2017-2018



CENÁRIOS PARA A ECONOMIA EM 2017-2018

- Conforme o Relatório de Mercado Focus, divulgado dia 15/05, pelo Banco Central, a mediana para o IPCA – o índice oficial de inflação – em 2017 foi de 4,01% para 3,93%, contra 4,06% há um mês.
- A projeção para o IPCA de 2018 também diminuiu, de 4,39% para 4,36%, contra 4,39% há um mês atrás.
- As estimativas de mercado do Focus indicam que a expectativa é de que a inflação fique abaixo do centro da meta, de 4,5%, em 2017 e 2018.
- A margem de tolerância para estes anos é de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo (ou seja, uma inflação entre 3,0% e 6,0%).
- A mediana para o Produto Interno Bruto (PIB) deste ano passou de alta de 0,47%, para avanço de 0,50%, contra 0,40% há um mês.
- Para 2018, o mercado manteve a previsão de alta, de 2,50%.
- As projeções para a Selic no fim de 2017 e de 2018.
- A mediana das previsões para a Selic ao fim deste ano segue em 8,50% ao ano e para o fim de 2018 também permanece em 8,50% ao ano, igual ao projetado há um mês.

CENÁRIOS PARA A ECONOMIA EM 2017-2018

- O Relatório de Mercado Focus mostra que a cotação do dólar deve encerrar 2017 em R\$ 3,25.
- Há uma semana, esse valor era de R\$ 3,23, mesmo patamar de um mês atrás.
- Já o câmbio médio de 2017 segue em R\$ 3,18 de uma semana para outra, contra R\$ 3,17 há um mês atrás.
- Para o final de 2018, a projeção para o câmbio no fim do ano caiu para R\$ 3,36, contra R\$ 3,40 estimados há um mês atrás.
- Já a projeção para o câmbio médio no próximo ano foi de R\$ 3,34 para R\$ 3,33, contra R\$ 3,35 há um mês atrás.
- Segundo a pesquisa semanal do AE Dados da Agência Estado, realizada junto às instituições dealers do Banco Central, divulgada na sexta-feira (12/05), a mediana para a taxa de câmbio para o término de 2017 foi reduzida para 3,3500 R\$/US\$, enquanto a taxa de câmbio prevista para o fim de 2018 ficou inalterada em 3,4500 R\$/US\$.
- O intervalo das projeções ficou entre 3,2500 R\$/US\$ e 3,8400 R\$/US\$.

CENÁRIOS AGRÍCOLAS GLOBAIS PARA 2017/2018



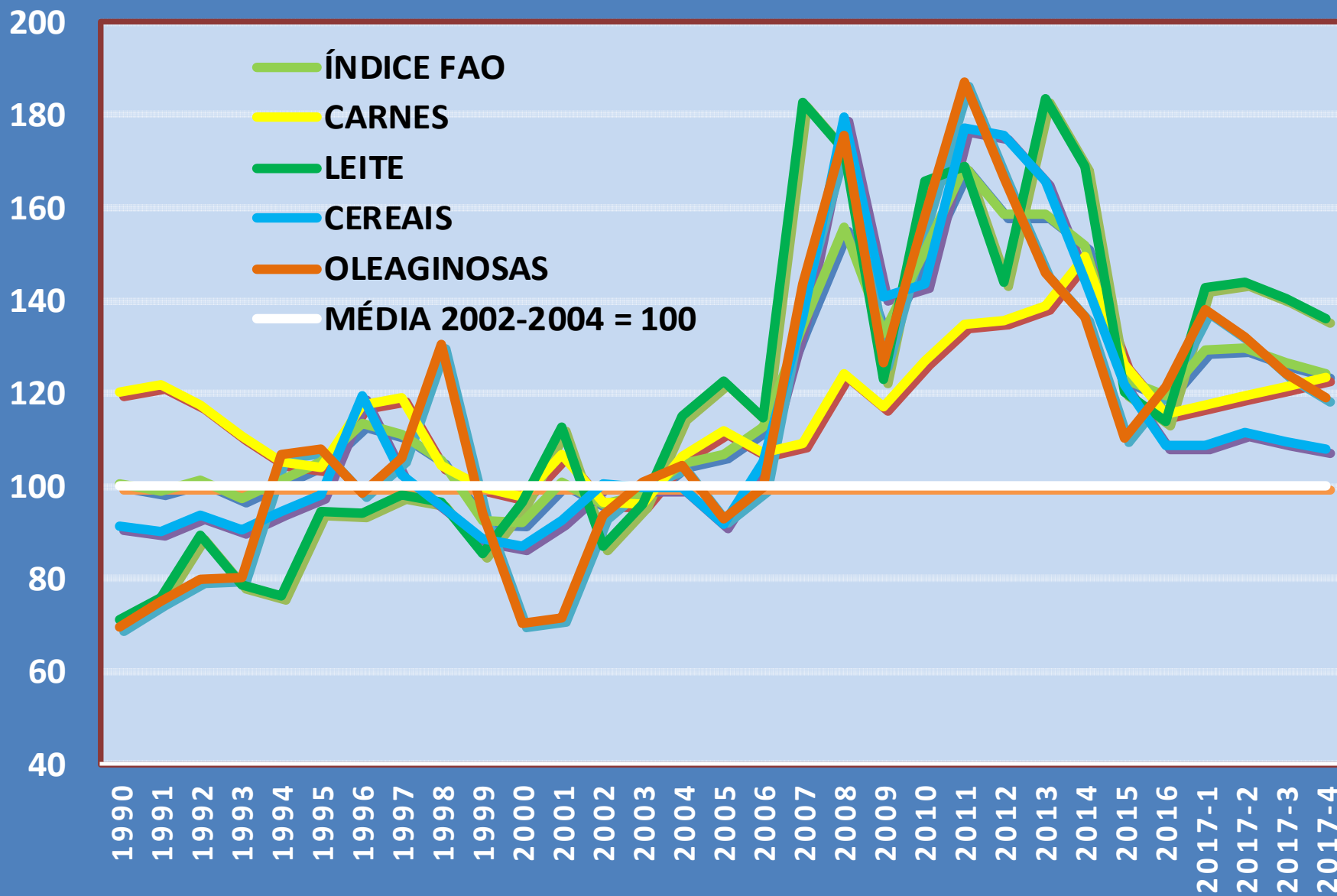
ANNUAL REAL FOOD PRICE INDICES (2002-2004=100) - DEFLATED

Date	Food Price Index	Meat Price Index	Dairy Price Index	Cereals Price Index	Oils Price Index	Sugar Price Index
1990	100,4	120,4	71,1	91,2	69,6	167,0
1991	98,7	121,8	75,9	90,0	75,1	119,6
1992	101,1	117,3	89,4	93,6	79,8	119,0
1993	97,1	110,9	78,8	90,6	80,2	131,0
1994	101,3	105,1	76,5	94,6	106,8	157,8
1995	105,3	104,2	94,6	98,0	108,1	158,4
1996	113,7	117,5	94,3	119,6	98,6	147,1
1997	111,3	119,0	98,3	102,4	106,0	149,3
1998	105,6	104,5	96,7	95,7	130,5	123,2
1999	92,6	99,6	85,3	88,8	94,2	88,5
2000	92,4	97,8	96,6	86,9	70,4	117,6
2001	101,0	106,8	112,6	92,7	71,7	130,9
2002	96,2	96,6	86,9	100,6	93,9	105,0
2003	98,1	96,3	96,0	99,6	101,0	101,0
2004	105,0	106,4	115,1	99,8	104,4	94,8
2005	106,8	112,0	122,5	91,7	92,9	127,1
2006	112,7	107,1	114,9	105,4	99,9	185,7
2007	134,6	109,1	182,7	136,3	143,4	119,3
2008	155,7	124,2	172,5	179,5	175,6	140,4
2009	132,8	117,0	123,1	141,0	126,6	213,1
2010	150,7	126,9	165,6	143,7	158,3	242,1
2011	169,1	134,8	168,7	177,2	187,1	271,3
2012	158,8	135,5	144,2	175,8	166,7	227,6
2013	158,5	139,0	183,4	165,6	145,8	189,6
2014	152,0	149,4	168,8	144,6	136,4	181,7
2015	123,2	126,3	120,4	122,0	110,4	143,3
2016	119,5	115,7	113,9	108,7	121,3	189,5
2017-1	129,2	117,6	142,9	108,8	137,9	213,6
2017-2	129,9	119,4	143,8	111,4	132,3	213,2
2017-3	126,7	121,3	140,5	109,4	124,1	189,9
2017-4	124,4	123,4	135,9	108,1	119,2	172,7
2017/2016	4%	7%	19%	-1%	-2%	-9%
2017 / 2002-2004=100	24%	23%	36%	8%	19%	73%

SOURCE: FAO ABR-17

FAO - ÍNDICE DE PREÇOS REAIS ALIMENTOS

2002-2004 = 100 - DEFLACIONADOS



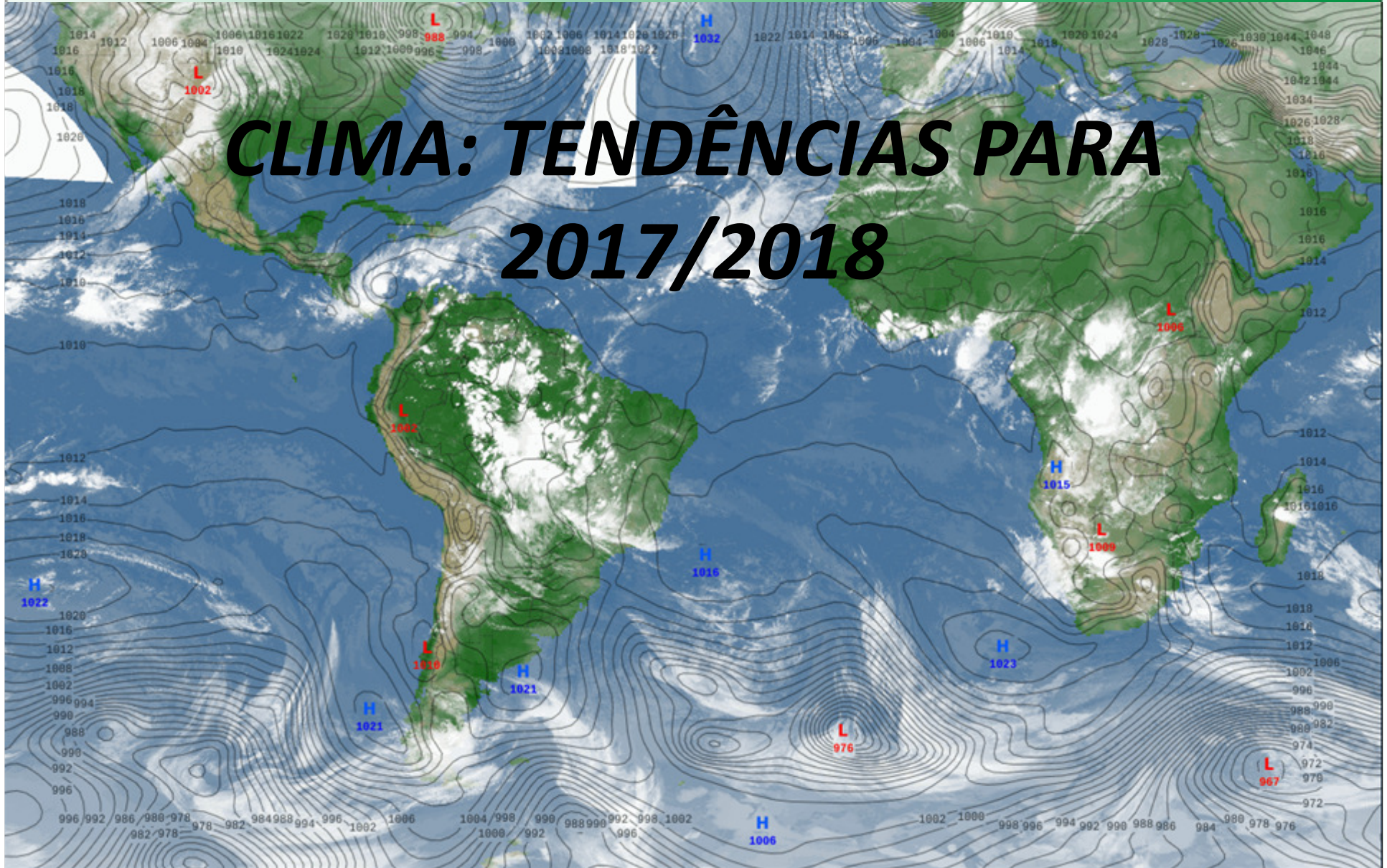
CENÁRIOS AGRÍCOLAS GLOBAIS PARA 2017/2018

- O Índice de Preços dos Alimentos da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) encerrou em 168 pontos em abril passado, queda de 3,1 pontos (1,8%) ante março, mas ainda 15,2 pontos acima na comparação com igual mês do ano passado.
- Assim como em março, todas as commodities utilizadas para calcular o indicador recuaram, com exceção da carne.
- Liderando as perdas, o índice de preço do açúcar ficou em 233,3 pontos em abril, queda de 23,3 pontos (9,1%) na comparação com março e alcançando seu menor nível em doze meses.
- O desempenho continua influenciado pela menor perspectiva de demanda e grandes estoques e produção para a commodity no Brasil.
- Em segundo lugar nas quedas, os óleos vegetais recuaram 6,6 pontos (3,9%) em abril ante março, para 161,1 pontos – o 3º mês de perdas.
- A queda reflete, principalmente, os menores preços do óleo palma (o menor desde julho de 2016 ante a perspectiva de grande produção) e do óleo de soja, que continua com viés baixista com a grande produção de oleaginosas na América do Sul.

CENÁRIOS AGRÍCOLAS GLOBAIS PARA 2017/2018

- O índice de lácteos encerrou em 183,6 pontos, queda de 6,2 pontos (3,3%) na comparação mensal, segunda queda consecutiva.
- Com a produção no Hemisfério Norte alcançando o seu pico sazonal, o mercado elevou sua estimativa de produção de leite em pó e queijo.
- Contrastando com os demais produtos do indicador, os preços da manteira se firmaram diante da expansão da demanda doméstica na Europa e América do Norte.
- Em abril, o índice de preços dos cereais recuou 1,8 pontos (1,2%) ante março, para 146 pontos.
- As maiores exportações e a perspectiva de que a disponibilidade global de cereais deve permanecer ampla na temporada 2017/2018 continuam a pressionar as cotações, sobretudo do trigo.
- Na contramão dos demais indicadores, o preço internacional de carnes ganhou 2,8 pontos (1,7%) em abril, para 166,6 pontos, dando continuidade à tendência altista que começou no início do ano.
- As altas de preços foram puxadas pelas carne suína e ovina, enquanto as cotações para a de frango e boi permaneceram estáveis.

CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2017/2018



CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2017/2018

- De forma geral, as condições climáticas no Brasil durante abril, no que se refere à quantidade acumulada de precipitação, foram favoráveis à atividade agrícola nas principais regiões produtoras do País.
- Na Região Nordeste, onde houve um maior contraste na distribuição espacial das chuvas, os acumulados ficaram entre 30 mm e 300 mm, porém dentro da normalidade climatológica na maioria das localidades.
- Os maiores déficits de chuva se concentraram no semiárido da Bahia, Pernambuco e Piauí, enquanto a faixa norte da Região Nordeste apresentou condição oposta, ou seja, excesso hídrico por precipitação.
- A faixa leste da Região, área que se estende do recôncavo baiano até o Rio Grande do Norte, com cerca de 100 Km de largura do litoral em direção ao interior do continente, teve seu início de período chuvoso, conhecido como quadra chuvosa, dentro da faixa normal para o período.
- Na Bahia, na região sul, o acumulado de precipitação em abril ficou acima da média.
- Em grande parte das Regiões Sudeste e Centro-Oeste, também ocorreram chuvas dentro da faixa normal do período.

CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2017/2018

- Nas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, os volumes ficaram entre 90 mm e 200 mm, favorecendo as lavouras nas localidades com plantio de segunda safra.
- Porém, no nordeste de Goiás, no centro-norte de Minas Gerais e no Distrito Federal, os volumes observados pelo Inmet foram bem inferiores, e se concentraram na faixa entre 20 mm e 50 mm.
- Em Tocantins e sul do Maranhão, o volume total de chuvas no mês ficou na faixa entre 120 mm e 250 mm, atingindo ou ultrapassando a média climatológica em grande parte das áreas com o cultivo de segunda safra nesses Estados.
- O prognóstico de chuvas para o trimestre maio-julho/2017 indicam probabilidades significativas de chuvas dentro da faixa normal ou acima na maior parte da Região Sul do Brasil.
- Em face da alta probabilidade de precipitações acima da média, resultantes essencialmente da chegada de sistemas frontais, há significativa probabilidade de ocorrência de chegada de massas de ar frio com maior frequência.

CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2017/2018

- Para a Região Sul do Brasil, isso potencializa o risco de ondas de frio e ocorrência de geadas, principalmente com a aproximação do inverno.
- Nas Regiões Centro-Oeste e Sudeste, os prognósticos climáticos indicam que devem prevalecer áreas com chuvas dentro ou abaixo do normal.
- Essas Regiões estão entrando no período climatológico seco a partir de maio ou junho, dependendo da localidade, se estendendo até setembro.
- Na Região do Matopiba, a previsão climática indica que pode haver considerável variação na distribuição espacial das chuvas, contudo, pode-se inferir que, de maneira geral, há maior probabilidade de chuvas abaixo da faixa normal do trimestre na maior parte da região, havendo uma probabilidade, porém menor, de chuvas acima da média em algumas localidades no norte do Tocantins.
- Na Região Nordeste, as previsões indicam uma predominância de áreas com chuvas abaixo da média, principalmente no semiárido.
- Na área que engloba Alagoas, Sergipe e uma pequena área da Bahia próxima à Sergipe, existe a probabilidade de chuvas mais próximas à média do período.

CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2017/2018

- Ao observar as anomalias da temperatura na superfície do mar (TSM) da segunda quinzena de abril, percebe-se a dissipação total das águas mais frias no Pacífico Equatorial e uma expansão das águas mais quentes, se comparado com todo o mês anterior, com predomínio maior de anomalias positivas entre $0,1^{\circ}\text{C}$ e 1°C , caracterizando, ainda, uma condição de normalidade, mas com uma discreta tendência em direção a uma fase positiva (El Niño).
- Contudo, a forte anomalia positiva observada em março próxima à costa do Equador e do Peru, e que causou excesso de chuvas nos países andinos mais ao norte, foi bastante atenuada em abril.
- Quanto ao Oceano Atlântico Tropical, a condição térmica na superfície é extremamente importante para o posicionamento do principal sistema de grande escala que causa chuvas no centro-norte da Região Nordeste, a Zona de Convergência Intertropical (ZCIT), até meados de maio.
- Quanto mais o Atlântico Tropical Norte se resfria ao mesmo tempo em que o Atlântico Tropical Sul se aquece, mais a ZCIT se aproxima do Nordeste, gerando instabilidade na atmosfera e mais chuva.

CLIMA: TENDÊNCIAS PARA 2017/2018

- Essa fase do gradiente térmico do Atlântico Tropical é chamada de Dipolo Negativo do Atlântico Tropical e o mapa de anomalia de TSM da segunda quinzena de abril mostra que os dois lados do Atlântico Tropical apresentaram anomalias positivas.
- Porém, o Atlântico Tropical como um todo está mais aquecido, contribuindo para um deslocamento da ZCIT mais para o norte, se afastando do Nordeste do Brasil.
- As previsões do Tokyo Climate Center (TCC) indicam que há uma leve tendência de intensificação de um Dipolo positivo em maio, que pode desfavorecer as chuvas no norte da Região Nordeste no final do período chuvoso, dependendo da intensidade desse dipolo.
- Os modelos de previsão de El Niño/La Niña do Research Institute for Climate and Society (IRI) indicam alta probabilidade de que o Oceano Pacífico Tropical se mantenha em uma fase de neutralidade neste primeiro semestre de 2017.
- Há alta probabilidade de formação de um novo episódio de El Niño, de baixa intensidade, a partir do segundo semestre de 2017.

CRÉDITO RURAL: BALANÇO DOS FINANCIAMENTOS NO PLANO-SAFRA 2016/2017



Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

(R\$ milhões)

Finalidade	Jul/14 - Abr/15		Jul/15 - Abr/16		Jul/16 - Abr/17	
	Qtd. operações	Valor	Qtd. operações	Valor	Qtd. operações	Valor
Custeio	394.791	55.994	381.688	69.909	316.095	63.003
Industrialização	0	0	0	0	364	4.177
Comercialização	28.872	18.386	22.345	20.857	21.559	17.184
Investimento	178.440	29.929	112.842	19.724	109.676	20.172
Total	602.103	104.309	516.875	110.491	447.694	104.537

Fonte: SICOR/Banco Central

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

(participação percentual)

Finalidade	Jul/14 - Abr/15		Jul/15 - Abr/16		Jul/16 - Abr/17	
	Qtd. operações	Valor	Qtd. operações	Valor	Qtd. operações	Valor
Custeio	66	54	74	63	71	60
Industrialização	0	0	0	0	0	4
Comercialização	5	18	4	19	5	16
Investimento	30	29	22	18	24	19
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: SICOR/Banco Central

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

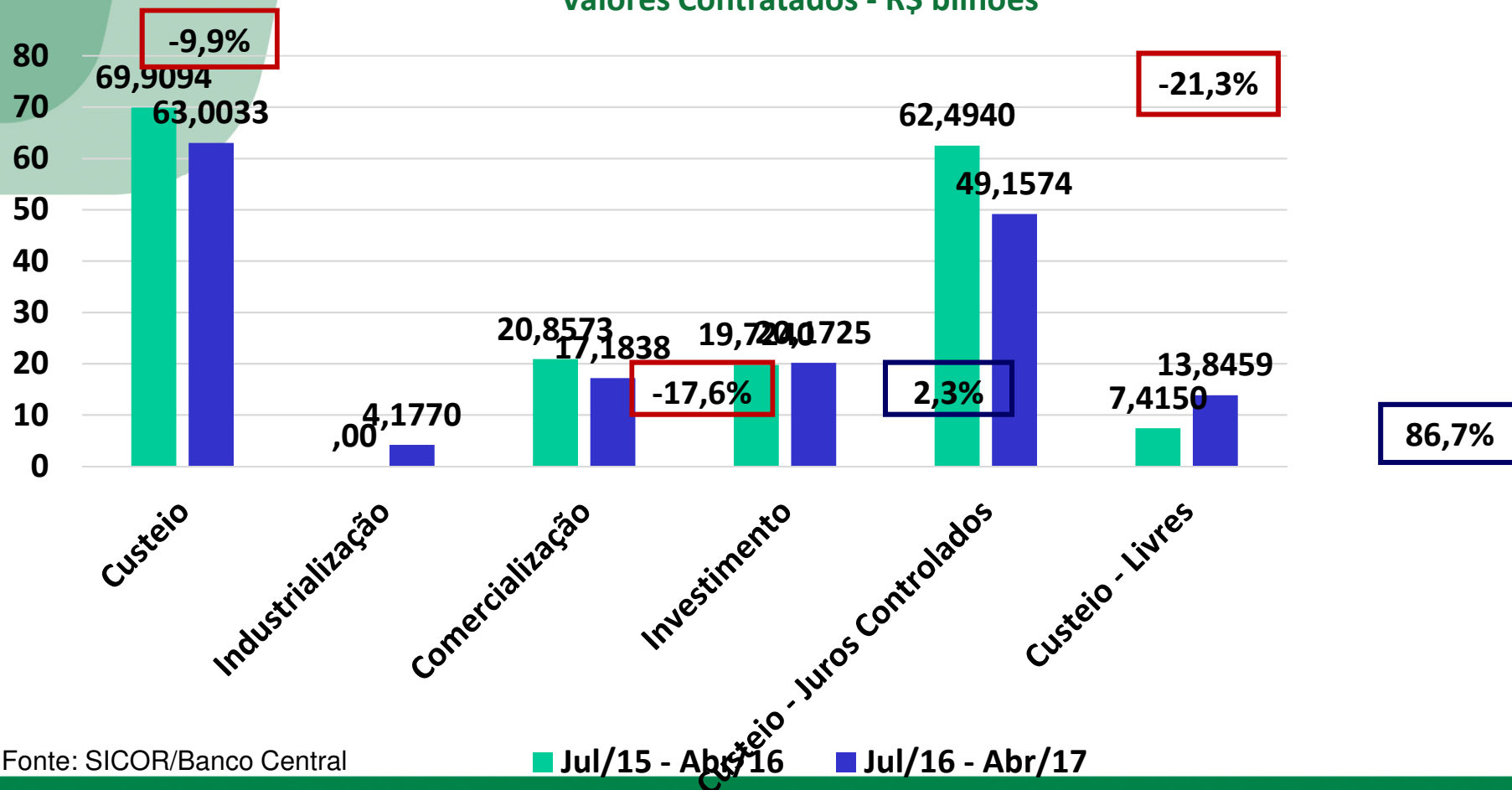
(R\$ Milhões)

Fontes de recursos ou programas	2016/2017		
	Programação jul/16 a jun/17	Aplicação jul/16 a abr/17	Desemb. relativo (%)
1. Custeio, Indust. e Comerc.	149.855	84.364	56%
1.1 Juros controlados	115.655	65.309	56%
1.2 Juros livres	34.200	19.055	56%
2. Investimento	34.000	20.172	59%
3. Total Agricultura Empresarial	183.855	104.537	57%

Fonte: SICOR/Banco Central

Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17 (Sem Pronaf)

Valores Contratados - R\$ bilhões



Fonte: SICOR/Banco Central

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



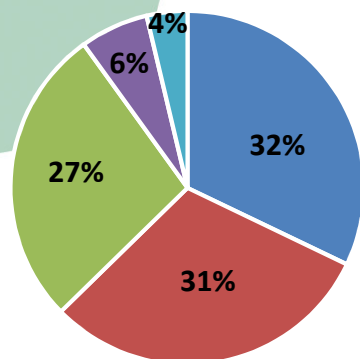
Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

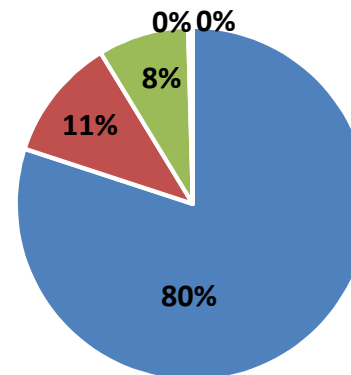
Jul/16 – Abr/17

Fonte: SICOR/Banco Central

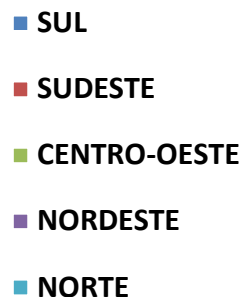
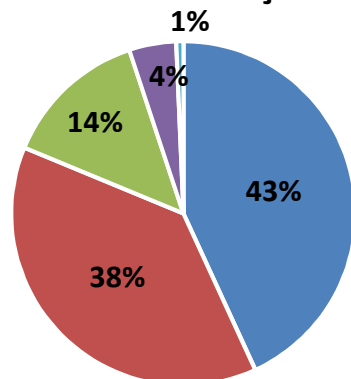
Custeio - R\$ 63,0 bi



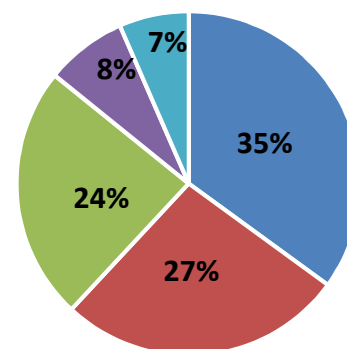
Industrialização - R\$ 4,2 bi



Comercialização - R\$ 17,2 bi



Investimento - R\$ 20,2 bi



Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

Custeio, Industrialização e Comercialização (R\$ milhões)

Instituição	Jul/15 - Abr/16			Jul/16 - Abr/17			Variação no Total Controlados (%)	Variação no Total Livres (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Total Controlado	Total Livres	Total Geral			
Bancos públicos	49.365	5.599	54.964	36.974	4.955	41.928	-25	-12	-24
Bancos privados	18.325	7.781	26.106	18.786	11.732	30.518	3	51	17
Cooperativas de crédito	7.961	1.691	9.651	9.456	2.368	11.824	19	40	23
Bco. Desenv. e Ag. Fomento	45	0	45	94	0	94	108	-	108
Total	75.695	15.072	90.767	65.309	19.055	84.364	-14	26	-7

Fonte: SICOR/Banco Central

Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

Custeio (R\$ milhões)

Instituição	Jul/15 - Abr/16			Jul/16 - Abr/17			Var. no Total Controlados (%)	Var. no Total Livres (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Total Controlado	Total Livres	Total Geral			
Bancos públicos	43.452	1.320	44.772	29.871	3.716	33.587	-31	182	-25
Bancos privados	11.470	4.870	16.340	10.352	8.429	18.781	-10	73	15
Cooperativas de crédito	7.572	1.225	8.797	8.934	1.701	10.635	18	39	21
Total	62.494	7.415	69.909	49.157	13.846	63.003	-21	87	-10

Fonte: SICOR/Banco Central

Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

Comercialização (R\$ milhões)

Instituição	Jul/15 - Abr/16			Jul/16 - Abr/17			Var. no Total Controlados (%)	Var. no Total Livres (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Total Controlado	Total Livres	Total Geral			
Bancos públicos	5.913	4.280	10.193	4.694	1.212	5.906	-21	-72	-42
Bancos privados	6.854	2.912	9.766	7.111	2.885	9.995	4	-1	2
Cooperativas de crédito	389	465	854	521	667	1.189	34	43	39
Bco. Desenv. e Ag. Fomento	45	0	45	94	0	94	109	-	109
Total	13.201	7.657	20.857	12.419	4.764	17.184	-6	-38	-18

Fonte: SICOR/Banco Central

Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

Custeio (R\$ milhões)

Instituição	Jul/15 - Abr/16			Jul/16 - Abr/17			Pronamp Var. (%)	Grandes Var. (%)
	Pronamp	Grandes	Total Geral	Pronamp	Grandes	Total Geral		
Bancos públicos	10.884	33.888	44.772	8.316	25.271	33.587	-24	-25
Bancos privados	386	15.954	16.340	796	17.985	18.781	106	13
Cooperativas de crédito	2.421	6.376	8.797	2.592	8.044	10.635	7	26
Total	13.690	56.219	69.909	11.704	51.299	63.003	-15	-9

Fonte: SICOR/Banco Central

Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

Custeio (R\$ milhões)

Atividade	Jul/15 - Abr/16			Jul/16 - Abr/17			Var. no Total Controlados (%)	Var. no Total Livres (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Total Controlado	Total Livres	Total Geral			
Agrícola	47.370	5.798	53.168	34.233	9.113	43.346	-28	57	-18
Pecuário	15.124	1.617	16.741	14.924	4.733	19.657	-1	193	17
Total	62.494	7.415	69.909	49.157	13.846	63.003	-21	87	-10

Fonte: SICOR/Banco Central

MINISTÉRIO DA
AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO



Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

Comercialização (R\$ milhões)

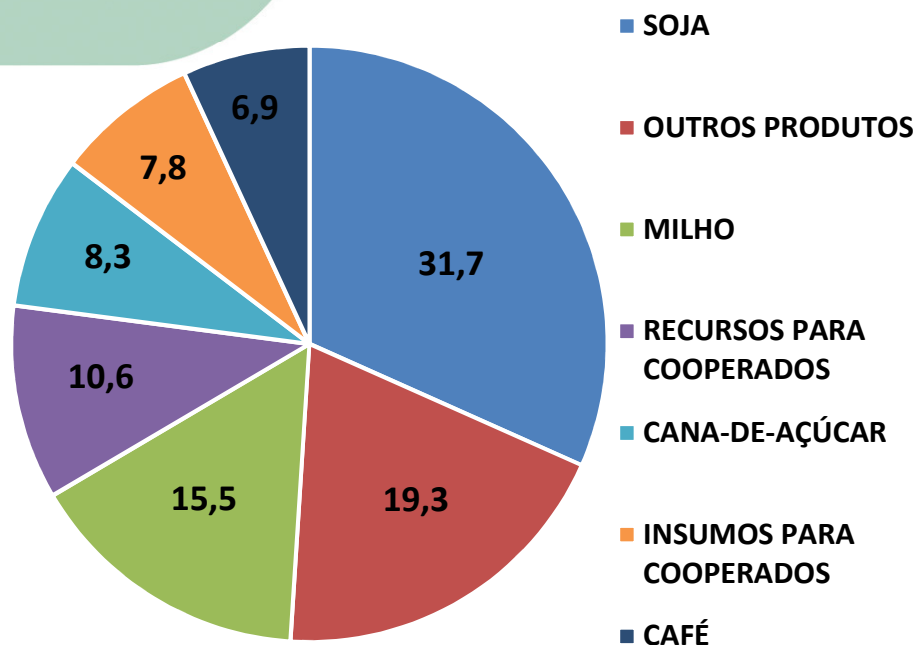
Atividade	Jul/15 - Abr/16			Jul/16 - Abr/17			Var. no Total Controlados (%)	Var. no Total Livres (%)	Var. no Total Geral (%)
	Total Controlado	Total Livres	Total Geral	Total Controlado	Total Livres	Total Geral			
Agrícola	11.301	6.270	17.571	10.203	3.085	13.288	-10	-51	-24
Pecuário	1.899	1.387	3.287	2.217	1.679	3.896	17	21	19
Total	13.201	7.657	20.857	12.419	4.764	17.184	-6	-38	-18

Fonte: SICOR/Banco Central

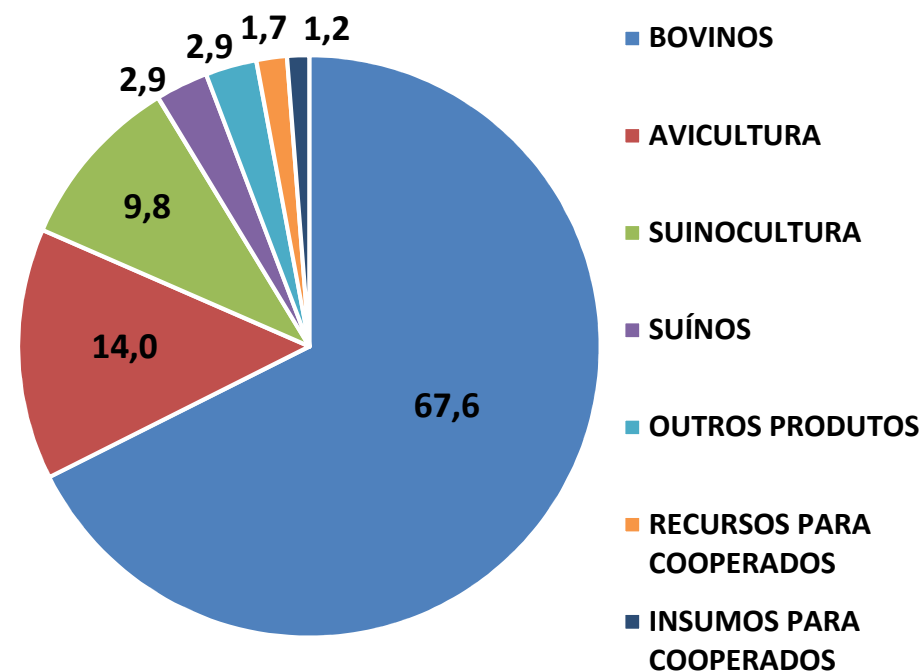
Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17 (Sem Pronaf)

Jul/16 – Abr/17 - Custeio

Produtos Agrícolas



Produtos Pecuários



Fonte: SICOR/Banco Central

Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

Letra de Crédito do Agronegócio LCA (R\$ milhões)

Atividade	Jul/15 - Abr/16	Jul/16 - Abr/17		
	Total	Taxa Favorecida	Taxa Livre	Total
Custeio	3.408	8.319	2.384	10.703
Investimento	827	400	82	482
Comercialização	6.035	0	2.480	2.480
Industrialização	0	145	275	420
Total	10.270	8.864	5.221	14.085

Fonte: SICOR/Banco Central

Financiamentos no Ano Agrícola 2016/17

(Sem Pronaf)

FINANCIAMENTO RURAL - PROGRAMAÇÃO E APLICAÇÃO DE RECURSOS SAFRAS 2015/2016 e 2016/2017

(Em R\$ milhões)

Fontes de Recursos ou Programas	2015/2016			2016/2017			Comparativo Aplic. Var. (%)
	Programação jul/15 a jun/16	Aplicação jul/15 a abr/16	Desemb. relativo (%)	Programação jul/16 a jun/17	Aplicação jul/16 a abr/17	Desemb. relativo (%)	
	(a)	(b)	(b)/(a)	(c)	(d)	(d)/(c)	
Moderfrota	3.650	3.180	87	5.050	6.233	123	96
PSI Rural	6.350	1.405	22	0	0	-	-
Moderinfra	290	349	120	550	269	49	-23
Programa ABC	3.000	1.276	43	2.990	883	30	-31
Inovagro	1.400	527	38	1.245	372	30	-29
PCA	2.000	479	24	1.400	421	30	-12
Moderagro	400	401	100	640	412	64	3
Prodecoop	1.600	794	50	2.430	255	10	-68
Procap-Agro	1.990	1.517	76	2.270	1.537	68	1
Prorenova	1.500	40	3	1.500	78	5	94
Pronamp	5.290	1.482	28	4.240	2.100	50	42
Outros	10.730	9.754	91	11.685	7.611	65	-22
Investimento	38.200	19.724	52	34.000	20.172	59	2
Custeio, Indust. e Comerc.	149.500	90.767	61	149.855	84.364	56	-7
Total	187.700	110.491	59	183.855	104.537	57	-5

Fonte: Sicor / Banco Central

***10ª ESTIMATIVA PARA A SAFRA
DE GRÃOS 2016/2017 NO
BRASIL***



BRASIL: ÁREA, PRODUÇÃO E PRODUTIVIDADE POR CULTURA AGRÍCOLA

ANO-SAFRA		07/08	08/09	09/10	10/11	11/12	12/13	13/14	14/15	15/16	16/17	VAR 16-17/15-16 (%)	
ANO DA COLHEITA		2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017*		
TOTAL GRÃOS	ÁREA	mil ha	47.411	47.674	47.416	49.873	50.520	53.476	56.959	57.833	58.304	60.423	3,6%
	PRODUÇÃO	mil t	144.137	135.135	149.255	162.803	164.778	188.642	193.578	207.723	186.595	234.462	25,7%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3,040	2,835	3,148	3,264	3,262	3,528	3,399	3,592	3,200	3,880	21,2%
ALGODÃO CAROÇO	ÁREA	mil ha	1.077	843	836	1.400	1.393	894	1.122	976	955	940	-1,6%
	PRODUÇÃO	mil t	2.505	1.891	1.843	3.229	3.019	2.019	2.671	2.349	1.937	2.236	15,4%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.325	2.242	2.205	2.306	2.166	2.257	2.381	2.406	2.028	2.379	17,3%
ARROZ	ÁREA	mil ha	2.875	2.909	2.765	2.820	2.427	2.400	2.373	2.295	2.008	1.967	-2,0%
	PRODUÇÃO	mil t	12.074	12.603	11.661	13.613	11.599	11.820	12.122	12.445	10.603	12.210	15,2%
	RENDIMENTO	Kg/ha	4.200	4.332	4.218	4.827	4.779	4.926	5.108	5.422	5.280	6.208	17,6%
FEIJÃO TOTAL 3 SAFRAS	ÁREA	mil ha	3.993	4.148	3.662	3.990	3.261	3.075	3.366	3.024	2.838	3.094	9,0%
	PRODUÇÃO	mil t	3.521	3.491	3.323	3.733	2.915	2.806	3.454	3.210	2.513	3.328	32,4%
	RENDIMENTO	Kg/ha	882	842	907	936	894	912	1.026	1.062	886	1.076	21,5%
MILHO 1ª SAFRA	ÁREA	mil ha	9.636	9.271	7.724	7.638	7.560	6.783	6.618	6.142	5.357	5.542	3,5%
	PRODUÇÃO	mil t	39.964	33.655	34.079	34.947	33.869	34.577	31.653	30.082	25.758	30.158	17,1%
	RENDIMENTO	Kg/ha	4.148	3.630	4.412	4.576	4.480	5.097	4.783	4.898	4.809	5.442	13,2%
MILHO 2ª SAFRA	ÁREA	mil ha	5.130	4.901	5.270	6.168	7.620	9.046	9.211	9.551	10.566	11.743	11,1%
	PRODUÇÃO	mil t	18.688	17.349	21.939	22.460	39.113	46.929	48.399	54.591	40.773	63.652	56,1%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.643	3.540	4.163	3.641	5.133	5.188	5.254	5.716	3.859	5.421	40,5%
MILHO TOTAL	ÁREA	mil ha	14.766	14.172	12.994	13.806	15.180	15.829	15.829	15.693	15.923	17.285	8,6%
	PRODUÇÃO	mil t	58.652	51.004	56.018	57.407	72.982	81.506	80.052	84.673	66.531	93.810	41,0%
	RENDIMENTO	Kg/ha	3.972	3.599	4.311	4.158	4.808	5.149	5.057	5.396	4.178	5.427	29,9%
SOJA	ÁREA	mil ha	21.313	21.743	23.468	24.181	25.042	27.736	30.173	32.093	33.252	33.929	2,0%
	PRODUÇÃO	mil t	60.018	57.166	68.688	75.324	66.383	81.499	86.121	96.228	95.435	113.884	19,3%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.816	2.629	2.927	3.115	2.651	2.938	2.854	2.998	2.870	3.357	16,9%
TRIGO	ÁREA	mil ha	1.852	2.396	2.428	2.150	2.166	2.210	2.758	2.449	2.118	1.926	-9,1%
	PRODUÇÃO	mil t	4.097	5.884	5.026	5.882	5.789	5.528	5.971	5.535	6.727	5.578	-17,1%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.212	2.456	2.070	2.736	2.672	2.502	2.165	2.260	3.175	2.896	-8,8%
OUTROS GRÃOS	ÁREA	mil ha	1.535	1.463	1.264	1.525	1.050	1.331	1.339	1.303	1.211	1.283	6,0%
	PRODUÇÃO	mil t	3.271	3.097	2.696	3.616	2.092	3.465	3.188	3.284	2.850	3.416	19,9%
	RENDIMENTO	Kg/ha	2.130	2.117	2.134	2.371	1.992	2.603	2.382	2.521	2.354	2.662	13,1%

Fontes: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

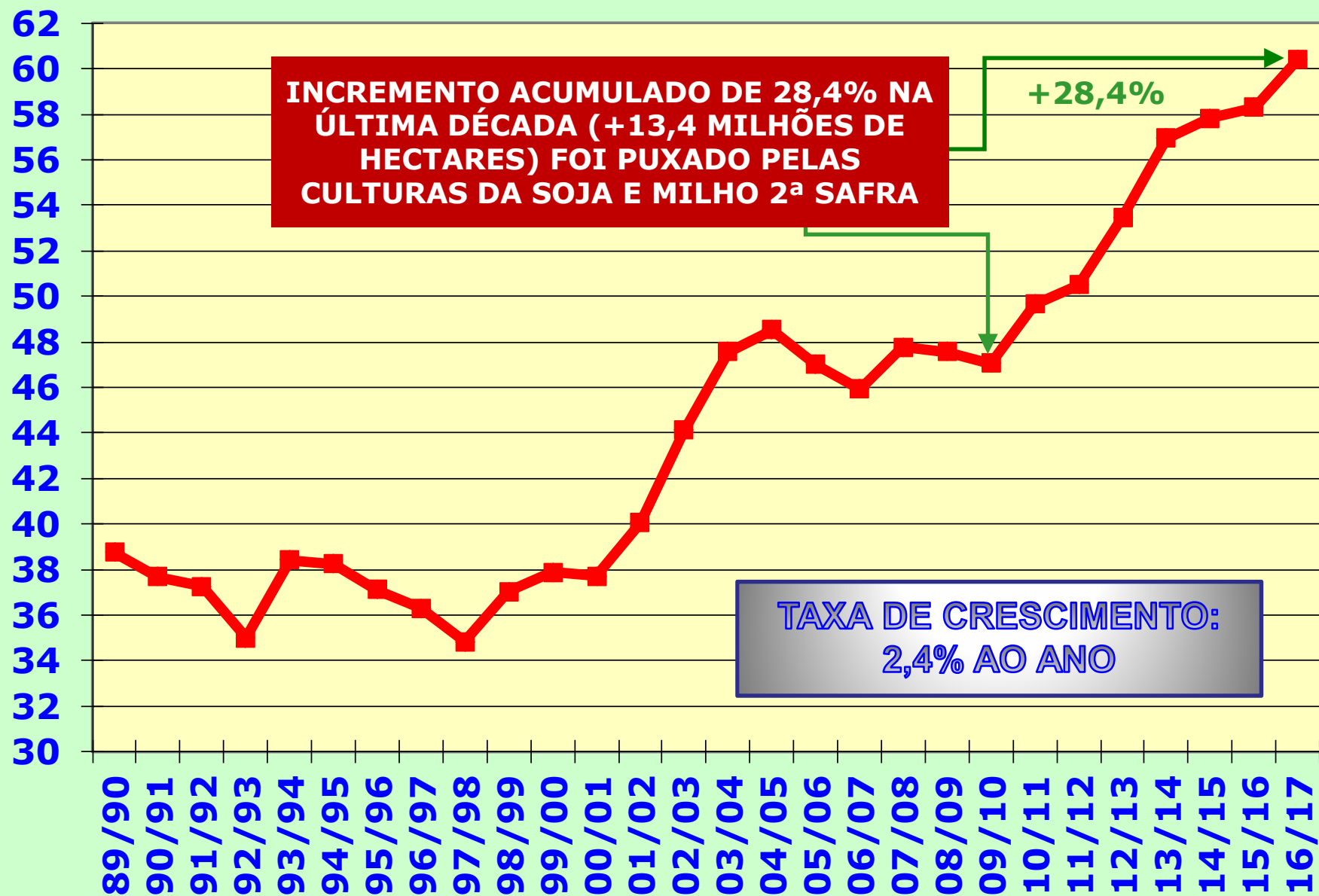
*2016/2017: PROJEÇÕES CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

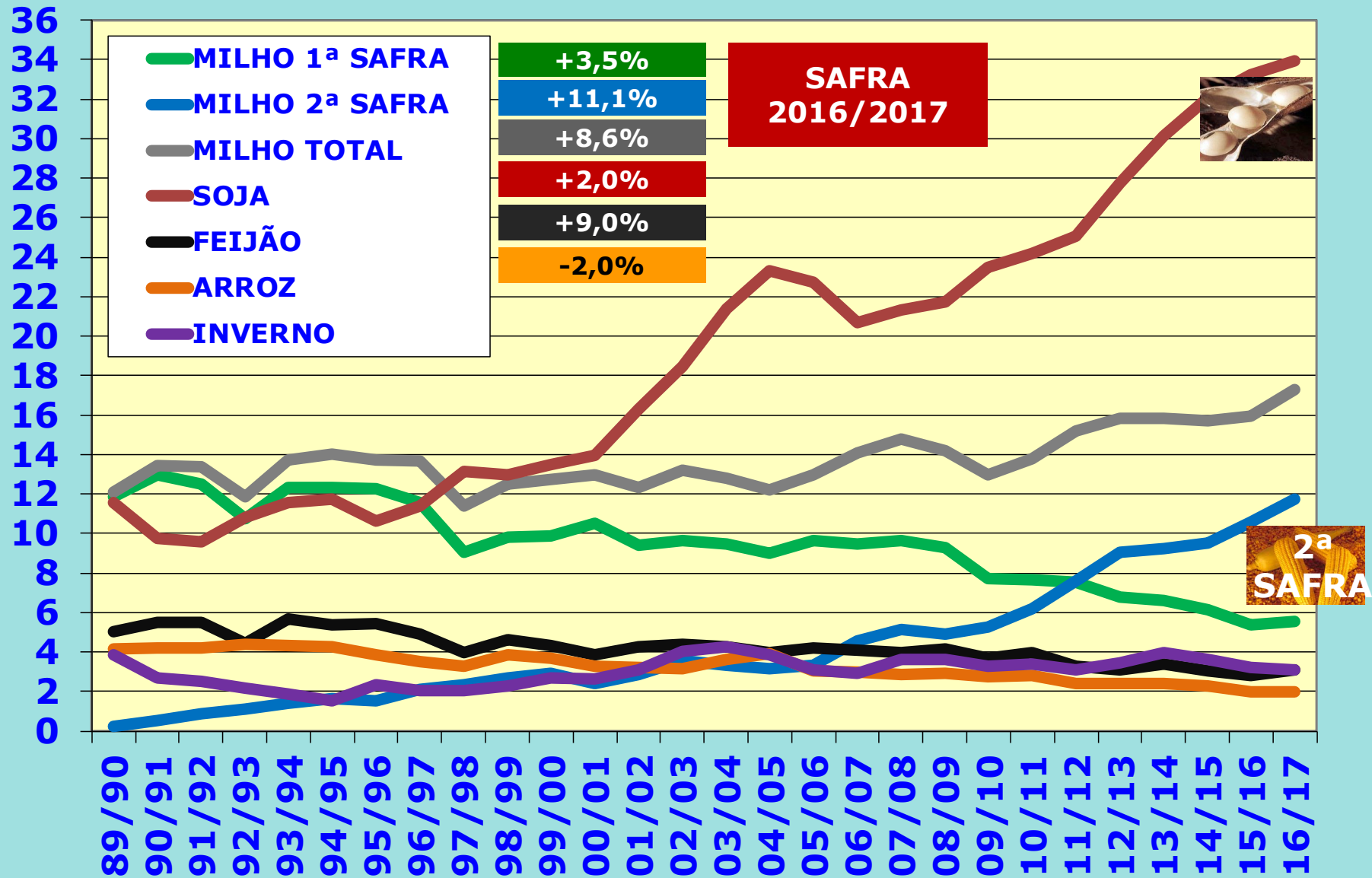
BRASIL: PROJEÇÕES PARA A SAFRA 2016/2017

- No 10º levantamento da nossa Consultoria para a safra de grãos 2016/2017, a projeção é de uma produção de 234,4 milhões de toneladas, 25,7% acima das 186,6 milhões de toneladas colhidas em 2015/2016 – cuja safra foi afetada negativamente pelo “El Niño”.
- A área de cultivo de grãos em 2016/2017 está prevista em 60,423 milhões de hectares, 3,6% acima da superfície cultivada em 2015/2016.
- Os maiores incrementos de área, em termos percentuais, estão previstos para: milho 2ª safra (+11,1%); feijão total das 3 safras (+9,0%); e soja (+2,0%).
- Em termos absolutos (superfície cultivada), os maiores incrementos estão previstos para: milho (+1,362 milhão de hectares, sendo 185 mil hectares na 1ª safra e 1,177 milhão de hectares na 2ª safra); soja (+677 mil hectares); e feijão total das 3 safras (+256 mil hectares).
- A área total de arroz deve recuar 2,0% (-41 mil hectares), com a queda na maior parte dos estados que cultivam em terras altas suplantando a leve recuperação de áreas irrigadas no Sul do Brasil, enquanto para o algodão, a projeção é de recuo de 1,6% na área (-15 mil hectares).

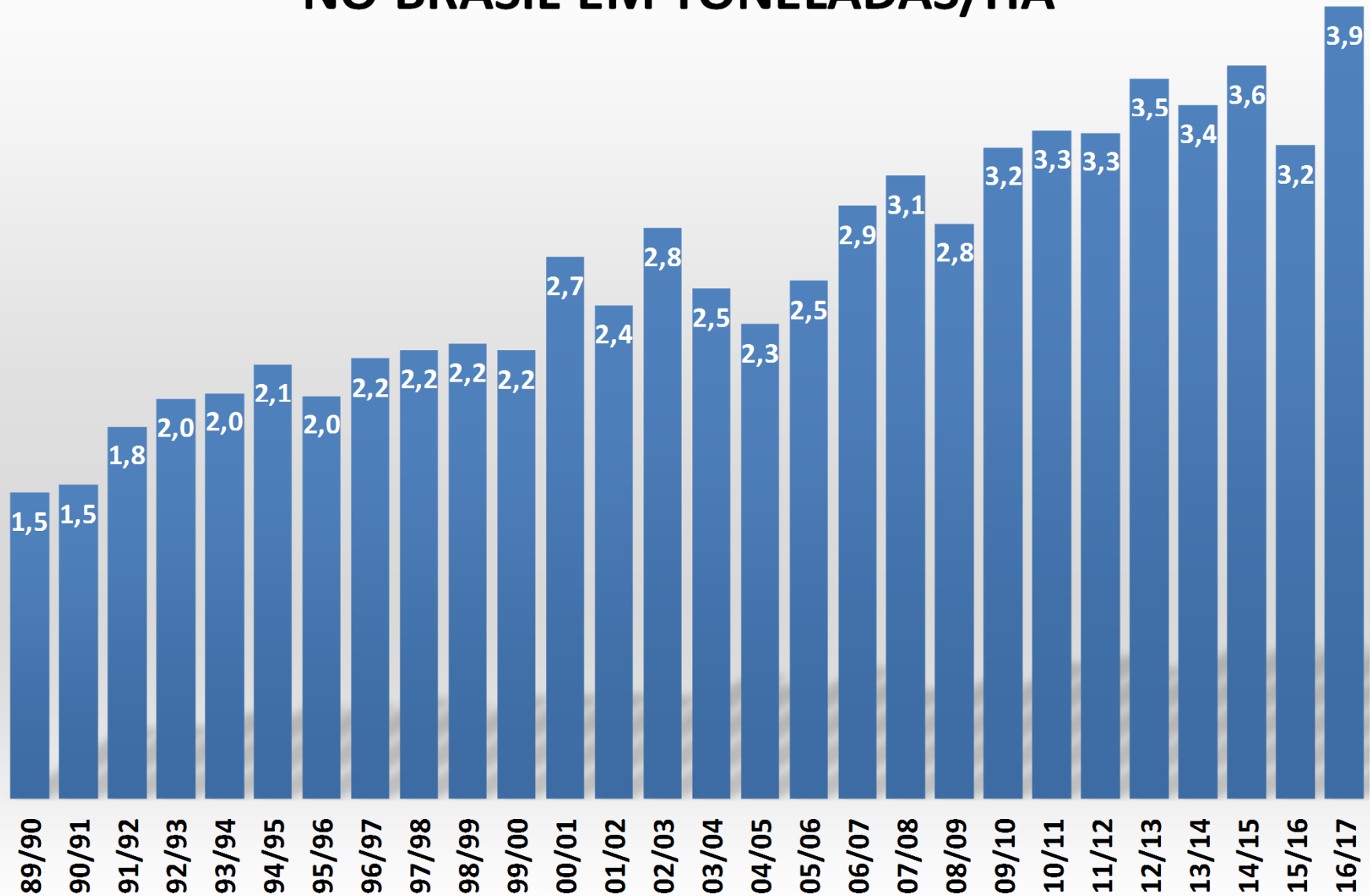
BRASIL: ÁREA DE CULTIVO DE GRÃOS MILHÕES DE HECTARES



GRÃOS: EVOLUÇÃO DA ÁREA POR CULTURAS - MILHÕES DE HECTARES



GRÃOS: PRODUTIVIDADE MÉDIA NO BRASIL EM TONELADAS/HA



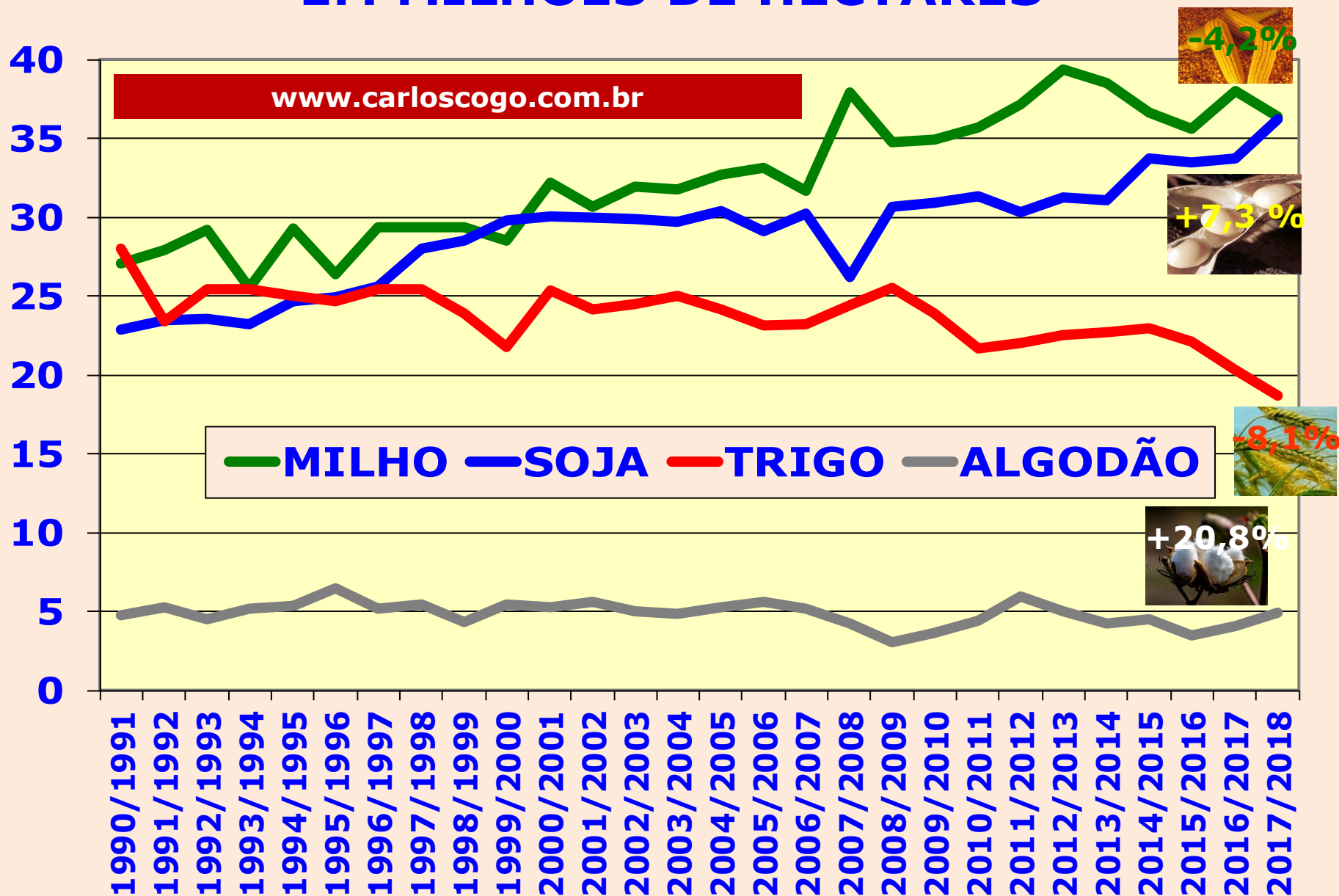
BRASIL: PRODUÇÃO TOTAL DE GRÃOS MILHÕES DE TONELADAS

**SAFRA 2016/2017 DEVE CRESCER 25,7%,
PARA 234,4 MILHÕES T, PUXADA PELA SOJA E
MILHO, EM CASO DE CONDIÇÕES CLIMÁTICAS
FAVORÁVEIS NA 2ª SAFRA DO CEREAL**



***GRÃOS: TENDÊNCIAS DOS
MERCADOS NO BRASIL E NO
MUNDO PARA 2017/2018***

EUA: EVOLUÇÃO DAS ÁREAS DE GRÃOS EM MILHÕES DE HECTARES



CARLOS COGO
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



WWW.CARLOSCOGO.COM.BR

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A tendência é de alta dos preços da soja e dos derivados no segundo semestre no mercado brasileiro.
- Com o mercado já tendo assimilado a safra recorde em 2016/2017 na América do Sul e também a área de plantio recorde nos Estados Unidos em 2017/2018, há poucos espaços para quedas nas cotações futuras.
- O “mercado climático” nos Estados Unidos, entretanto, pode proporcionar altas pontuais das cotações até a chegada da colheita naquele país, em setembro.
- No Brasil, o bom ritmo de exportações no primeiro quadrimestre deste ano anula parcialmente a pressão da colheita recorde, estimada pela nossa Consultoria em 113,8 milhões de toneladas.
- Os prêmios seguem positivos nos portos e a demanda global firme devem manter as cotações sustentadas, com viés de alta para o segundo semestre no mercado interno.
- Enquanto os produtores brasileiros têm reduzido as vendas do grão, a demanda da indústria pela oleaginosa está elevada, já que seus estoques estão baixos.

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Conforme o relatório mensal de oferta e demanda mundial de Maio/2017, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), os primeiros números oficiais para a safra 2017/2018 indicam uma produção de soja de 115,8 milhões de toneladas nos Estados Unidos, com área plantada de 36,22 milhões de hectares.
- As exportações da nova temporada deverão atingir 58,51 milhões de toneladas e o esmagamento interno em 53,08 milhões de toneladas.
- Com isso, o estoque final norte-americano da safra 2017/2018 foi projetado em 13,06 milhões de toneladas.
- Houve redução na projeção de estoques finais da safra 2016/2017 e elevadas as exportações dos Estados Unidos.
- Os estoques finais estão estimados em 11,85 milhões de toneladas, contra a projeção anterior de 12,11 milhões de toneladas.
- As exportações foram revisadas para cima e estão projetadas em 55,79 milhões de toneladas, contra o número anterior de 55,11 milhões de toneladas – o volume ainda está distante do total já contratado para exportação, que ultrapassa 56,6 milhões de toneladas.

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Conforme o relatório mensal de oferta e demanda mundial de Maio/2017, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), foi elevada a estimativa para as importações de soja da China de 88 milhões de toneladas, para 89 milhões de toneladas na atual temporada 2016/2017.
- Paralelamente, o Ministério de Agricultura da China divulgou, no dia 10/05, que a estimativa de importação de soja foi elevada em 3,4% na temporada 2016/2017, que se estende até 30 de setembro, para 89,5 milhões de toneladas.
- A maior projeção é reflexo dos estoques robustos na América do Sul e da crescente demanda por ração animal.
- Para o ciclo 2017/2018, as importações de soja devem alcançar os 93,2 milhões de toneladas, aumento de 4,1% ante a safra anterior.
- A produção chinesa de soja em 2017/2018 foi projetada em 14,1 milhões de toneladas, incremento anual de 12,2%.
- Com isso, o déficit de soja em grãos na China em 2017/2018 deve atingir o patamar recorde de 93 milhões de toneladas.

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- No mercado brasileiro, a procura por derivados está aquecida, cenário que tem impulsionado os preços do farelo e do óleo de soja.
- Nos últimos sete dias, os valores do farelo de soja registram alta de 1,7%, enquanto o óleo de soja teve avanço de 2,3% no mesmo período, para R\$ 2.507,88/tonelada (posto em São Paulo com 12% de ICMS).
- A retração na venda por parte de produtores se deve à queda na paridade de exportação do grão, que torna as negociações externas menos atrativas.
- Assim, os produtores brasileiros mostram maior interesse em deixar o grão armazenado para comercializar no segundo semestre, com expectativa de que a janela de exportação seja maior nesta temporada.
- Para a soja em grão, as cotações registram alta de 0,8% nos últimos sete dias no mercado de balcão (preço pago ao produtor) e 1,0% no de lotes (negociações entre empresas).
- A média ponderada da soja no Paraná – refletida pelo Indicador CEPEA/ESALQ – teve leve queda de 0,5% nos últimos sete dias, a R\$ 64,12 por saca de 60 Kg.

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Nos últimos sete dias, o Indicador da soja Paranaguá ESALQ/BM&F, referente ao grão depositado no corredor de expotação e negociado na modalidade spot (pronta entrega), no Porto de Paranaguá, apresenta recuo de 0,2%, cotado a R\$ 68,95 por saca de 60 Kg.
- O enfraquecimento nos preços domésticos esteve atrelado à desvalorização do dólar frente ao Real e ao recuo nos futuros dos Estados Unidos, que refletem em queda no valor FOB estivado e, conseqüentemente, nos preços regionais.
- Na Bolsa de Chicago, os vencimentos entre Julho e Novembro de 2017 da soja em grão estão cotados entre US\$ 9,60 e US\$ 9,66 por bushel.
- Para o óleo de soja, o contrato Maio/2017 apresenta recuo de 0,2% no mesmo comparativo, a US\$ 711,42 por tonelada.
- O vencimento Maio/2017 do farelo de soja registra queda de 1,0% nos últimos sete dias, a US\$ 342,93 por tonelada.
- A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) e o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) elevaram as estimativas de produção do Brasil.

SOJA: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A Conab reajustou a produção nacional para 113 milhões de toneladas de soja, 2,6% acima da estimada em abril.
- Também houve alteração nas exportações, que passaram para 63 milhões de toneladas, aumento de 3,3% em relação ao estimado no relatório anterior.
- Na mesma linha, o USDA aumentou as projeções da produção brasileira para 111,6 milhões de toneladas (+0,5%) e dos embarques nacionais para 63,6 milhões de toneladas (+2,7%).
- Na Argentina, a produção foi revisada para 57,5 milhões de toneladas, volume 2,7% acima do colhido na safra passada.
- O clima segue favorecendo o avanço na colheita da soja nesse país.
- Segundo a Bolsa de Buenos Aires, até o dia 11 de maio, 66,5% da área semeada com soja havia sido colhida.
- O USDA também divulgou as primeiras estimativas para a safra 2017/2018, com produção mundial projetada em 344,7 milhões de toneladas, 1% menor que a estimada para a temporada 2016/2017, e alinhada à demanda, estimada em 344,2 milhões de toneladas.

SOJA GRÃO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL

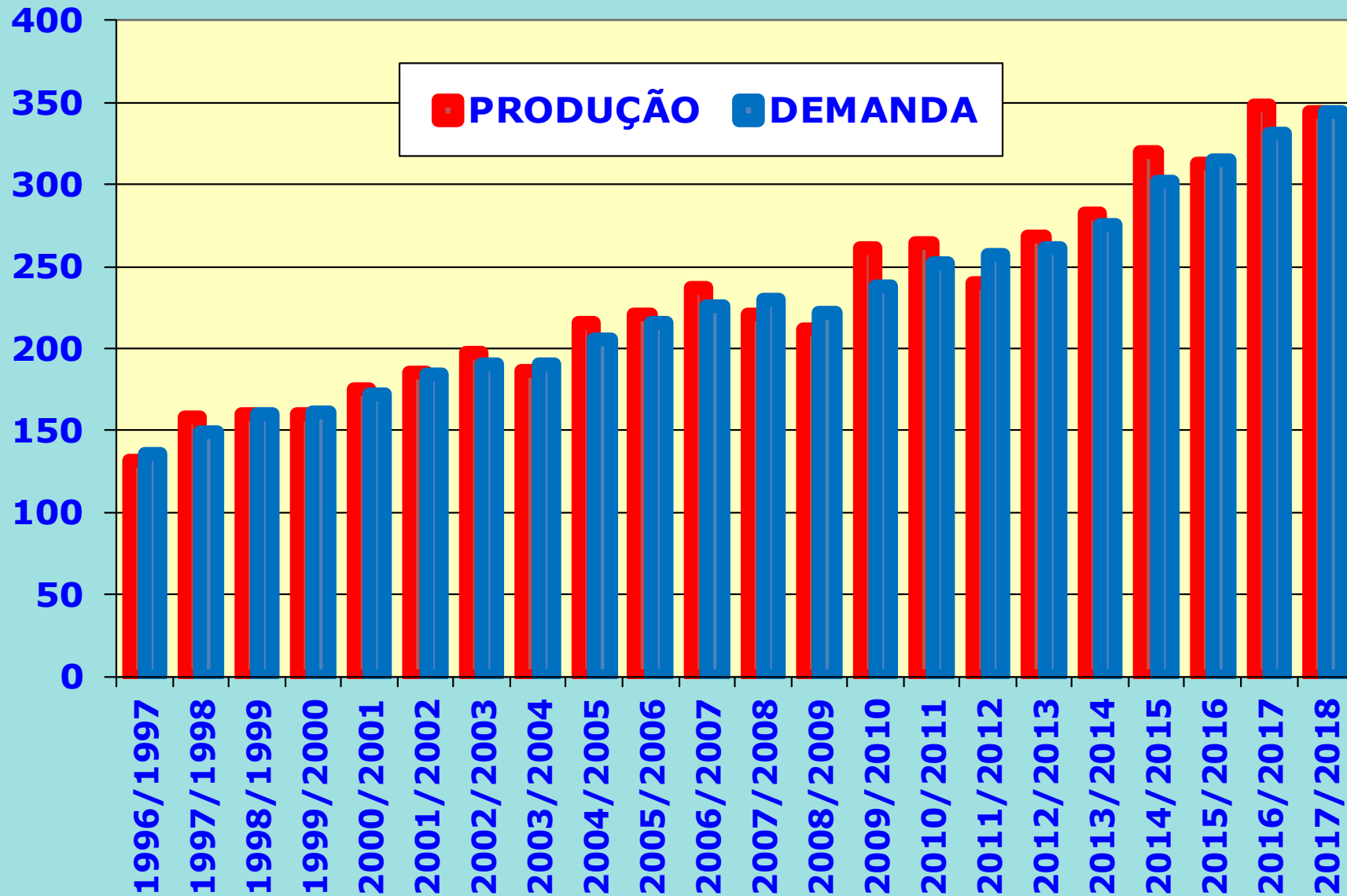
EM MILHÕES DE TONELADAS

ANO SAFRA	PRODUÇÃO MUNDIAL	DEMANDA MUNDIAL	VARIAÇÃO DEMANDA	COMÉRCIO MUNDIAL	ESMAGAMENTO MUNDIAL	ESTOQUES FINAIS	ESTOQUES/ CONSUMO	PREÇO MÉDIO US\$/bushel
1989/1990	95,6	105,0		27,3	81,1	20,2	19,2%	3,97
1990/1991	107,4	103,8	-1,1%	25,4	88,0	20,6	19,8%	5,68
1991/1992	104,1	109,6	5,6%	28,1	87,3	18,4	16,8%	5,67
1992/1993	107,4	115,3	5,2%	29,3	92,3	20,2	17,5%	6,26
1993/1994	117,3	120,6	4,6%	27,7	96,7	17,2	14,3%	6,24
1994/1995	117,5	132,2	9,6%	32,0	102,0	23,7	17,9%	6,12
1995/1996	137,5	131,6	-0,5%	31,6	109,8	17,5	13,3%	7,53
1996/1997	132,2	135,7	3,1%	36,8	112,1	13,5	9,9%	7,52
1997/1998	158,0	148,6	9,5%	39,3	115,5	21,6	14,5%	6,58
1998/1999	159,8	160,0	7,6%	37,9	135,7	26,6	16,7%	6,45
1999/2000	159,9	160,7	0,5%	45,6	136,2	26,9	16,7%	4,63
2000/2001	175,1	171,8	6,9%	53,8	146,8	30,6	17,8%	4,54
2001/2002	184,9	184,0	7,1%	53,0	158,0	32,2	17,5%	4,38
2002/2003	197,0	190,7	3,7%	61,3	165,0	40,8	21,4%	5,53
2003/2004	186,8	190,0	-0,4%	56,0	163,6	37,6	19,8%	7,34
2004/2005	215,8	205,2	8,0%	64,8	175,7	48,5	23,6%	6,40
2005/2006	220,5	215,3	4,9%	63,9	185,1	52,9	24,6%	6,03
2006/2007	237,4	225,5	4,8%	71,1	195,9	62,7	27,8%	7,80
2007/2008	221,2	229,7	1,9%	78,3	201,9	53,0	23,1%	13,50
2008/2009	212,0	221,3	-3,7%	77,2	193,2	42,6	19,2%	10,50
2009/2010	261,1	238,0	7,5%	91,4	209,3	60,0	25,2%	10,10
2010/2011	263,9	251,6	5,7%	91,7	221,4	70,1	27,9%	13,40
2011/2012	239,6	257,7	2,4%	92,2	228,2	53,6	20,8%	15,50
2012/2013	268,8	261,2	1,4%	100,5	230,2	57,4	22,0%	14,50
2013/2014	282,6	275,3	5,4%	112,7	241,3	61,8	22,4%	13,50
2014/2015	319,6	301,9	9,7%	126,2	264,1	77,5	25,7%	10,20
2015/2016	313,1	314,5	4,2%	132,2	275,6	77,1	24,5%	10,00
2016/2017	348,0	331,3	5,3%	144,6	290,7	90,1	27,2%	9,50
2017/2018	344,7	344,2	9,4%	149,6	301,5	88,8	25,8%	9,70
VAR 2017-2018/ 2016-2017	-1,0%	3,9%		3,4%	3,7%	-1,5%	-5,2%	2,1%

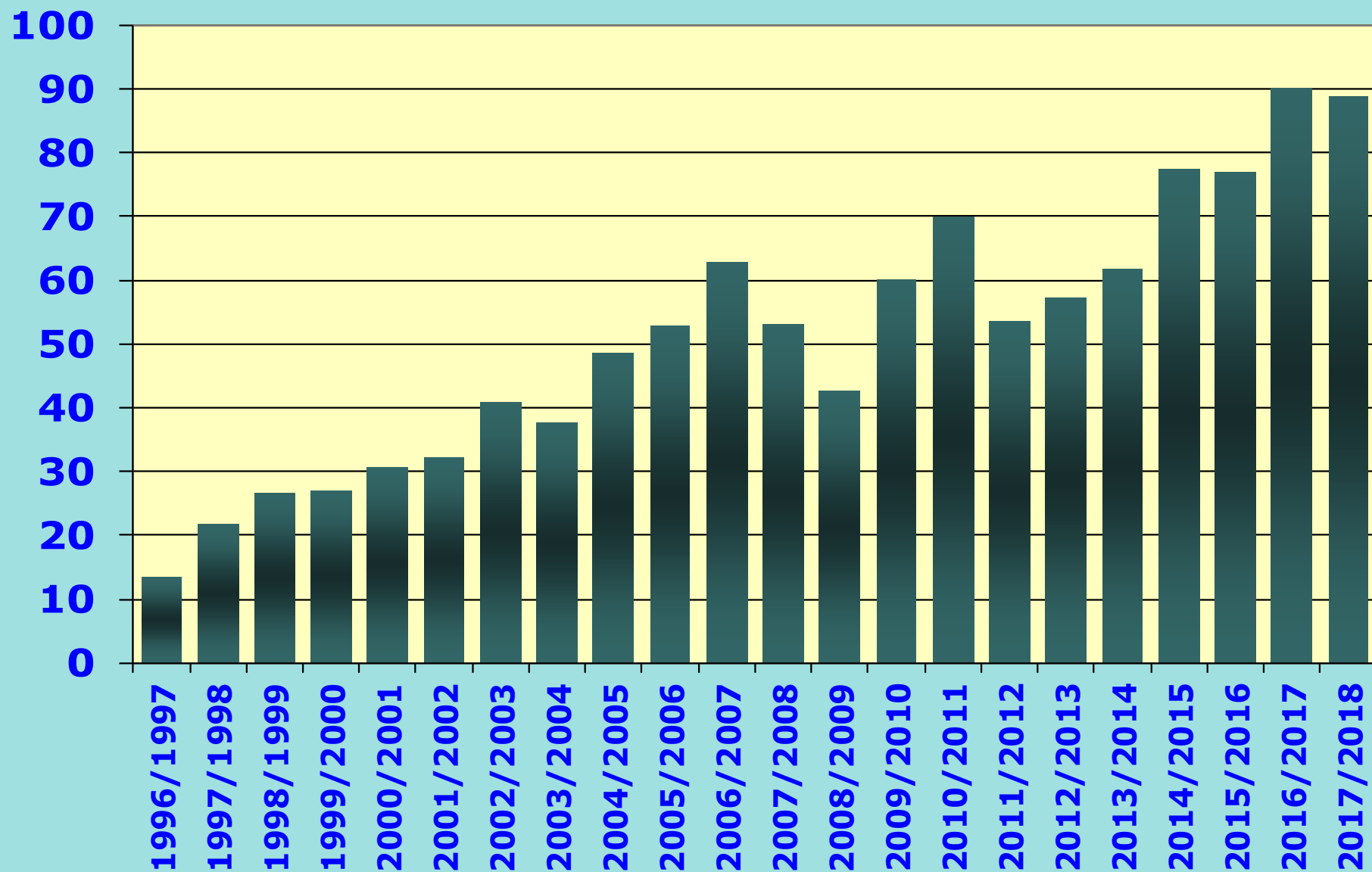
Fonte: USDA MAIO/2017

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

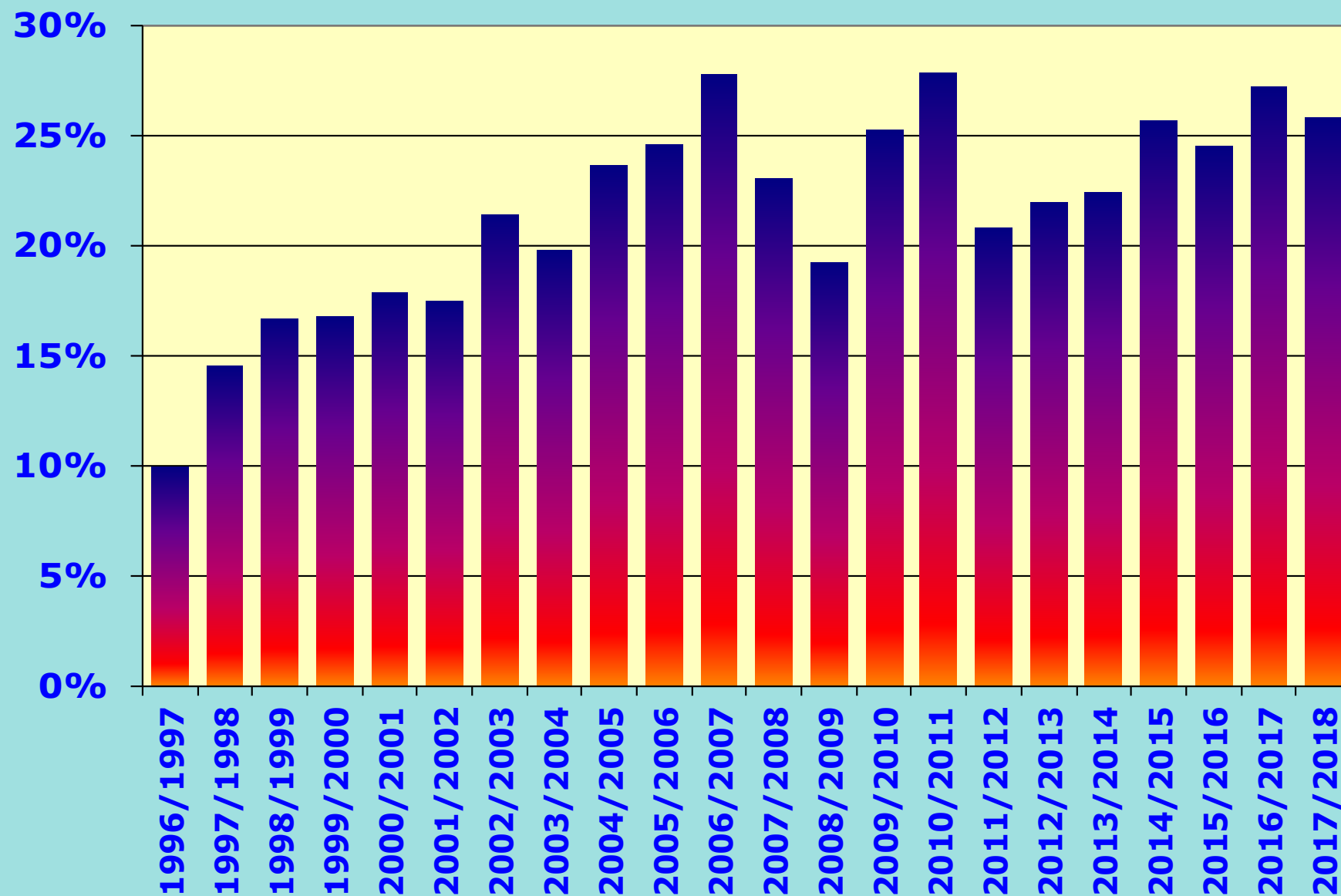
SOJA: OFERTA x DEMANDA MUNDIAL MILHÕES DE TONELADAS



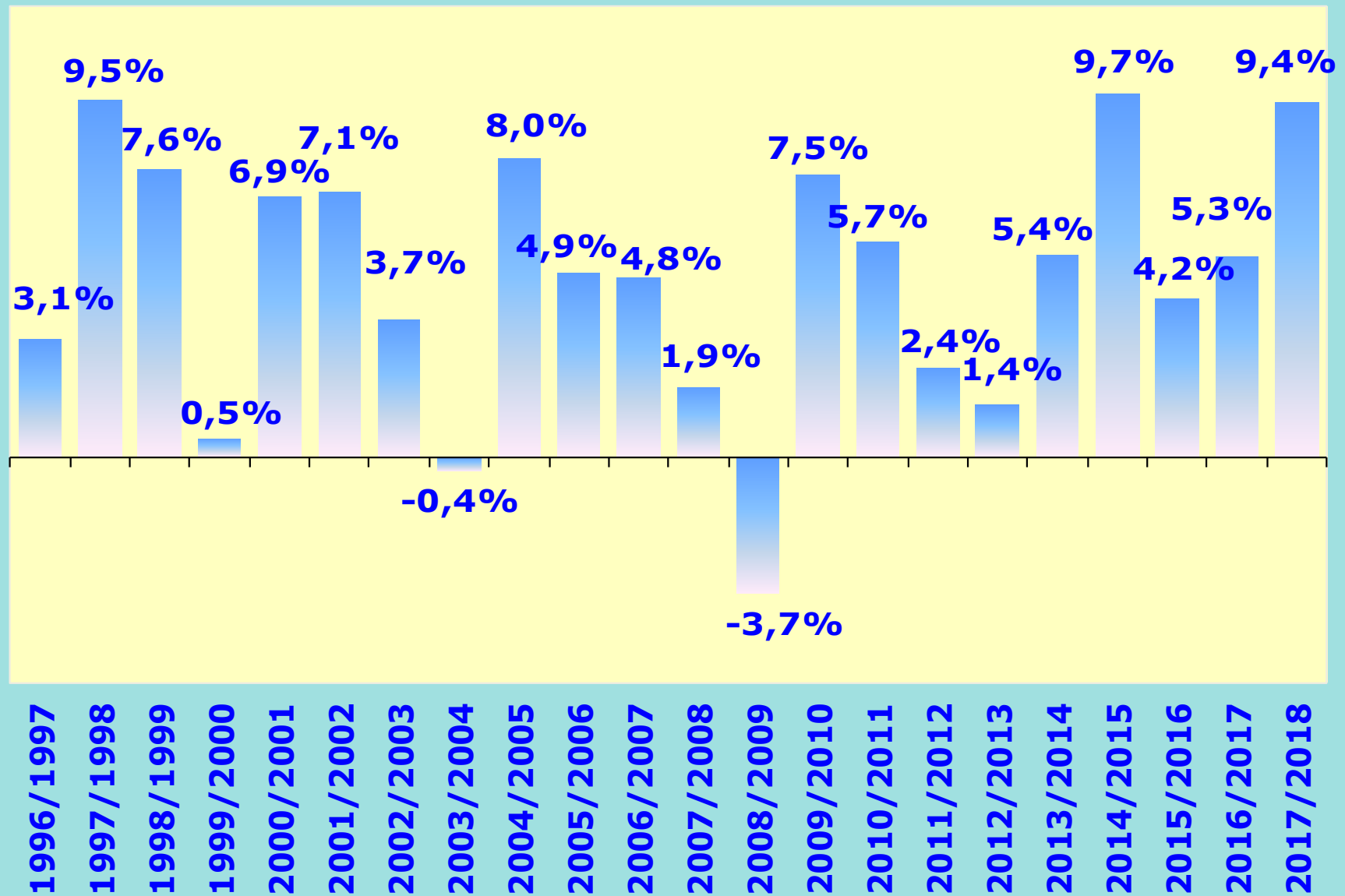
SOJA: ESTOQUES DE PASSAGEM MUNDIAIS - MILHÕES DE TONELADAS



SOJA: RELAÇÃO ESTOQUES FINAIS/DEMANDA MUNDIAL

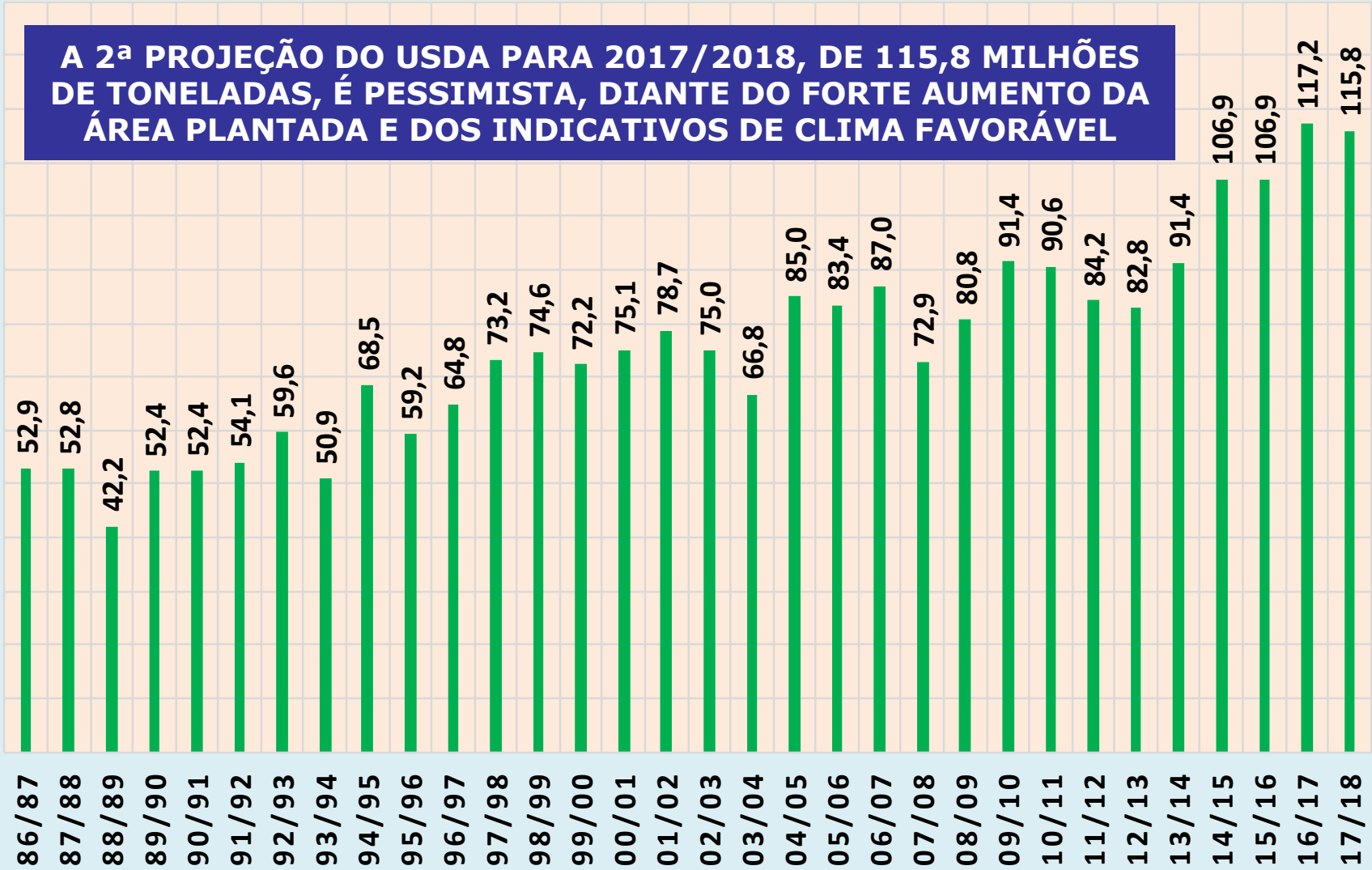


SOJA: TAXA ANUAL DE EXPANSÃO DA DEMANDA MUNDIAL (%)

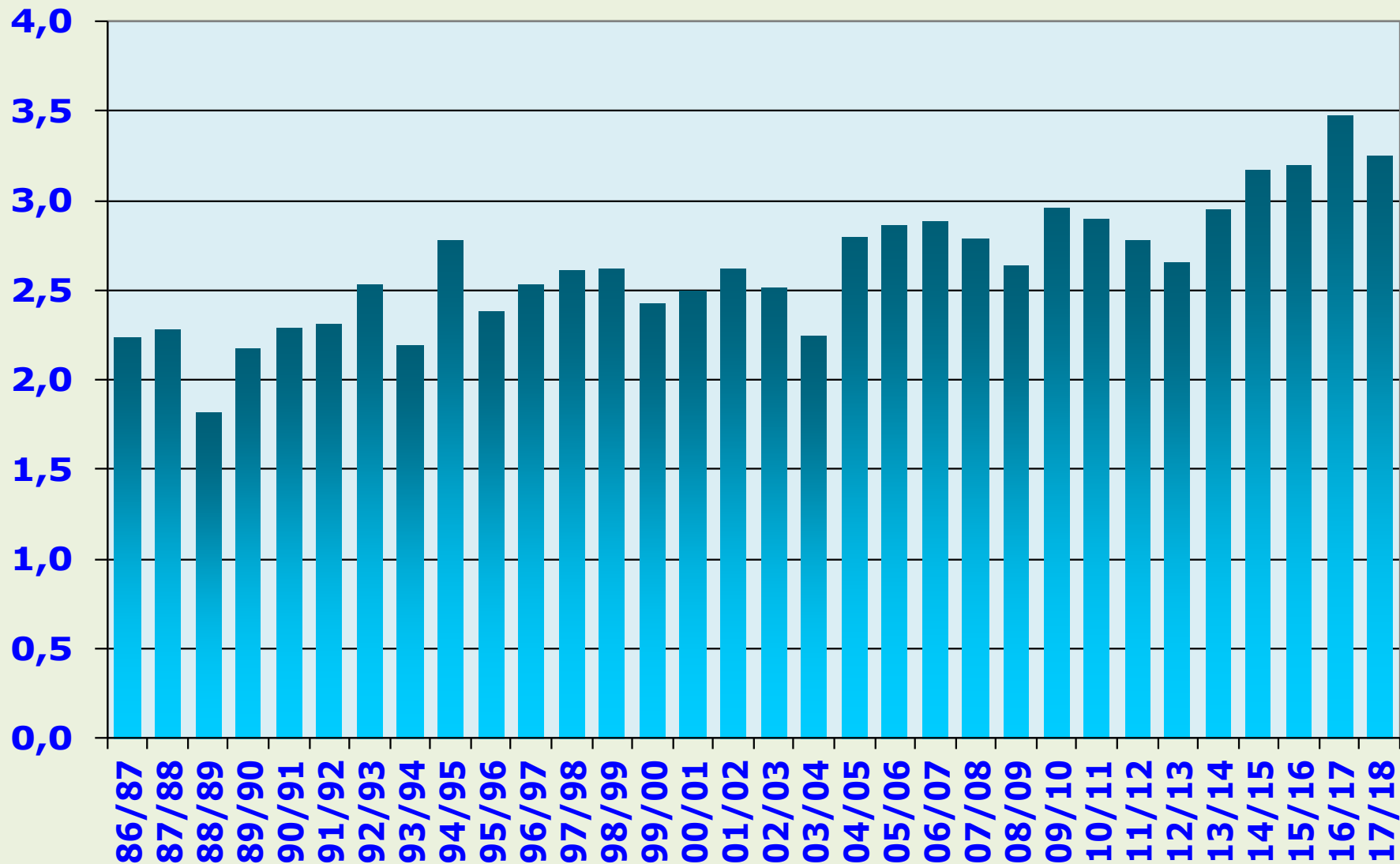


EUA: PRODUÇÃO DE SOJA MILHÕES DE TONELADAS

A 2ª PROJEÇÃO DO USDA PARA 2017/2018, DE 115,8 MILHÕES DE TONELADAS, É PESSIMISTA, DIANTE DO FORTE AUMENTO DA ÁREA PLANTADA E DOS INDICATIVOS DE CLIMA FAVORÁVEL



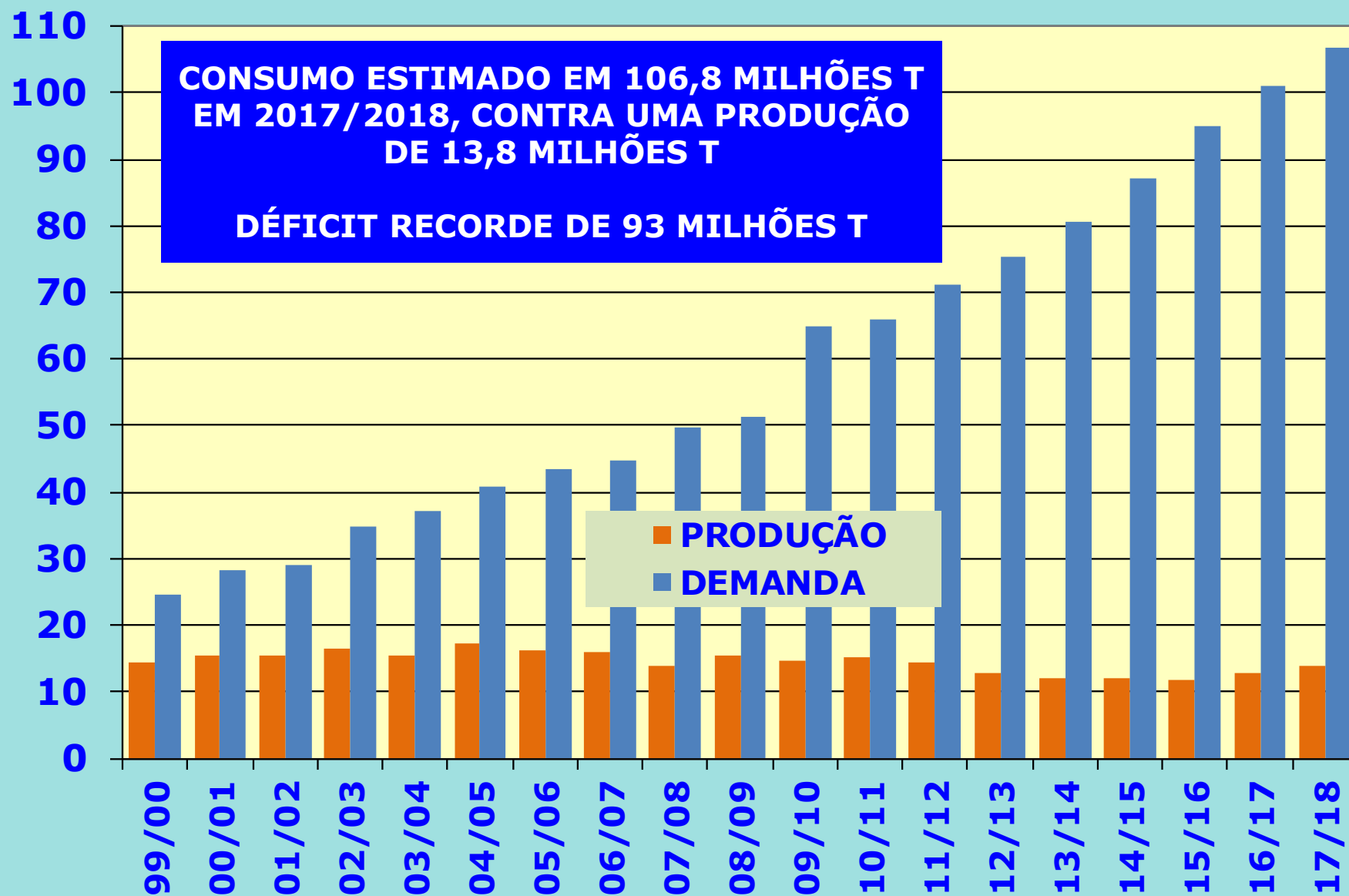
EUA: PRODUTIVIDADE MÉDIA DA SOJA TONELADAS/HA



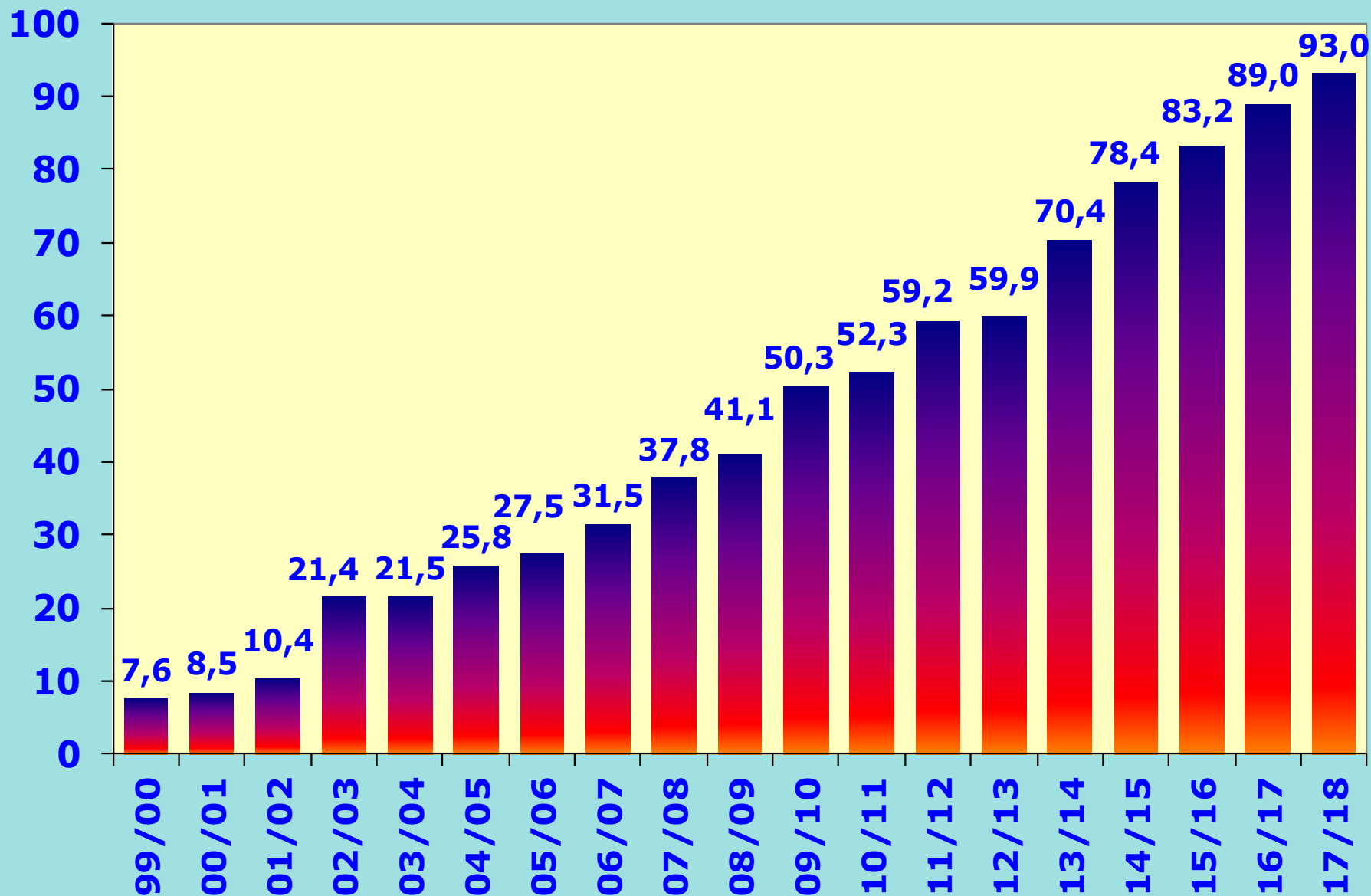
CHINA: OFERTA E DEMANDA DE SOJA

SAFRA	PRODUÇÃO	CONSUMO	ESMAGAMENTO	IMPORTAÇÕES
99/00	14,29	24,60	15,07	7,60
00/01	15,40	28,36	18,90	8,50
01/02	15,41	29,19	20,31	10,39
02/03	16,51	34,81	22,95	21,42
03/04	15,39	37,26	25,44	21,50
04/05	17,40	40,78	30,27	25,80
05/06	16,35	43,35	34,50	27,50
06/07	15,97	44,74	35,48	31,50
07/08	14,00	49,82	39,52	37,82
08/09	15,54	51,34	41,04	41,10
09/10	14,70	65,01	48,83	50,34
10/11	15,10	65,95	55,00	52,34
11/12	14,48	71,07	60,97	59,23
12/13	12,80	75,32	64,95	59,87
13/14	11,95	80,60	68,85	70,36
14/15	12,15	87,20	74,50	78,35
15/16	11,79	95,00	81,30	83,23
16/17	12,90	101,10	86,50	89,00
17/18	13,80	106,80	91,50	93,00
18/17	7%	6%	6%	4%
17/00	-3%	334%	507%	1124%

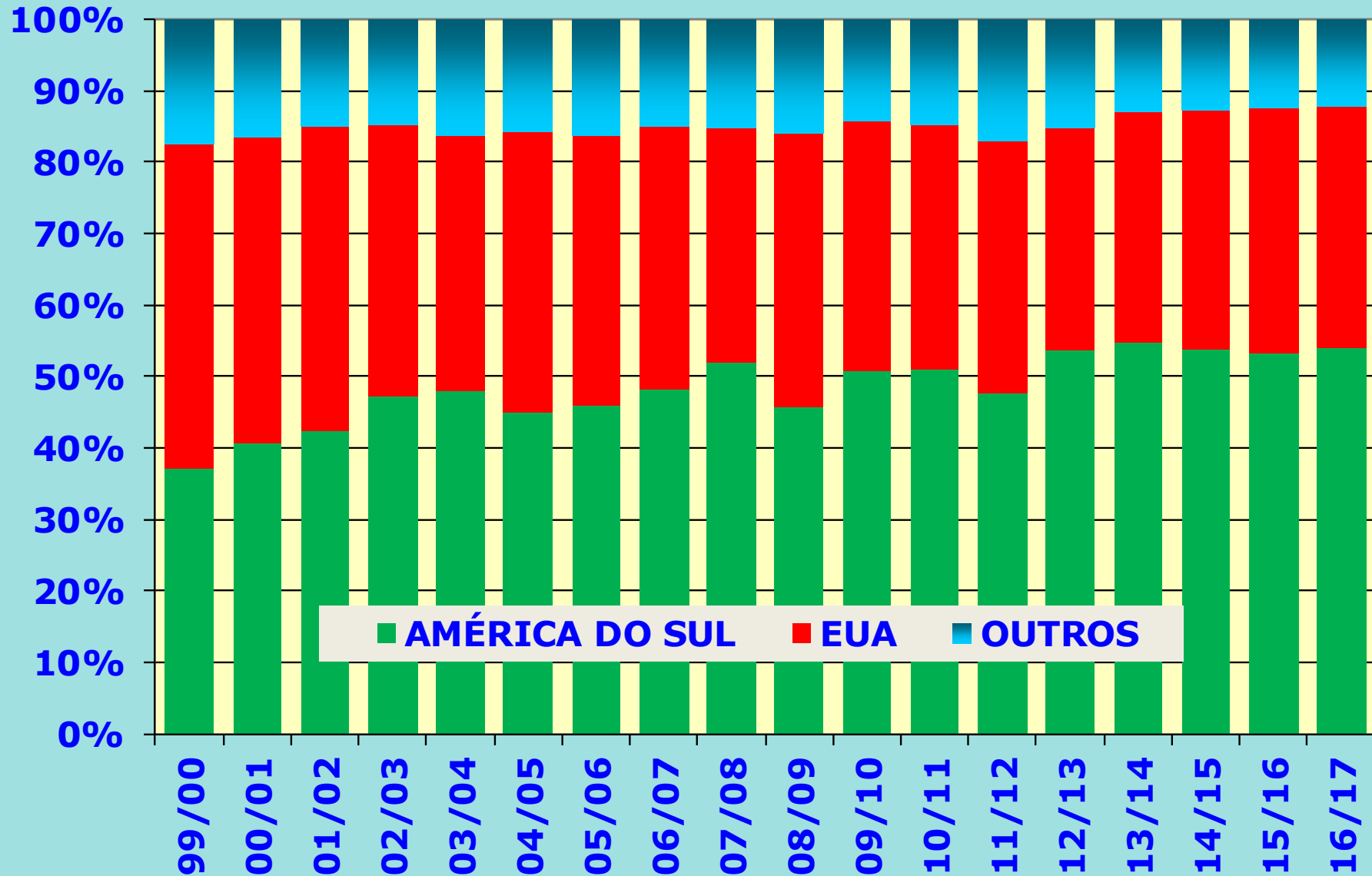
CHINA: PRODUÇÃO E DEMANDA DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



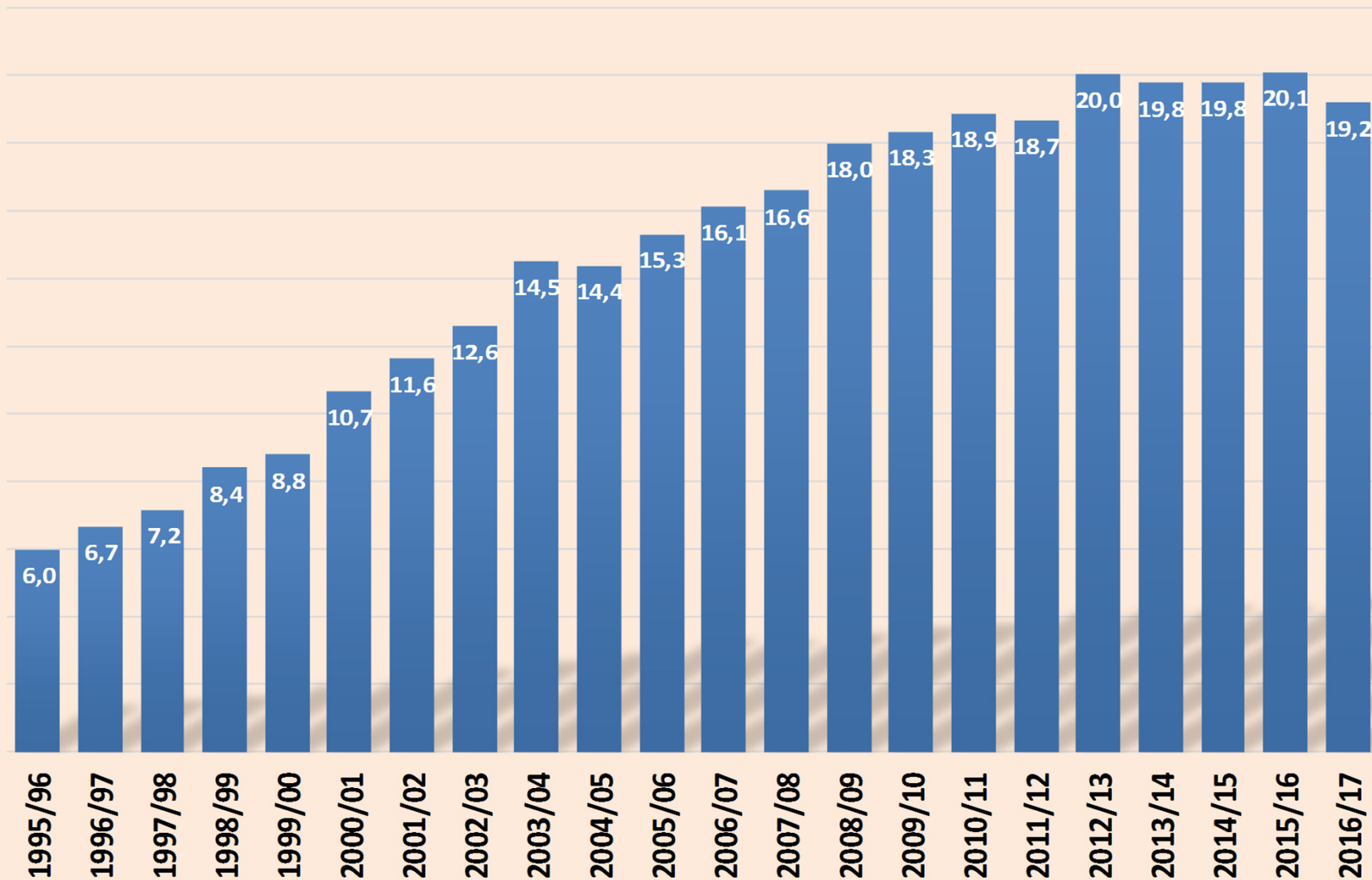
CHINA: IMPORTAÇÕES DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



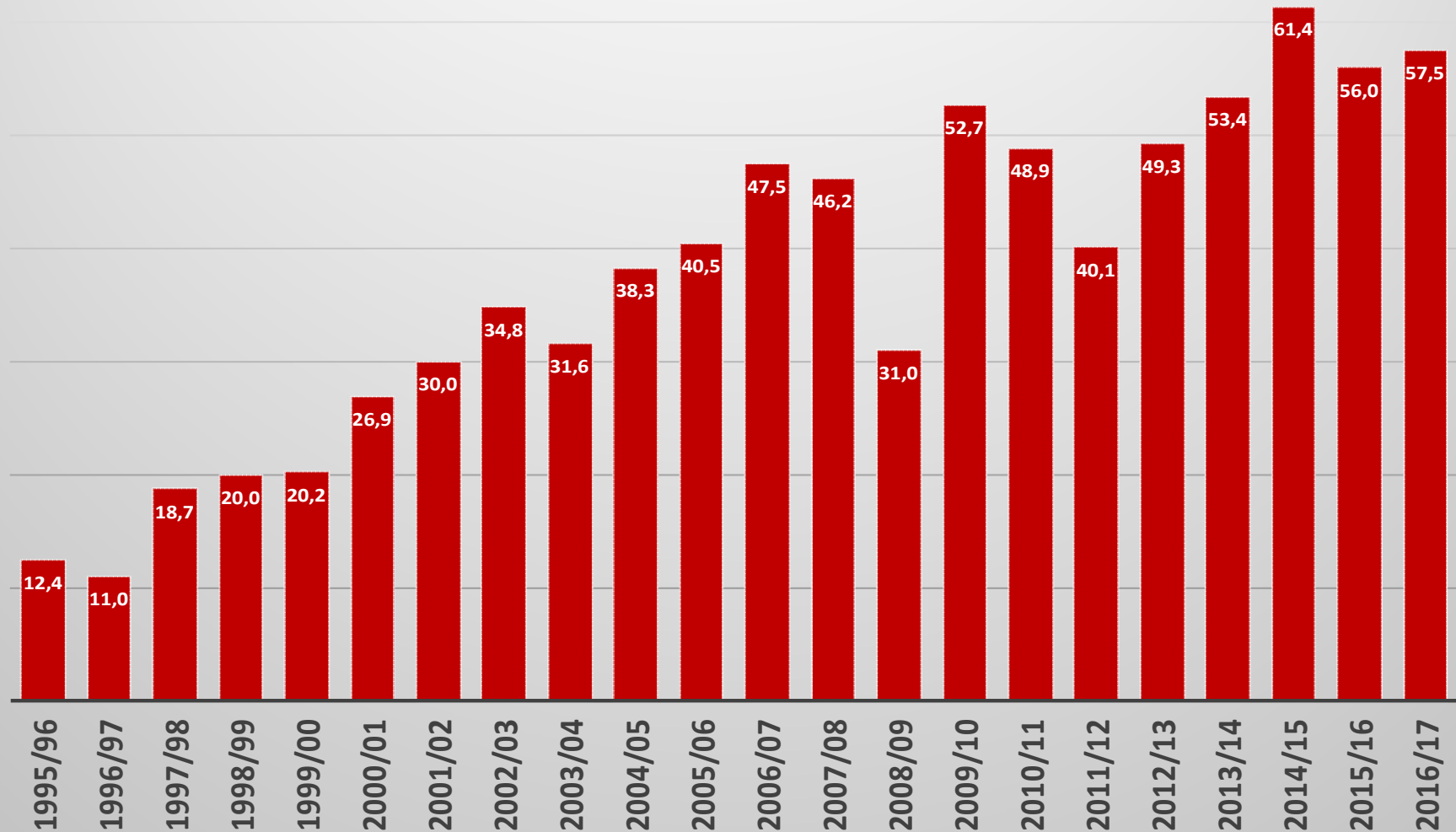
SOJA: COMPOSIÇÃO DA OFERTA MUNDIAL (%)



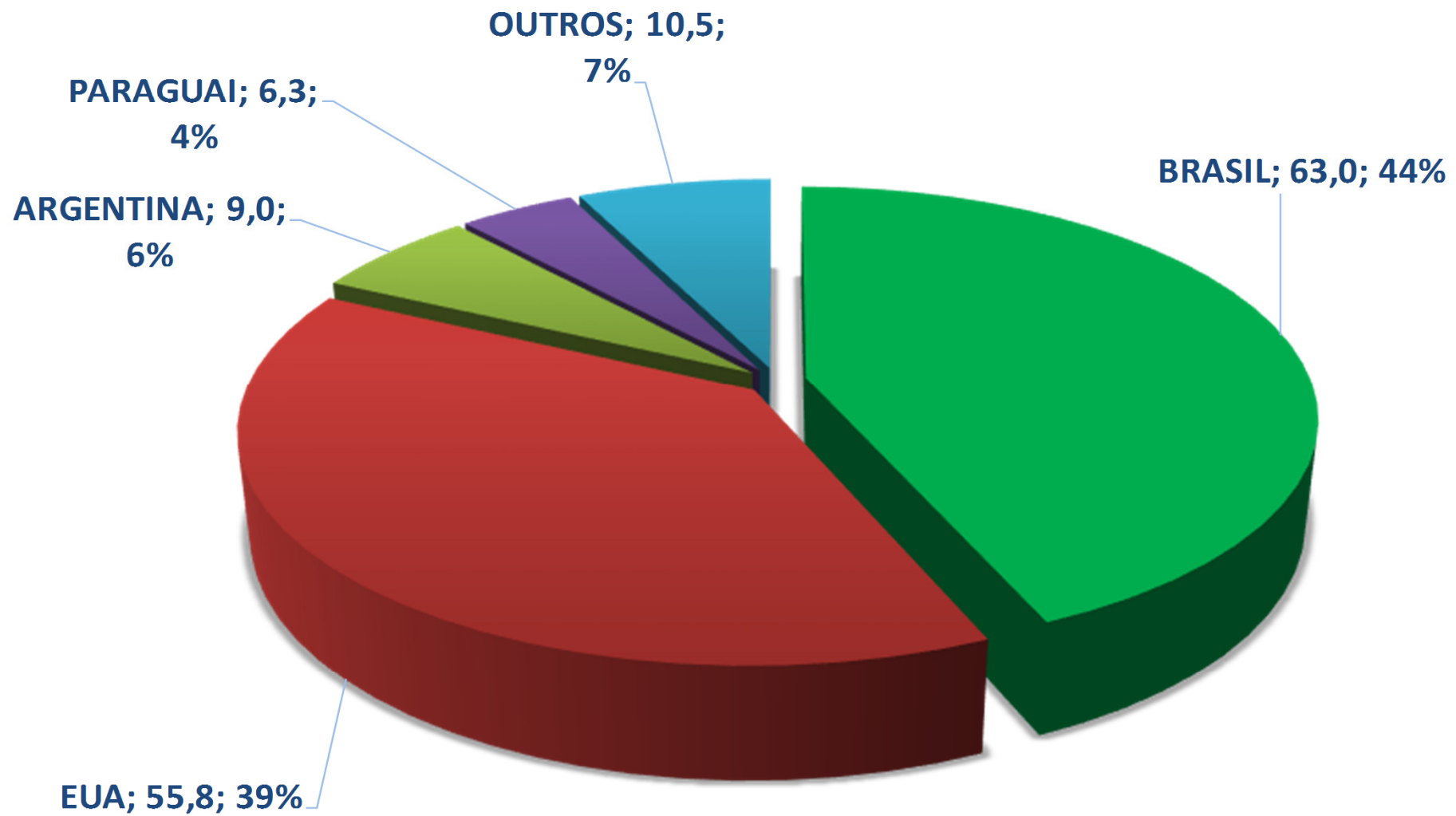
ARGENTINA: ÁREA DE CULTIVO DE SOJA EM MILHÕES DE HECTARES



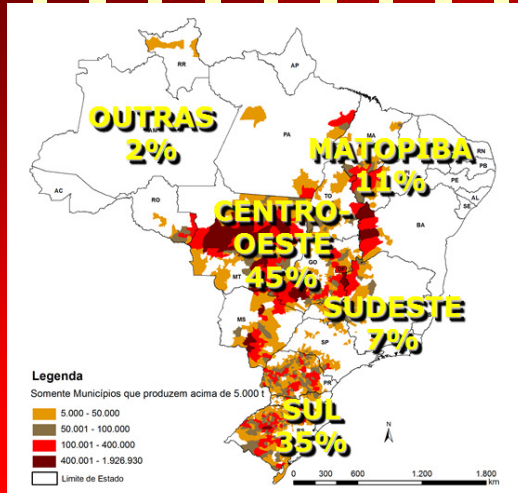
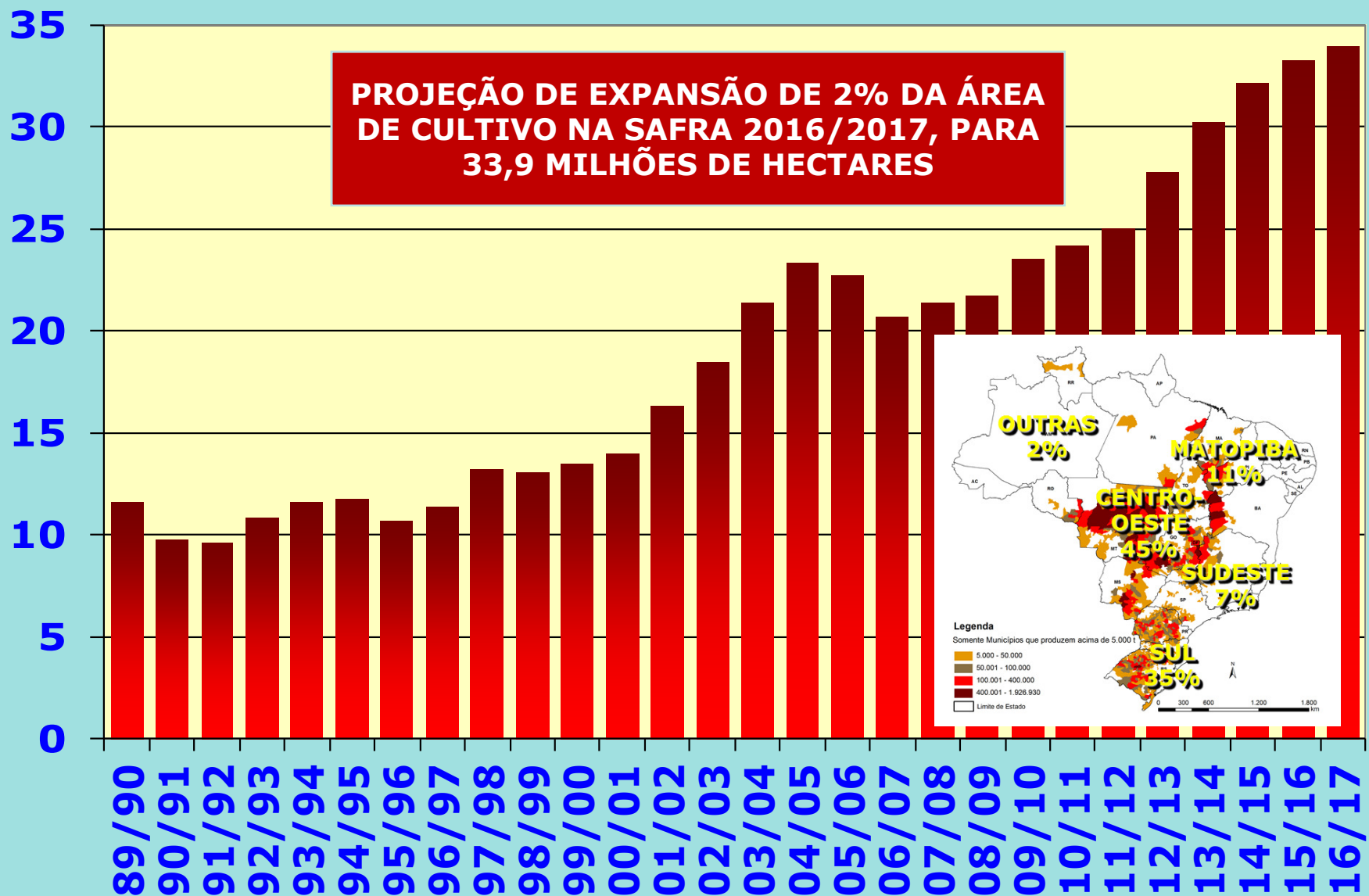
ARGENTINA: PRODUÇÃO DE SOJA EM MILHÕES DE TONELADAS



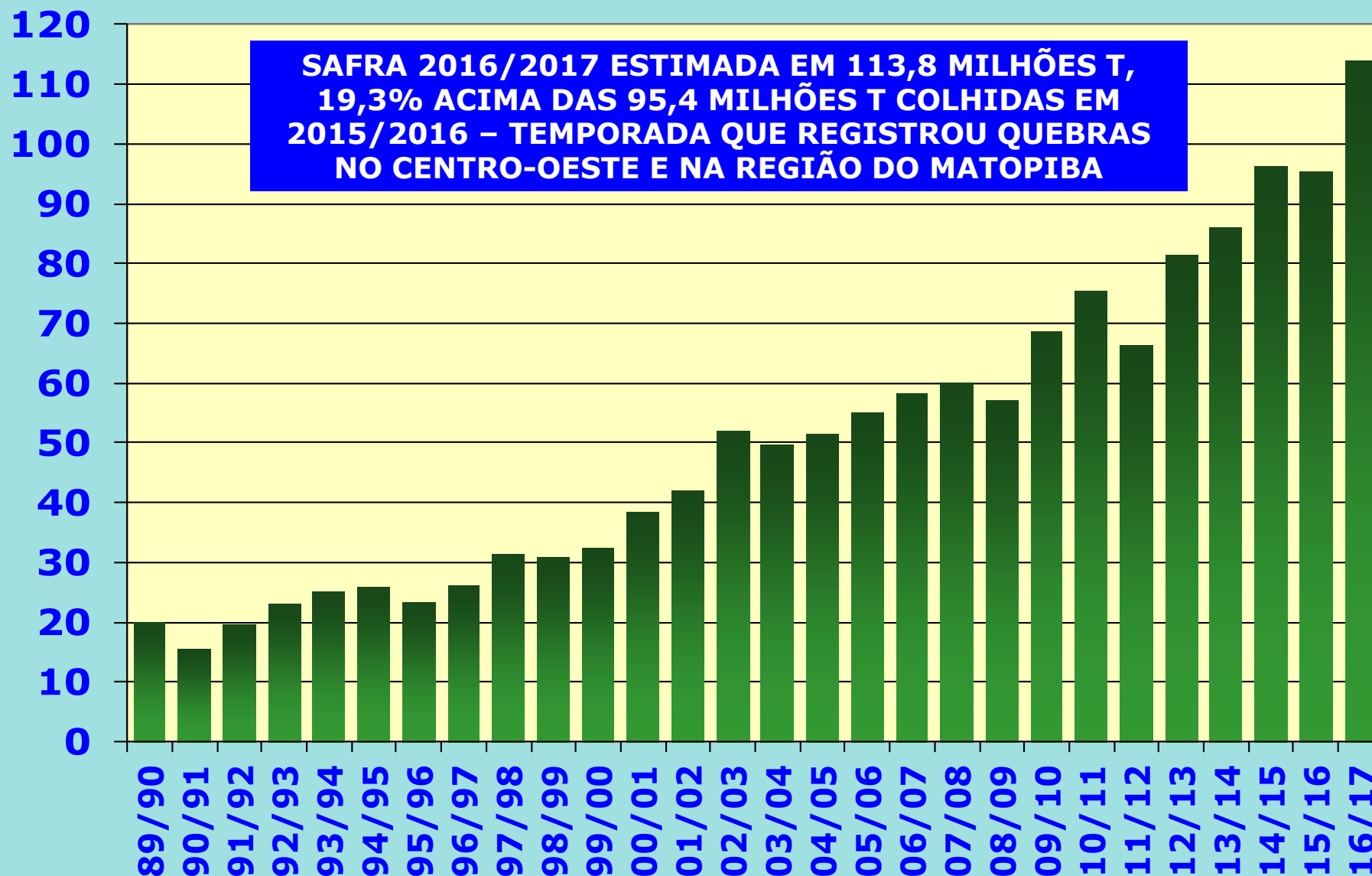
SOJA GRÃOS: EXPORTAÇÕES POR PAÍSES EM 2016/2017 - MILHÕES T E DISTRIBUIÇÃO %



SOJA: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HA



SOJA: PRODUÇÃO NO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



CARLOS COGO

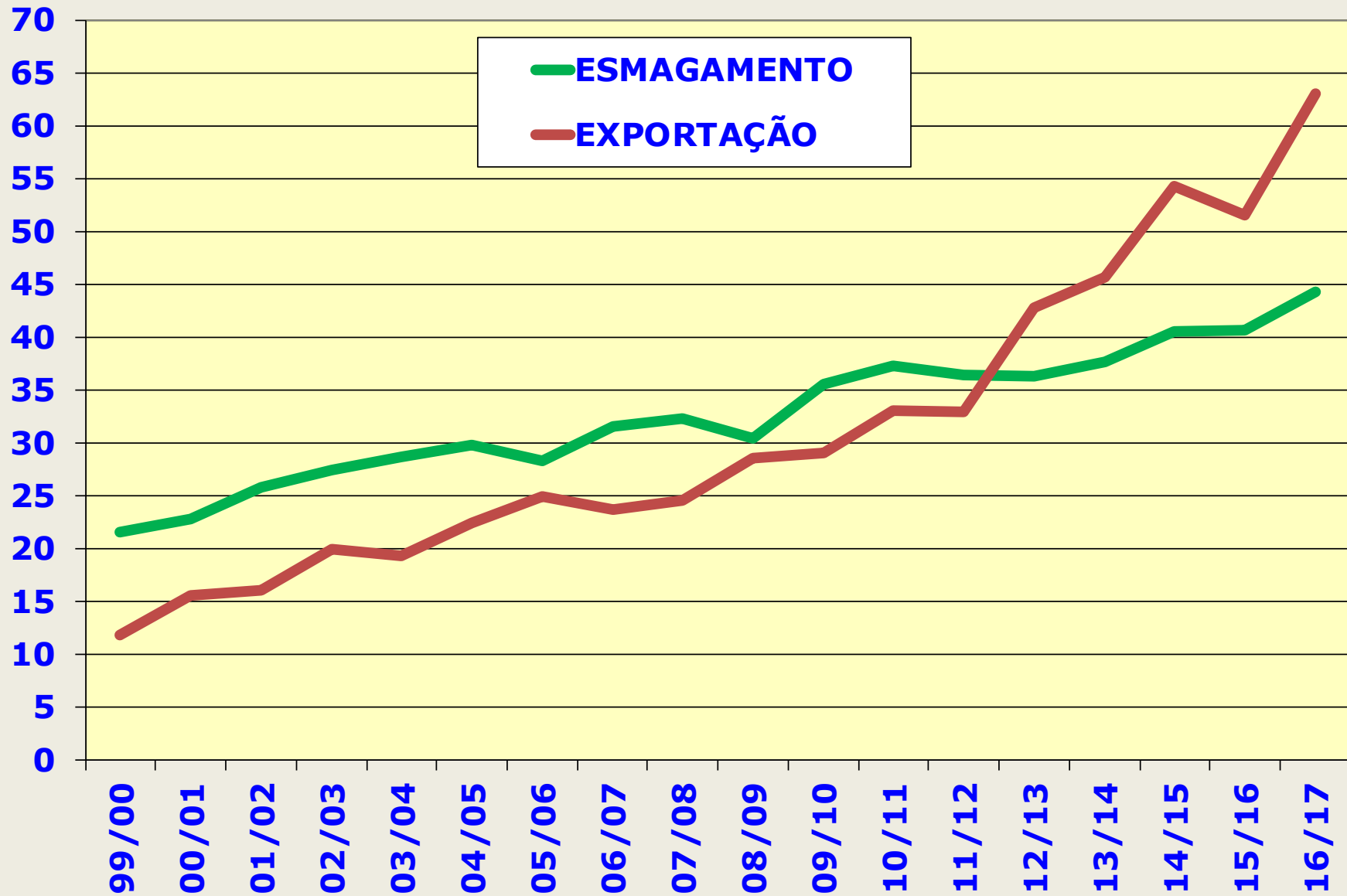
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS

SOJA GRÃO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS

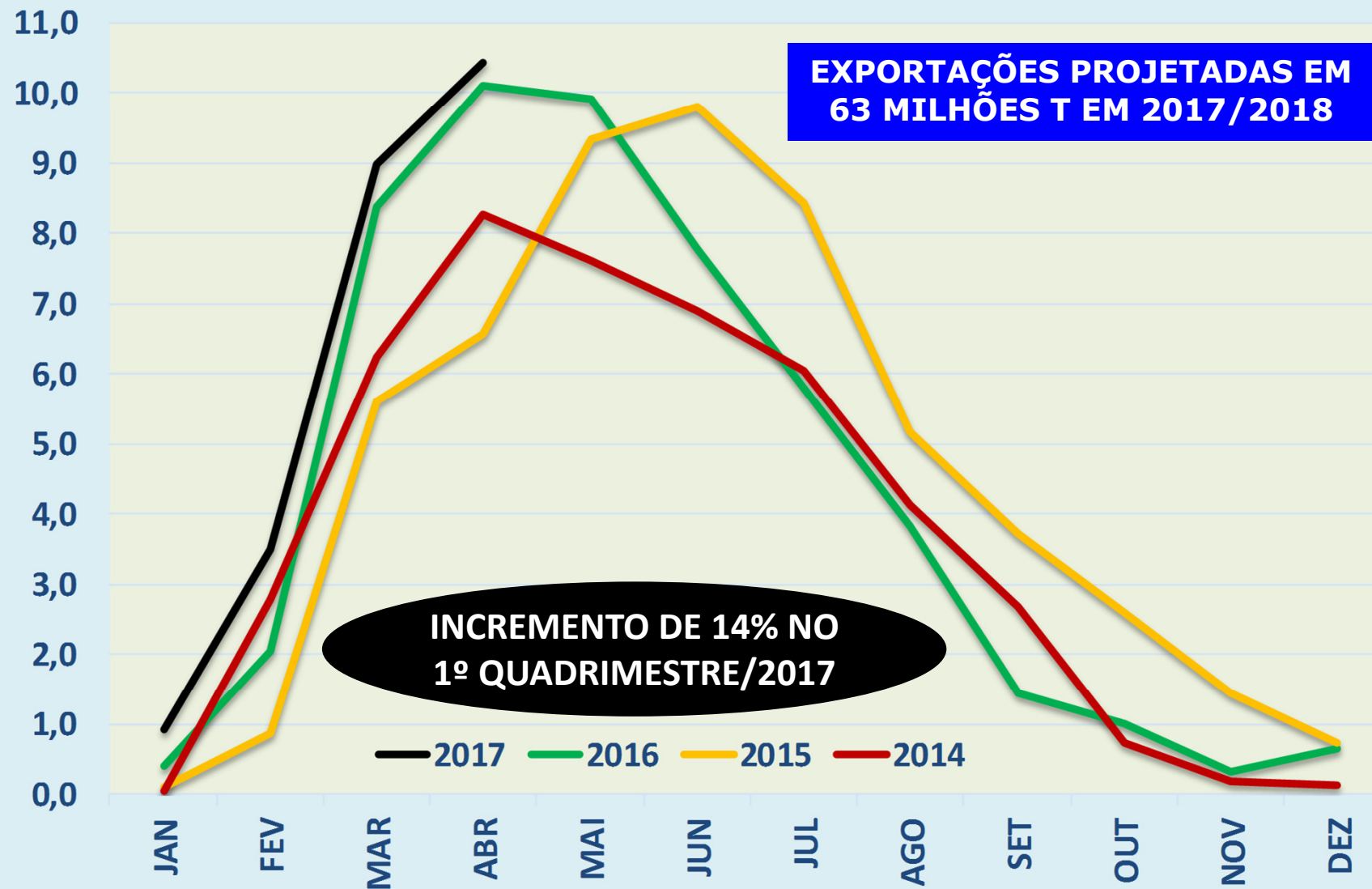
ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO GRÃOS	IMPORTAÇÕES GRÃOS	CONSUMO ESMAGAMENTO	SEMENTES E OUTROS	EXPORTAÇÕES GRÃOS	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	685,0	15.484,0	932,0	13.796,0	1.100,0	1.450,0	755,0
81/82	82/83	755,0	12.891,0	1.251,0	12.728,0	850,0	496,0	823,0
82/83	83/84	823,0	14.533,0	34,0	12.872,0	931,0	1.115,0	472,0
83/84	84/85	472,0	15.340,0	154,0	12.517,0	1.080,0	1.579,0	790,0
84/85	85/86	790,0	18.211,0	378,0	13.774,0	1.069,6	3.486,4	1.049,0
85/86	86/87	1.049,0	13.997,0	340,0	12.332,0	870,9	1.200,1	983,0
86/87	87/88	983,0	17.072,0	450,0	13.820,0	1.015,4	3.027,6	642,0
87/88	88/89	642,0	18.157,0	62,0	13.676,0	1.881,7	2.598,3	705,0
88/89	89/90	705,0	23.579,0	63,0	16.189,0	2.100,0	4.618,0	1.440,0
89/90	90/91	1.440,0	20.444,0	10,0	15.435,0	1.300,0	4.139,0	1.020,0
90/91	91/92	1.020,0	15.757,0	350,0	13.057,0	1.200,0	1.900,0	970,0
91/92	92/93	970,0	19.456,0	507,0	14.756,0	1.427,0	3.900,0	850,0
92/93	93/94	850,0	22.780,0	10,0	16.771,0	1.700,0	4.159,0	1.010,0
93/94	94/95	1.010,0	24.813,0	890,0	18.736,0	1.700,0	5.367,0	910,0
94/95	95/96	910,0	26.068,0	791,0	21.599,0	1.600,0	3.520,0	1.050,0
95/96	96/97	1.050,0	23.872,0	1.044,0	20.083,0	1.600,0	3.633,0	650,0
96/97	97/98	650,0	27.327,0	1.453,0	18.944,0	1.600,0	8.326,0	560,0
97/98	98/99	560,0	32.665,0	355,0	21.832,0	1.600,0	9.324,0	824,0
98/99	99/00	824,0	31.377,0	615,0	21.645,0	1.600,0	8.912,0	659,0
99/00	00/01	659,0	34.127,0	799,0	21.578,0	1.600,0	11.778,0	629,0
00/01	01/02	629,0	39.058,0	849,0	22.773,0	1.700,0	15.522,0	541,0
01/02	02/03	541,0	42.769,0	1.100,0	25.842,0	2.000,0	16.074,0	494,0
02/03	03/04	2.182,0	51.875,0	1.189,0	27.447,0	2.500,0	19.962,0	5.337,0
03/04	04/05	5.337,0	50.085,0	349,0	28.706,0	2.650,0	19.248,0	5.167,0
04/05	05/06	5.167,0	53.053,0	369,0	29.860,0	2.700,0	22.434,0	3.595,0
05/06	06/07	3.595,0	56.942,0	50,0	28.332,0	2.500,0	24.956,0	4.799,0
06/07	07/08	4.799,0	58.726,0	100,0	31.485,0	2.700,0	23.734,0	5.706,0
07/08	08/09	5.706,0	59.936,0	97,0	32.325,0	2.700,0	24.499,0	6.215,0
08/09	09/10	6.215,0	57.383,0	100,0	30.426,0	2.700,0	28.561,0	2.011,0
09/10	10/11	2.011,0	68.919,0	119,0	35.506,0	2.800,0	29.073,0	3.670,0
10/11	11/12	3.670,0	75.248,0	40,0	37.270,0	2.850,0	32.986,0	5.852,0
11/12	12/13	5.852,0	66.383,0	268,0	36.434,0	2.900,0	32.916,0	1.790,0
12/13	13/14	1.790,0	81.499,4	283,0	36.238,0	2.950,0	42.796,4	1.682,0
13/14	14/15	1.682,0	86.120,8	578,0	37.622,0	2.950,0	45.691,9	2.393,0
14/15	15/16	2.393,0	96.228,0	324,1	40.556,0	3.000,0	54.324,2	1.064,9
15/16	16/17	1.064,9	95.435,0	400,0	40.700,0	3.000,0	51.581,9	1.618,0
16/17	17/18	1.618,0	113.883,8	300,0	44.250,0	3.050,0	63.000,0	5.501,8

Fontes: ABIOVE, CONAB e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

SOJA: ESMAGAMENTO E EXPORTAÇÕES NO BRASIL - MILHÕES T



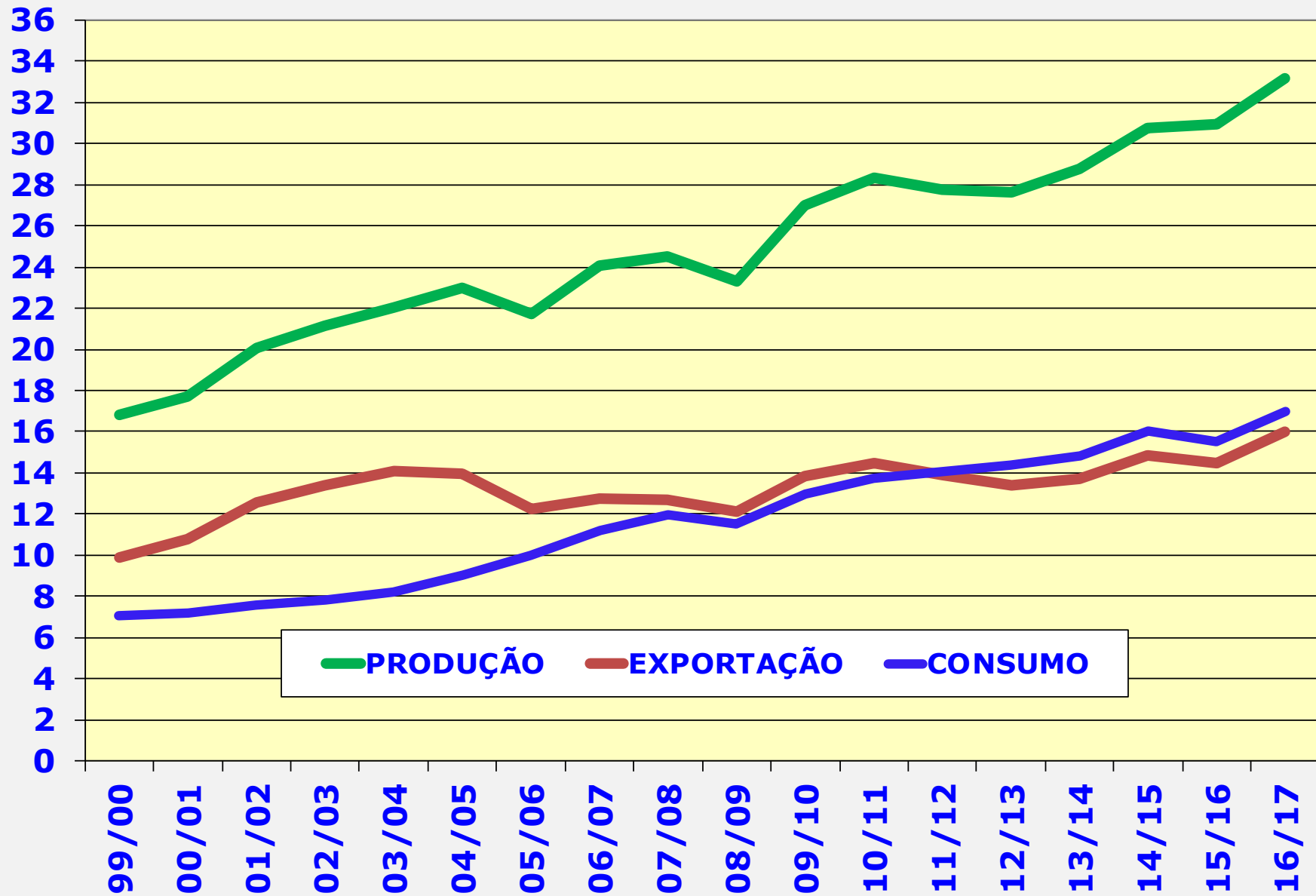
SOJA EM GRÃOS: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS/MÊS



FARELO DE SOJA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS

ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO FARELO	IMPORTAÇÕES FARELO	CONSUMO INTERNO	VARIAÇÃO ANUAL (%)	EXPORTAÇÕES FARELO	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	537,1	10.898,8	0,0	2.168,8	-	8.828,0	439,1
81/82	82/83	439,1	10.055,1	0,0	2.329,2	7,4%	7.653,0	512,0
82/83	83/84	512,0	10.168,9	0,0	2.377,8	2,1%	7.994,0	309,1
83/84	84/85	309,1	9.888,4	0,0	2.099,5	-11,7%	7.687,0	411,0
84/85	85/86	411,0	10.881,5	0,0	2.285,4	8,9%	8.523,0	484,1
85/86	86/87	484,1	9.742,3	0,0	2.937,3	28,5%	6.932,0	357,1
86/87	87/88	357,1	10.917,8	0,0	2.922,8	-0,5%	8.056,0	296,1
87/88	88/89	296,1	10.804,0	0,0	2.387,1	-18,3%	8.416,0	297,0
88/89	89/90	297,0	12.666,0	0,0	2.779,0	16,4%	9.748,0	436,0
89/90	90/91	436,0	12.109,0	0,0	2.968,0	6,8%	8.892,0	685,0
90/91	91/92	685,0	10.267,0	0,0	3.276,0	10,4%	7.347,0	329,0
91/92	92/93	329,0	11.581,0	0,0	3.406,0	4,0%	8.178,0	326,0
92/93	93/94	326,0	13.150,0	0,0	3.740,0	9,8%	9.286,0	450,0
93/94	94/95	450,0	14.666,0	0,0	4.293,0	14,8%	10.356,0	467,0
94/95	95/96	467,0	16.946,0	0,0	5.329,0	24,1%	11.538,0	546,0
95/96	96/97	546,0	15.790,0	108,0	5.242,0	-1,6%	10.795,0	407,0
96/97	97/98	407,0	14.786,0	308,0	5.387,0	2,8%	9.754,0	360,0
97/98	98/99	360,0	17.135,0	135,0	6.434,0	19,4%	10.780,0	416,0
98/99	99/00	416,0	16.868,0	75,0	6.945,0	7,9%	9.977,0	437,0
99/00	00/01	437,0	16.831,0	119,0	7.066,0	1,7%	9.861,0	460,0
00/01	01/02	460,0	17.699,0	213,0	7.211,0	2,1%	10.803,0	358,0
01/02	02/03	970,0	20.040,0	372,0	7.569,0	5,0%	12.579,0	1.234,0
02/03	03/04	1.234,0	21.140,0	305,4	7.845,8	3,7%	13.386,6	1.447,1
03/04	04/05	1.183,3	22.065,4	187,8	8.228,0	4,9%	14.112,7	1.095,9
04/05	05/06	1.095,9	23.011,3	188,7	9.031,4	9,8%	13.980,3	1.284,1
05/06	06/07	1.284,1	21.695,9	180,9	9.986,8	10,6%	12.274,8	899,3
06/07	07/08	899,3	24.089,5	114,0	11.176,4	11,9%	12.726,6	1.199,7
07/08	08/09	1.199,7	24.501,7	126,8	11.930,3	6,7%	12.698,9	1.199,2
08/09	09/10	1.199,2	23.286,6	43,4	11.533,3	-3,3%	12.124,5	871,4
09/10	10/11	871,4	26.998,3	39,5	12.944,0	12,2%	13.849,2	1.115,9
10/11	11/12	1.115,9	28.321,9	25,3	13.758,4	6,3%	14.450,8	1.253,8
11/12	12/13	1.253,8	27.766,7	4,7	14.051,1	2,1%	13.884,9	1.089,2
12/13	13/14	1.089,2	27.621,0	4,0	14.350,0	2,1%	13.376,0	988,2
13/14	14/15	988,2	28.752,0	1,0	14.799,0	3,1%	13.716,4	1.225,8
14/15	15/16	1.225,8	30.765,0	1,0	16.017,0	8,2%	14.826,7	1.148,1
15/16	16/17	1.148,1	30.954,0	0,8	15.500,0	-3,2%	14.443,0	2.159,9
16/17	17/18	2.159,9	33.150,0	1,0	17.000,0	9,7%	16.000,0	2.310,9

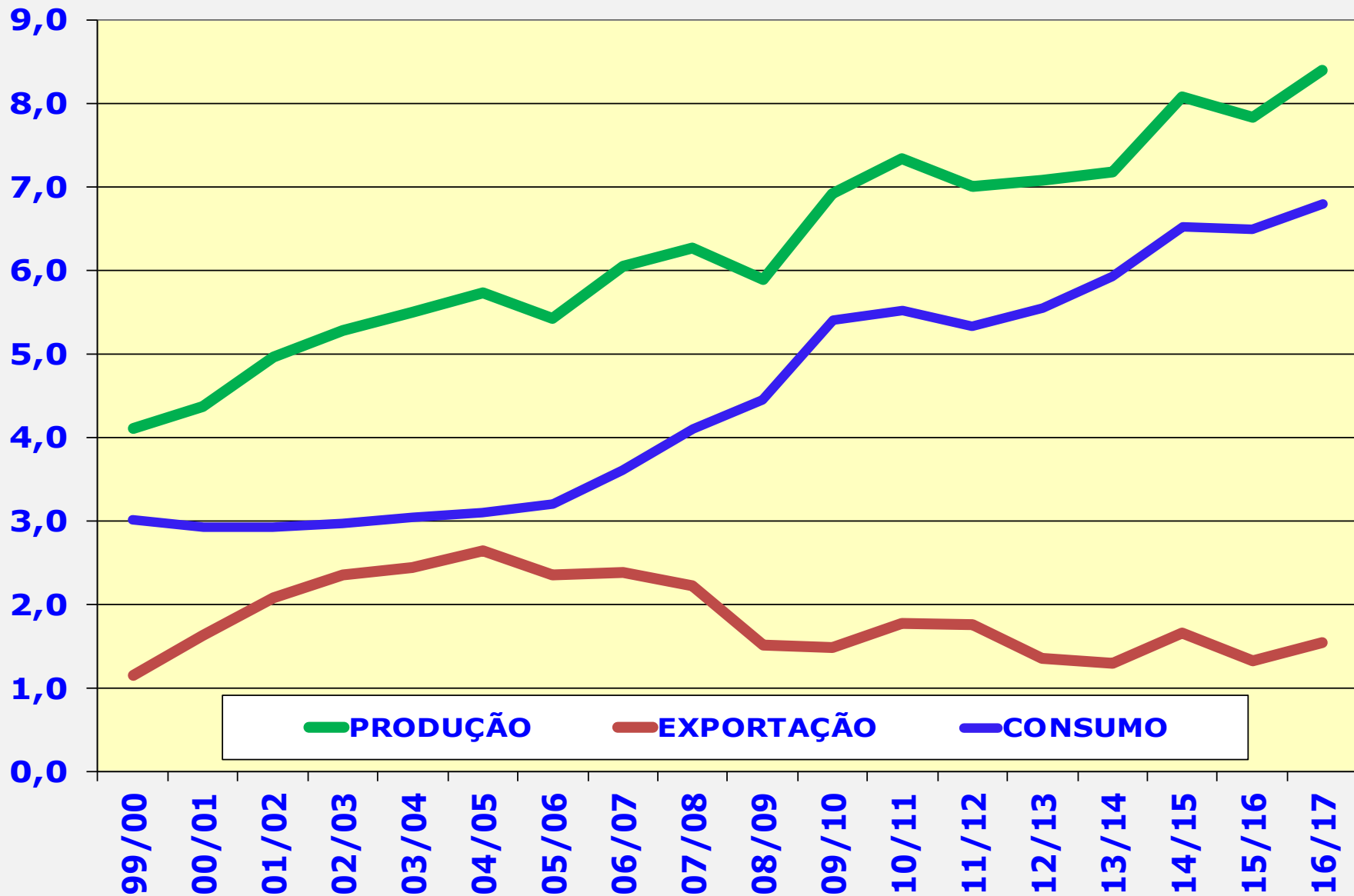
FARELO DE SOJA: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MILHÕES T



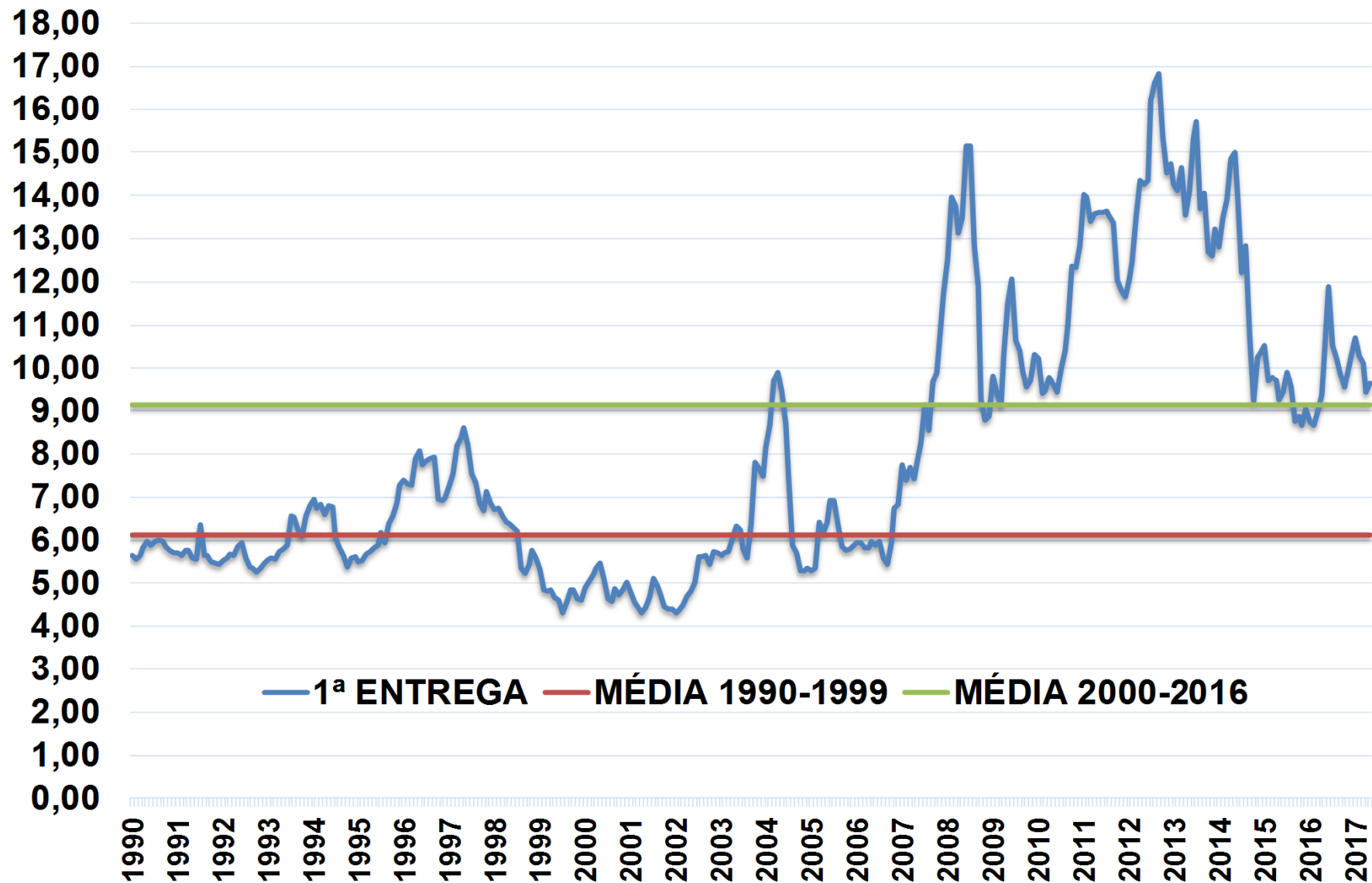
ÓLEO DE SOJA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL EM MIL TONELADAS

ANO SAFRA	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO ÓLEO	IMPORTAÇÕES ÓLEO	CONSUMO INTERNO	VARIAÇÃO ANUAL (%)	EXPORTAÇÕES ÓLEO	ESTOQUE FINAL
80/81	81/82	280,1	2.621,2	0,0	1.428,2		1.274,0	199,1
81/82	82/83	199,1	2.418,3	0,0	1.551,4	8,6%	846,0	220,0
82/83	83/84	220,0	2.446,0	34,0	1.579,9	1,8%	960,0	160,1
83/84	84/85	160,1	2.378,2	141,0	1.608,3	1,8%	914,0	157,0
84/85	85/86	157,0	2.617,1	46,0	1.704,0	6,0%	924,0	192,1
85/86	86/87	192,1	2.343,1	156,0	2.022,1	18,7%	439,0	230,1
86/87	87/88	230,1	2.625,8	59,0	1.839,8	-9,0%	986,0	89,1
87/88	88/89	89,1	2.598,4	55,0	1.955,5	6,3%	653,0	134,0
88/89	89/90	134,0	3.028,0	20,0	2.147,0	9,8%	920,0	115,0
89/90	90/91	115,0	2.917,0	9,0	2.021,0	-5,9%	883,0	137,0
90/91	91/92	137,0	2.464,0	46,0	2.102,0	4,0%	403,0	142,0
91/92	92/93	142,0	2.777,0	80,0	2.158,0	2,7%	703,0	138,0
92/93	93/94	138,0	3.174,0	93,0	2.315,0	7,3%	761,0	329,0
93/94	94/95	329,0	3.530,0	270,0	2.425,0	4,8%	1.538,0	166,0
94/95	95/96	166,0	4.074,0	218,0	2.579,0	6,4%	1.684,0	195,0
95/96	96/97	195,0	3.785,0	185,0	2.664,0	3,3%	1.337,0	164,0
96/97	97/98	164,0	3.559,0	154,0	2.682,0	0,7%	1.064,0	131,0
97/98	98/99	131,0	4.157,0	190,0	2.826,0	5,4%	1.444,0	208,0
98/99	99/00	208,0	4.142,0	133,0	2.820,0	-0,2%	1.468,0	195,0
99/00	00/01	195,0	4.111,0	111,0	3.015,0	6,9%	1.148,0	254,0
00/01	01/02	254,0	4.369,0	66,0	2.935,0	-2,7%	1.639,0	115,0
01/02	02/03	115,0	4.959,0	110,0	2.936,0	0,0%	2.076,0	172,0
02/03	03/04	345,0	5.286,0	36,4	2.971,4	1,2%	2.356,6	339,4
03/04	04/05	339,4	5.507,3	27,2	3.043,7	2,4%	2.448,0	382,2
04/05	05/06	382,2	5.735,6	3,2	3.110,6	2,2%	2.645,4	364,9
05/06	06/07	364,9	5.428,7	25,4	3.198,2	2,8%	2.359,8	261,0
06/07	07/08	261,0	6.044,8	83,5	3.617,0	13,1%	2.384,3	388,0
07/08	08/09	388,0	6.267,3	26,7	4.102,2	13,4%	2.221,7	358,1
08/09	09/10	358,1	5.896,0	27,4	4.454,1	8,6%	1.516,6	310,8
09/10	10/11	310,8	6.927,5	16,3	5.403,6	21,3%	1.490,2	360,8
10/11	11/12	360,8	7.340,5	0,0	5.528,0	2,3%	1.782,1	342,0
11/12	12/13	391,2	7.013,1	1,2	5.327,6	-3,6%	1.763,6	314,4
12/13	13/14	314,4	7.075,0	5,0	5.556,0	4,3%	1.362,5	475,9
13/14	14/15	475,9	7.176,0	0,1	5.930,0	6,7%	1.305,0	417,0
14/15	15/16	417,0	8.074,0	25,3	6.520,0	9,9%	1.662,4	333,9
15/16	16/17	333,9	7.840,0	70,0	6.500,0	-0,3%	1.327,2	416,7
16/17	17/18	416,7	8.400,0	40,0	6.800,0	4,6%	1.550,0	506,6

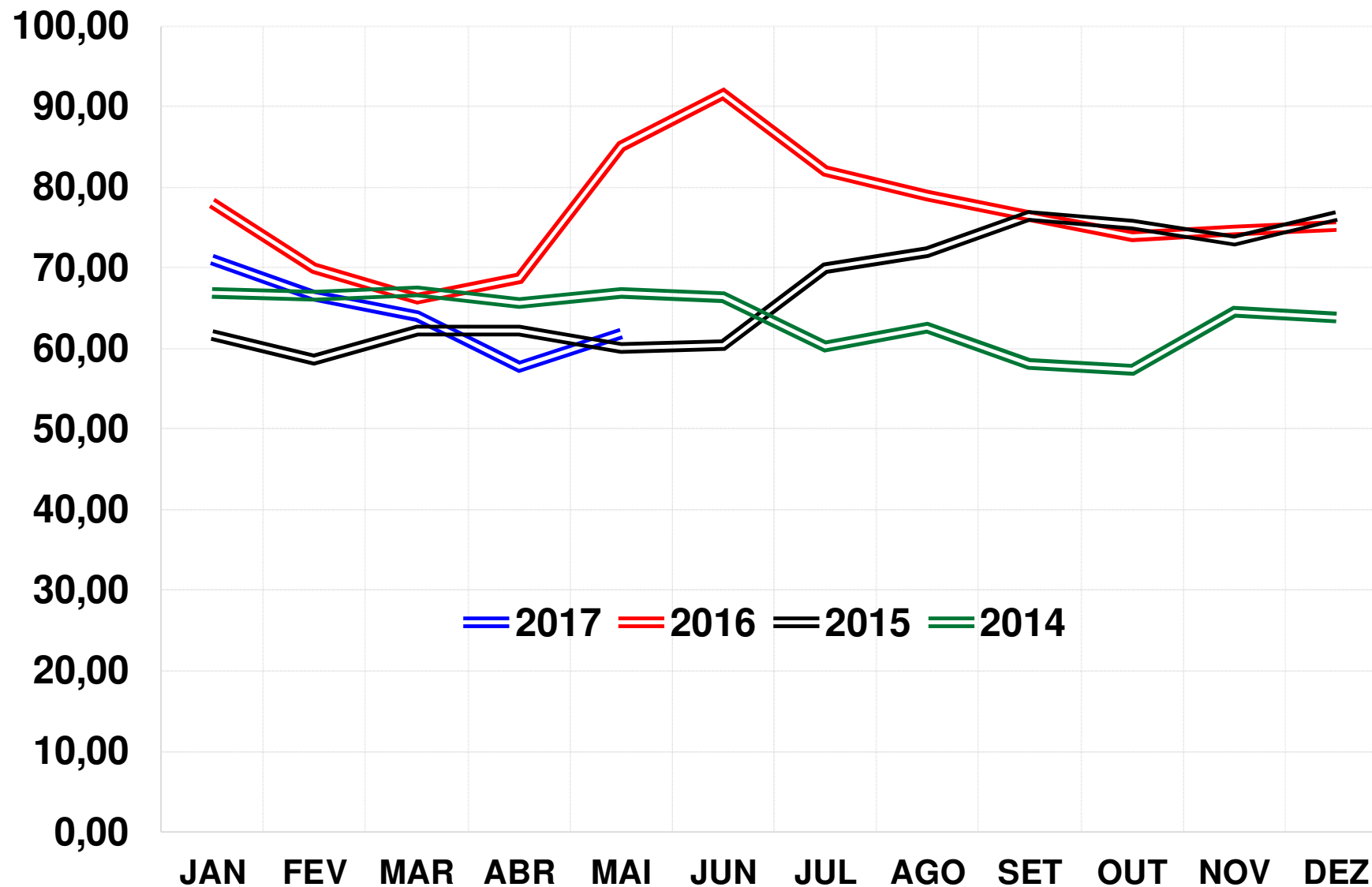
ÓLEO DE SOJA: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - MILHÕES T



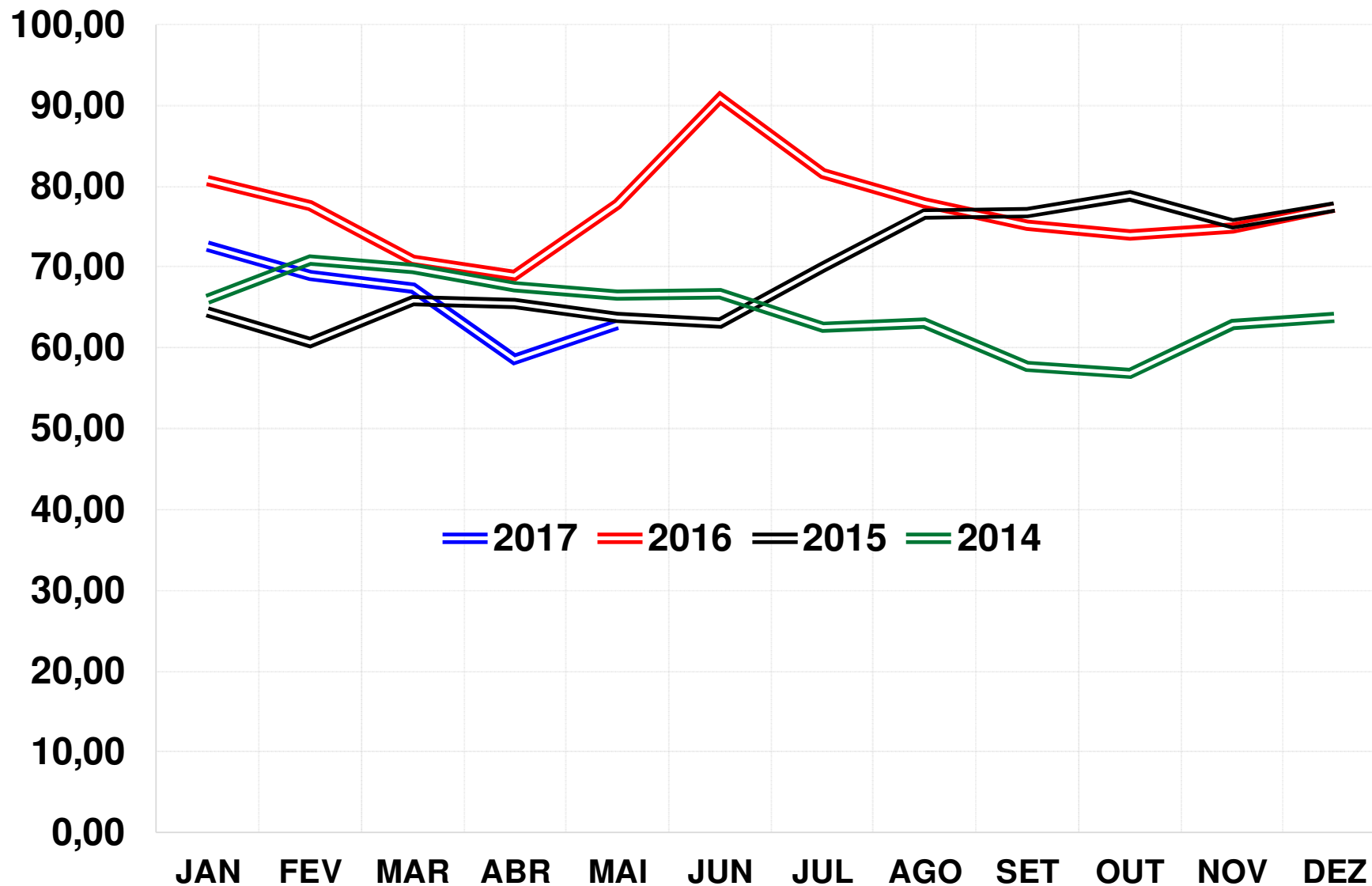
SOJA GRÃO: COTAÇÕES NA BOLSA DE CHICAGO (CBOT) 1990 A 2017 - US\$/BUSHEL



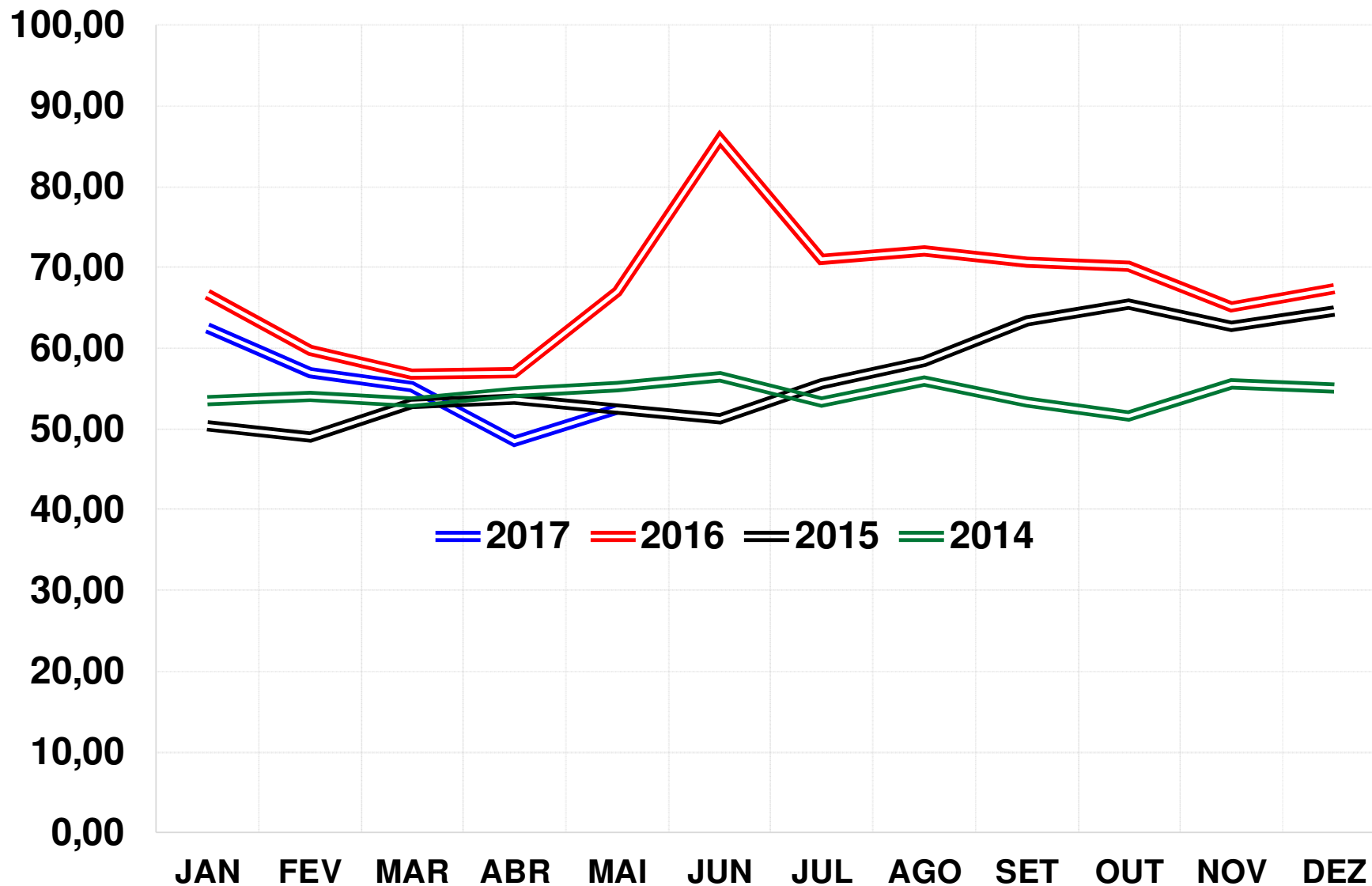
SOJA GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB PR R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



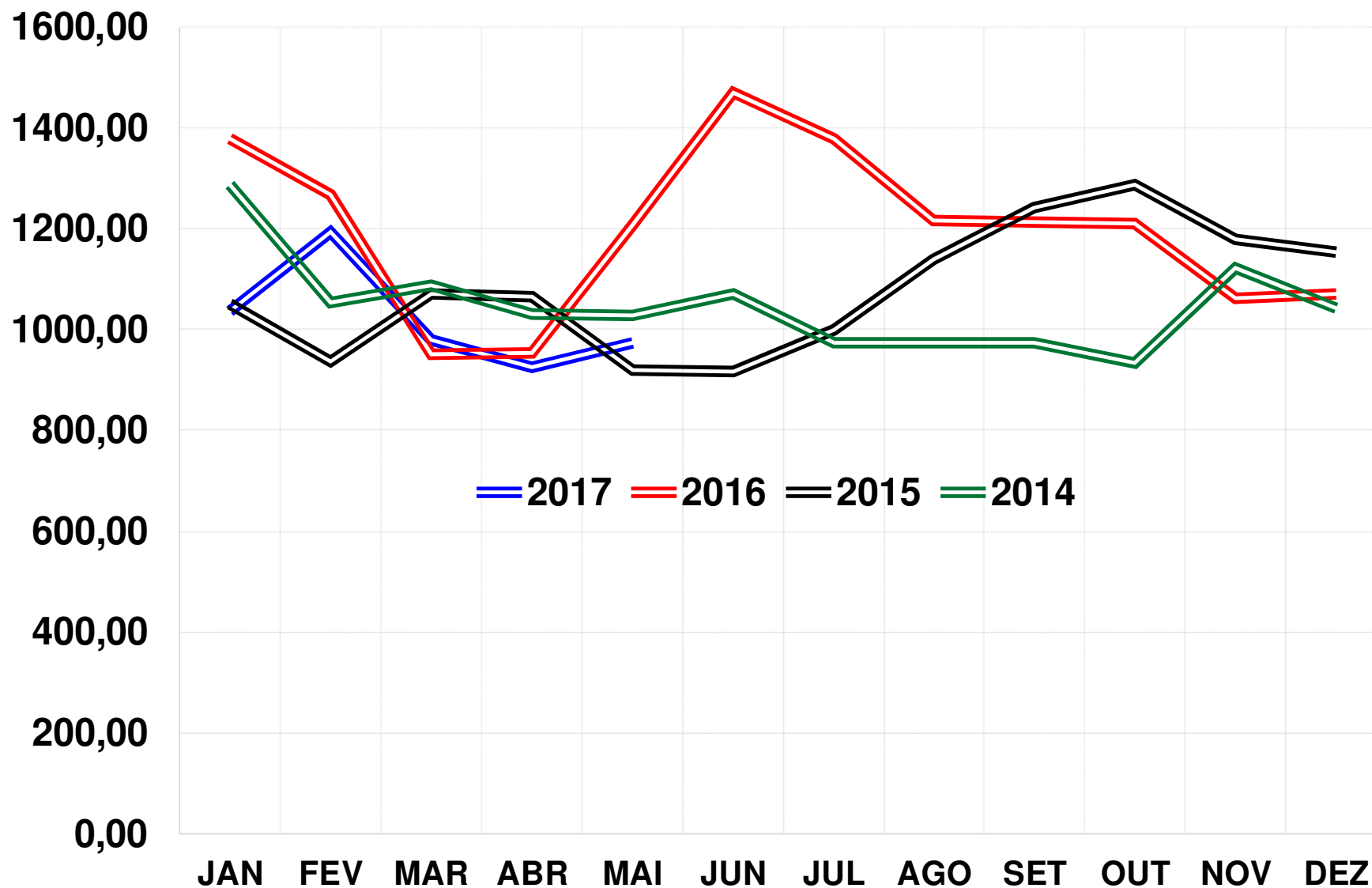
SOJA GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB RS R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



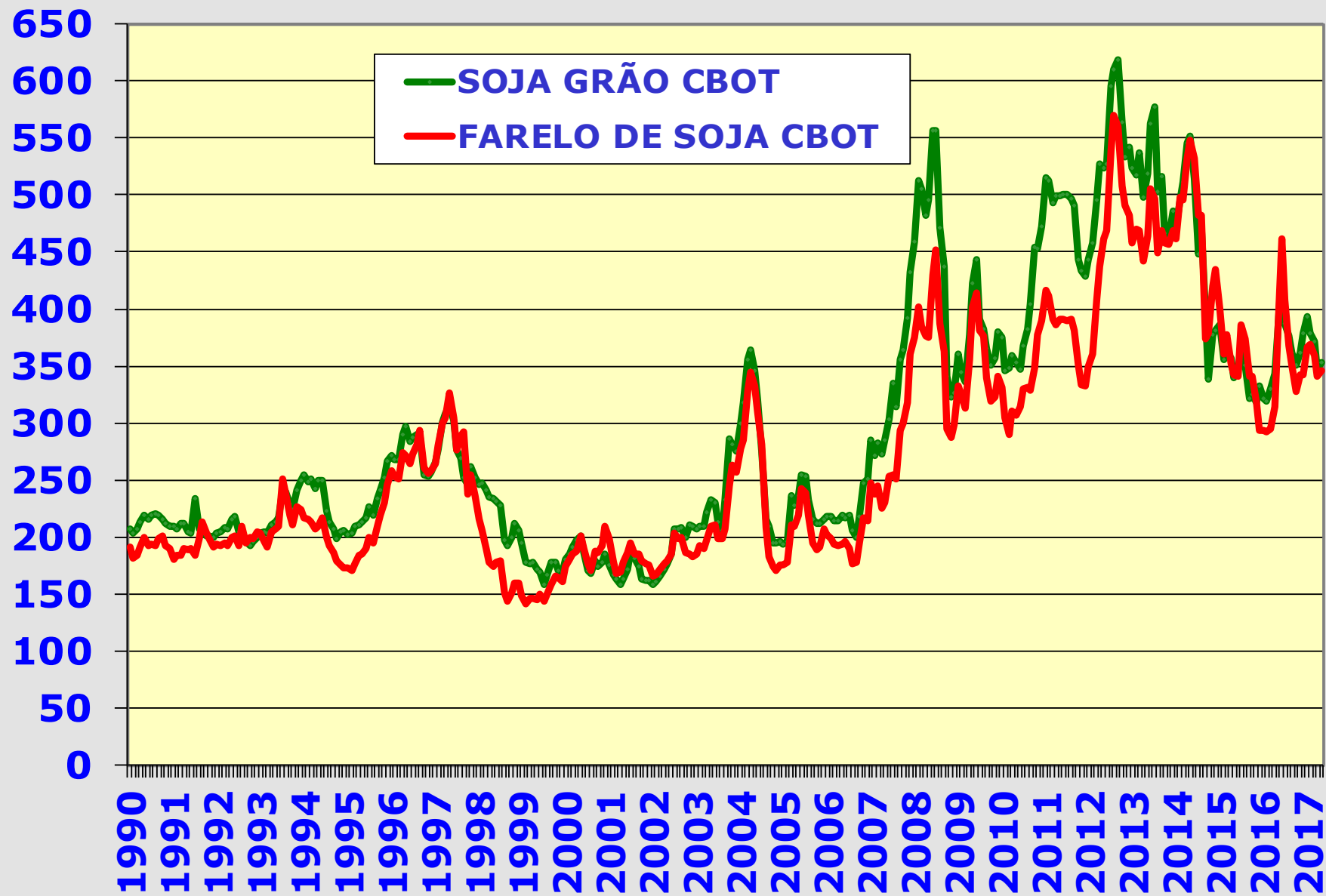
SOJA GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB MT R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



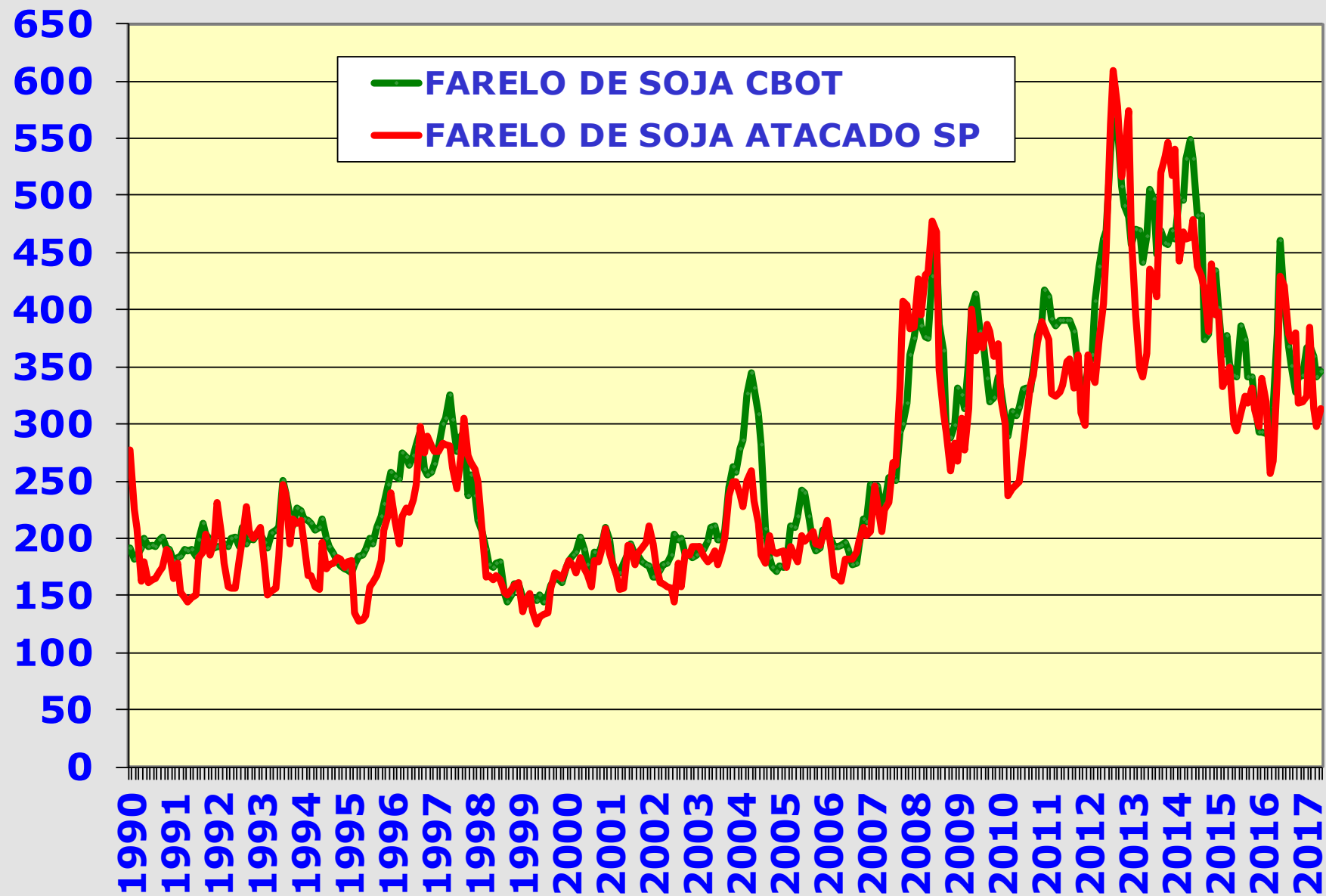
FARELO DE SOJA: PREÇOS NO ATACADO CIF SP R\$/TONELADA



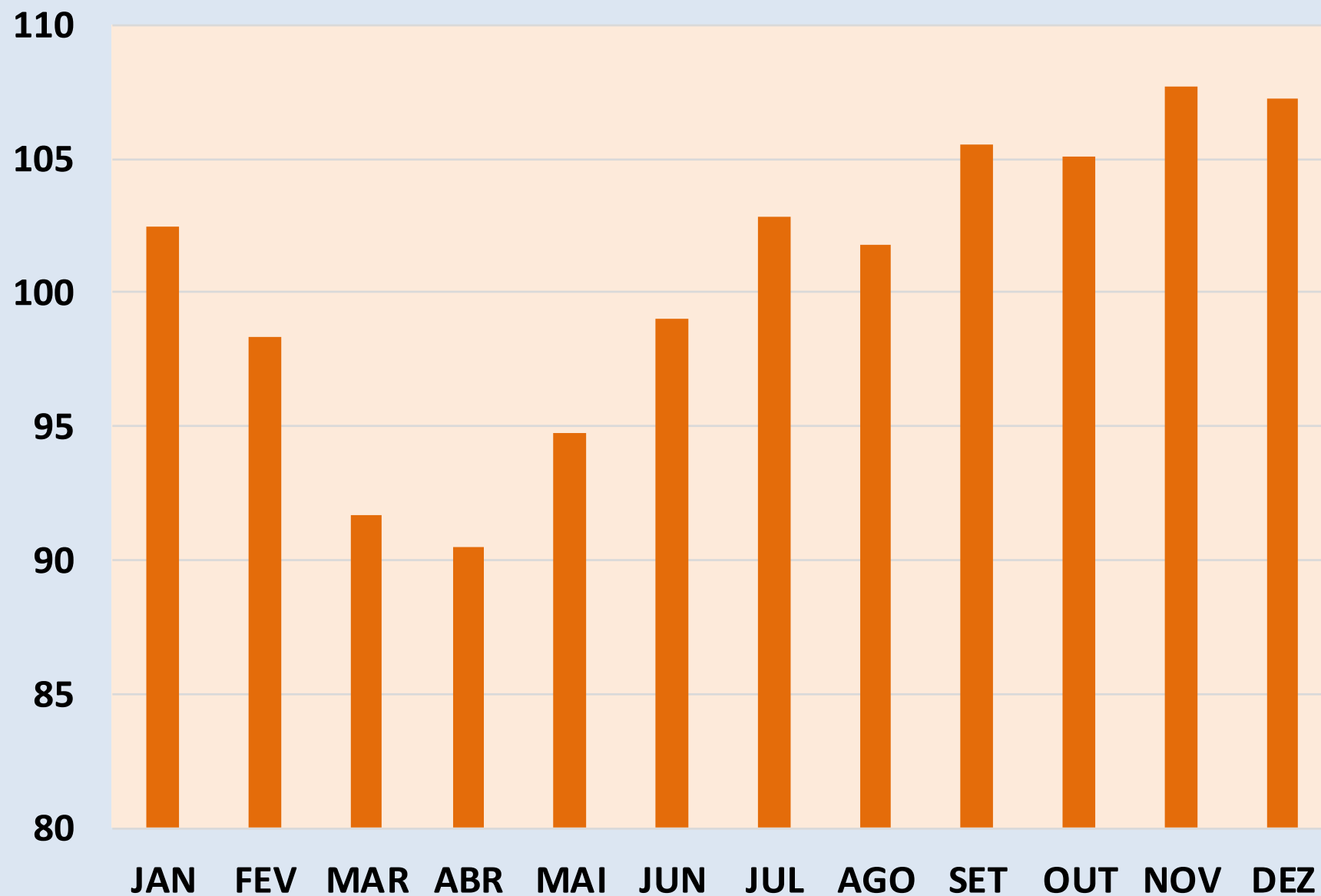
SOJA GRÃO x FARELO DE SOJA CBOT - US\$/TONELADA



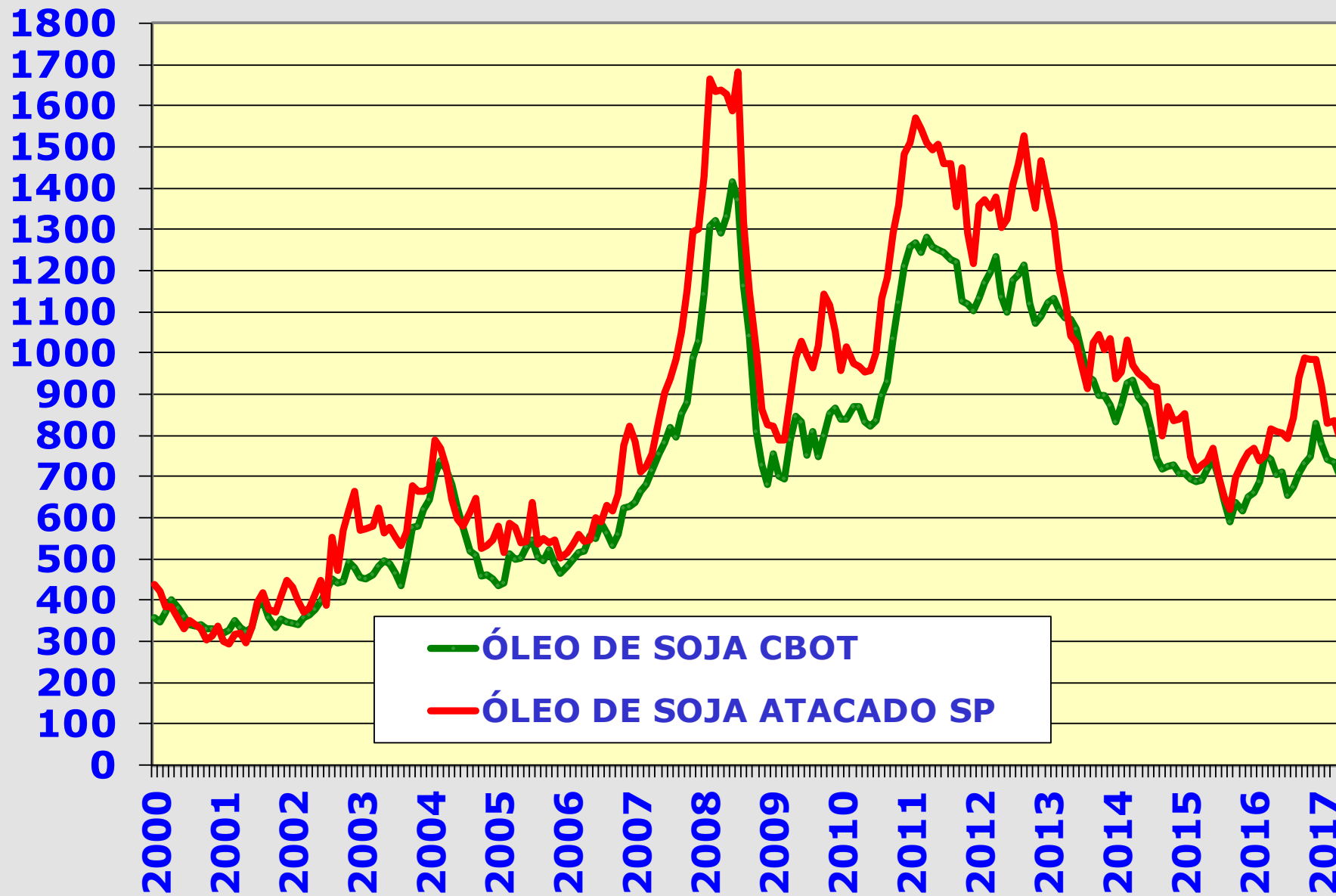
FARELO DE SOJA CBOT x FARELO DE SOJA ATACADO SP - US\$/TONELADA



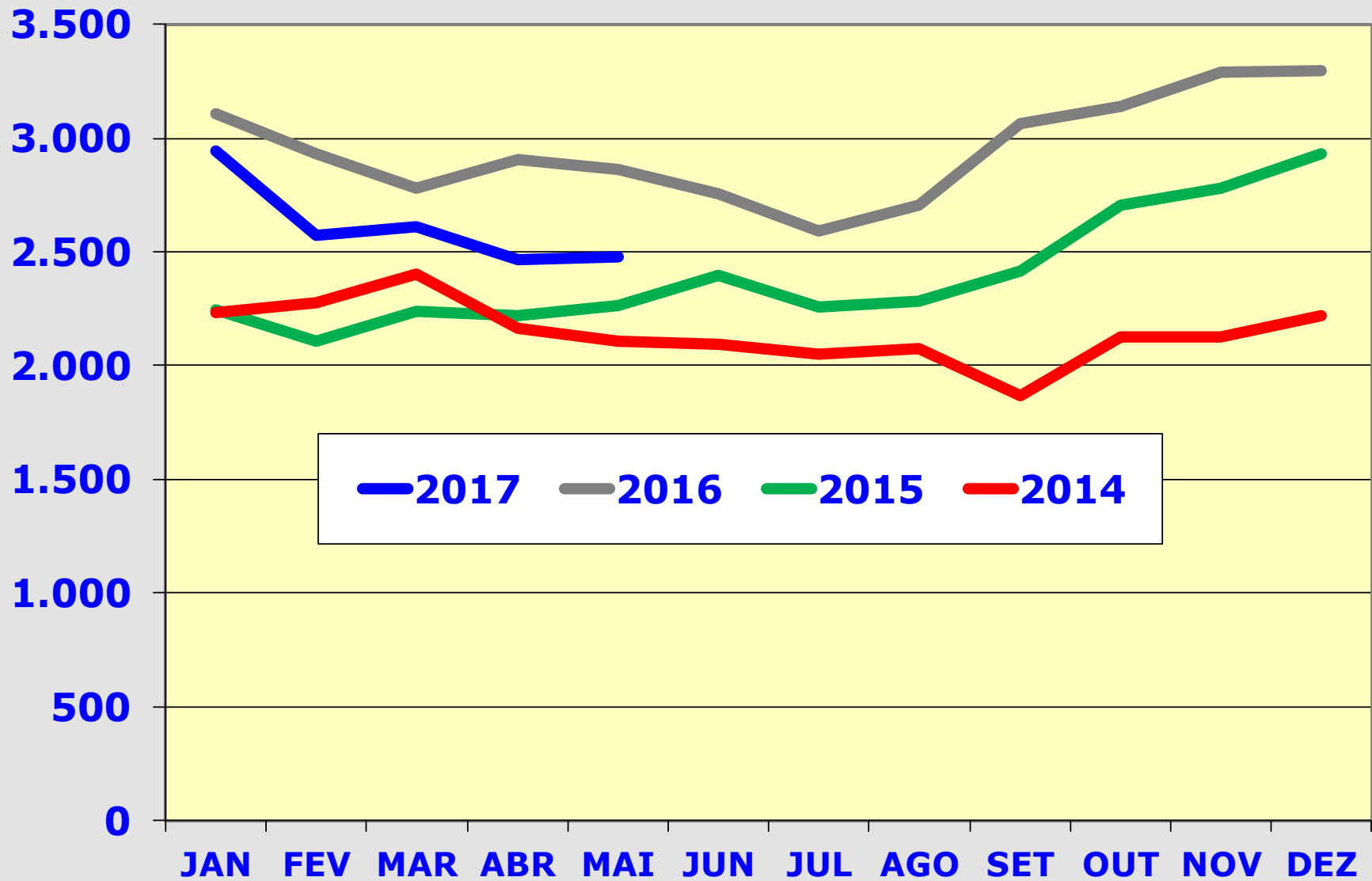
FARELO DE SOJA: MÉDIAS DOS ÍNDICES ESTACIONAIS DE PREÇOS NO ATACADO - SÃO PAULO - 2007 A 2016



ÓLEO DE SOJA CBOT x ÓLEO DE SOJA ATACADO SP - US\$/TONELADA



ÓLEO DE SOJA: PREÇOS CIF SP R\$/TONELADA



CARLOS COGO
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



MILHO

WWW.CARLOSCOGO.COM.BR

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- O cenário é baixista para os preços do milho com a aproximação da colheita da 2ª safra de 2017, que deve ser recorde.
- A fraqueza das exportações no primeiro quadrimestre deste ano e a perspectiva de uma safra de mais de 93 milhões de toneladas se sobrepõem à intervenção do governo para sustentar preços, através dos leilões de Opções, Pepro e PEP.
- A pressão baixista sobre os preços domésticos do milho decorrem da combinação de maior oferta da safra de verão (1ª safra 2016/2017), forte expansão da área plantada na 2ª safra 2016/2017 (inverno) e potencial de colheita recorde, safra recorde na Argentina em 2016/2017, ingressando no mercado antes da 2ª safra brasileira e com grande excedente exportável.
- A previsão de produção de milho da Argentina foi elevada de 37 milhões de toneladas para 39 milhões de toneladas no ciclo 2016/2017.
- A colheita atinge 31,8% da área até 11/05 e é boa a produtividade obtida nos primeiros lotes, somada à expectativa de rendimentos excelentes nas áreas tardias no norte do país, que estão em maturação.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Conforme o relatório mensal de oferta e demanda mundial de Maio/2017, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a safra 2017/2018 de milho no país deverá totalizar 357,25 milhões de toneladas.
- Se confirmado, o volume será 7,1% menor em relação ao estimado para a temporada 2016/2017, de 384,76 milhões de toneladas, com rendimento médio das lavouras de 10,71 toneladas por hectare.
- O estoque final para a temporada 2017/2018 foi projetado em 53,6 milhões de toneladas, queda de 8,1% ante as 58,3 milhões de toneladas estimados para a safra 2016/2017.
- Do lado da demanda, as exportações no ciclo 2017/2018 foram estimadas em 47,62 milhões de toneladas, uma queda de 15,7% na comparação com o projetado para a temporada anterior.
- O uso do cereal para ração foi projetado em 137,79 milhões de toneladas, 2,2% abaixo do projetado para o ciclo 2016/2017, enquanto a utilização para fabricação de etanol foi projetada em 139,70 milhões de toneladas, aumento de 0,9% ante 2016/2017.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A produção brasileira está estimada pela nossa Consultoria em um recorde de 93,810 milhões de toneladas de milho na safra 2016/2017.
- O aumento da produção é consequência principalmente da expansão de 11,1% da área da 2ª safra, estimada em 11,742 milhões de hectares.
- A produção da 2ª safra 2016/2017 está estimada em 63,652 milhões de toneladas, 56% acima de 2015/2016.
- Para a safra de verão (1ª safra 2016/2017), a produção está estimada em 30,157 milhões de toneladas, 17% maior que em 2015/2016.
- Quanto ao consumo interno, está estimado em 56,1 milhões de toneladas, e a importação, em 500,0 mil toneladas.
- Caso as estimativas se concretizem, o Brasil terá excedentes (diferença entre soma de estoques iniciais, produção e importação com o consumo interno) de 46,2 milhões de toneladas na safra 2016/2017.
- Com uma estimativa de que o Brasil exporte 28,0 milhões de toneladas na temporada 2016/2017, 48% acima do embarcado na anterior, ainda assim, a projeção é de estoques finais recordes, de 18,2 milhões de toneladas, volume 128% acima do registrado na safra 2015/2016.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Os preços do milho voltaram a se enfraquecer na maior parte das regiões, inclusive na região de Campinas (SP), onde a demanda vinha sustentando as cotações, diante do baixo ritmo de negociação no mercado spot.
- Além disso, as estimativas de produção nacional foram reajustadas positivamente na semana passada tanto pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) quanto pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).
- Por outro lado, as exportações brasileiras também foram elevadas no relatório do USDA e da Conab, o que estaria atrelado à atual maior competitividade do milho nacional no mercado externo.
- Os vendedores estão retraídos, aguardando melhores condições de negociação, fundamentados na perspectiva de aumento nas exportações no segundo semestre, que poderia trazer sustentação às cotações.
- Do lado comprador, muitos realizam pequenas aquisições apenas para o abastecimento de curto prazo, à espera da entrada do milho da 2ª safra de 2017.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Nos últimos sete dias, há queda de 0,1% no mercado de balcão (pago ao produtor) e de 0,2% no de lotes (negociações entre as empresas).
- Em São Paulo, na região de Campinas, a oferta se sobrepôs à demanda e os preços registram queda.
- Nos últimos sete dias, o Indicador ESALQ/BM&F registra recuou de 1,8%, cotado a R\$ 27,99 por saca de 60 Kg.
- Em termos mundiais, o USDA aponta redução de 3% na produção da safra 2017/2018 em relação à atual temporada (2016/2017), para 1,033 bilhão de toneladas.
- A redução é consequência da menor área nos Estados Unidos e na China, os dois maiores produtores mundiais do cereal.
- Em contrapartida, o consumo foi estimado em 1,06 bilhão de toneladas, devido às maiores demandas da Ásia, Oriente Médio e Norte da África.
- Com isso, estima-se redução nos estoques finais mundiais do grão em 12,8%, a primeira queda desde a temporada 2010/2011, para 195,3 milhões de toneladas, com a relação estoques/consumo caindo de 21,3% em 2016/2017, para 18,4% em 2017/2018.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- No dia 11/05, a Conab realizou leilões de apoio à comercialização.
- Na modalidade PEP (Prêmio para Escoamento de Produto) e Pepro (Prêmio Equalizador Pago ao Produtor Rural), das ofertas de 300 mil e 500 mil toneladas, houve demanda para 39,8% e 60,5%.
- Para os contratos de Opção de Venda, houve demanda para 100% da oferta, de 7.400 contratos.
- No Porto de Paranaguá (PR), o preço médio atual para embarque imediato é de R\$ 28,17 por saca de 60 Kg.
- Na BM&F, o contrato Maio/2017 apresenta recuo de 0,3% nos últimos sete dias, cotado a R\$ 27,95 por saca de 60 Kg.
- Os vencimentos Setembro/2017 e Novembro/2017 registram recuo de 2,5% no mesmo período, cotados a R\$ 26,72 por saca de 60 Kg e a R\$ 26,86 por saca de 60 Kg, respectivamente.
- As lavouras da 2ª safra de 2017 estão em boas condições de desenvolvimento, mantendo-se as expectativas de boas produtividades.
- No entanto, algumas regiões registram redução da umidade do solo, devido ao menor volume de chuva desde o final de abril.

MILHO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Nos Estados Unidos, conforme o relatório semanal de acompanhamento de safra, divulgado em 15/05 pelo Departamento de Agricultura do país (USDA), os produtores conseguiram recuperar na última semana o atraso recente no plantio de soja e milho.
- O USDA informou que agricultores norte-americanos tinham semeado 71% da área total prevista até o domingo (14/05).
- Na semana anterior, o plantio estava em 47% da área.
- Com o avanço, o plantio superou a média dos últimos cinco anos (70%), embora siga abaixo do ritmo de igual período do ano passado (73%).
- Segundo o USDA, 31% da safra de milho tinha emergido, abaixo dos 41% do ano passado e dos 36% da média de cinco anos.
- O serviço de meteorologia Commodity Weather Group indica que as condições devem ser favoráveis durante parte desta semana.
- Na Bolsa de Chicago, os vencimentos Julho/2017 e Setembro/2017 apresentam avanço de 0,7% e 0,8%, respectivamente, nos últimos sete dias, a US\$ 3,67 por bushel e US\$ 3,75 por bushel, respectivamente.

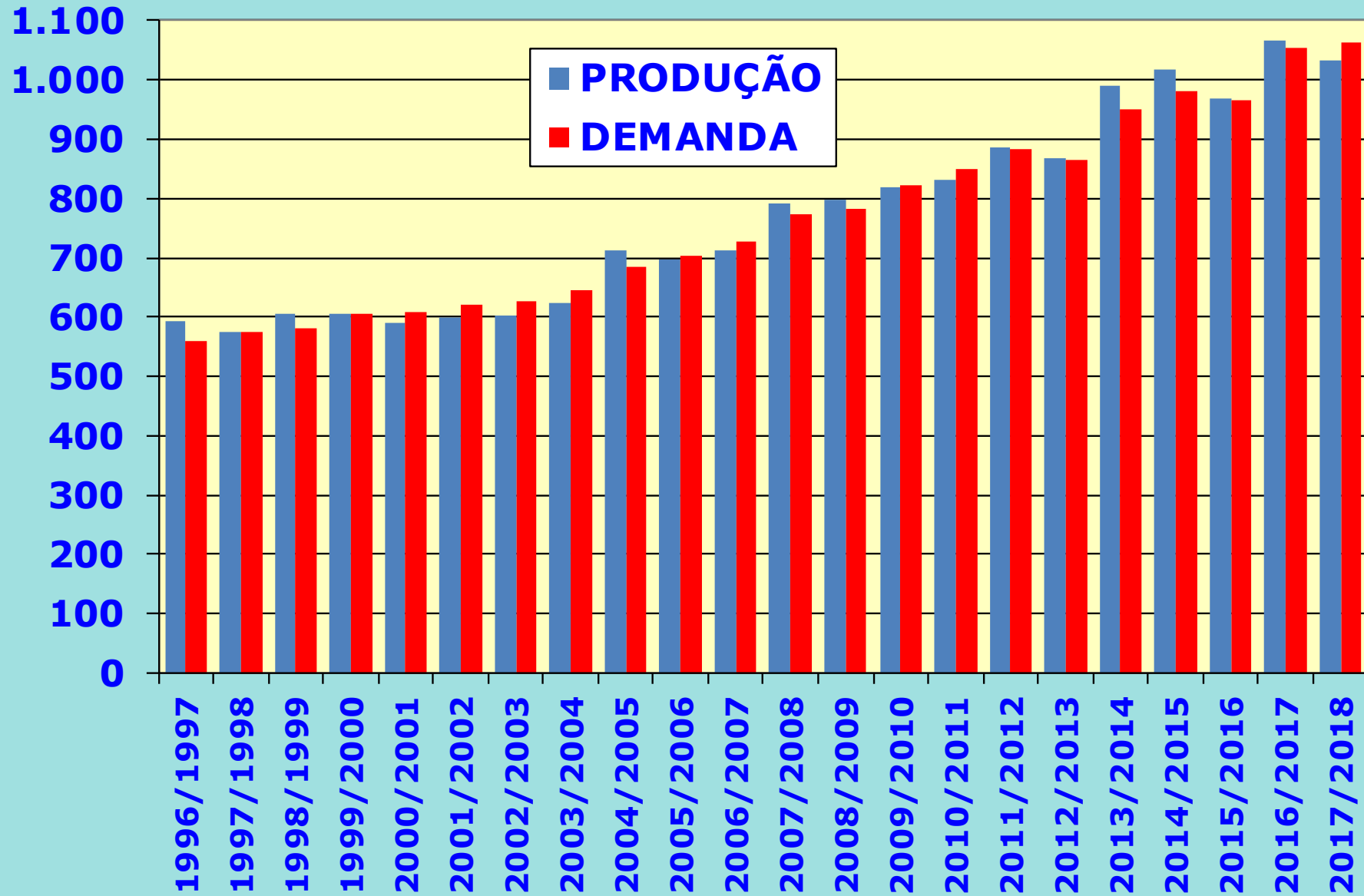
MILHO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL - EM MILHÕES DE TONELADAS

ANO-SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO MUNDIAL	COMÉRCIO MUNDIAL	OFERTA TOTAL	DEMANDA MUNDIAL	ESTOQUE FINAL	ESTOQUE/ CONSUMO
1989/1990	150,0	459,1	74,4	609,1	475,8	133,3	28,0%
1990/1991	133,3	476,4	58,8	609,7	468,7	141,0	30,1%
1991/1992	141,0	487,5	63,5	628,5	486,5	142,0	29,2%
1992/1993	142,0	538,8	62,2	680,8	513,1	167,7	32,7%
1993/1994	167,7	476,1	58,8	643,8	509,6	134,2	26,3%
1994/1995	134,2	559,0	66,1	693,2	535,5	157,7	29,4%
1995/1996	157,7	515,9	70,3	673,5	536,3	137,2	25,6%
1996/1997	137,2	592,7	65,5	729,9	560,1	169,8	30,3%
1997/1998	169,8	574,1	63,3	743,9	573,7	170,2	29,7%
1998/1999	170,2	605,4	66,9	775,6	581,5	194,2	33,4%
1999/2000	194,2	606,8	76,9	801,0	604,6	196,4	32,5%
2000/2001	196,4	589,5	77,2	785,9	609,3	176,6	29,0%
2001/2002	176,6	598,9	76,3	775,5	622,4	153,1	24,6%
2002/2003	153,1	601,9	78,2	755,0	627,4	127,6	20,3%
2003/2004	127,6	623,0	77,3	750,7	645,0	105,7	16,4%
2004/2005	105,7	712,2	78,2	817,9	685,1	132,8	19,4%
2005/2006	132,8	696,9	80,9	829,7	703,9	125,8	17,9%
2006/2007	125,8	711,1	93,8	836,8	727,0	109,9	15,1%
2007/2008	109,9	792,4	98,6	902,3	772,0	130,4	16,9%
2008/2009	130,4	798,8	84,5	929,2	782,0	147,1	18,8%
2009/2010	147,1	819,4	96,8	966,5	822,8	143,7	17,5%
2010/2011	143,7	832,5	91,5	976,2	850,3	125,9	14,8%
2011/2012	125,9	886,6	117,0	1.012,5	883,2	129,3	14,6%
2012/2013	129,3	868,0	95,2	997,3	864,7	132,6	15,3%
2013/2014	132,6	990,5	131,1	1.123,0	948,9	174,2	18,4%
2014/2015	174,2	1.016,0	142,2	1.190,2	981,0	209,2	21,3%
2015/2016	209,2	968,1	120,0	1.177,3	965,1	212,2	22,0%
2016/2017	212,2	1.065,1	158,6	1.277,3	1.053,4	223,9	21,3%
2017/2018	223,9	1.033,7	151,9	1.257,6	1.062,3	195,3	18,4%
VAR. 2017-2018/2016-2017	5,5%	-3,0%	-4,2%	-1,5%	0,8%	-12,8%	

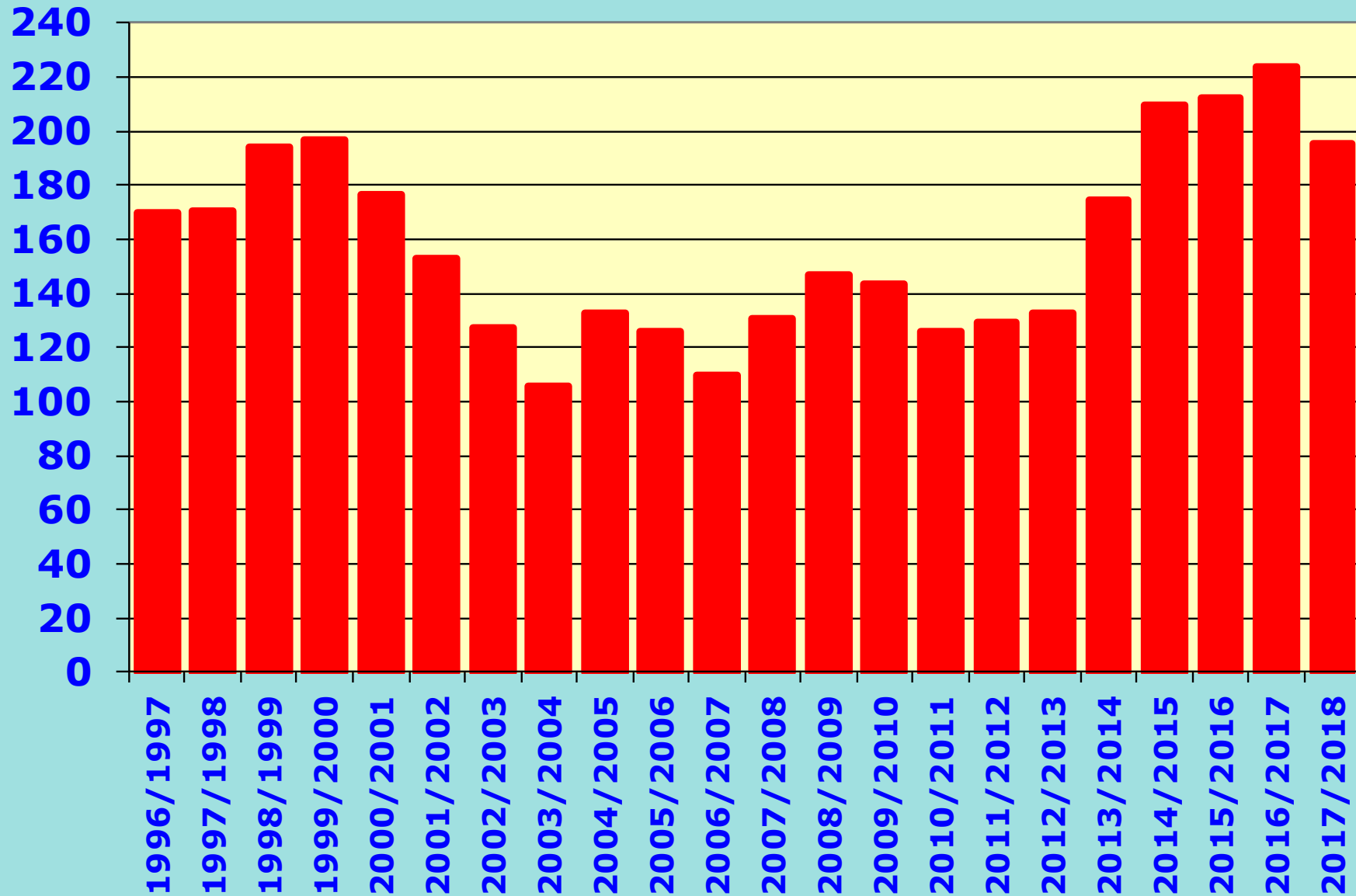
Fonte: USDA MAIO/2017

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

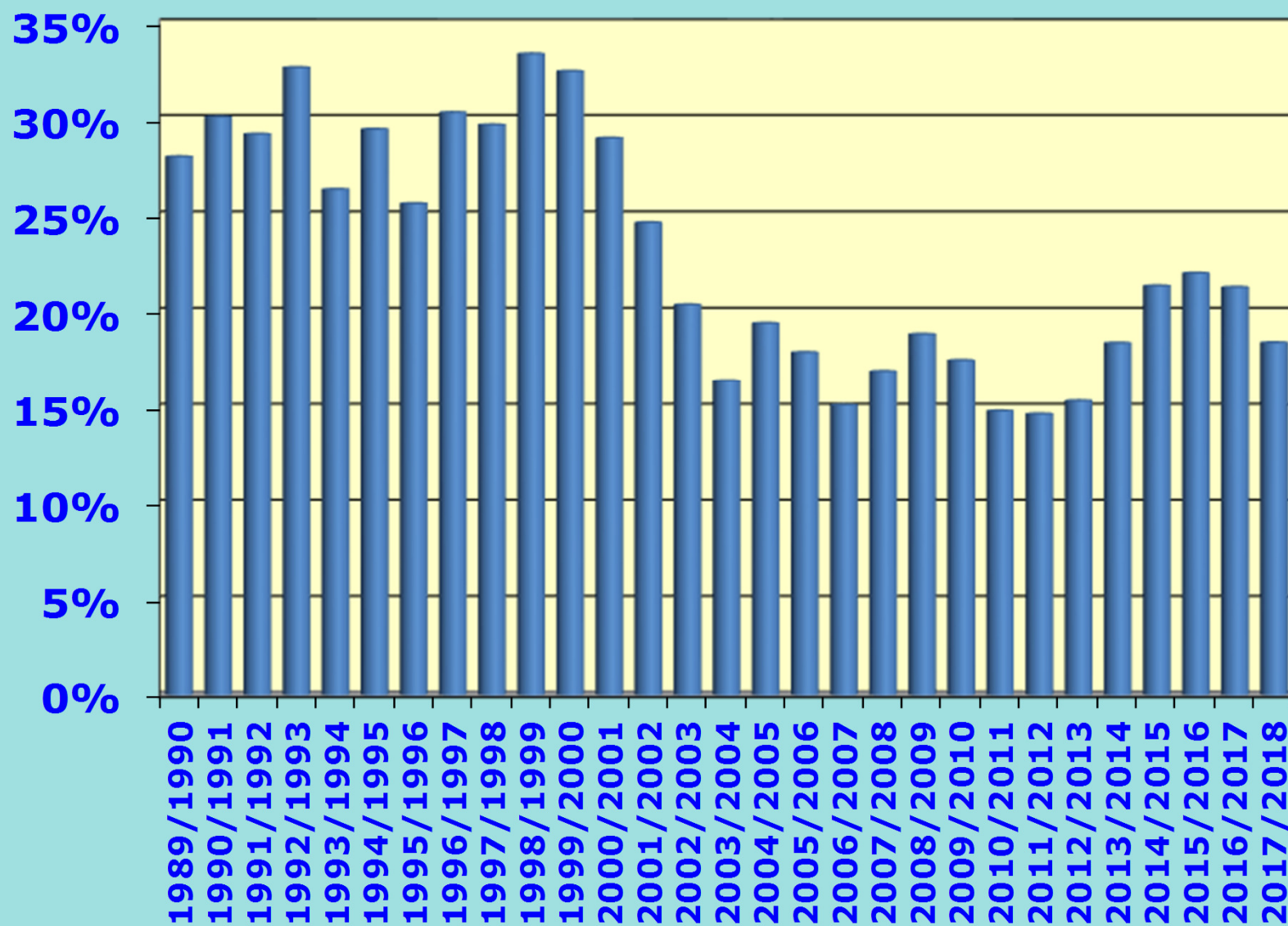
MILHO: PRODUÇÃO E DEMANDA MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS



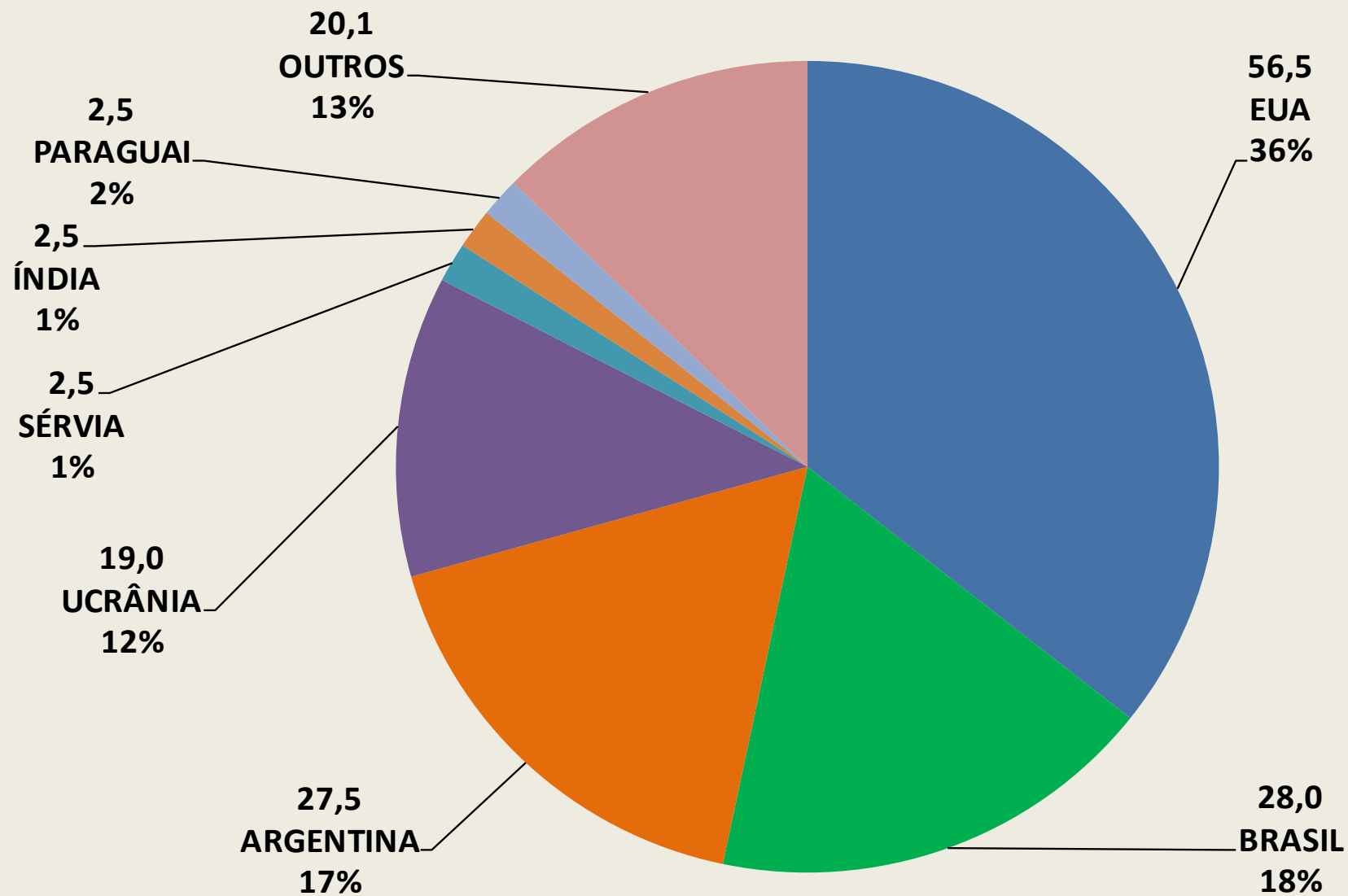
MILHO: ESTOQUES DE PASSAGEM MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



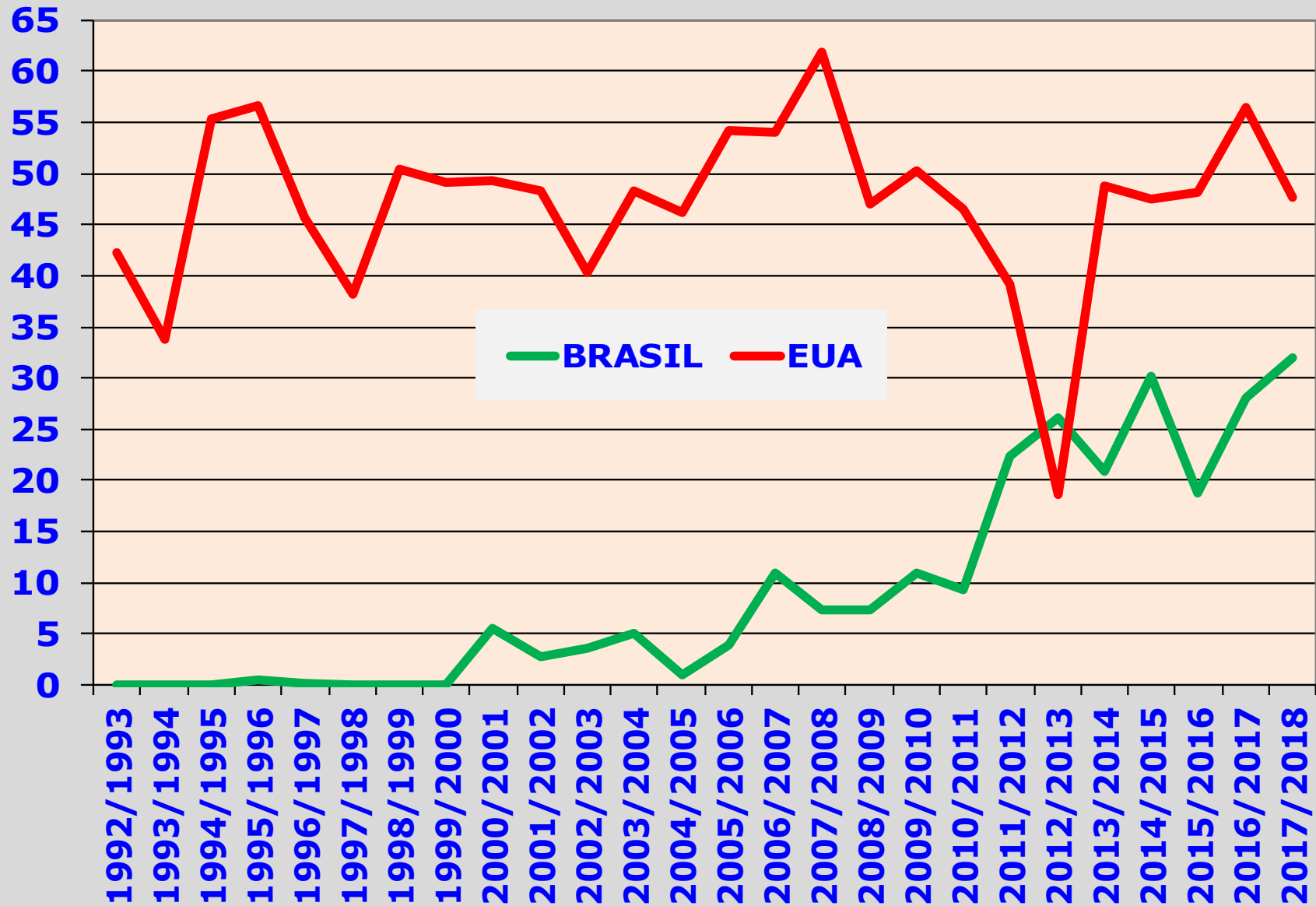
MILHO: RELAÇÃO ESTOQUES DE PASSAGEM/DEMANDA MUNDIAL



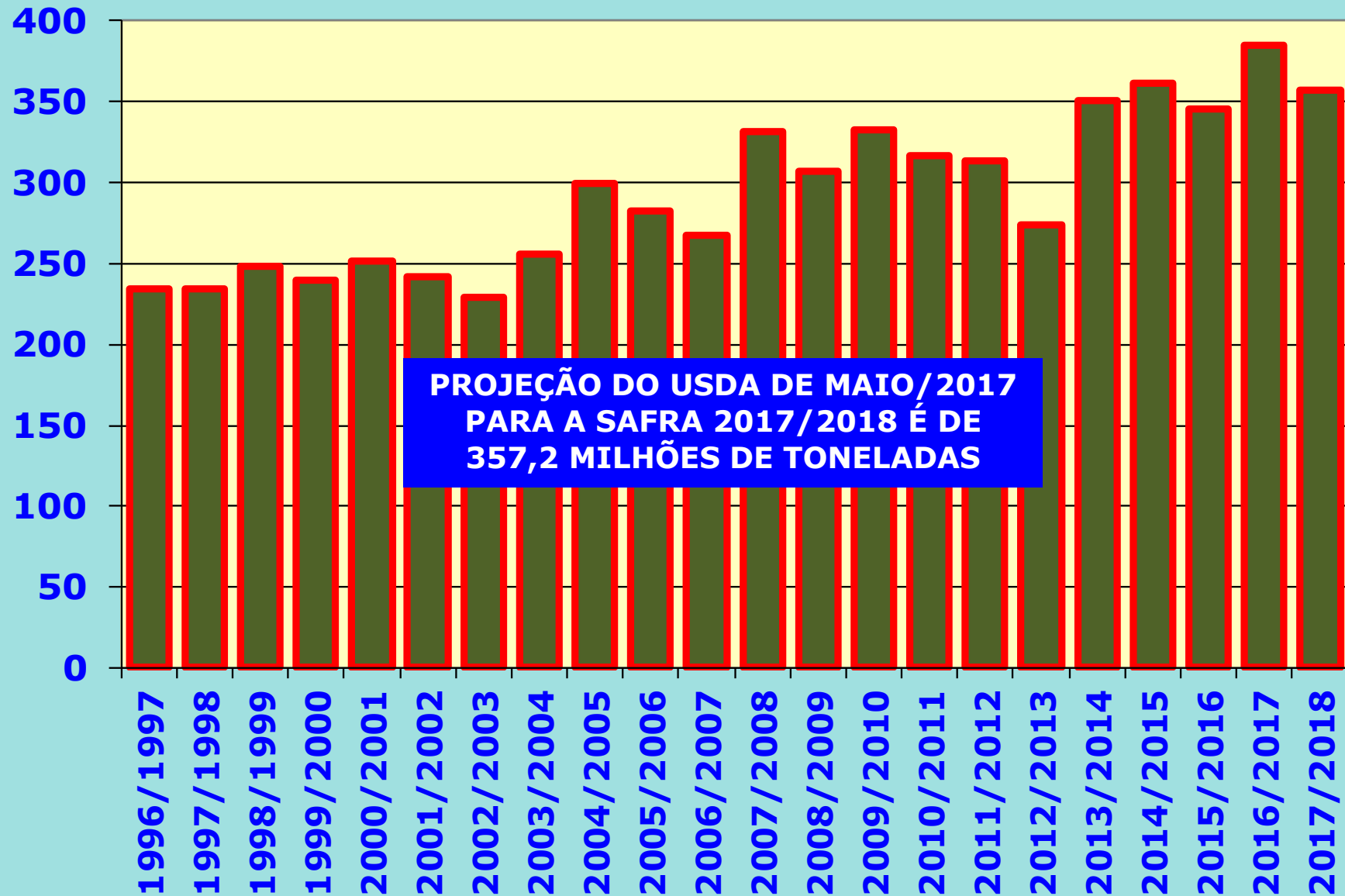
MILHO: PRINCIPAIS EXPORTADORES MUNDIAIS 2016/2017 - MILHÕES T E %



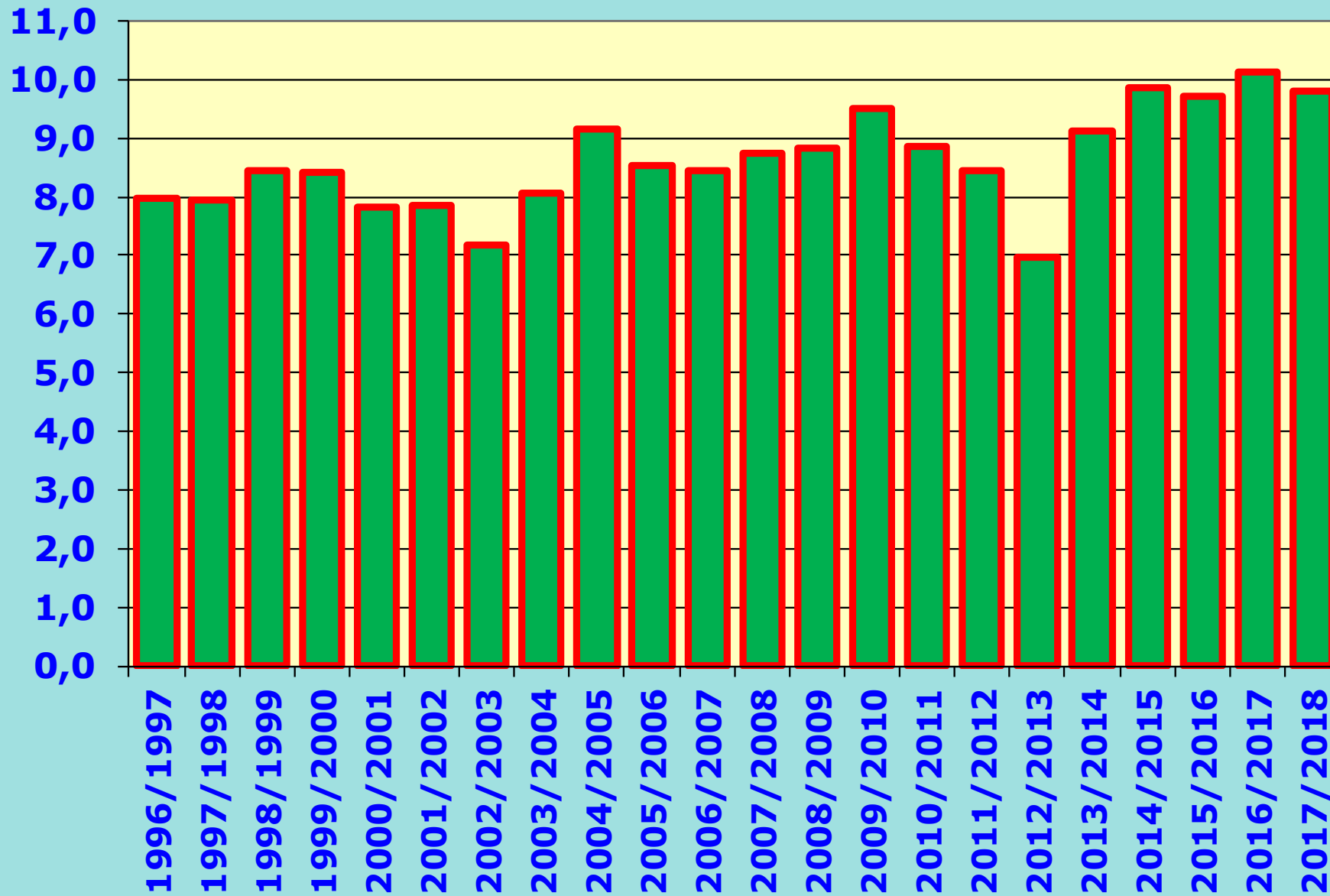
EXPORTAÇÕES DE MILHO EUA x BRASIL - MILHÕES DE TONELADAS



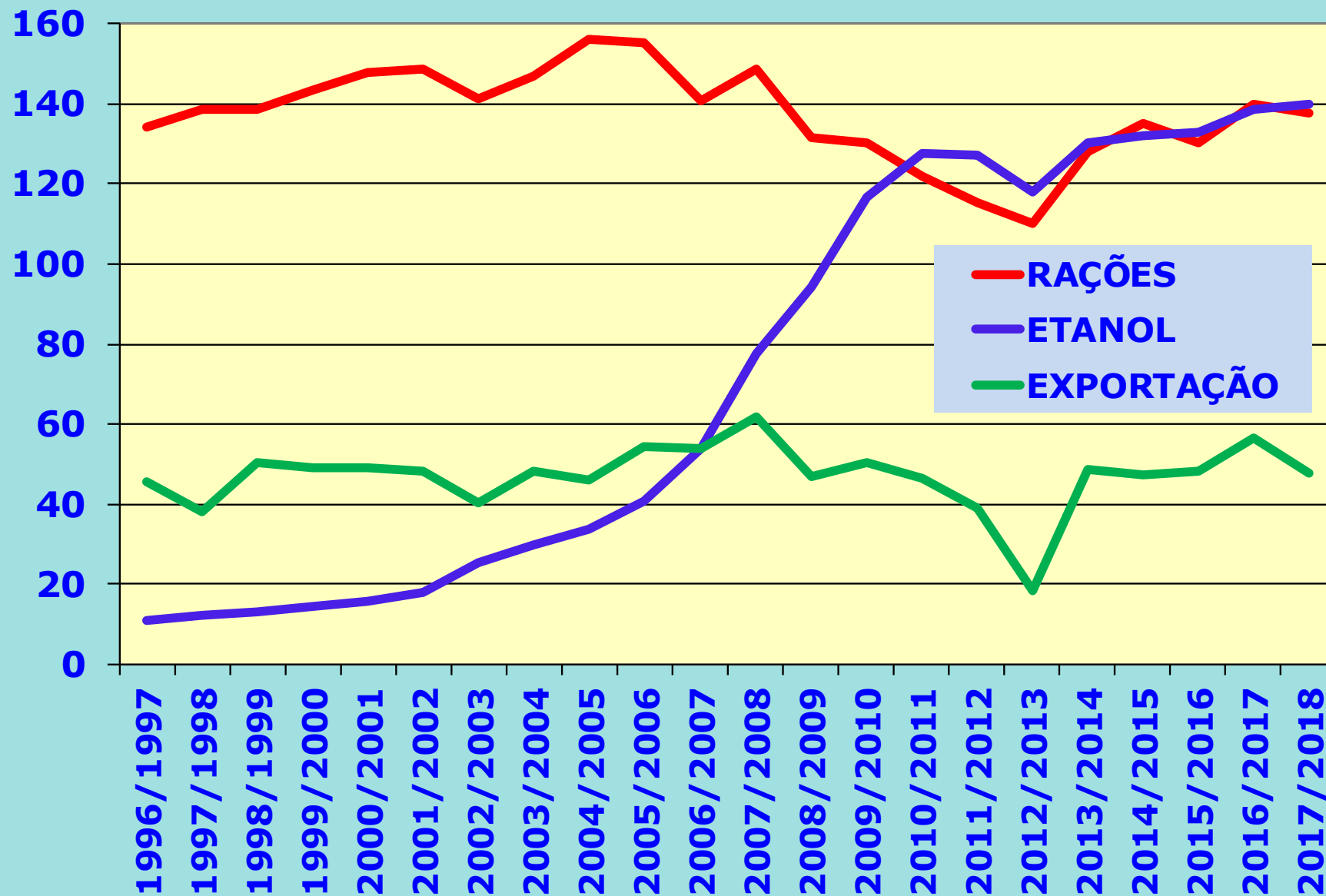
EUA: PRODUÇÃO DE MILHO EM MILHÕES DE TONELADAS



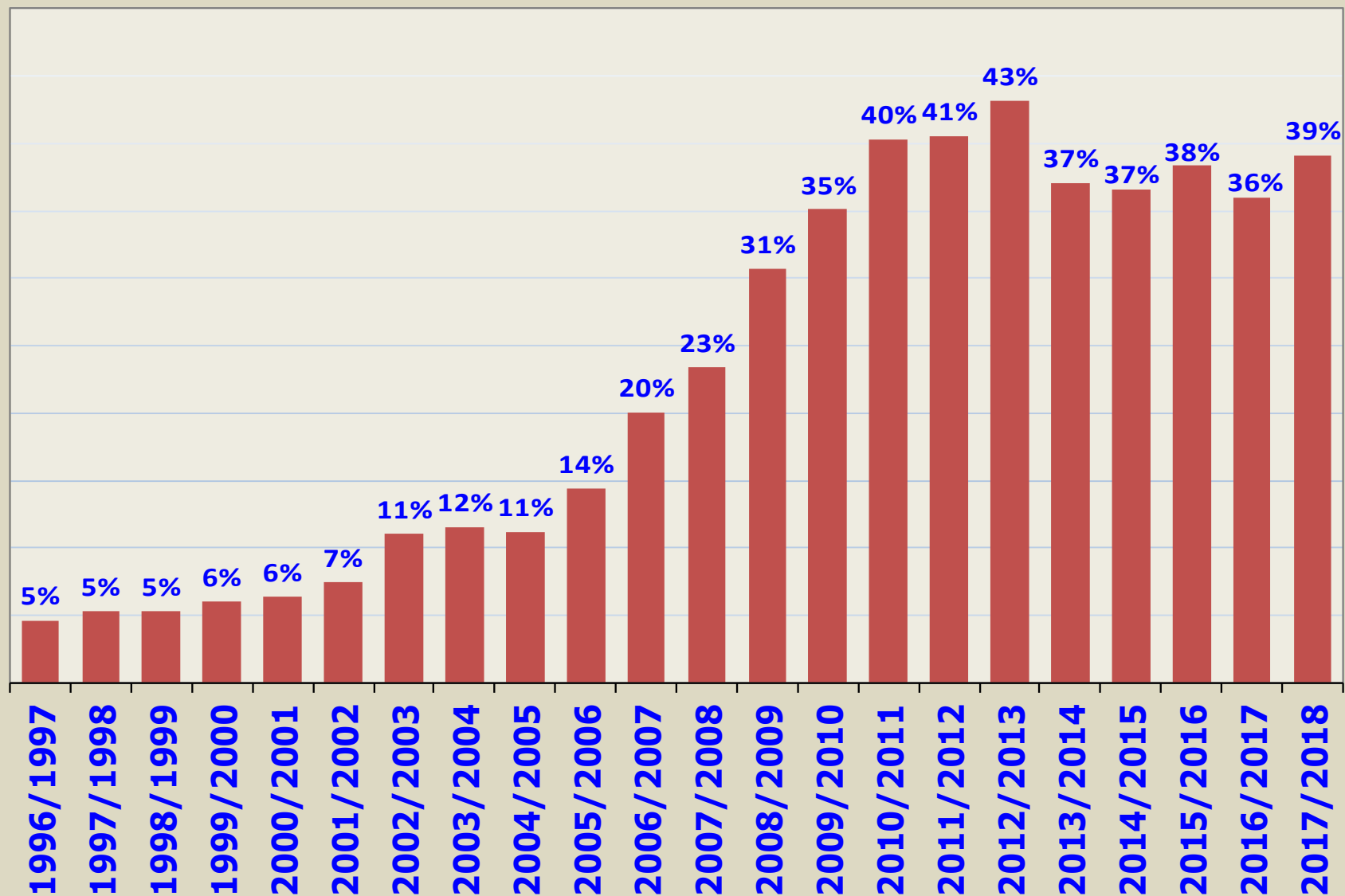
EUA: PRODUTIVIDADE MÉDIA DO MILHO TONELADAS/HECTARE



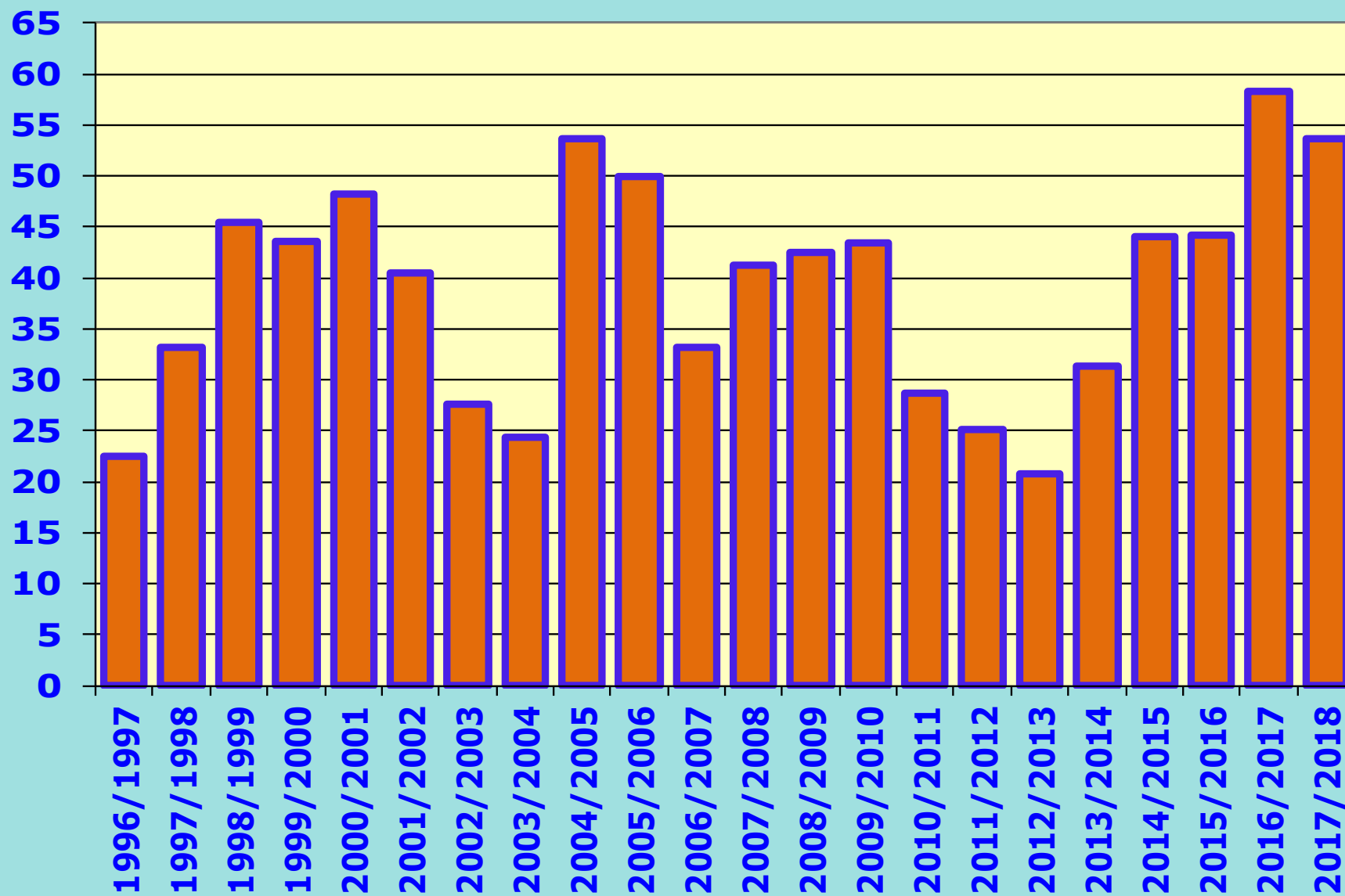
EUA: DESTINAÇÃO DA PRODUÇÃO DE MILHO MILHÕES DE TONELADAS



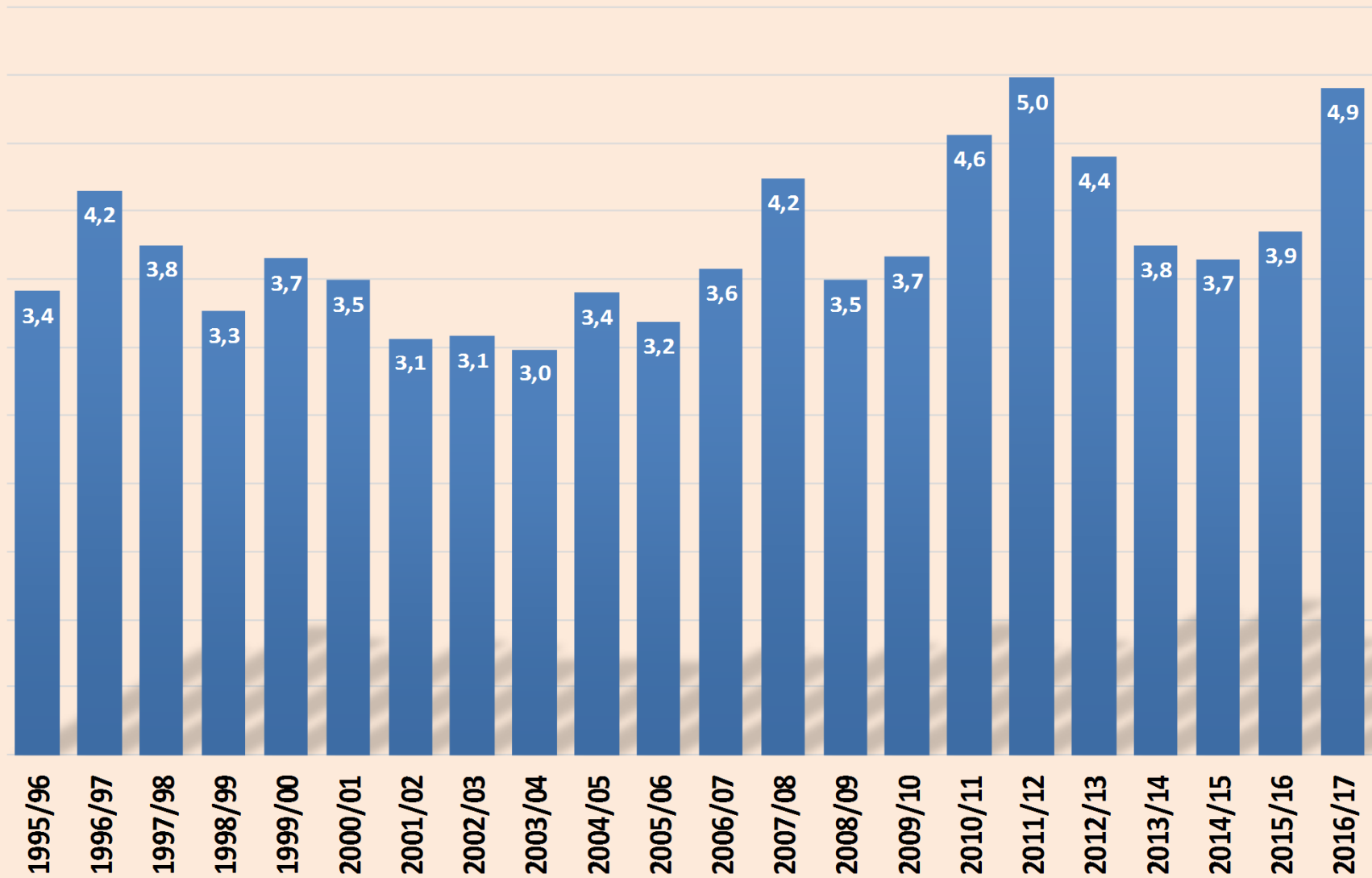
EUA: PARTICIPAÇÃO DA DEMANDA DE ETANOL NA PRODUÇÃO DE MILHO (%)



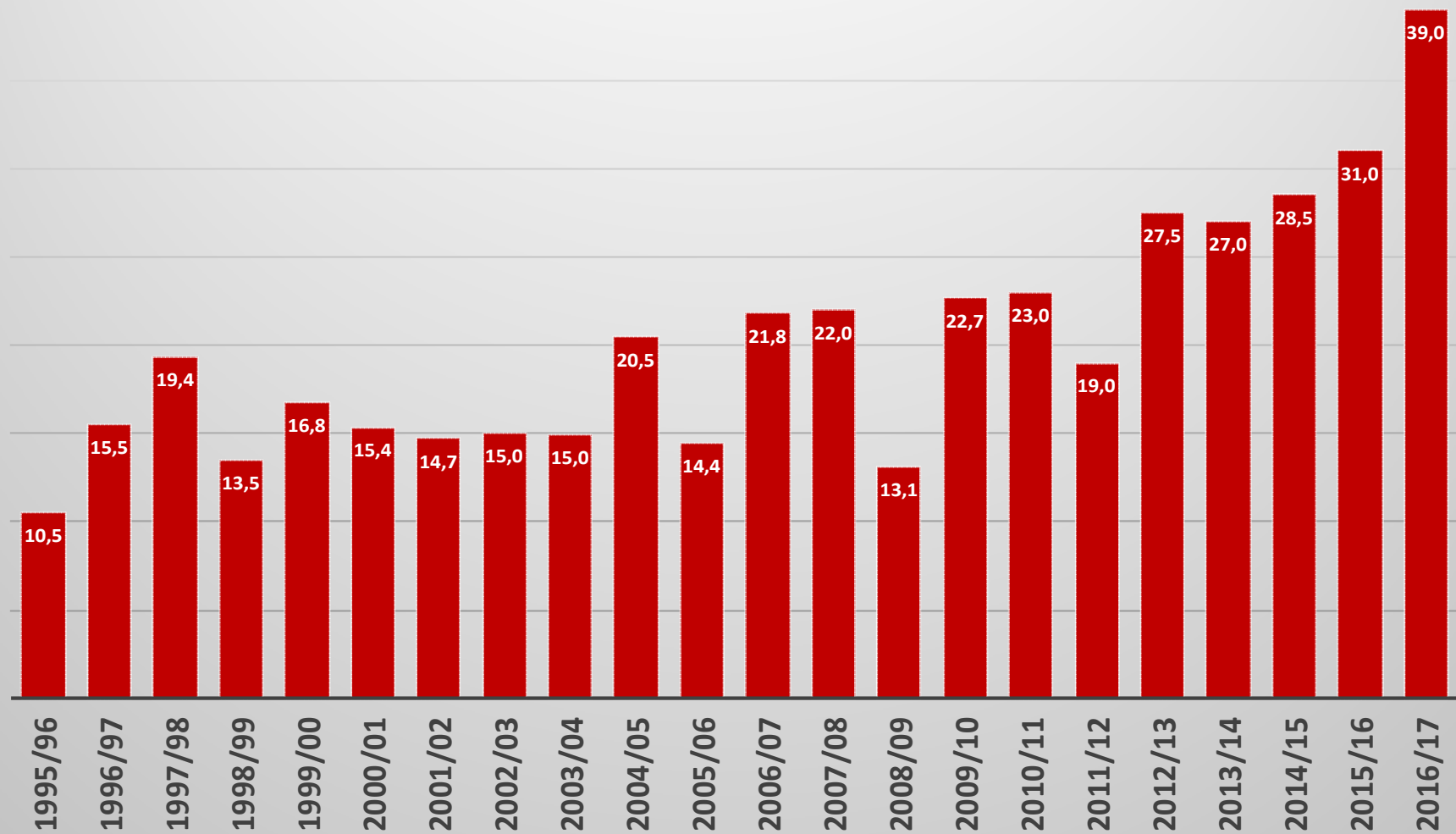
EUA: ESTOQUES FINAIS DE MILHO MILHÕES DE DE TONELADAS



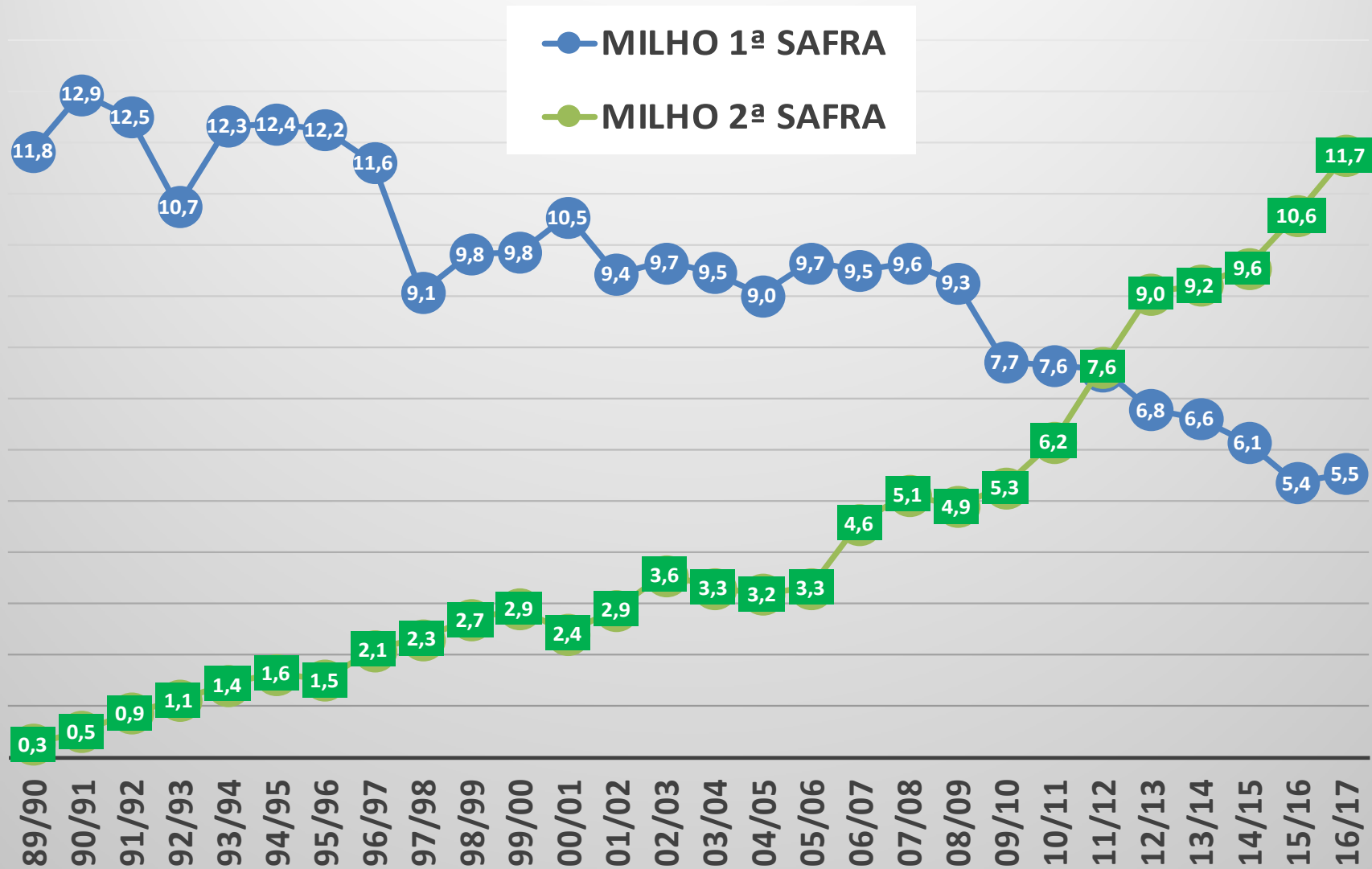
ARGENTINA: ÁREA DE CULTIVO DE MILHO EM MILHÕES DE HECTARES



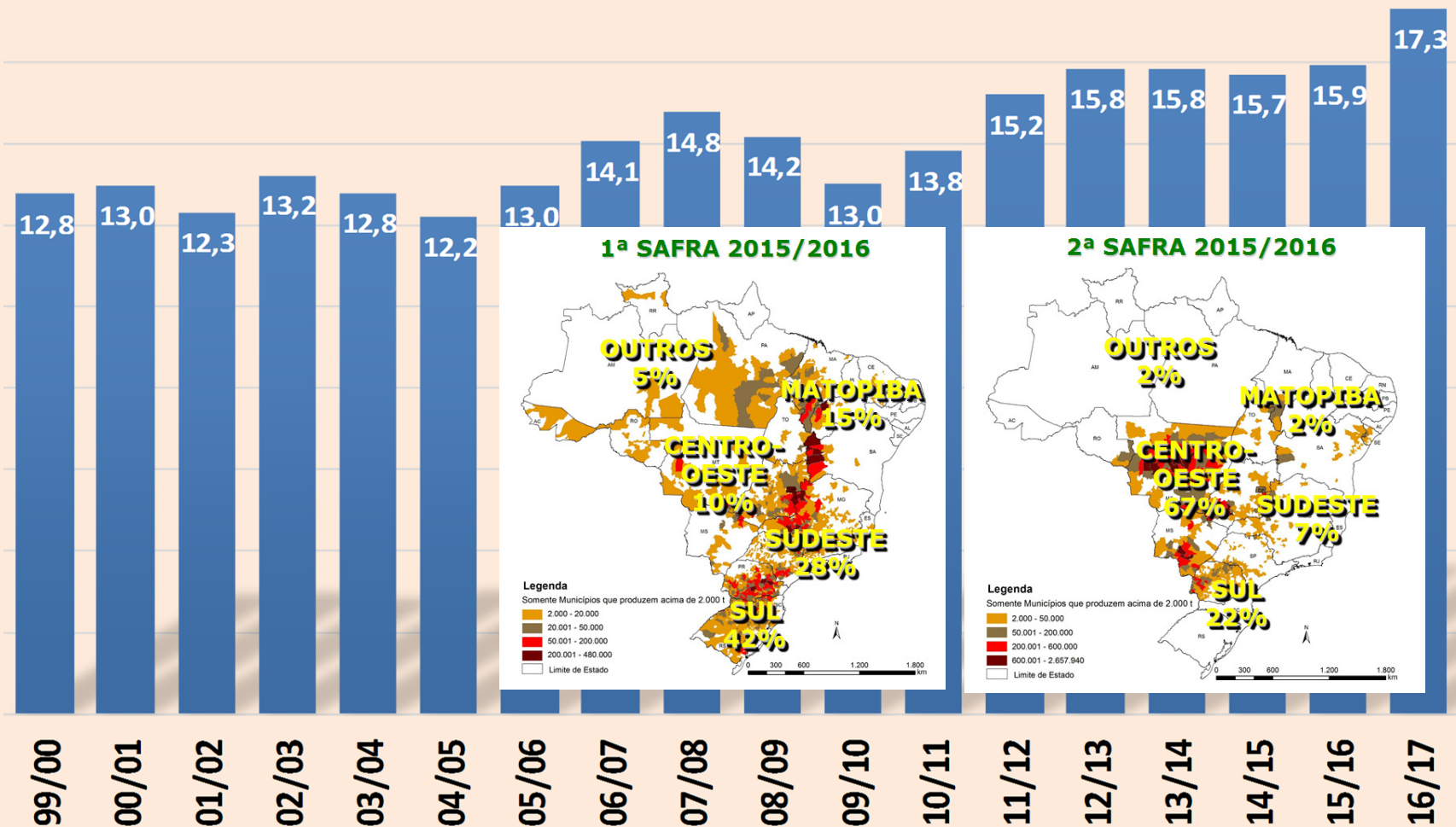
ARGENTINA: PRODUÇÃO DE MILHO EM MILHÕES DE TONELADAS



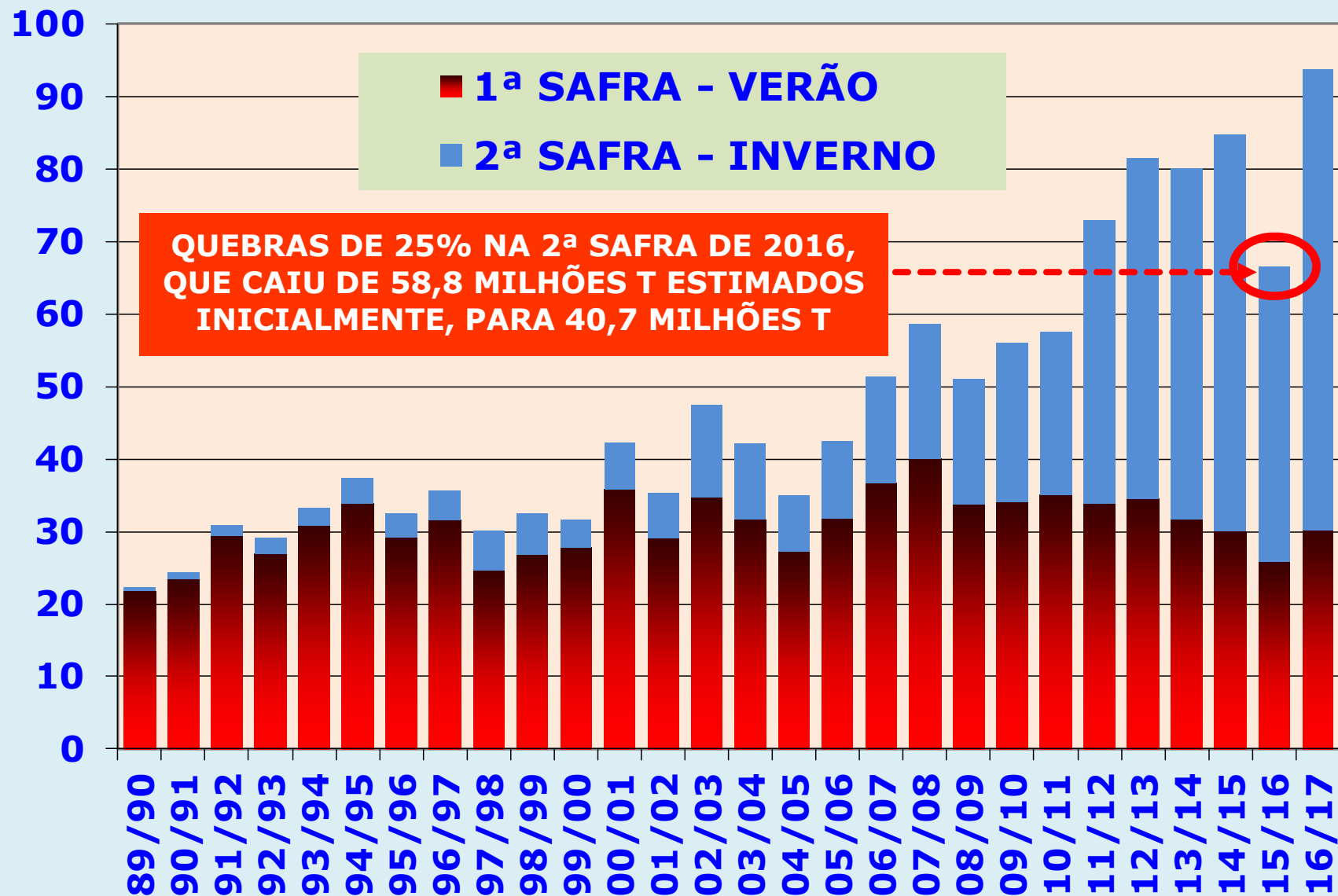
MILHO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL NA 1ª SAFRA (VERÃO) x 2ª SAFRA (INVERNO) - MILHÕES DE HA



BRASIL: ÁREA TOTAL DE CULTIVO DE MILHO MILHÕES DE HECTARES



MILHO: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NO BRASIL - MILHÕES DE TONELADAS



MILHO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

SAFRAS 2010/2011 A 2016/2017

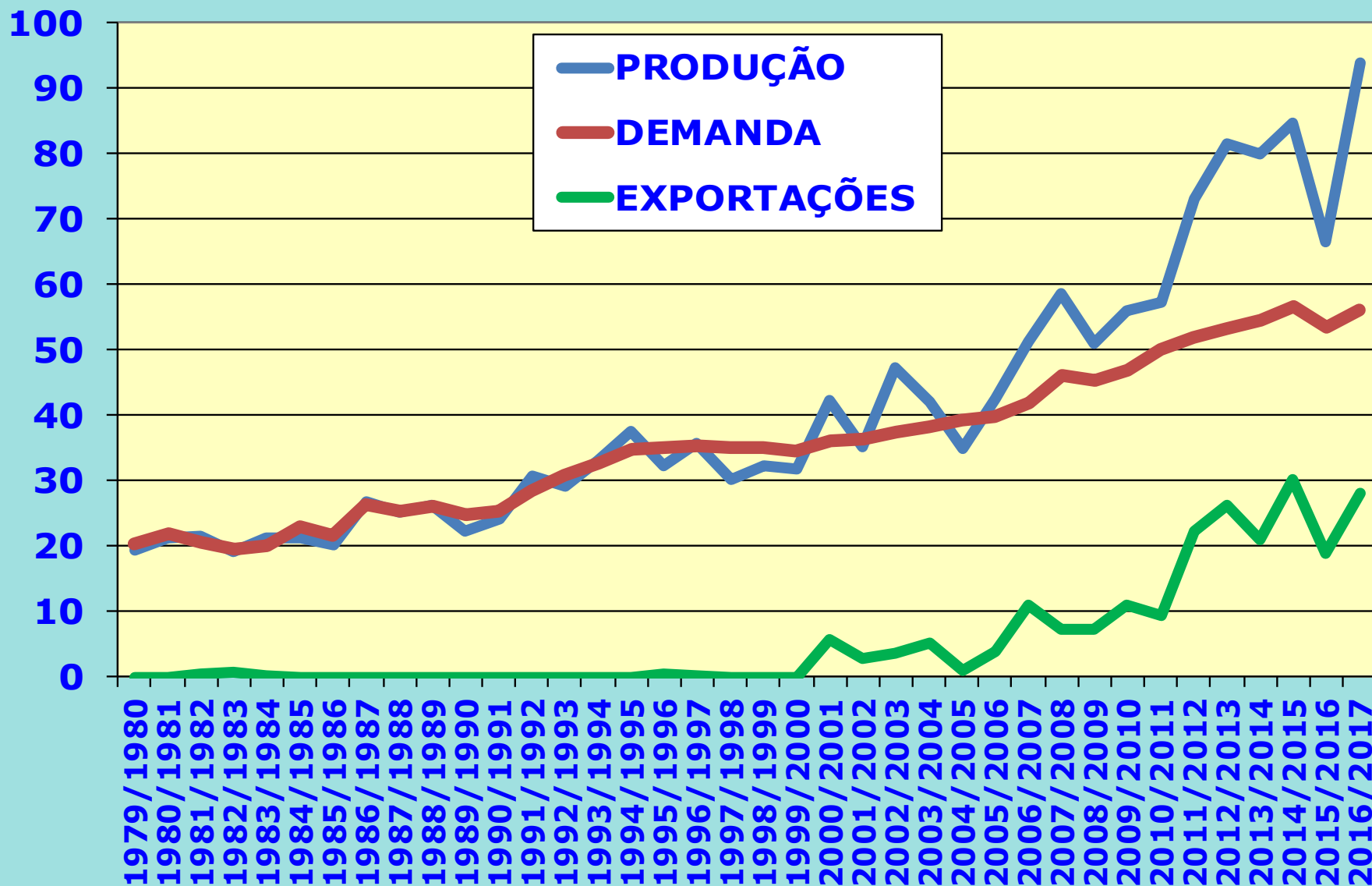
EM MIL TONELADAS

ANO-SAFRA (FEVEREIRO-JANEIRO)

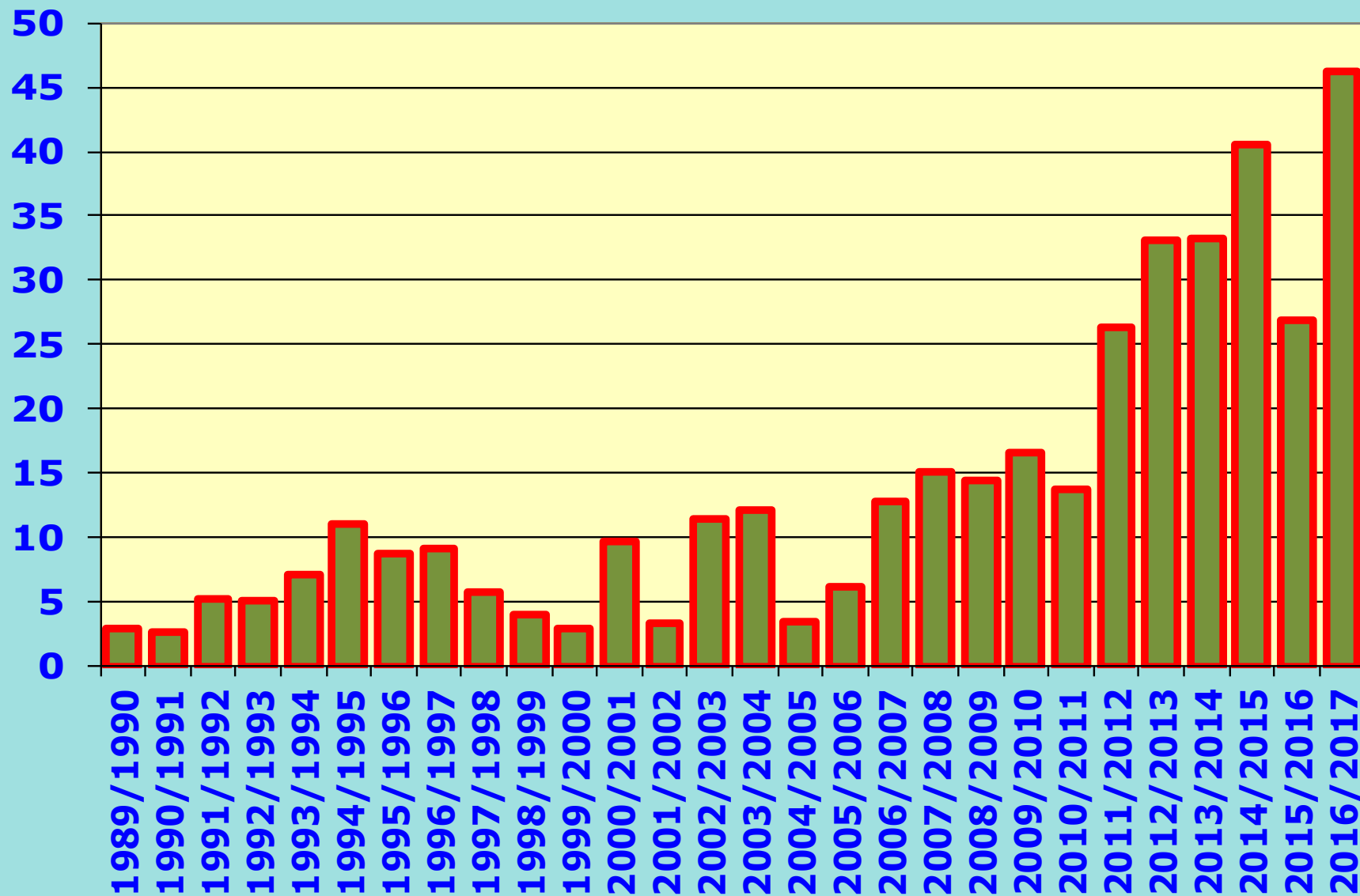
ITEM	2010/2011	2011/2012	2012/2013	2013/2014	2014/2015	2015/2016	2016/2017*	VAR. 2015-2016/ 2014-2015 (%)	VAR. 2016-2017/ 2015-2016 (%)
ESTOQUE INICIAL	5.585,9	4.459,5	3.996,3	6.951,4	12.327,4	10.401,3	7.999,2	-16%	-23%
PRODUÇÃO	57.407,0	72.979,5	81.505,7	80.051,7	84.672,5	66.530,8	93.810,3	-21%	41%
PRIMEIRA SAFRA	34.946,7	33.867,1	34.576,8	31.652,6	30.082,0	25.758,1	30.157,9	-14%	17%
SEGUNDA SAFRA	22.460,3	39.112,4	46.928,9	48.399,1	54.590,5	40.772,7	63.652,4	-25%	56%
IMPORTAÇÕES	764,4	774,0	911,4	790,7	316,1	3.338,1	500,0	956%	-85%
OFERTA TOTAL	63.757,3	78.213,0	86.413,4	87.793,8	97.316,0	80.270,2	102.309,5	-18%	27%
EXPORTAÇÕES	9.311,9	22.313,7	26.174,1	20.924,8	30.172,3	18.883,2	28.000,0	-37%	48%
CONSUMO INTERNO	49.985,9	51.903,0	53.287,9	54.541,6	56.742,4	53.387,8	56.100,0	-6%	5%
DEMANDA TOTAL	59.297,8	74.216,7	79.462,0	75.466,4	86.914,7	72.271,0	84.100,0	-17%	16%
ESTOQUE FINAL	4.459,5	3.996,3	6.951,4	12.327,4	10.401,3	7.999,2	18.209,5	-23%	128%
DIAS DE CONSUMO	33	28	48	82	67	55	118		

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA *Projeções

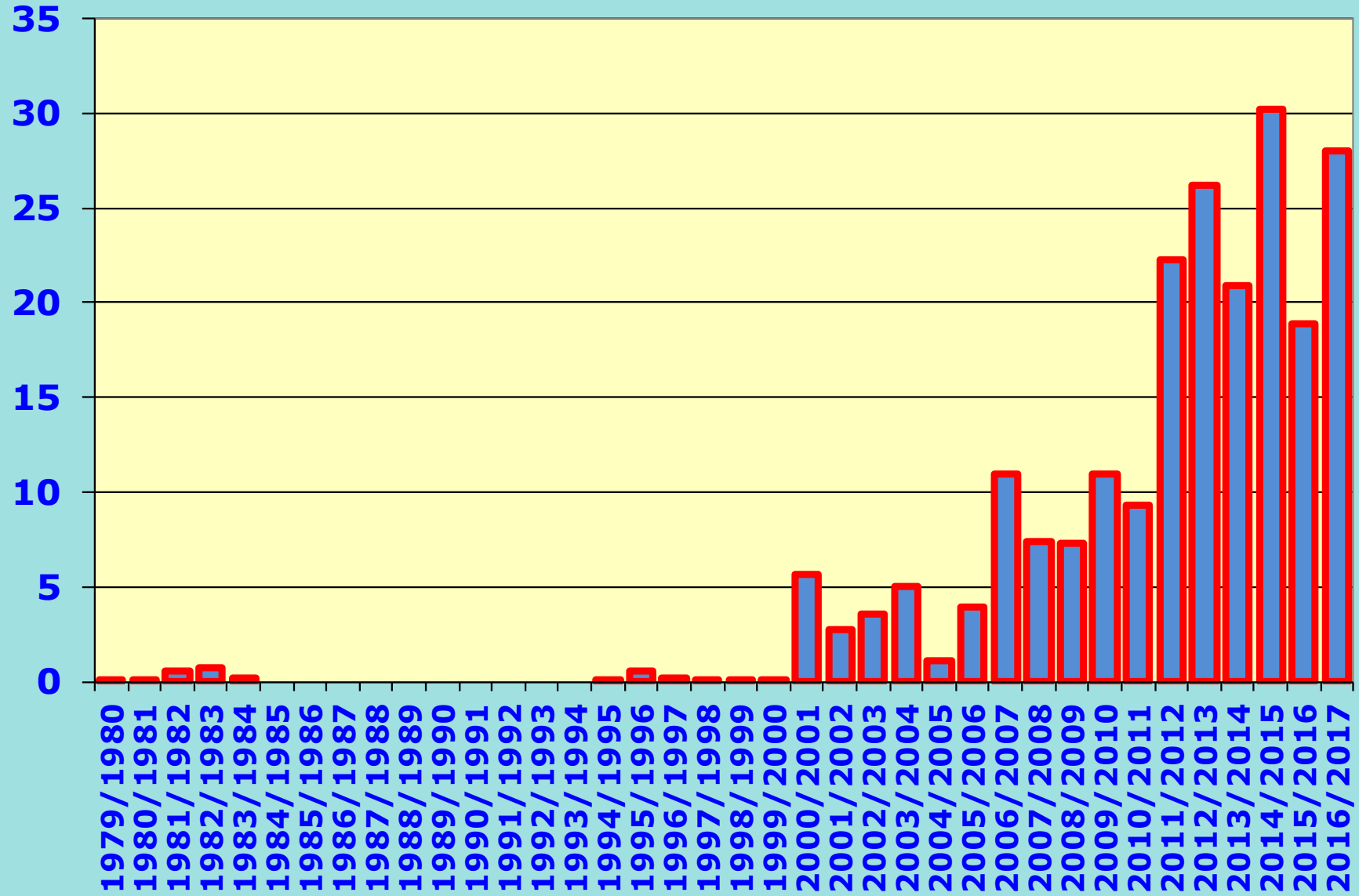
MILHO: PRODUÇÃO, DEMANDA E EXPORTAÇÕES - BRASIL - MILHÕES T



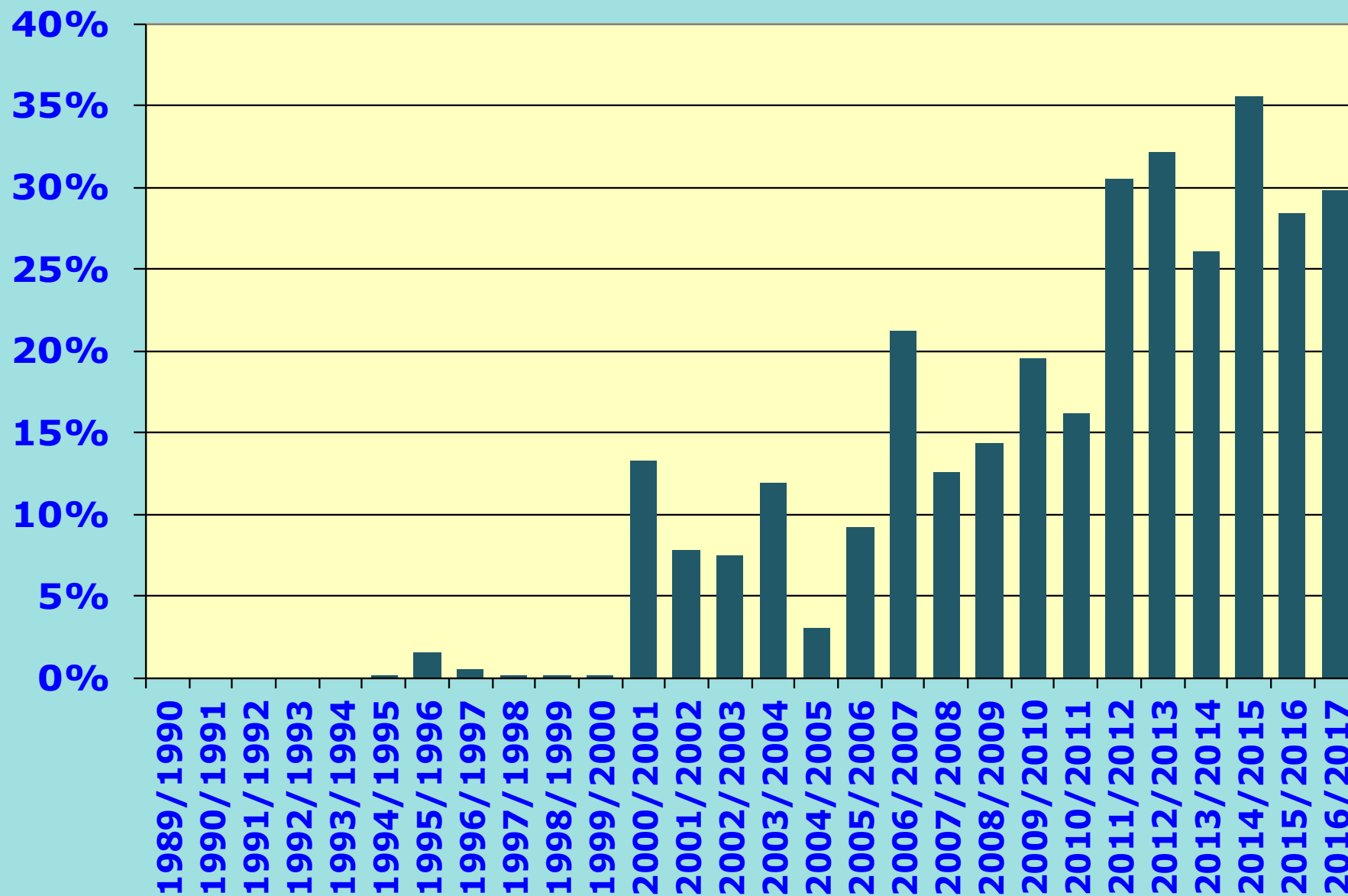
MILHO: EXCEDENTES NO BRASIL (OFERTA TOTAL - CONSUMO INTERNO) MILHÕES DE TONELADAS



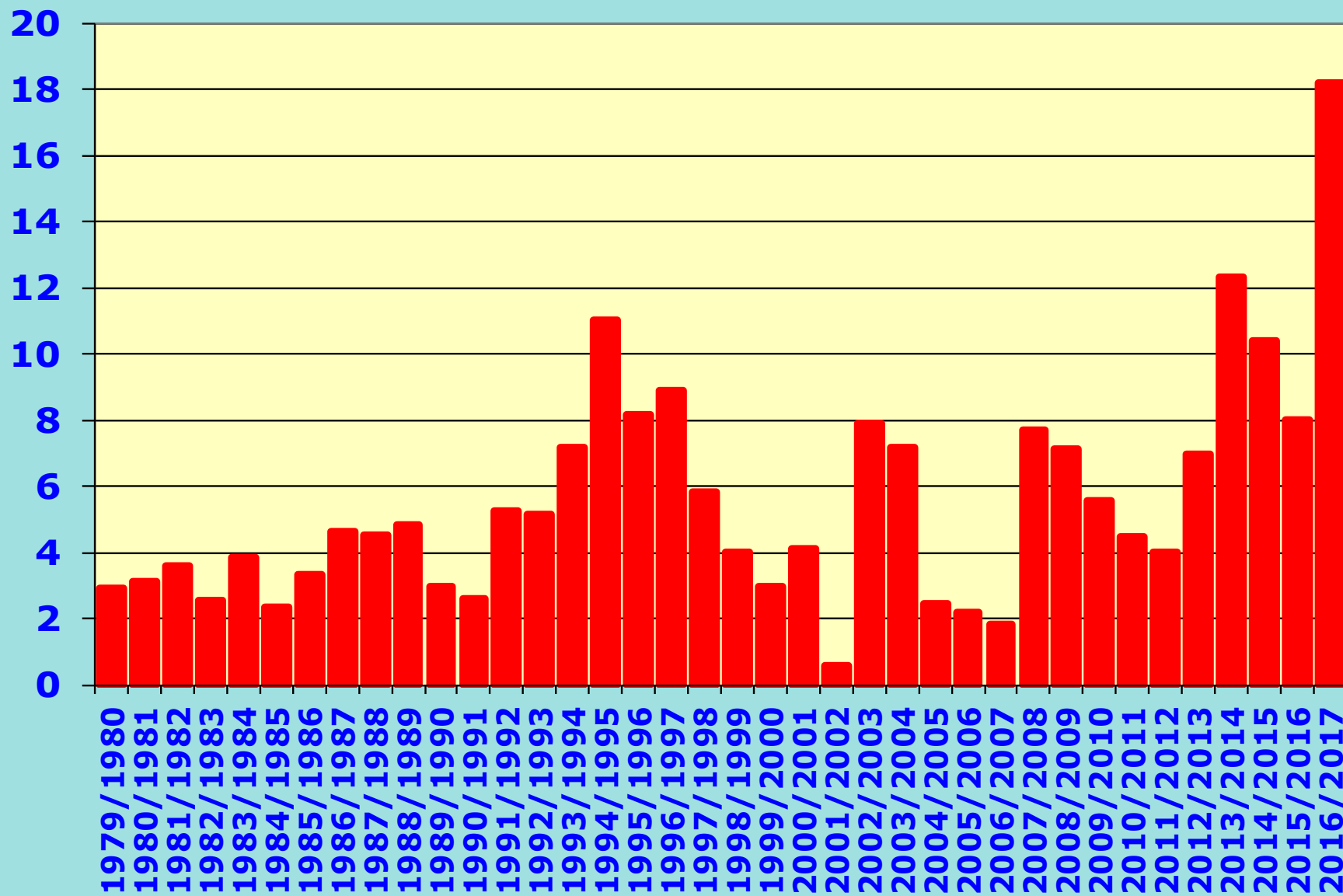
MILHO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS



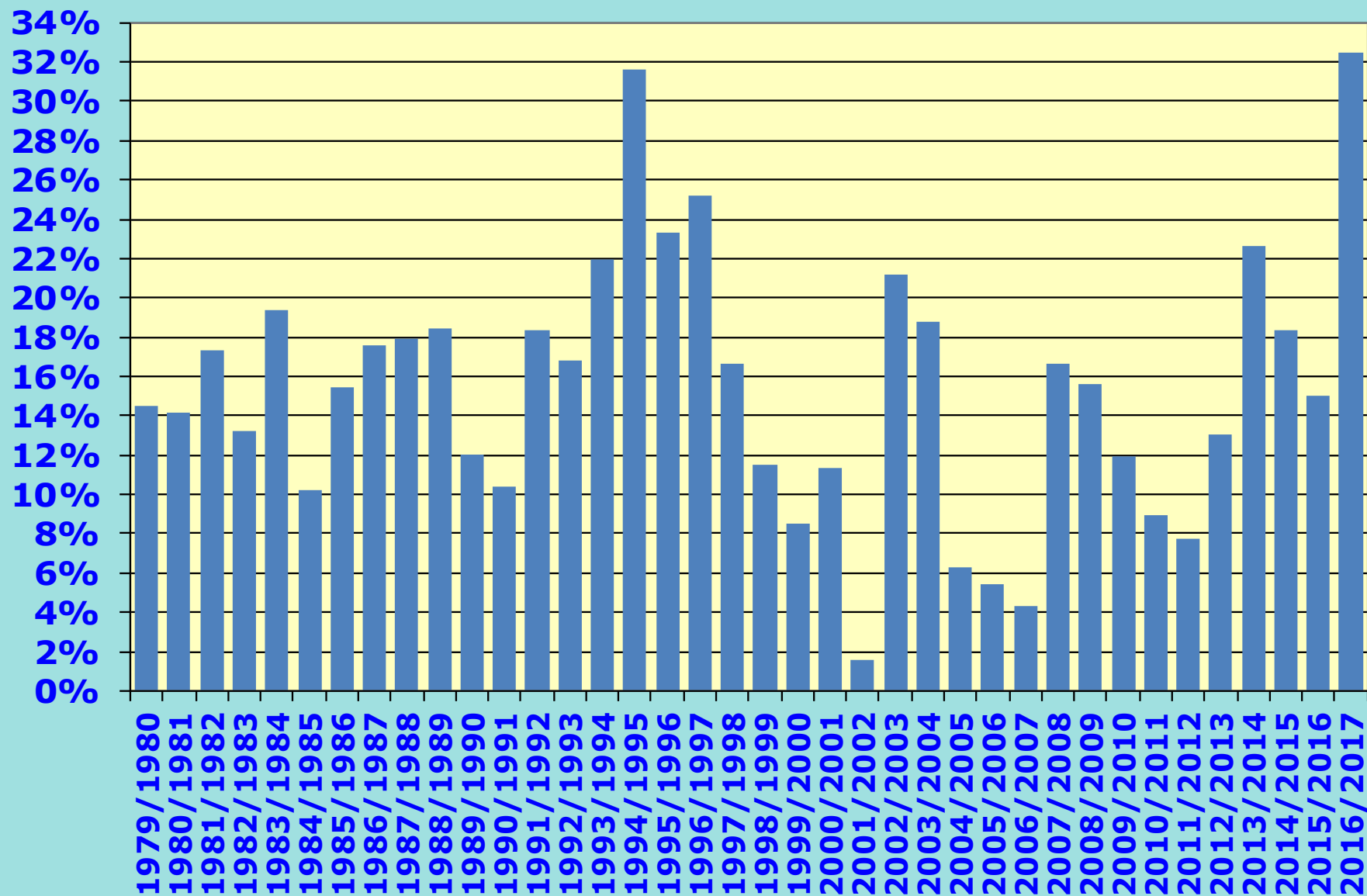
MILHO: EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES/PRODUÇÃO (%)



MILHO: ESTOQUES FINAIS NO BRASIL MILHÕES DE TONELADAS



MILHO: RELAÇÃO ESTOQUES DE PASSAGEM/DEMANDA NO BRASIL



MILHO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 2014 A 2017

MILHÕES T/MÊS

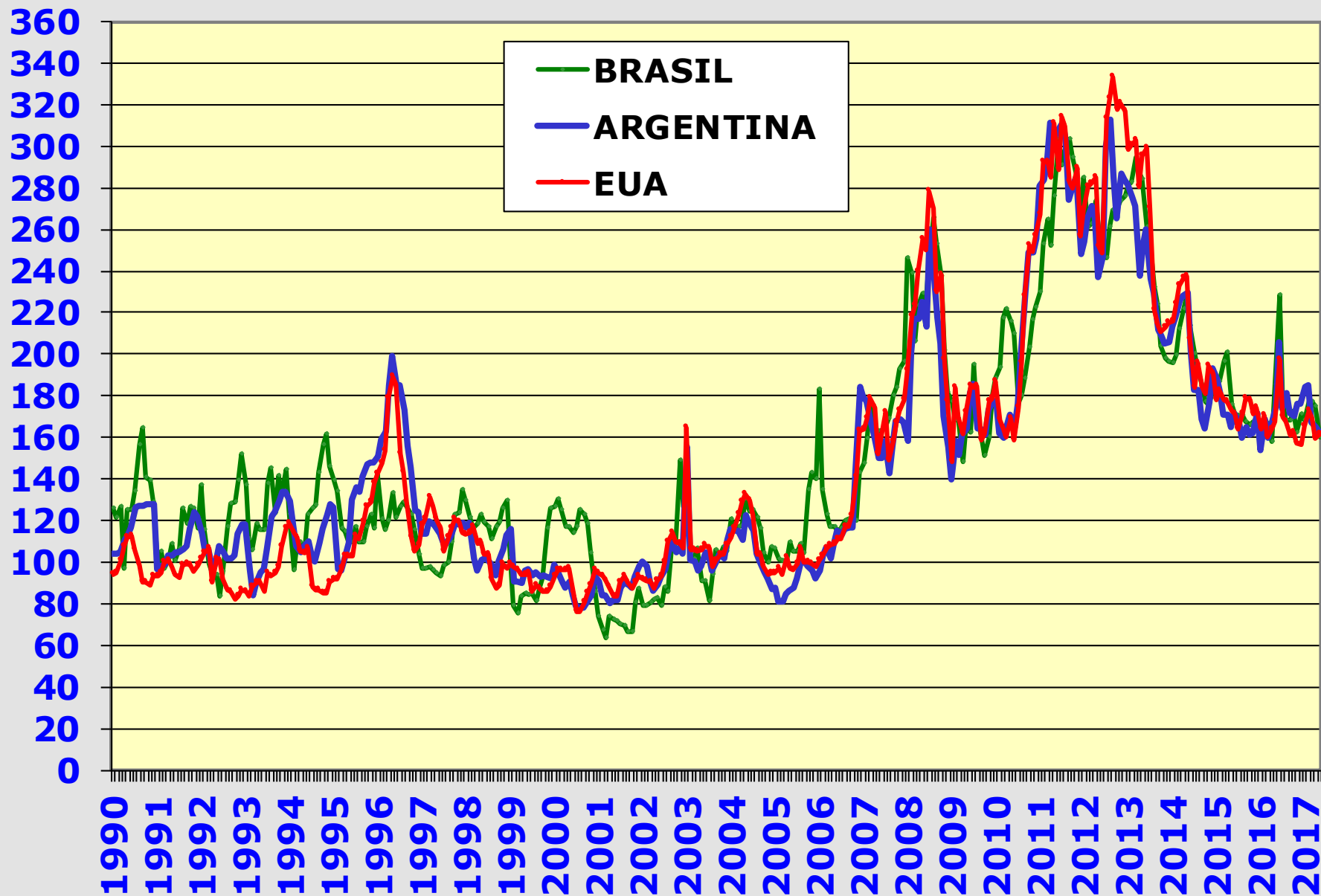


ELABORAÇÃO: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

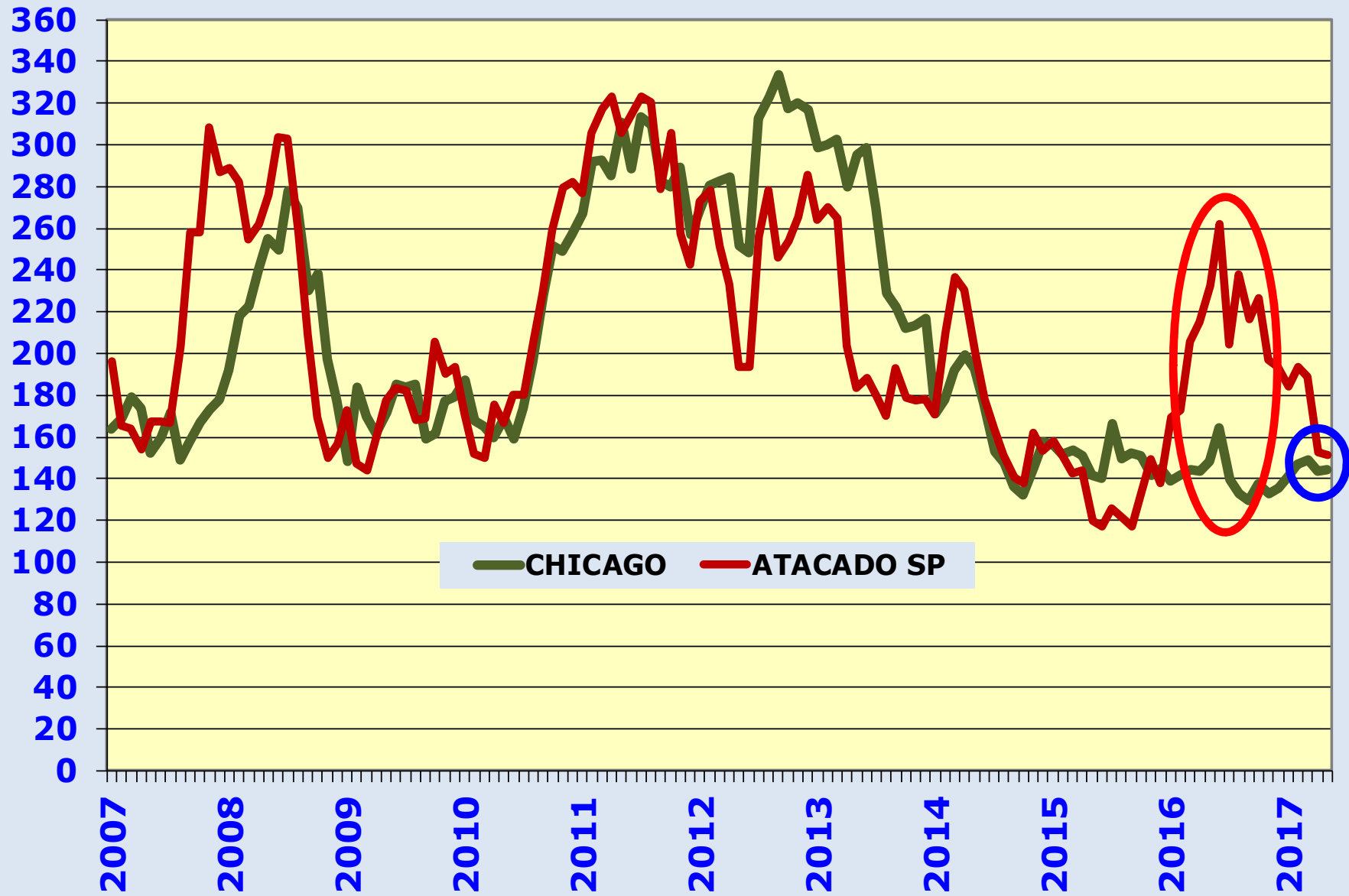
MILHO: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES NA BOLSA DE CHICAGO - US\$/BUSHEL



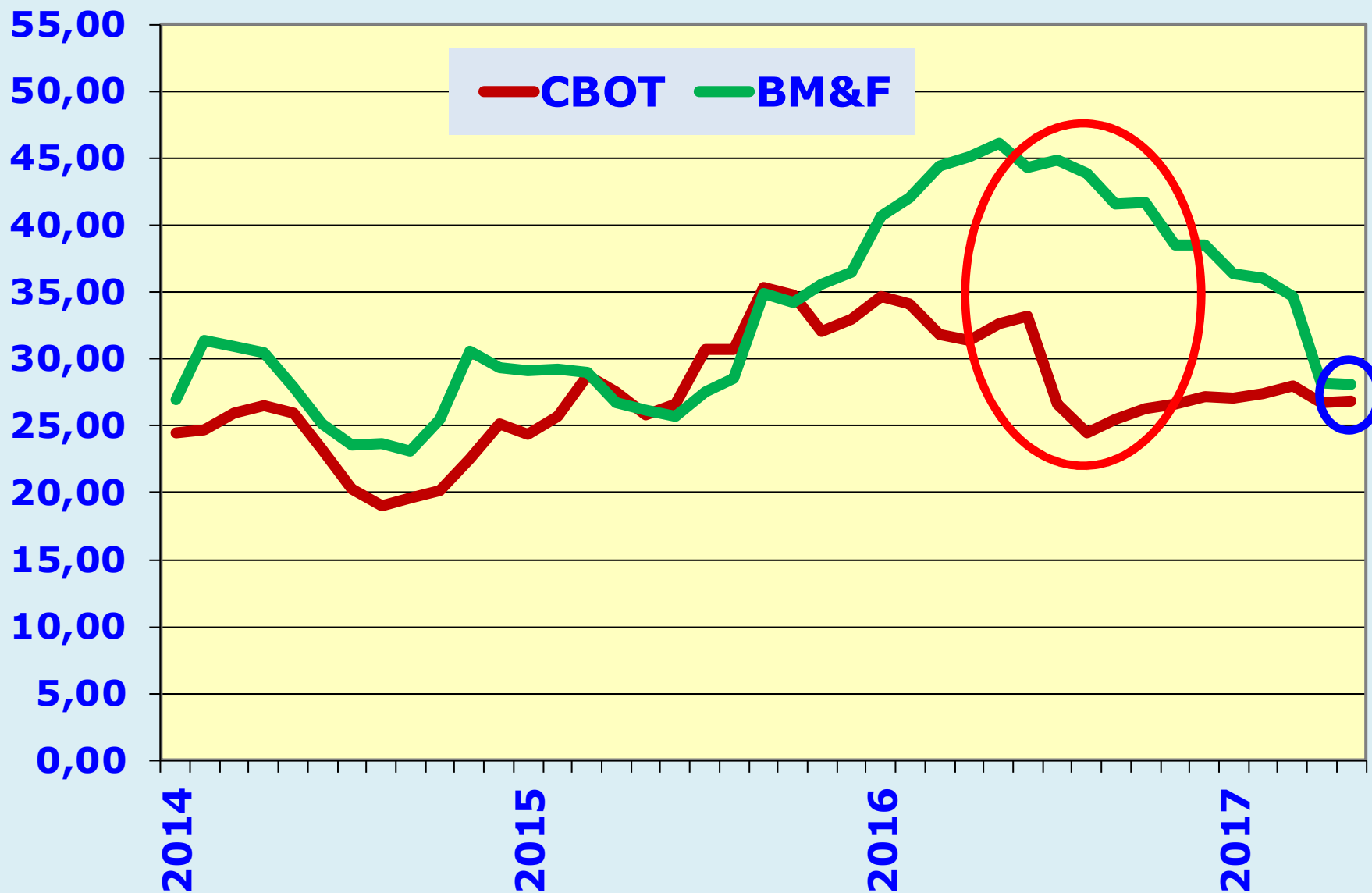
MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS FOB PORTOS BRASIL x ARGENTINA x EUA - US\$/T FOB



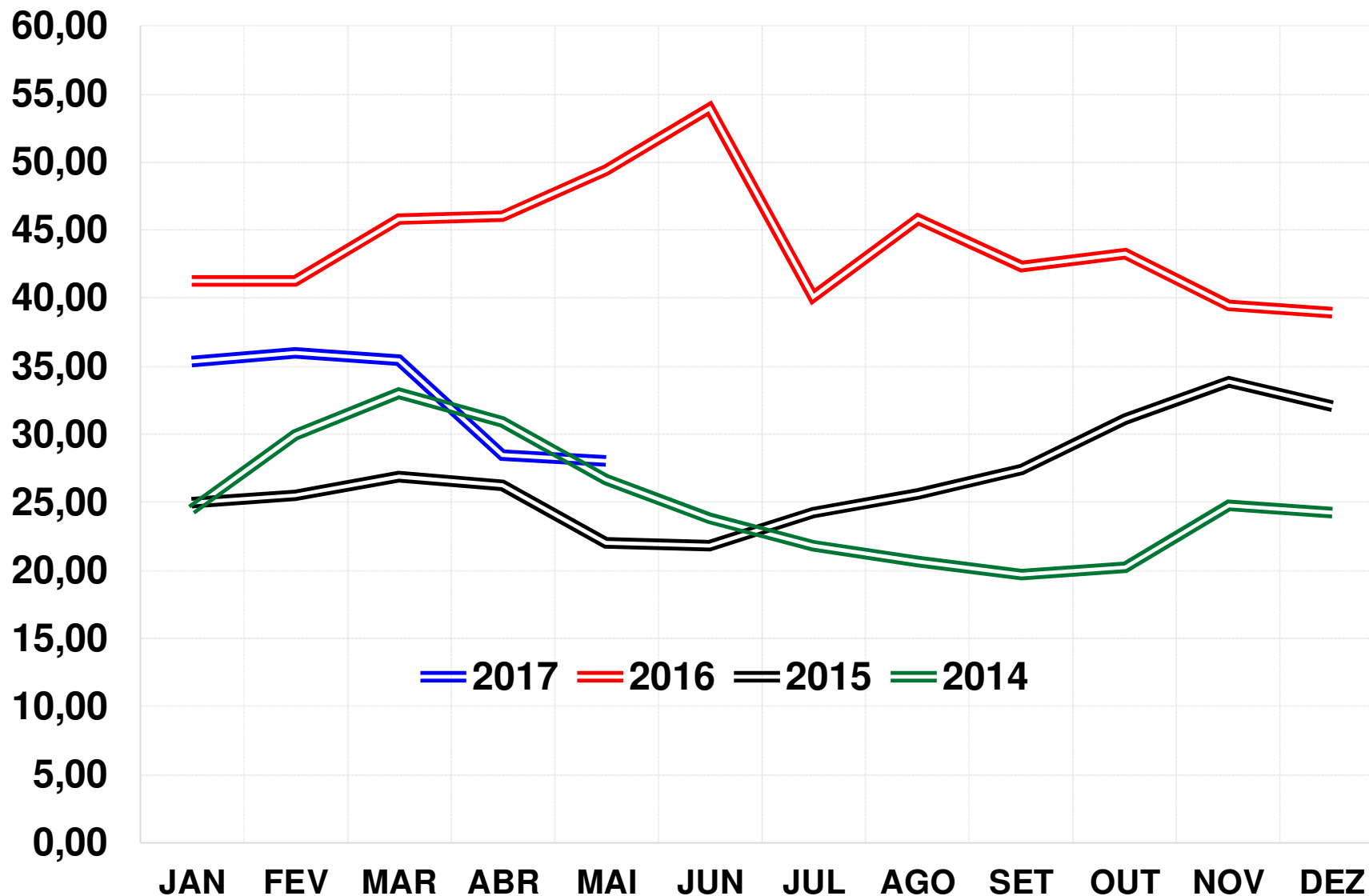
MILHO: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES NA BOLSA DE CHICAGO x ATACADO CIF SP - US\$/T



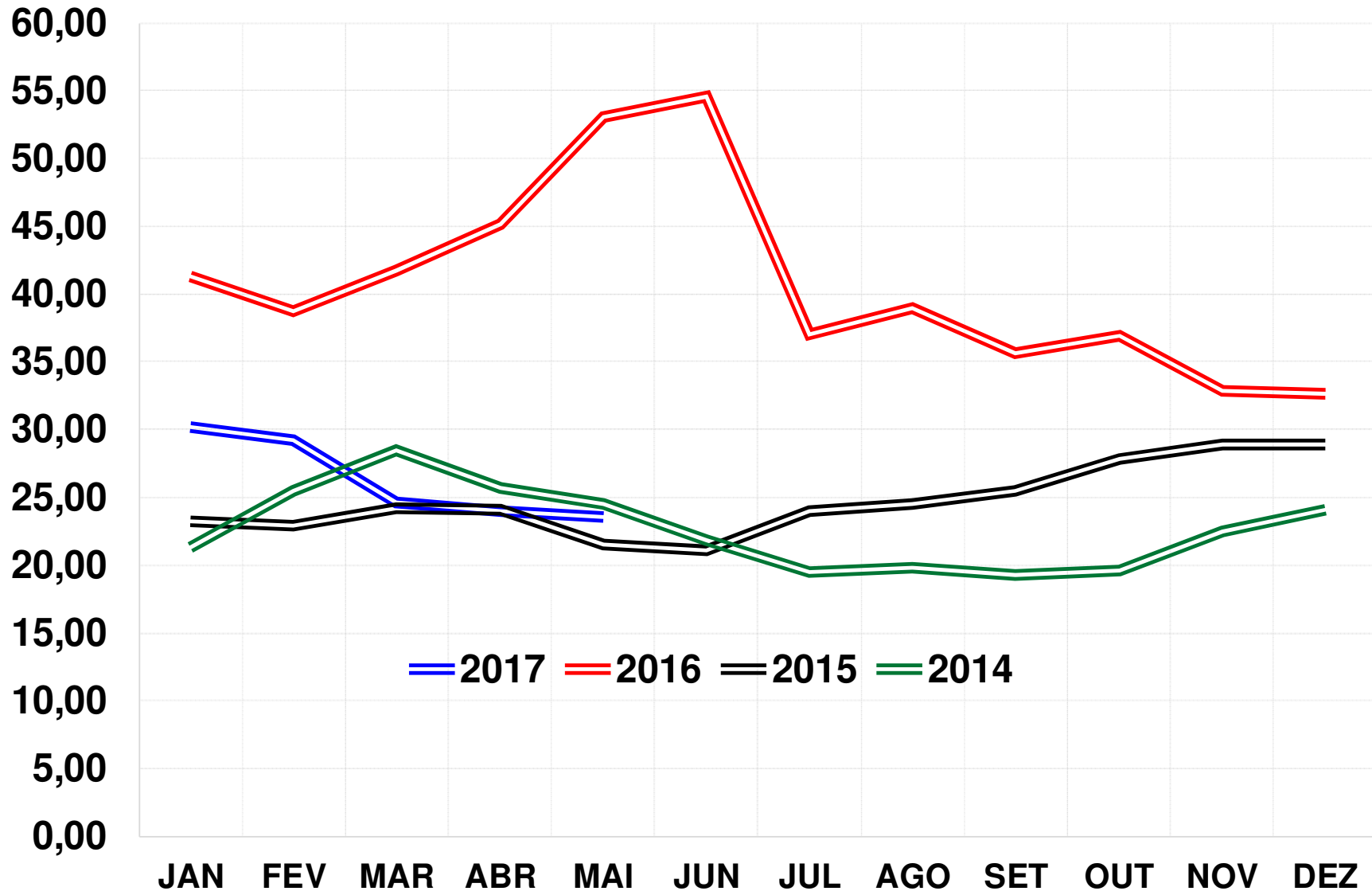
MILHO: COMPARATIVO DE PREÇOS CBOT x BM&F - 1ª ENTREGA - R\$/60 KG



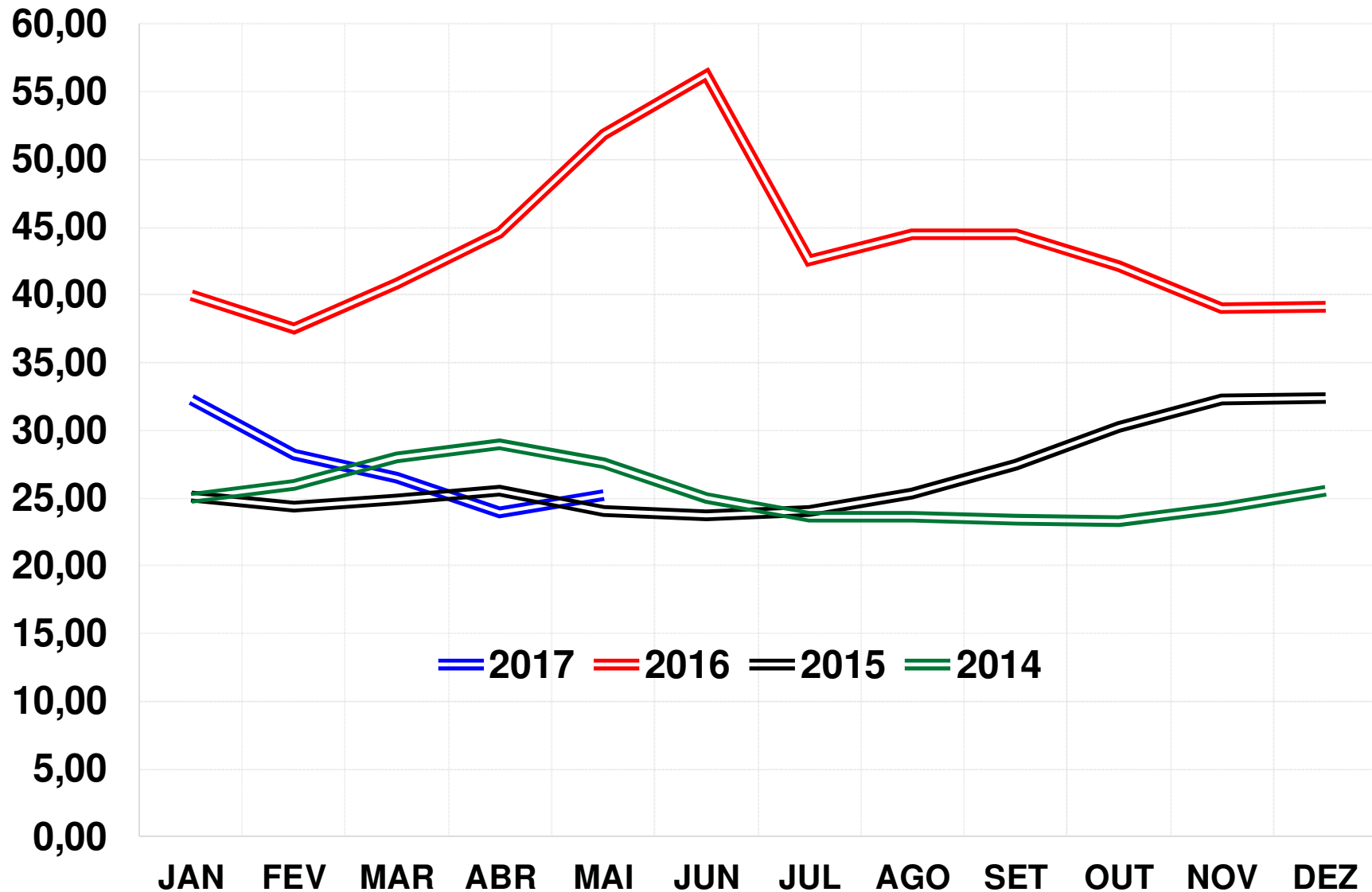
MILHO GRÃOS: PREÇO NO ATACADO CIF **SP** R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



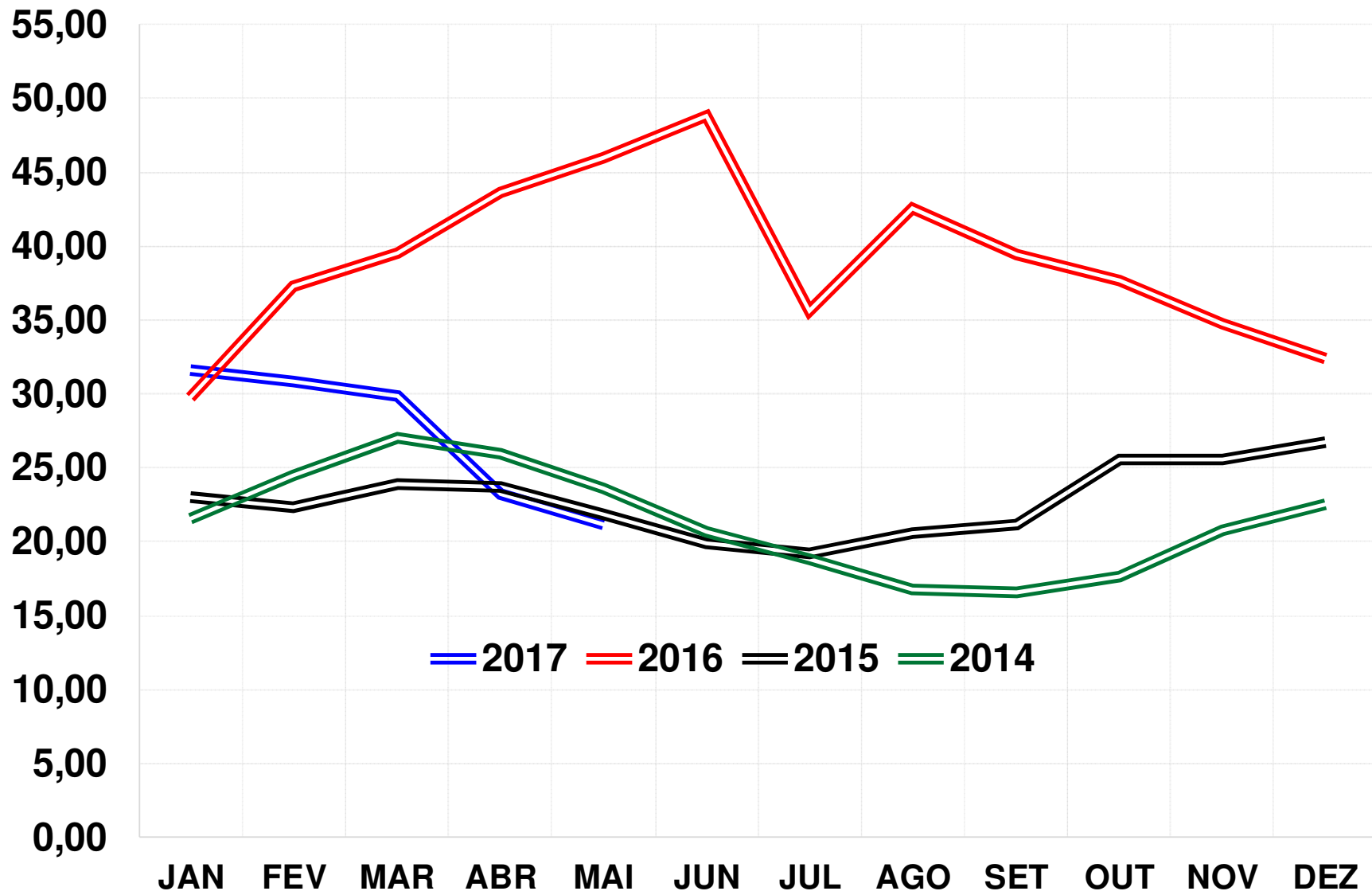
MILHO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB PR R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



MILHO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB **RS** R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



MILHO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB GO R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



CARLOS COGO
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



TRIGO

WWW.CARLOSCOGO.COM.BR

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A tendência é de alta para os preços do trigo em grãos e dos derivados nesta entressafra doméstica, que se acentua em maio e junho.
- Os preços de trigo pagos ao produtor estão em alta em muitas regiões.
- Além do período de entressafra, as cooperativas têm elevado os valores pagos pelo trigo, no intuito de estimular o produtor a semear o cereal neste ano-safra 2017 (ano comercial 2017-2018).
- Nos últimos sete dias, no mercado de balcão (ao produtor), os valores registram alta de 0,5% no Rio Grande do Sul e de 0,2% no Paraná.
- Quanto ao mercado de lotes (negociação entre empresas), o movimento de alta nos valores, que já vinha sendo observado há algumas semanas, segue firme em todo País.
- No geral, esse cenário está atrelado ao ritmo de mercado um pouco mais aquecido e, nos últimos sete dias, houve alta média de 0,9% tanto no Rio Grande do Sul quanto no Paraná.
- No Rio Grande do Sul, na região de Passo Fundo, especificamente, o aumento no preço chegou a 2,3%, o que sinaliza maior necessidade de compra por parte de moinhos da região.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Muitos demandantes adquirem trigo, inclusive, em outras regiões.
- Em São Paulo e em Santa Catarina, as negociações estão lentas, e os preços no mercado de lotes registram queda de 0,8% e 1,5%, respectivamente.
- Para a próxima safra 2017, a estimativa da nossa Consultoria é de redução de 9,1% na área de cultivo no Brasil, com recuos de 10% no Paraná, 10% no Rio Grande do Sul e 14% em Santa Catarina.
- A produção nacional de trigo em 2017 está estimada pela nossa Consultoria em 5,577 milhões de toneladas, forte redução de 17,1% frente à temporada anterior.
- Essas projeções, no entanto, ainda podem ser alteradas, conforme avançarem o cultivo e o desenvolvimento das lavouras.
- A importação está prevista em 6,2 milhões de toneladas entre agosto/2017 e julho/2018 (ano comercial 2017-2018), 6% abaixo das 6,6 milhões de toneladas estimadas na safra anterior, devido aos elevados estoques de passagens estimados para julho/2017, de 2,468 milhões de toneladas.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Conforme o relatório mensal de oferta e demanda mundial de Maio/2017, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a projeção é de produção mundial de trigo na safra 2016/2017 de 753,1 milhões de toneladas, aumento de 0,2% em relação ao volume projetado em abril.
- Este ajuste veio de novos dados para a União Europeia, onde a produção deve atingir 145,47 milhões de toneladas, ante as 144,66 milhões de toneladas do relatório anterior.
- Quanto às importações mundiais, considerando-se os seis maiores países compradores, a estimativa é de aumento de 0,3%, para 92,93 milhões de toneladas.
- Para a safra 2017/2018, a estimativa é de redução de 2% na produção global, para 737,8 milhões de toneladas.
- Com isso, a produção global de trigo deve superar a demanda pelo quinto ano consecutivo, gerando nova elevação dos estoques globais.
- Os estoques finais em 2017/2018 devem crescer para o recorde de 258,3 milhões de toneladas, equivalentes a 35,1% do consumo global.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A comercialização global deve cair 0,8%, somando 178,4 milhões de toneladas em 2017/2018.
- Quanto aos preços externos, os futuros de trigo oscilaram nos últimos sete dias nos Estados Unidos, mas acumulam baixa no período.
- O contrato Maio/2017 do trigo Soft Red Winter da Bolsa de Chicago registra queda de 0,6% nos últimos sete dias, cotado a US\$ 4,25 por bushel (US\$ 156,16 por tonelada).
- Na Bolsa de Kansas, o contrato Maio/2017 do trigo Hard Red Winter apresenta recuo de 2,1% em sete dias, cotado a US\$ 4,29 por bushel (US\$ 157,63 por tonelada).
- Entretanto, a indústria moageira brasileira avalia que ao longo deste ano pagará mais pela proteína quando importar trigo para suprir o déficit interno até a colheita da safra 2017.
- Por causa do clima adverso, os Estados Unidos devem colher uma safra do cereal de inverno (Hard Red Winter) de menor qualidade e essa perspectiva já se reflete na cotação do cereal com teor de proteína mais alto, ideal para a panificação.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A Argentina costuma abastecer os moinhos brasileiros no período de entressafra no Brasil, mas a oferta excedente da safra do ano passado é de trigo com proteína abaixo de 11,5%.
- Por isso, os moinhos, em especial os do Nordeste, buscarão nos Estados Unidos o trigo para compor o blend e pagarão mais por isso.
- Após as perdas de qualidade verificadas no Meio-Oeste dos Estados Unidos, aumentou a diferença de prêmios entre os trigos de 11%, 11,5% e 12% de proteína.
- O prêmio para o trigo com 12% de proteína a ser embarcado em julho, que era de US\$ 0,65 por bushel em meados de abril, passou para US\$ 1,30 dólar por bushel, ou US\$ 18,00 por tonelada, o dobro do prêmio pedido pelo trigo com 11,5% de proteína, de US\$ 9,00 por tonelada.
- A safra norte-americana 2016/2017 perdeu especialmente qualidade e, por isso, o mercado já está precificando a proteína.
- Nos próximos meses, haverá trigos caros para alta proteína e relativamente baratos para baixa proteína.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Em abril de 2017, o Brasil importou 460,8 mil toneladas, contra 455,9 mil toneladas em abril do ano passado.
- A maior parte veio da Argentina (371,0 mil toneladas), acima das 301,9 mil toneladas de abril do ano passado.
- Também foram fornecedores os Estados Unidos (45,6 mil toneladas ante 11,8 mil toneladas em 2016) e o Paraguai (44,2 mil toneladas ante 47,8 mil toneladas em 2016).
- Em abril do ano passado, o Uruguai enviou ao Brasil 94,4 mil toneladas, mas, neste ano, nada foi adquirido daquele país.
- Nos quatro meses deste ano, o volume importado de trigo chega a 2,125 milhões de toneladas, 15,3% acima das 1,843 milhão de toneladas dos quatro meses de 2016.
- Da Argentina veio a maior parte, 1,694 milhão de toneladas contra 1,128 milhão de toneladas em 2016.
- Os Estados Unidos vêm em seguida no fornecimento, com 190,6 mil toneladas, contra 102,7 mil toneladas no mesmo período de 2016.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- O Paraguai aparece na terceira colocação, com 178,6 mil toneladas, contra 399,5 mil toneladas.
- Do Uruguai, que forneceu 212,4 mil toneladas nos quatro meses de 2016, vieram apenas 28,0 mil toneladas neste ano.
- No primeiro quadrimestre de 2017, o Brasil importou do Canadá um total de 32,0 mil toneladas.
- Em 2016, não houve aquisição deste país no período.
- A despesa com a importação de trigo de janeiro a abril soma US\$ 384,8 milhões (preço FOB sem taxas, impostos ou outras despesas) contra US\$ 359,5 milhões nos quatro meses de 2016.
- Em farinha de trigo, o Brasil adquiriu no exterior em abril 31,4 mil toneladas, acima das 29,8 mil toneladas do ano anterior, gastando US\$ 9,157 milhões, contra US\$ 9,260 milhões.
- A Argentina enviou ao País 28,2 mil toneladas, contra 26,9 mil toneladas e, nos quatro meses, o volume chega 139,8 mil de toneladas, com despesa de US\$ 40,6 milhões, ante 107,0 mil toneladas e despesa de US\$ 33,4 milhões.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A maior parte da farinha importada veio da Argentina (124,3 mil toneladas este ano contra 95,7 mil toneladas em 2016).
- Quanto à exportação, o Brasil enviou ao exterior 556,0 mil toneladas de trigo nos quatro meses de 2017, contra 683,1 mil toneladas no mesmo período de 2016.
- A receita chegou a US\$ 91,90 milhões contra US\$ 110,401 milhões.
- Neste ano, a maior parte (250,4 mil toneladas) vendido teve como destino a Coreia do Sul, seguida do Vietnã, com 87,4 mil toneladas.
- No ano passado, Filipinas recebeu a maior parte, 214,0 mil toneladas, seguida do Vietnã, com 196,9 mil toneladas.
- Os embarques do trigo brasileiro desaceleraram em abril, foram 30,719 mil toneladas contra 92,416 mil toneladas.
- A receita foi de US\$ 5,538 milhões contra US\$ 14,852 milhões.
- Apenas a Argélia recebeu trigo do Brasil no mês passado.
- Em abril do ano passado, Filipinas e Estados Unidos compraram trigo do Brasil em volumes de 43,5 mil e 48,9 mil toneladas, respectivamente.

TRIGO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- No mercado interno de derivados de trigo, o ritmo de negócios envolvendo farinhas aumentou nos últimos dias, elevando os preços desse derivado.
- Nos últimos sete dias, as farinhas para massas frescas, bolacha salgada e bolacha doce registram valorização de 0,91%, 0,12% e 0,10%.
- As farinhas para massas em geral, pré-mix e panificação apresentam desvalorização de 0,83%, 0,22% e 0,11%, na mesma ordem.
- Quanto ao farelo de trigo, as vendas estão se aquecendo, devido à maior demanda.
- Nos últimos sete dias, há registro de aumento de 0,91% nos preços para o farelo a granel, mas estabilidade para o ensacado.
- A tendência é de alta dos preços do trigo em grãos e dos derivados no curto e no médio prazo, diante da alta das cotações internacionais do produto com alto teor de proteína, dependência de importações para garantir o suprimento da entressafra e da baixa disponibilidade de lotes de boa qualidade remanescentes da safra brasileira de 2016.

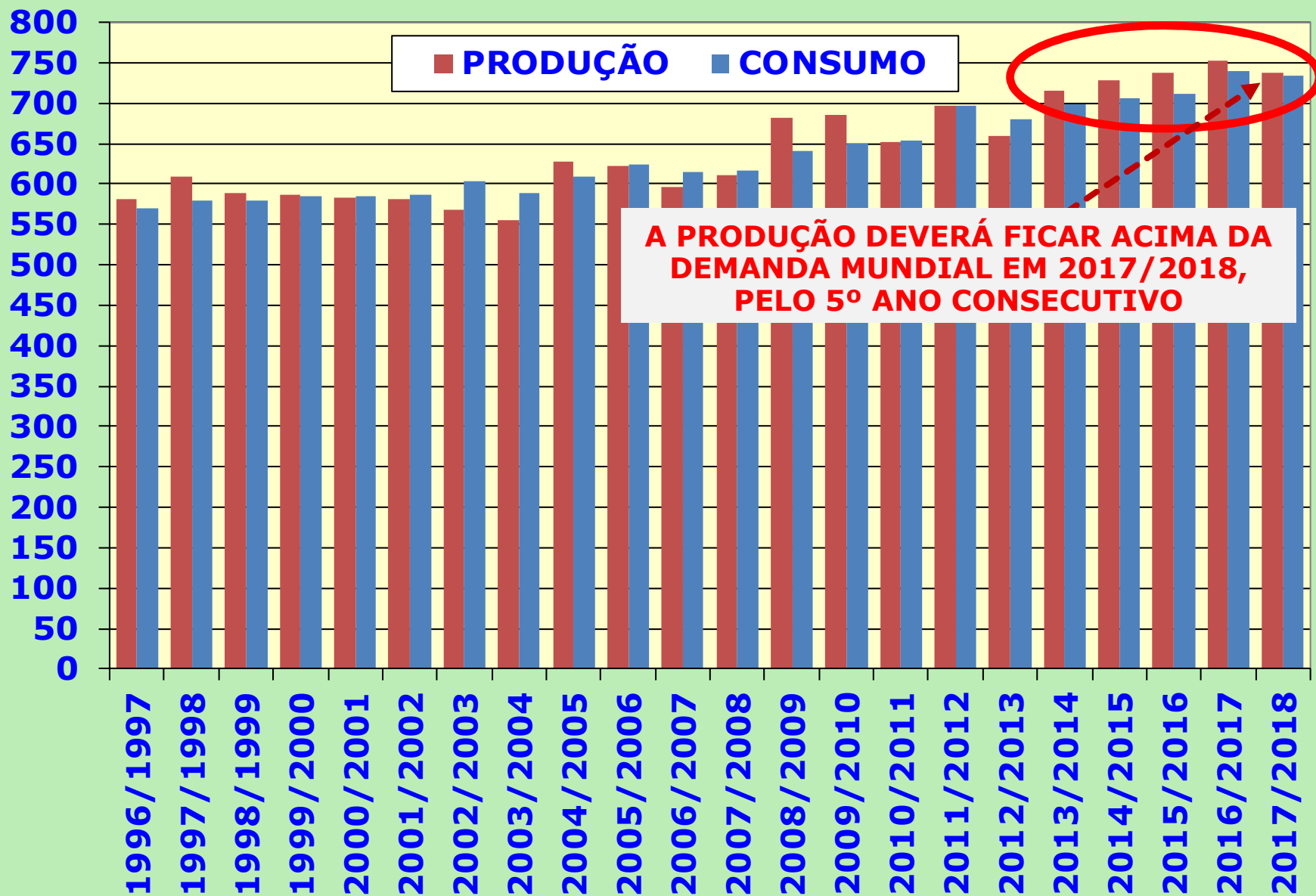
TRIGO: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL

SAFRA	ÁREA DE CULTIVO milhões ha	PRODUTIVIDADE MÉDIA Kg/hectare	PRODUÇÃO MUNDIAL milhões t	COMÉRCIO GLOBAL milhões t	CONSUMO RAÇÕES milhões t	CONSUMO TOTAL milhões t	ESTOQUES FINAIS milhões t	ESTOQUES/ CONSUMO %
1980/1981	237,1	1.840	436,3	93,2	91,2	444,1	113,8	25,6%
1981/1982	239,0	1.862	445,1	100,5	90,6	445,1	113,7	25,5%
1982/1983	237,7	1.989	472,8	97,7	92,8	455,6	131,1	28,8%
1983/1984	229,3	2.113	484,4	101,2	95,6	469,0	146,4	31,2%
1984/1985	231,7	2.196	509,0	104,7	99,9	486,3	169,1	34,8%
1985/1986	229,9	2.153	494,9	83,6	97,2	485,0	179,0	36,9%
1986/1987	227,9	2.299	524,1	89,7	113,2	511,4	191,7	37,5%
1987/1988	219,7	2.257	496,0	114,1	113,6	530,1	157,6	29,7%
1988/1989	217,4	2.277	495,0	104,3	104,0	518,6	134,0	25,8%
1989/1990	225,8	2.361	533,2	103,8	103,7	531,0	136,1	25,6%
1990/1991	231,4	2.542	588,1	101,1	130,1	553,7	170,5	30,8%
1991/1992	222,5	2.440	542,9	111,2	113,8	550,9	162,5	29,5%
1992/1993	222,9	2.522	562,1	113,1	110,9	549,2	175,6	32,0%
1993/1994	221,9	2.517	558,6	101,7	108,3	553,8	180,5	32,6%
1994/1995	214,5	2.443	524,0	101,5	99,6	544,3	160,2	29,4%
1995/1996	218,7	2.462	538,4	99,1	90,7	545,5	153,0	28,1%
1996/1997	230,0	2.530	582,0	100,2	97,7	570,2	164,8	28,9%
1997/1998	228,1	2.675	610,1	104,3	101,8	579,4	195,5	33,7%
1998/1999	225,2	2.618	589,7	102,0	103,5	579,1	206,1	35,6%
1999/2000	216,6	2.706	586,0	112,8	99,3	585,2	207,0	35,4%
2000/2001	219,4	2.660	583,7	102,8	106,4	585,7	205,0	35,0%
2001/2002	215,6	2.697	581,6	108,1	107,9	586,3	201,0	34,3%
2002/2003	213,7	2.656	567,7	110,1	112,6	604,1	166,1	27,5%
2003/2004	210,6	2.633	554,6	104,5	96,7	588,8	132,7	22,5%
2004/2005	218,9	2.872	628,6	111,1	106,6	610,0	151,2	24,8%
2005/2006	218,8	2.840	621,5	116,2	111,3	624,4	147,7	23,6%
2006/2007	215,3	2.767	595,6	111,6	106,2	615,2	128,2	20,8%
2007/2008	217,2	2.810	610,4	117,2	96,3	616,9	123,3	20,0%
2008/2009	225,6	3.024	682,2	143,7	117,9	641,5	166,7	26,0%
2009/2010	225,6	3,039	685,6	135,8	117,7	650,2	200,8	30,9%
2010/2011	218,3	3,192	652,2	132,9	116,1	654,7	198,9	28,5%
2011/2012	221,7	2,942	697,0	157,8	146,9	697,1	198,9	30,4%
2012/2013	221,3	2,977	658,7	137,4	137,0	680,0	175,6	25,8%
2013/2014	219,6	3,255	714,9	165,9	126,5	697,9	193,9	27,8%
2014/2015	221,7	3,284	728,1	164,5	131,6	705,4	217,6	30,8%
2015/2016	225,0	3,276	737,0	172,9	136,5	712,1	242,4	34,0%
2016/2017	225,0	3,347	753,1	179,7	147,5	740,2	255,4	34,5%
2017/2018	224,6	3,285	737,8	178,4	138,5	734,9	258,3	35,1%
% 18/17	-0,2%	-1,9%	-2,0%	-0,8%	-6,1%	-0,7%	1,2%	1,9%

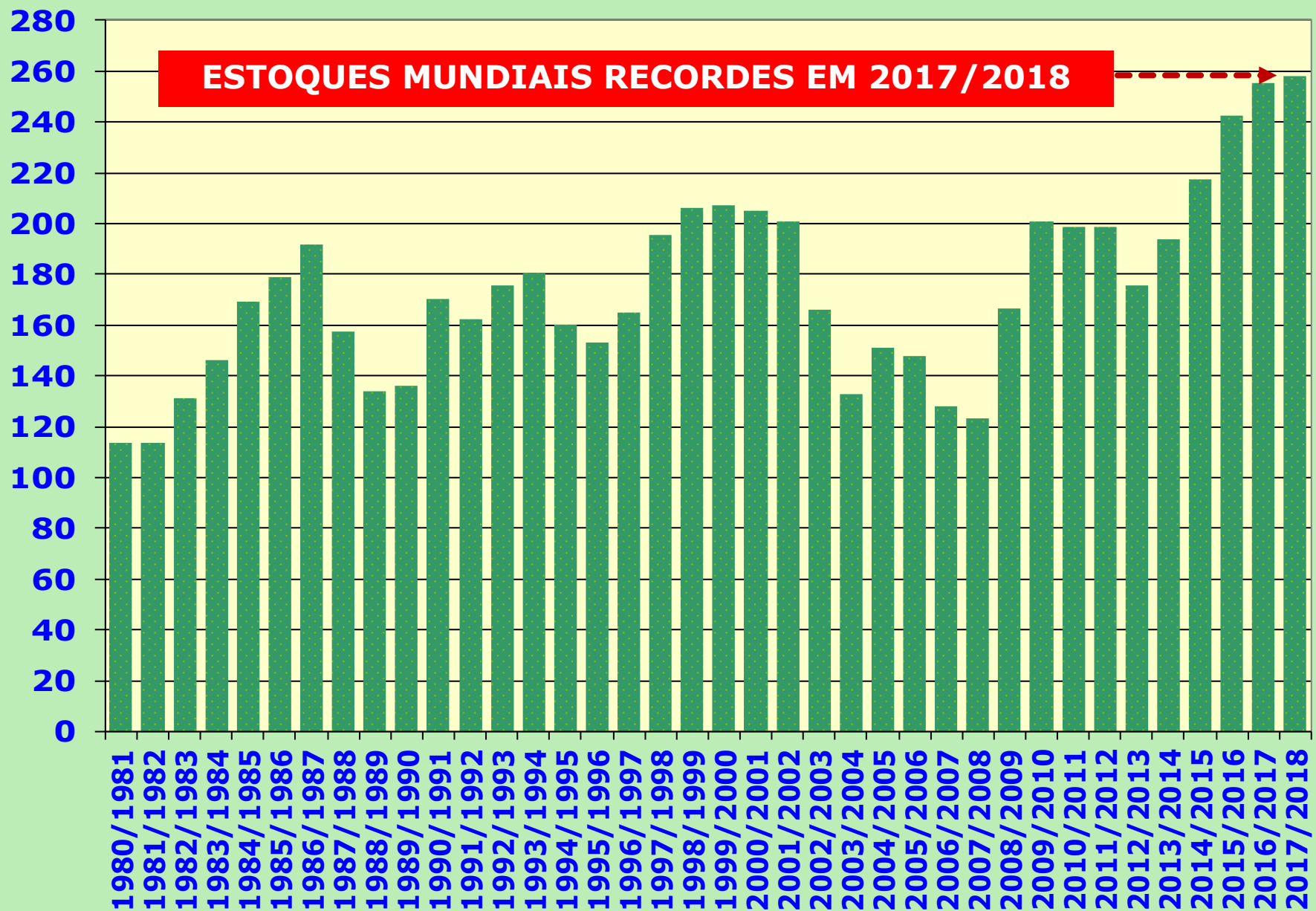
Fonte: USDA MAIO/2017

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

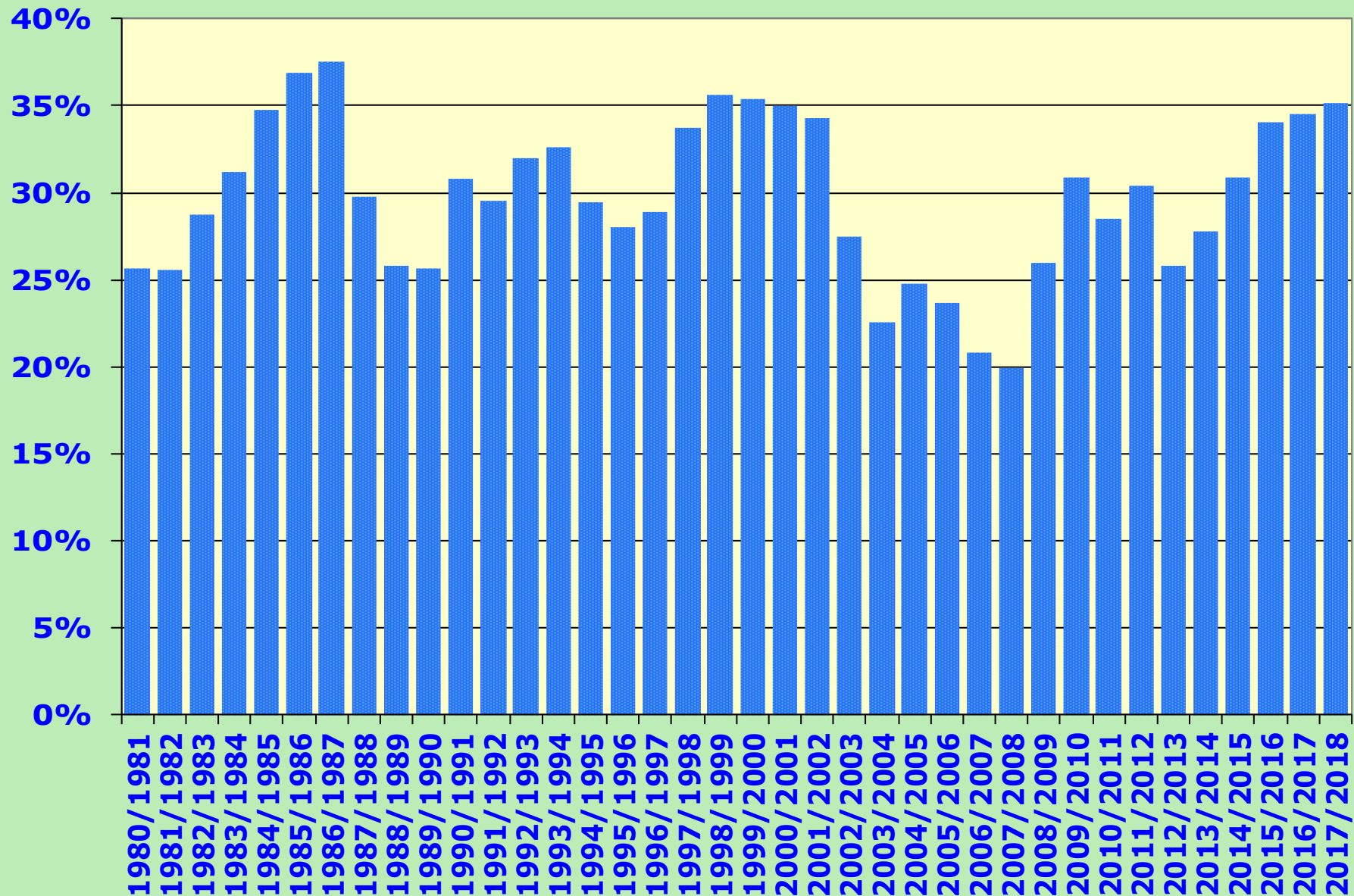
TRIGO: PRODUÇÃO x CONSUMO MUNDIAL MILHÕES DE TONELADAS



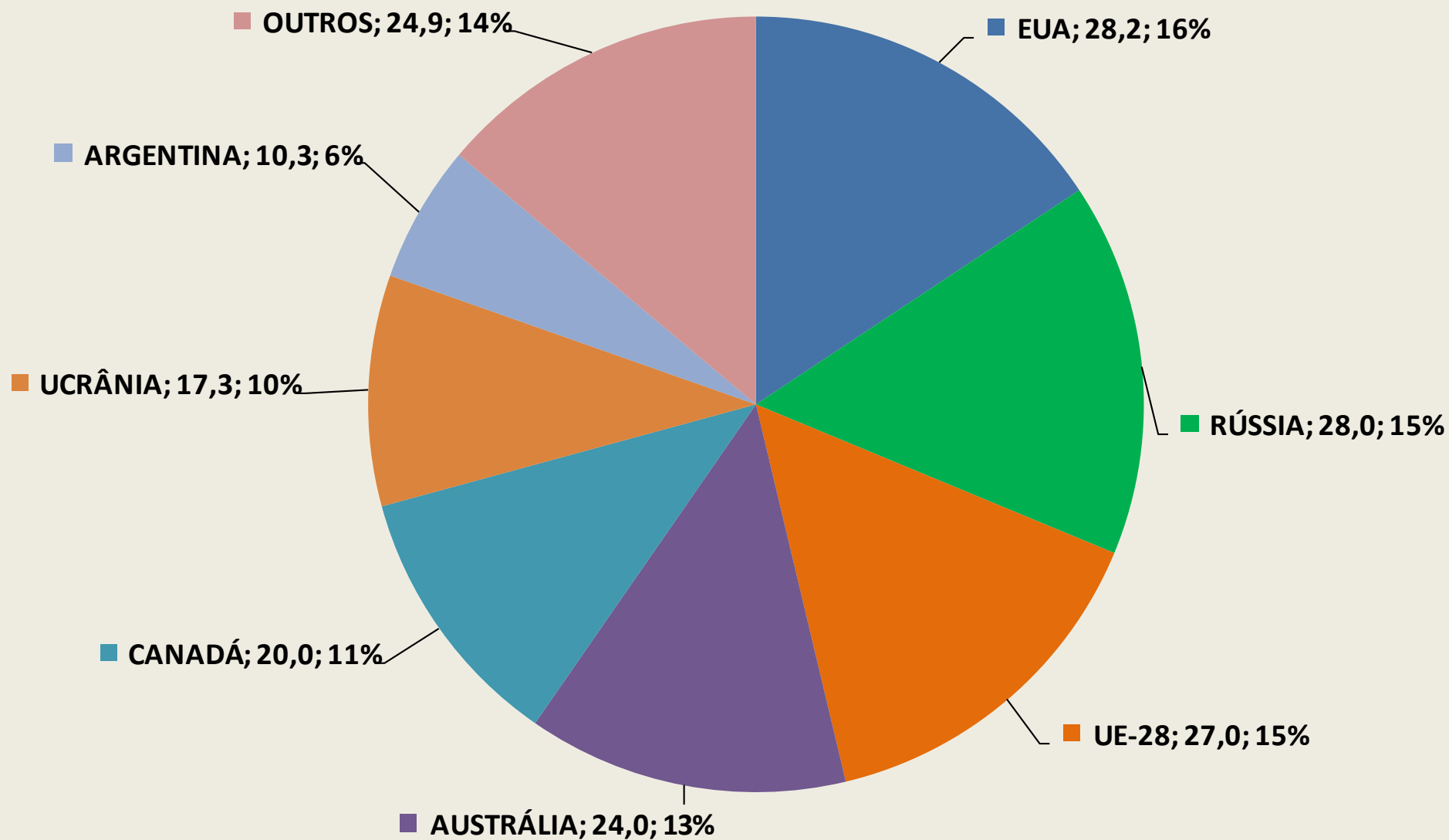
TRIGO: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS



TRIGO: RELAÇÃO ENTRE ESTOQUES FINAIS E DEMANDA MUNDIAL (%)



TRIGO: PRINCIPAIS EXPORTADORES MUNDIAIS 2016/2017 - MILHÕES DE T E %



TRIGO: OFERTA E DEMANDA MERCOSUL 2016/2017

MILHÕES DE TONELADAS

ITEM	BRA	ARG	URU	PAR	TOTAL
ESTOQUES INICIAIS	809,3	850,0	299,0	136,0	2.094,3
PRODUÇÃO	6.726,8	16.300,0	821,0	1.180,0	25.027,8
OFERTA TOTAL	7.536,1	17.150,0	1.120,0	1.316,0	27.122,1
CONSUMO INTERNO	10.917,3	6.380,0	445,0	460,0	18.202,3
EXPORTAÇÕES	750,0	10.300,0	650,0	500,0	12.200,0
DEMANDA TOTAL	11.667,3	16.680,0	1.095,0	960,0	30.402,3
DÉFICIT/SUPERÁVIT	-4.131,2	470,0	25,0	356,0	-3.280,2
IMPORTAÇÕES	6.600,0	0,0	25,0	5,0	6.630,0
ESTOQUES FINAIS	2.468,8	470,0	50,0	361,0	3.349,8
ESTOQUES (DIAS CONSUMO)	83	27	41	286	67

ESTIMATIVA: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ARGENTINA: OFERTA E DEMANDA DE TRIGO

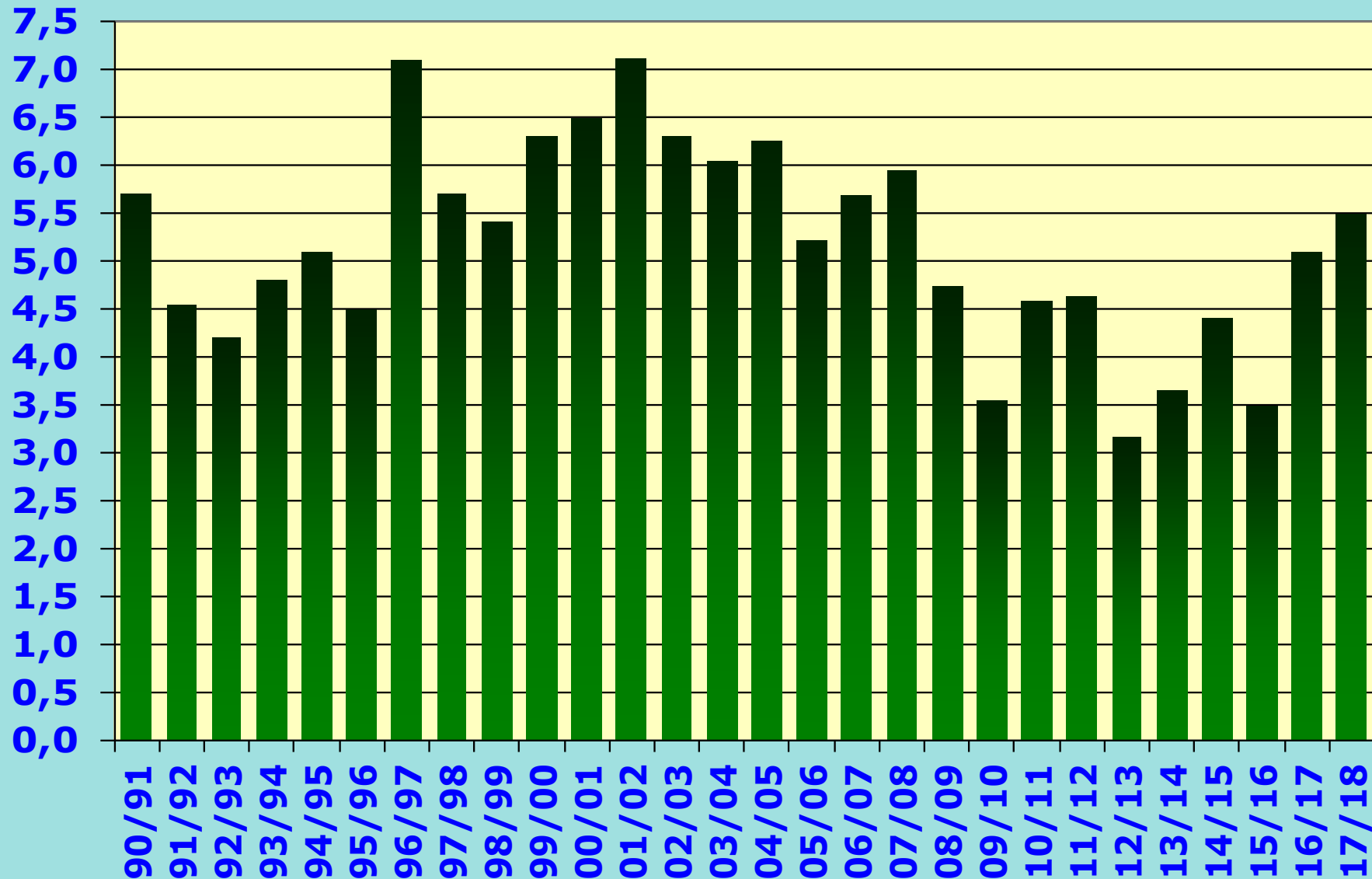
DEZEMBRO A NOVEMBRO

ANO SAFRA	ESTOQUES INICIAIS MILHÕES T	ÁREA DE CULTIVO MILHÕES HA	RENDIMENTO MÉDIO EM KG/HA	PRODUÇÃO EM MILHÕES T	OFERTA TOTAL MILHÕES T	DEMANDA EM MILHÕES T			EXPORTAÇÕES EM MILHÕES T	ESTOQUES FINAIS MILHÕES T
						SEMENTES/RAÇÕES	MOAGEM	TOTAL		
90/91	6,01	5,700	2.000	11,40	17,41	0,20	4,30	5,00	5,60	6,81
91/92	6,81	4,550	2.154	9,80	16,61	0,10	4,00	4,50	5,80	6,31
92/93	6,31	4,200	2.405	10,10	16,41	0,10	4,00	4,60	5,90	5,91
93/94	5,91	4,800	2.167	10,40	16,31	0,30	4,20	5,00	5,00	6,31
94/95	6,31	5,100	2.216	11,30	17,61	0,15	4,30	4,31	7,32	5,98
95/96	5,98	4,500	1.911	8,60	14,58	0,15	4,50	4,17	4,48	5,93
96/97	5,93	7,100	2.239	15,90	21,83	0,01	4,40	4,90	10,20	6,74
97/98	6,74	5,702	2.760	15,74	22,48	0,01	4,70	4,80	11,15	6,53
98/99	6,53	5,399	2.463	13,30	19,83	0,02	4,60	4,87	8,56	6,41
99/00	6,41	6,300	2.603	16,40	22,81	0,08	4,50	4,93	11,59	6,29
00/01	6,29	6,497	2.457	15,96	22,25	0,08	4,50	4,99	11,27	5,99
01/02	5,99	7,109	2.152	15,30	21,29	0,05	4,50	4,75	10,80	5,74
02/03	5,74	6,300	1.953	12,30	18,04	0,05	4,60	5,16	6,76	6,12
03/04	6,12	6,040	2.411	14,56	20,68	0,05	4,80	5,23	9,41	6,05
04/05	6,05	6,260	2.549	15,96	22,00	0,08	4,93	5,01	11,83	5,16
05/06	5,16	5,222	2.408	12,57	17,74	0,08	4,80	5,00	8,50	4,24
06/07	4,24	5,676	2.572	14,60	18,84	0,08	4,80	4,90	9,51	4,43
07/08	4,43	5,948	2.749	16,35	20,78	0,08	5,05	5,13	8,91	6,74
08/09	6,74	4,732	1.769	8,37	15,11	0,08	5,00	5,08	3,10	6,93
09/10	6,93	3,552	2.534	9,00	15,93	0,53	6,28	6,81	3,73	5,39
10/11	5,39	4,577	3.474	15,90	21,29	0,46	6,60	7,06	7,75	6,48
11/12	6,48	4,628	3.133	14,50	20,98	0,40	6,30	6,70	11,40	2,88
12/13	2,88	3,162	2.530	8,00	10,88	0,40	5,50	5,90	3,10	1,88
13/14	1,88	3,648	2.519	9,19	11,07	0,40	6,00	6,40	1,75	2,92
14/15	2,92	4,400	2.727	12,00	14,92	0,40	5,81	6,21	4,71	4,00
15/16	4,00	3,500	3.114	10,90	14,90	0,50	5,39	5,89	8,16	0,85
16/17	0,85	5,100	3.196	16,30	17,15	0,50	5,88	6,38	10,30	0,47
17/18	0,47	5,500	3.182	17,50	17,97	0,50	5,88	6,38	11,00	0,59
VAR. 17/16	-79%	46%	3%	50%	15%	0%	9%	8%	26%	-45%
VAR. 18/17	-45%	8%	0%	7%	5%	0%	0%	0%	7%	26%

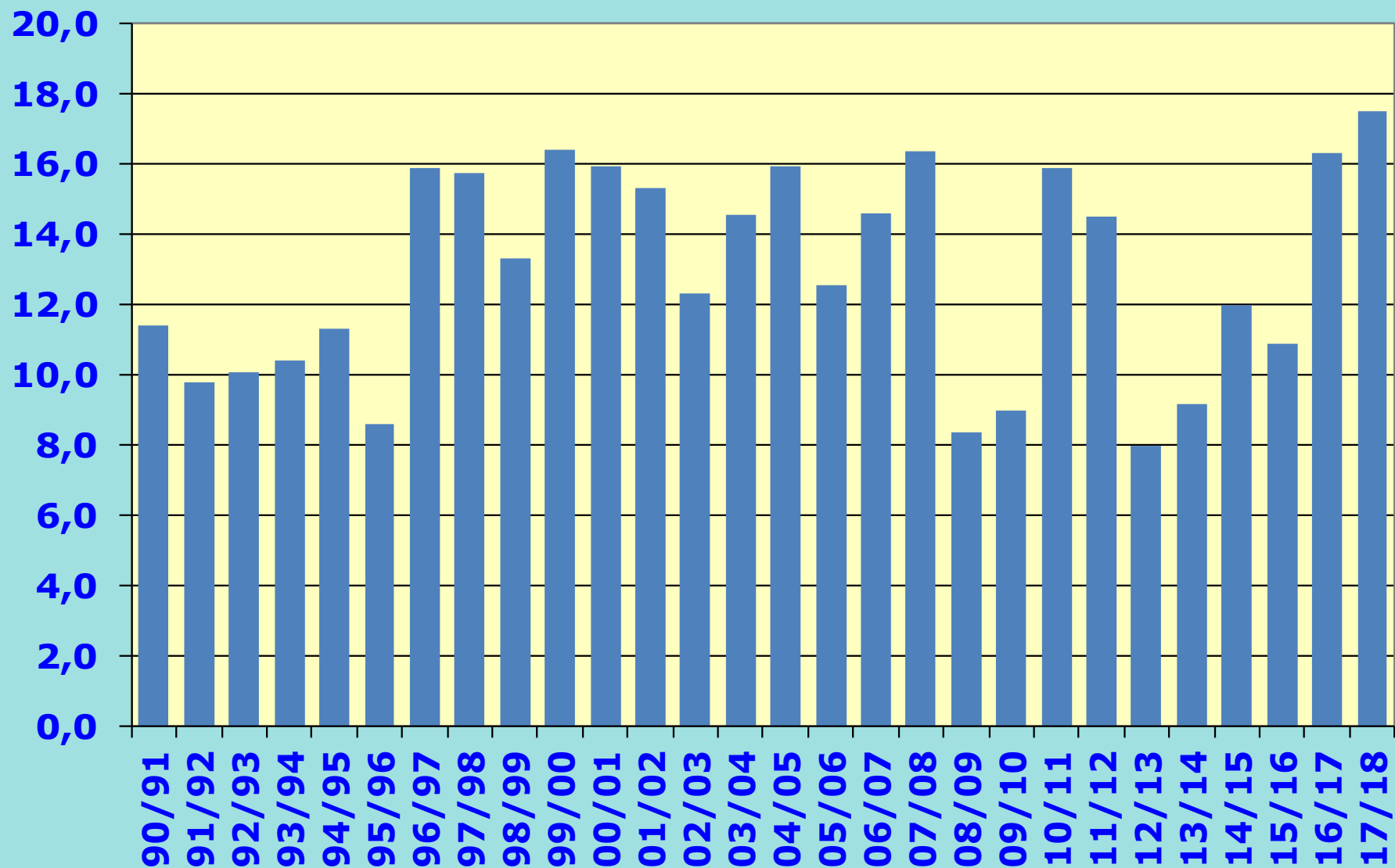
Fontes: Agritrend Consultoria e Bolsa Cereais de Buenos Aires

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA www.carloscogo.com.br

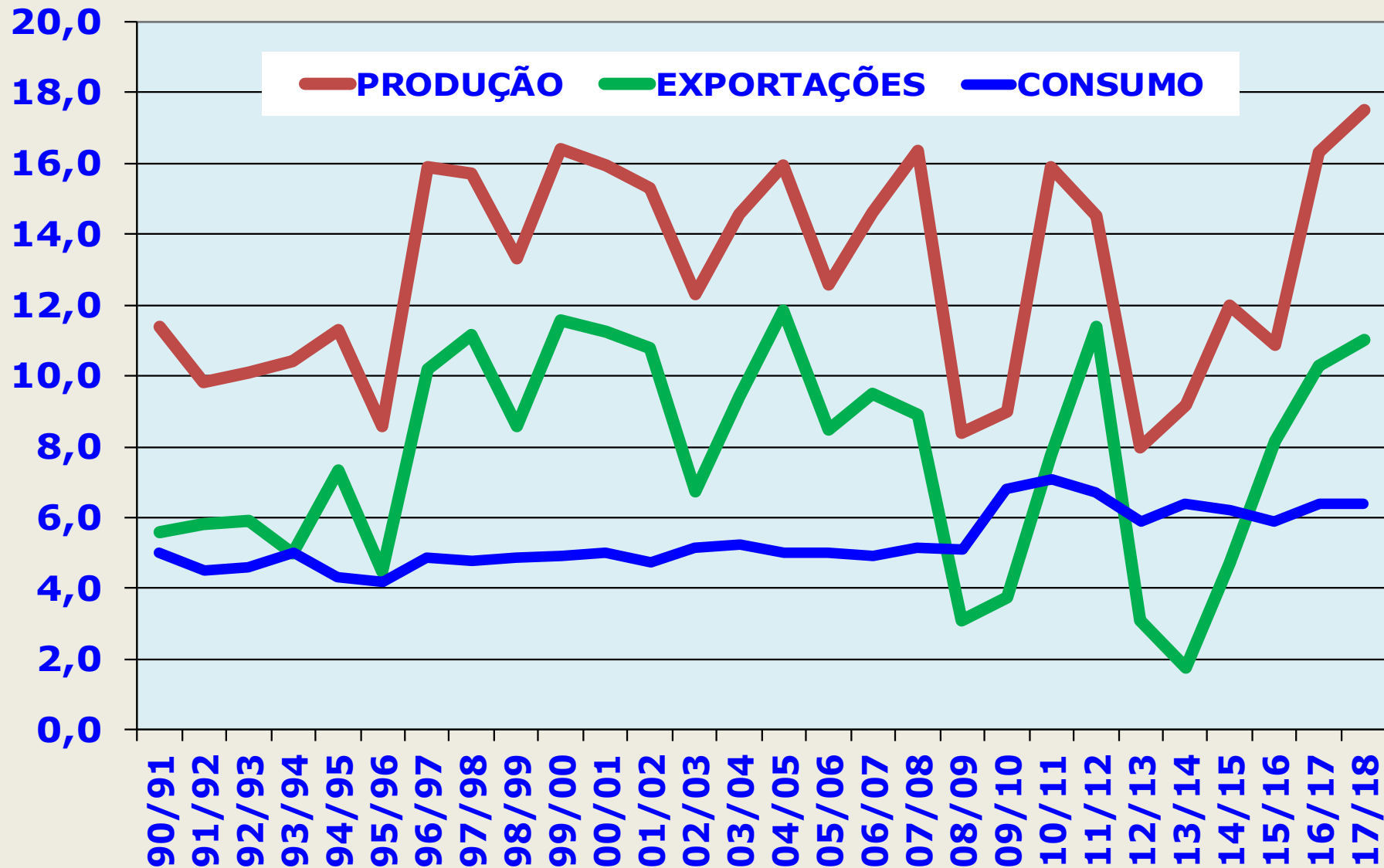
TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NA ARGENTINA EM MILHÕES DE HECTARES



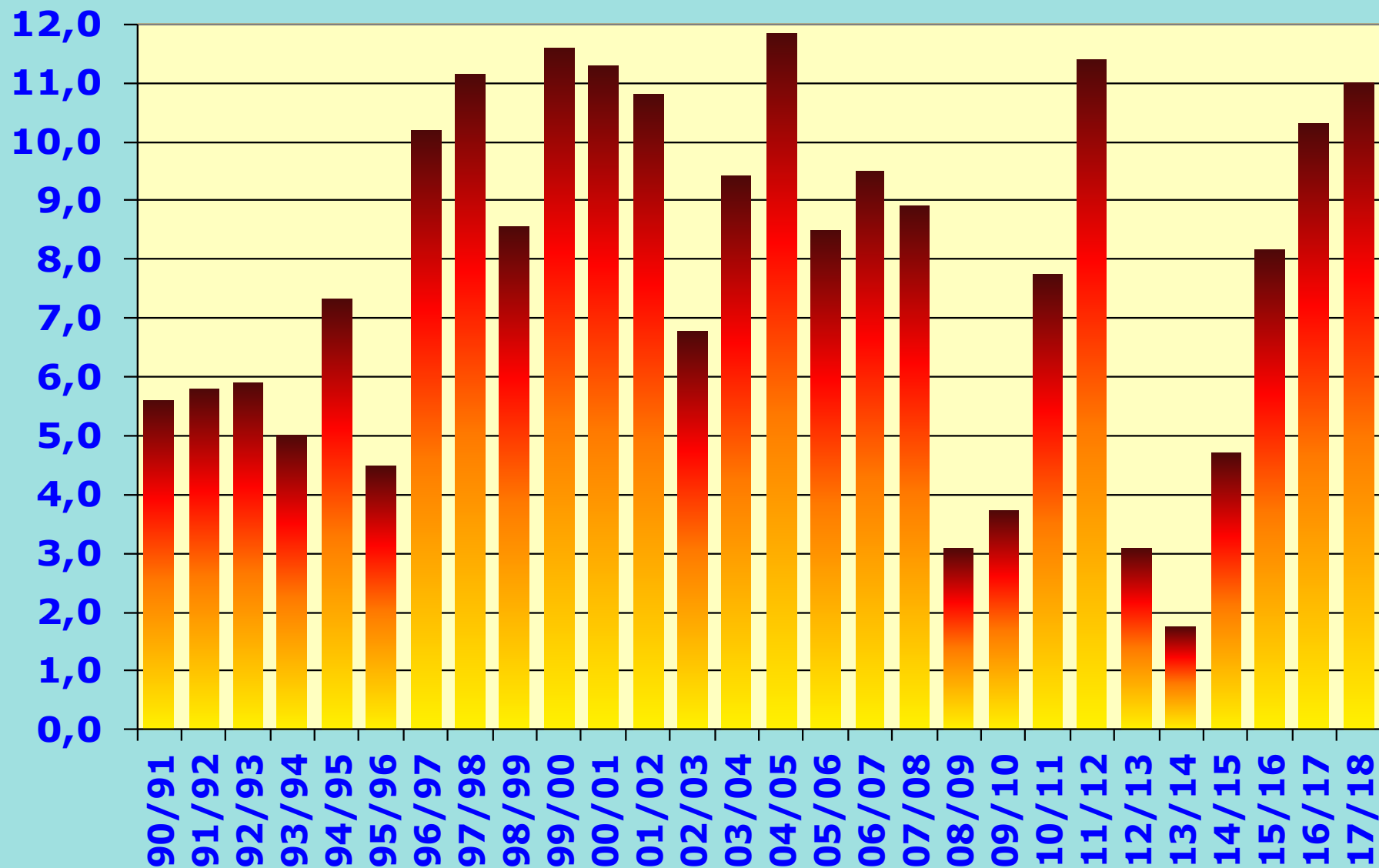
ARGENTINA: PRODUÇÃO DE TRIGO MILHÕES DE TONELADAS



ARGENTINA: PRODUÇÃO, CONSUMO E EXPORTAÇÕES DE TRIGO - MILHÕES T



ARGENTINA: EXPORTAÇÕES DE TRIGO MILHÕES DE TONELADAS



TRIGO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

EM MIL TONELADAS ANO COMERCIAL AGOSTO-JULHO

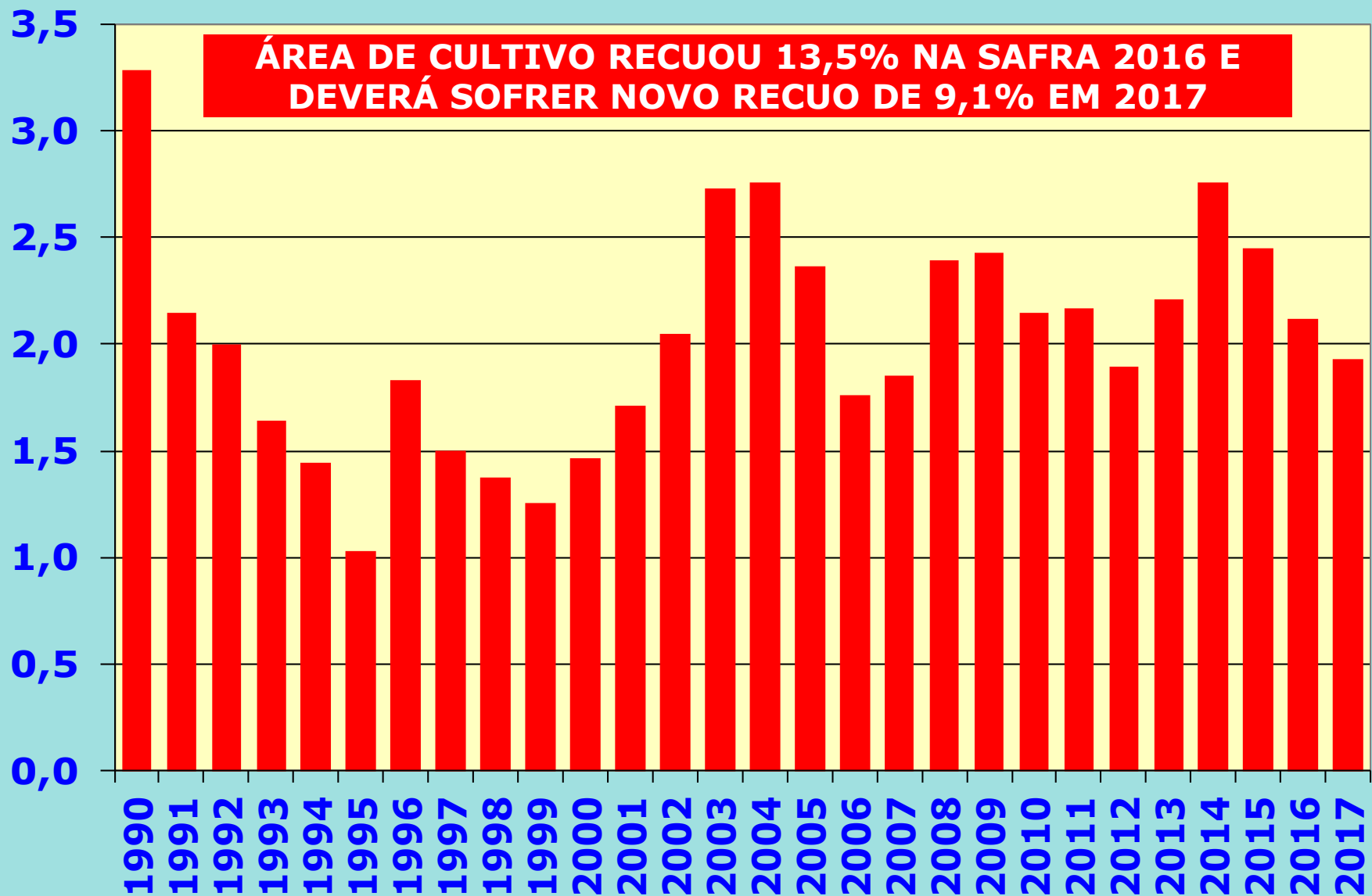
ANO PLANTIO	ANO COMERCIAL	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO	IMPORTAÇÕES	OFERTA TOTAL	EXPORTAÇÕES	DEMANDA INTERNA	ESTOQUES FINAIS
1990	1990/1991	1.444,8	3.304,0	2.522,0	7.270,8	0,0	6.660,0	610,8
1991	1991/1992	610,8	3.077,8	3.549,0	7.237,6	0,0	6.765,0	472,6
1992	1992/1993	472,6	2.739,2	4.000,0	7.211,8	0,0	7.017,0	194,8
1993	1993/1994	194,8	2.051,8	5.300,0	7.546,6	0,0	7.432,0	114,6
1994	1994/1995	114,6	2.137,8	6.512,0	8.764,4	0,0	7.848,0	916,4
1995	1995/1996	916,4	1.524,3	5.700,0	8.140,7	0,0	8.000,0	140,7
1996	1996/1997	140,7	3.197,5	5.542,0	8.880,2	0,0	8.205,0	675,2
1997	1997/1998	675,2	2.406,9	6.190,3	9.272,4	0,0	8.821,5	450,9
1998	1998/1999	450,9	2.187,7	7.139,3	9.777,9	0,0	9.340,0	437,9
1999	1999/2000	437,9	2.402,8	7.718,1	10.558,8	2,3	9.988,8	567,7
2000	2000/2001	567,7	1.658,4	7.632,4	9.858,5	1,3	9.338,7	518,5
2001	2001/2002	518,5	3.194,2	7.055,4	10.768,1	4,7	10.059,2	704,2
2002	2002/2003	704,2	2.913,9	6.853,2	10.471,3	5,0	9.851,5	614,8
2003	2003/2004	614,8	6.073,5	5.373,8	12.062,1	1.373,3	9.642,0	1.046,8
2004	2004/2005	1.046,8	5.845,9	4.971,2	11.863,9	3,5	9.803,0	2.057,4
2005	2005/2006	2.057,4	4.873,1	5.844,2	12.774,7	784,9	10.231,0	1.758,8
2006	2006/2007	1.758,8	2.233,7	7.164,1	11.156,6	19,7	9.600,0	1.536,9
2007	2007/2008	1.536,9	4.097,1	5.926,4	11.560,4	746,7	9.618,0	1.195,7
2008	2008/2009	1.195,7	5.884,0	5.676,4	12.756,1	351,4	9.398,0	3.006,7
2009	2009/2010	3.006,7	5.026,2	5.922,2	13.955,1	1.170,4	9.614,2	3.170,5
2010	2010/2011	2.879,7	5.881,6	5.798,4	14.559,7	2.515,9	9.842,4	2.201,4
2011	2011/2012	2.201,4	5.788,6	6.011,8	14.001,8	1.901,0	10.144,9	1.955,9
2012	2012/2013	1.955,9	4.379,5	7.010,2	13.345,6	1.683,8	10.134,3	1.527,5
2013	2013/2014	1.527,5	5.527,9	6.642,4	13.697,8	47,4	11.381,5	2.268,9
2014	2014/2015	2.268,9	5.971,1	5.328,8	13.568,8	1.680,5	10.713,7	1.174,6
2015	2015/2016	1.174,6	5.534,9	5.517,6	12.227,1	1.050,5	10.367,3	809,3
2016	2016/2017	809,3	6.726,8	6.600,0	14.136,1	750,0	10.917,3	2.468,8
2017	2017/2018	2.468,8	5.577,6	6.200,0	14.246,4	800,0	10.993,0	2.453,4
VAR. 2018/2017		205%	-17%	-6%	1%	7%	1%	-1%

* ANO COMERCIAL 2017/2018: AGOSTO DE 2017 A JULHO DE 2018

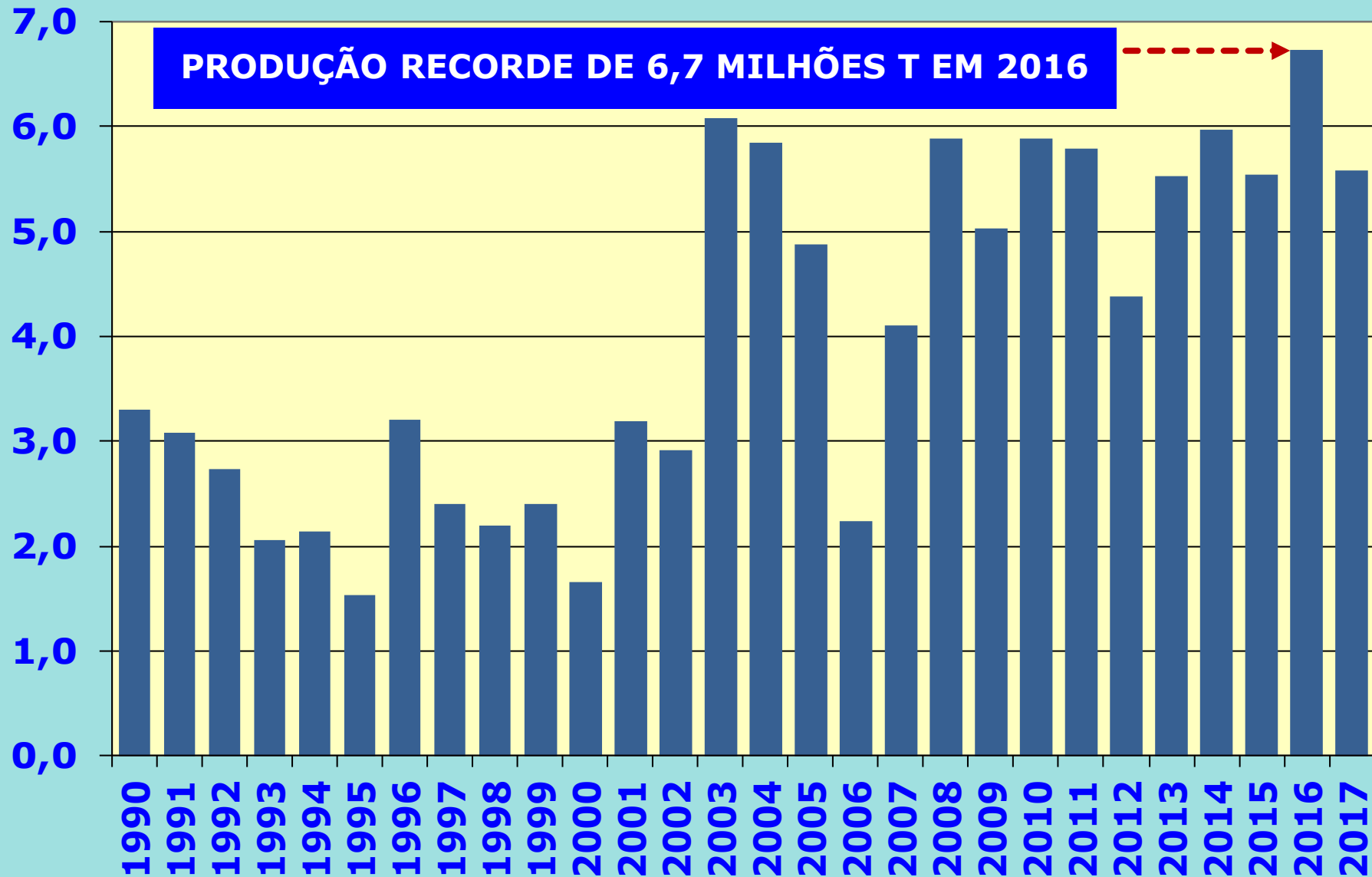
Fontes: Conab, Ibge, Abitrigo, Secex e Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

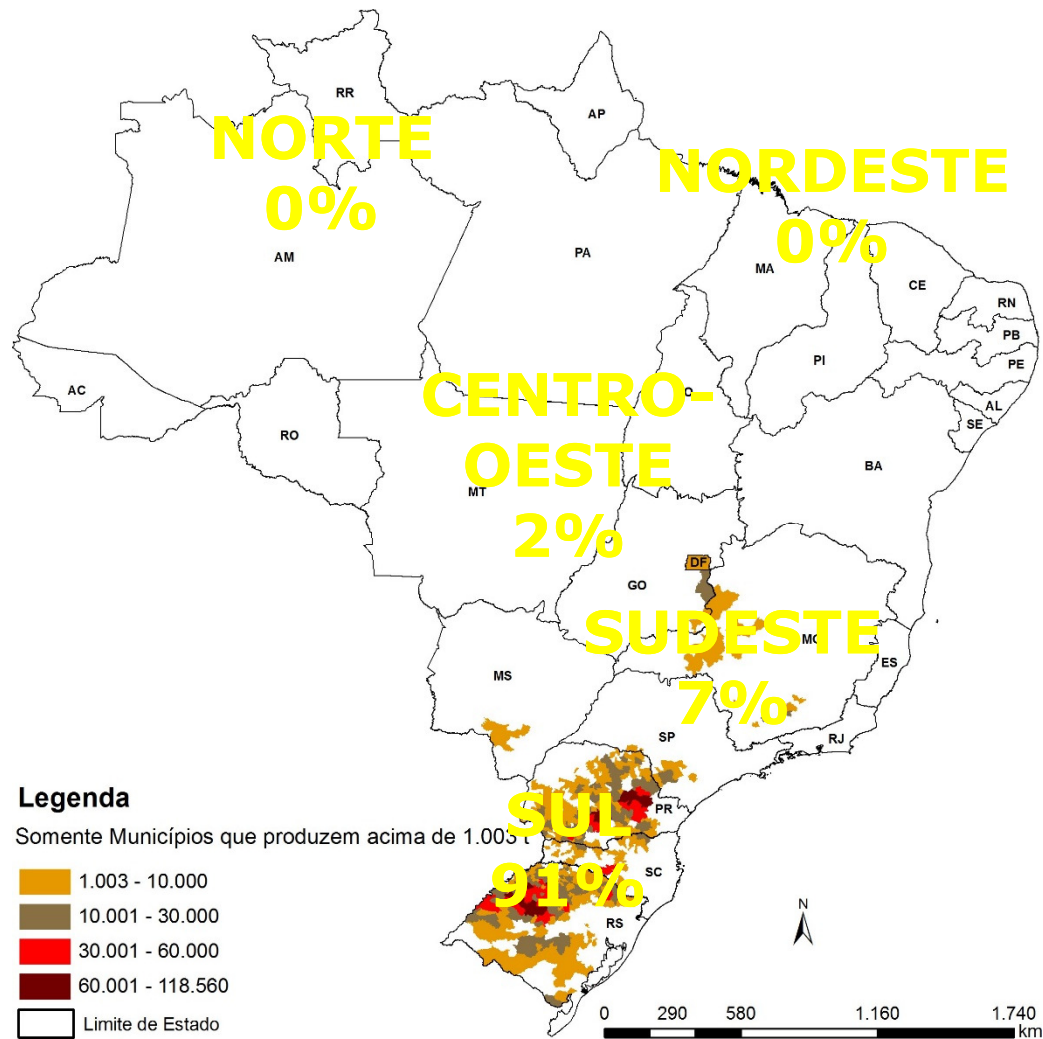
TRIGO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES



TRIGO: PRODUÇÃO BRASILEIRA EM MILHÕES DE TONELADAS



TRIGO: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA

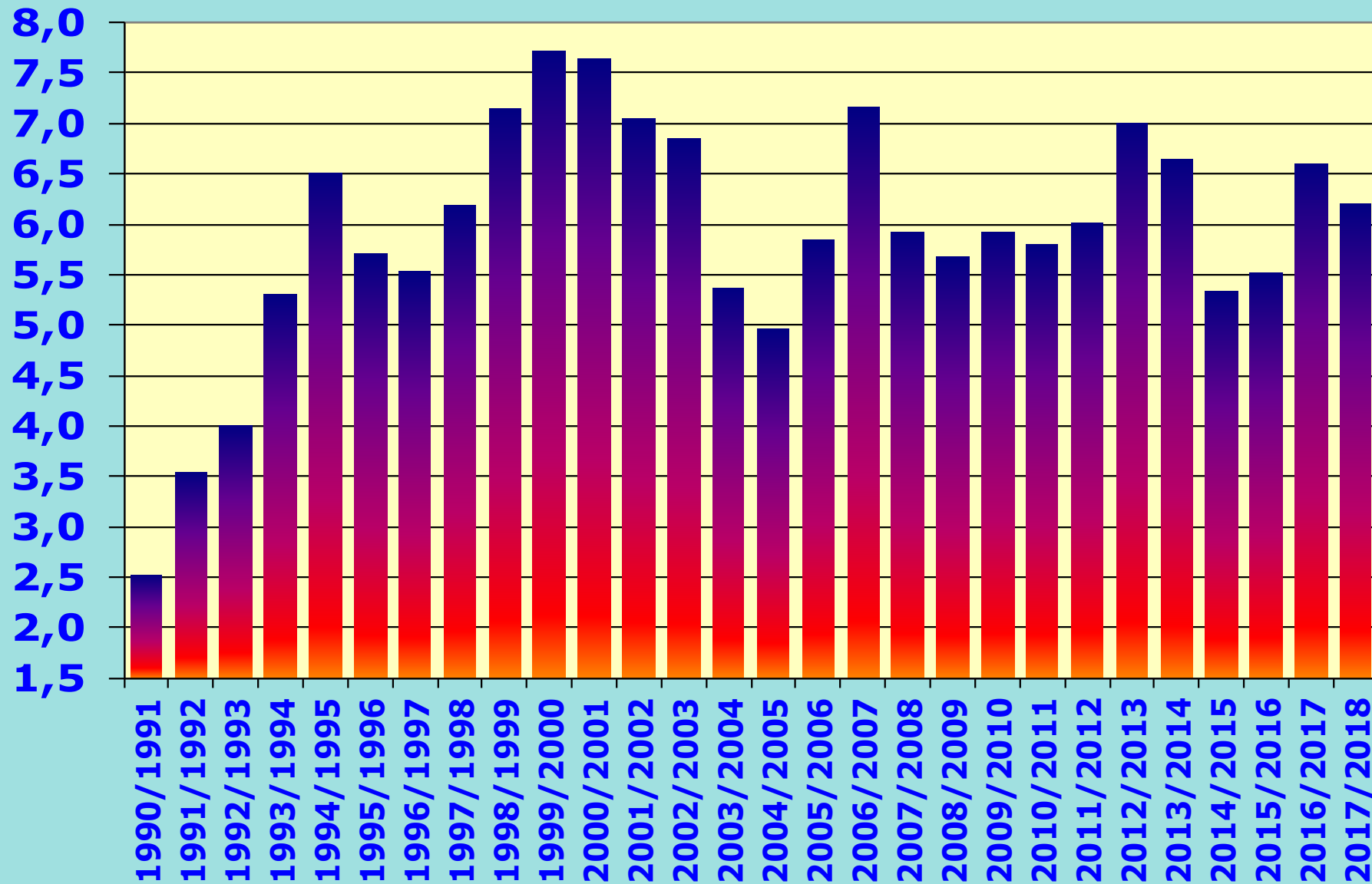


TRIGO: CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

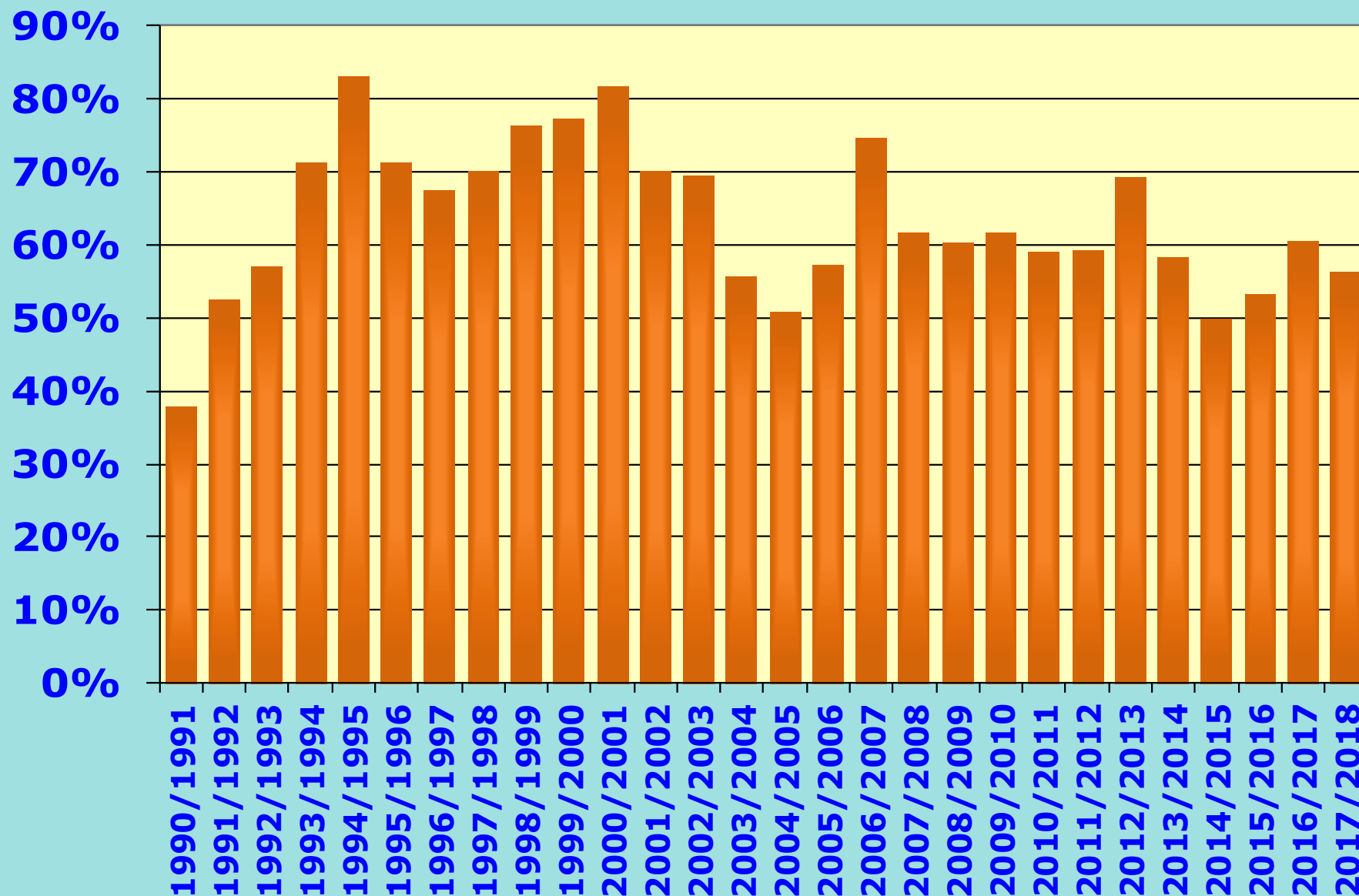
UF/Região	23/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 23/09		
	Primavera			Verão			Outono			Inverno		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Centro-Oeste												
MS							P	P			C	C
GO	C						P	P	P		C	C
DF	C						P	P	P			
Sudeste												
MG	C				P	P	P	P	P	C	C	C
SP	C						P	P	P		C	C
Sul												
PR	C	C	C				P	P	P	P	C	C
SC	C	C	C						P	P		
RS	C	C	C					P	P	P		

Legenda: P - Plantio; C - Colheita; P/C - Plantio e Colheita

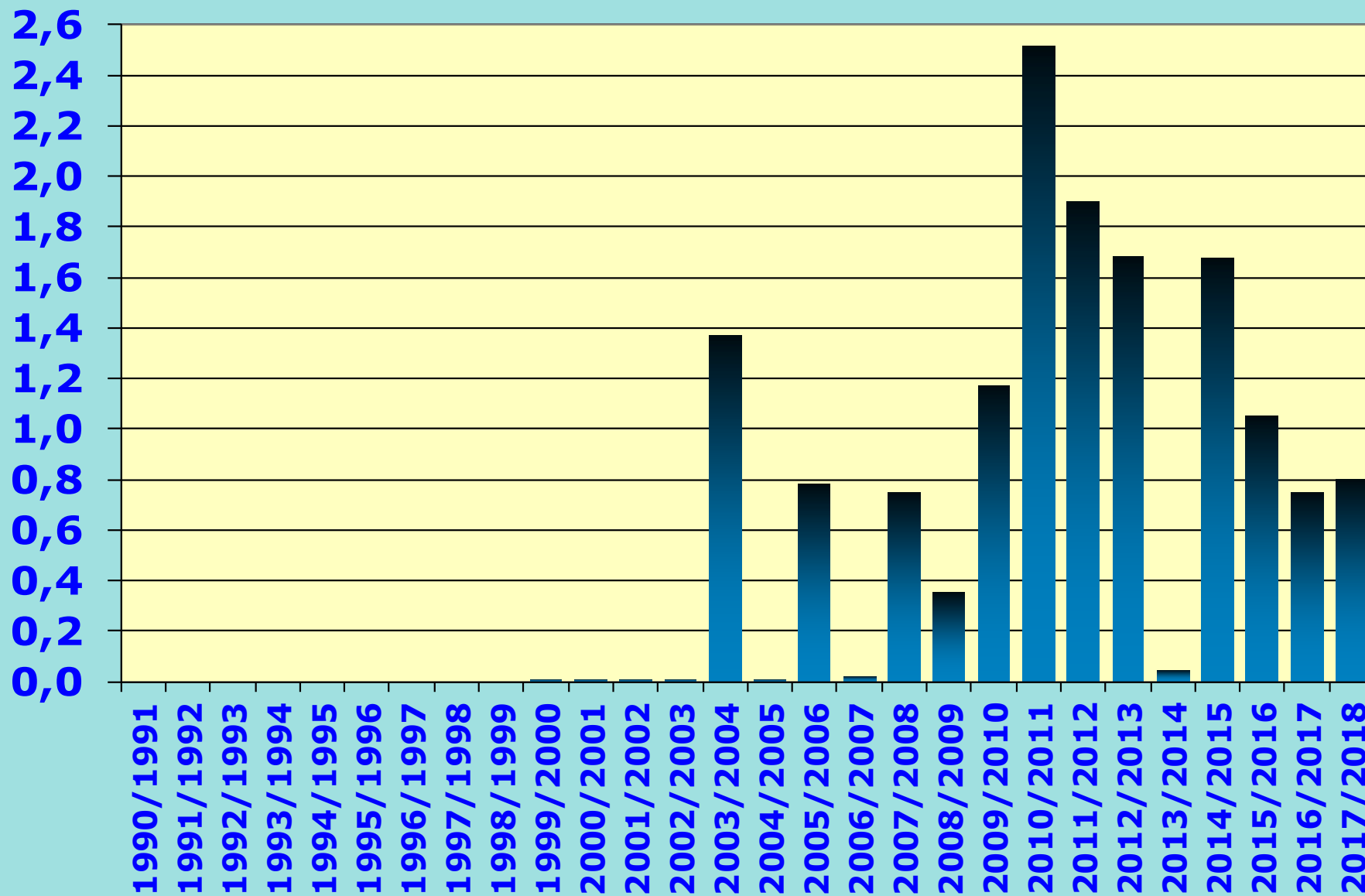
TRIGO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS



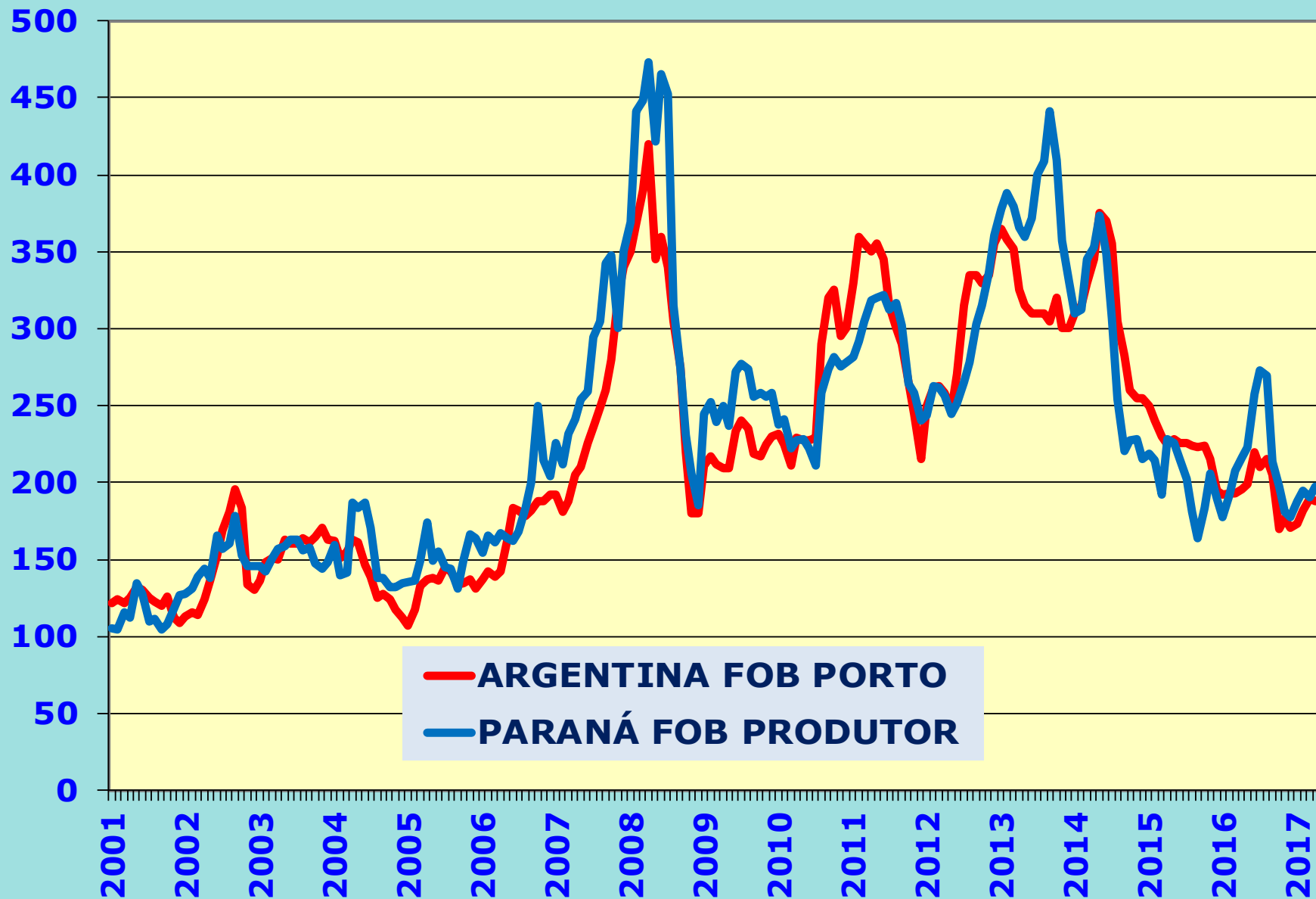
TRIGO: PARTICIPAÇÃO DAS IMPORTAÇÕES NA DEMANDA BRASILEIRA (%)



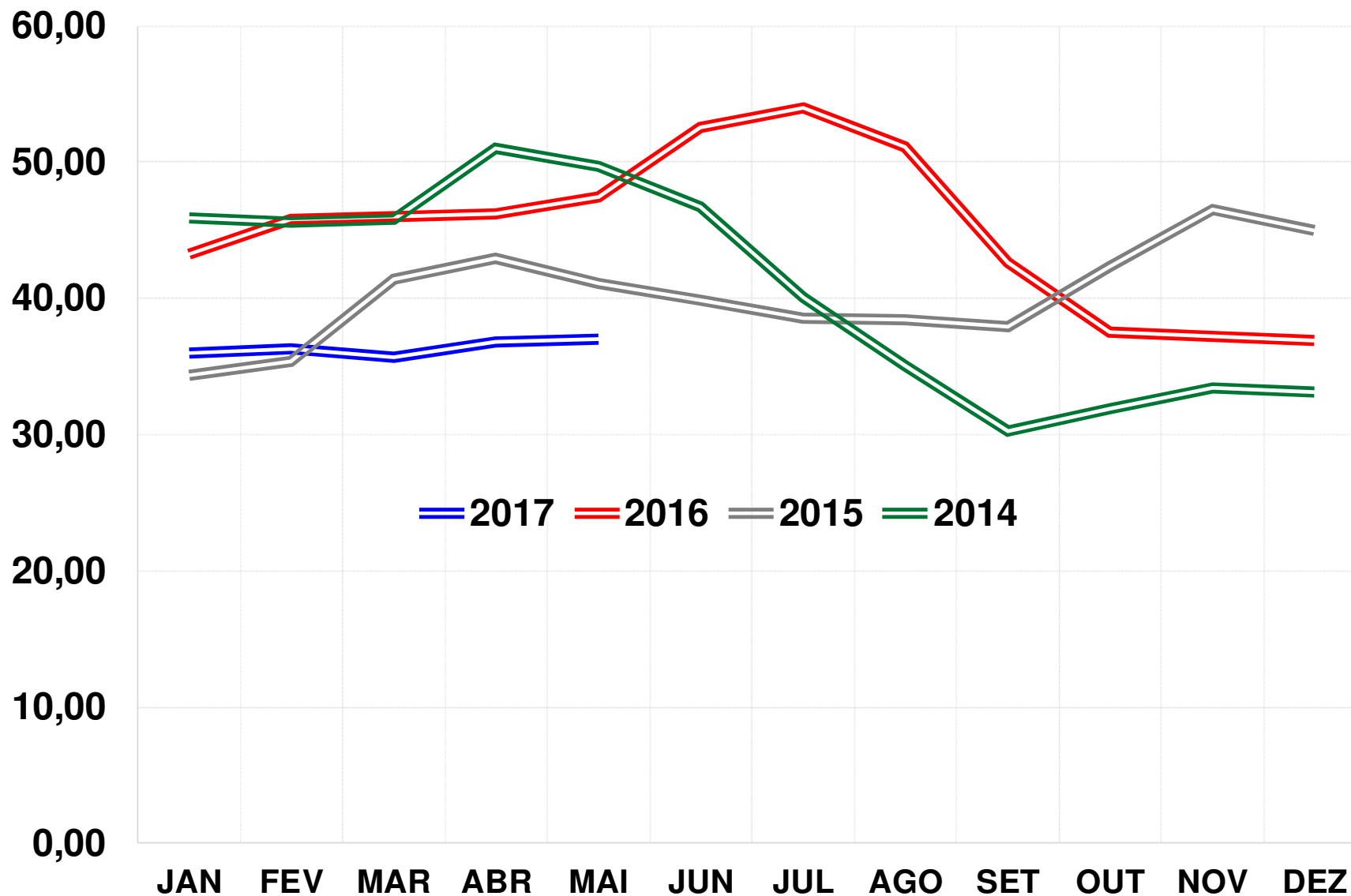
TRIGO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS MILHÕES DE TONELADAS



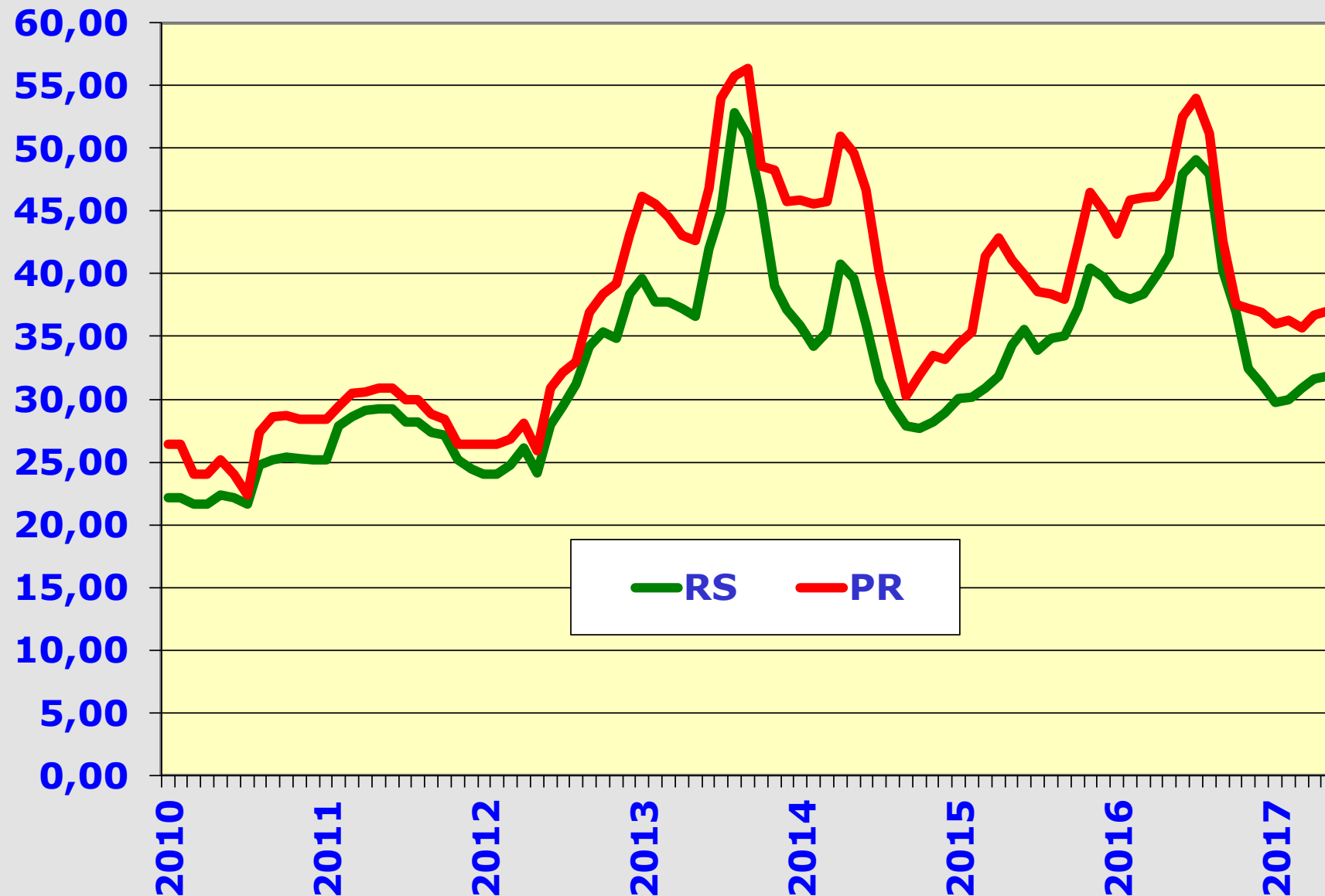
TRIGO PANIFICAÇÃO: COMPARATIVO PREÇOS ARGENTINA E PRODUTOR PR - US\$/T FOB



TRIGO GRÃOS: PREÇO AO PRODUTOR FOB PR R\$/SACA 60 KG - MERCADO DE LOTES



TRIGO GRÃO: PREÇOS PRODUTOR (MERCADO DE LOTES) PR x RS - R\$/SACA 60 Kg



CARLOS COGO
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS

ARROZ



ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A pressão baixista sobre os preços do arroz em casca está cedendo gradualmente, com as cotações mais estáveis em abril e maio.
- A perspectiva é de recuperação das cotações ao longo do 2º semestre.
- Porém, com a produção brasileira de arroz em 2016/2017 suficiente para atender a demanda, o ritmo de exportações será um fator determinante para estabelecer a velocidade de recuperação das cotações a partir de junho até o pico da entressafra (2º semestre).
- O dólar segue oscilando em uma faixa estreita, entre R\$ 3,10 e R\$ 3,15, reduzindo a paridade de exportação do arroz brasileiro.
- As cotações globais estão sustentadas em 2017, mas ainda em níveis mais baixos (em dólares) do que no mesmo período do ano passado.
- Além da histórica pressão baixista sobre os preços durante o período de colheita, entre final de fevereiro e maio, o crescimento de 103% das importações no 1º bimestre deste ano-safra (março e abril) contribuiu para acentuar a queda das cotações em nível de produtor.
- Os preços atuais estão próximos da paridade de exportação, o que permitirá elevar o fluxo de embarques para o mercado externo.

ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Segundo o relatório mensal de oferta e demanda de Maio/2017 do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção global de arroz em 2017/2018 está estimada em 481,3 milhões de toneladas (beneficiadas), ligeiramente abaixo das 481,5 milhões de toneladas estimadas para 2016/2017.
- Ainda assim, a produção deve seguir superando a demanda global, que está projetada em 480,0 milhões de toneladas, 0,3% acima das 478,7 milhões de toneladas de 2016/2017.
- Os estoques finais mundiais de arroz em 2017/2018 devem crescer novamente, para 119,8 milhões de toneladas – o nível mais alto desde a temporada global de 2002/2003.
- A relação estoques finais/consumo global deve se manter praticamente estável em 2017/2018, em 24,9%, contra 24,8% em 2016/2017.
- O comércio mundial de arroz deverá crescer para 42,2 milhões de toneladas (beneficiadas) em 2017/2018, acima das 41,4 milhões de toneladas transacionadas globalmente em 2015/2016, mas ainda abaixo do recorde de 43,6 milhões de toneladas em 2014/2015.

ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Em abril, os preços mundiais seguiram firmes, influenciados pelos preços da Tailândia e do Paquistão, enquanto na Índia e nos Estados Unidos as cotações tiveram altas mais moderadas.
- Na Tailândia, os preços subiram graças à revalorização do bath frente ao dólar, enquanto no Vietnã, os preços se mostram mais fracos, devido à diminuição da demanda de importação de seus principais clientes.
- Por enquanto, a maioria dos exportadores, com exceção dos Estados Unidos e da Tailândia, registram quedas de 5% a 20% em relação ao mesmo período do ano anterior.
- Na Tailândia, os preços do arroz subiram 3% a 4% em abril e o governo tailandês segue vendendo estoques antigos acumulados desde 2011, principalmente de arroz impróprio para o consumo humano.
- Os estoques estatais da Tailândia caíram para 4 milhões de toneladas, sendo 1,7 milhão de toneladas de arroz de qualidade alimentar, 2,2 milhões de toneladas de arroz para rações animais e 100 mil toneladas de arroz deteriorado – com uma redução de 50% em relação à quantidade que estava estocada pelo governo no início de 2017.

ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Em abril, as exportações da Tailândia recuaram para 850 mil toneladas, contra 950 mil toneladas em março.
- Em abril, o Thai 100%B subiu para US\$ 375,00 por tonelada FOB contra US\$ 363,00 por tonelada em março, subindo para US\$ 380,00 a tonelada na primeira quinzena de maio.
- O Thai parboilizado também se revalorizou para US\$ 374,00 por tonelada, contra US\$ 365,00 por tonelada em março.
- No Vietnã, em abril, as vendas externas melhoraram, alcançando 575.000 toneladas, contra 500.000 toneladas em março, mas, ainda assim, as exportações acumuladas em 2017 registram uma queda de 5% em relação ao mesmo período de 2016.
- As perspectivas em 2017 indicam uma nova contração das exportações do Vietnã, por causa da diminuição da demanda do Sudeste Asiático, especialmente nas Filipinas, assim como as vendas à África Subsaariana podem cair devido à forte concorrência entre exportadores asiáticos.
- Em abril, o Viet 5% se manteve praticamente estável, cotado a US\$ 355,00 por tonelada e em maio seguem próximos deste patamar.

ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Na Índia, os preços externos seguem firmes, especialmente para os arrozes de baixa qualidade.
- Atualmente, as reservas de arroz basmati seriam insuficientes, mas se espera um incremento das áreas semeadas em 2017, graças às boas condições climáticas.
- Em abril, o arroz indiano 5% marcou US\$ 391,00 por tonelada contra US\$ 388,00 por tonelada em março.
- Em maio, os preços se mantêm firmes na Índia.
- No Paquistão, os preços de exportação subiram entre 3% e 5% em abril, devido às baixas disponibilidades exportáveis.
- As vendas do Paquistão progridem lentamente, com queda acumulada de 20% em relação ao mesmo período do ano anterior.
- Em abril, o Pak 5% foi cotado a US\$ 400,00 por tonelada FOB, contra US\$ 380,00 por tonelada em março.
- Neste mês de maio, os preços estão firmes, cotados ao redor dos US\$ 410,00 por tonelada FOB.

ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Nos Estados Unidos, os preços de exportação seguem firmes, com uma leve alta de 1% em abril.
- Há incerteza no tema das relações comerciais com México, o principal cliente, representando mais de 30% das exportações de arroz dos Estados Unidos.
- O México poderia diversificar as fontes de abastecimento, especialmente do Mercosul e do Sudeste Asiático.
- O preço indicativo do arroz Long Grain 2/4 foi cotado a US\$ 470,00 por tonelada FOB em abril, contra US\$ 463,00 por tonelada em março.
- Na Bolsa de Chicago, os preços futuros do arroz em casca subiram 2,1% em abril, marcando uma média mensal de US\$ 219,00 por tonelada, contra US\$ 215,00 por tonelada em março.
- Neste mês de maio, os preços futuros se mantêm em torno de US\$ 216,00 por tonelada.
- No segundo semestre de 2017, os preços globais podem ser afetados pela expectativa de um novo fenômeno "El Niño", embora, por ora, a tendência seja de um evento de baixa intensidade.

ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A produção brasileira de arroz em 2016/2017 está estimada pela nossa Consultoria em 12,210 milhões de toneladas, 15% acima das 10,603 milhões de toneladas colhidas em 2015/2016.
- Ao contrário do ocorrido na safra 2015/2016, a produção estimada para o Brasil em 2016/2017 deverá ser suficiente para atender a demanda doméstica, estimada em 11,5 milhões de toneladas (base casca).
- Entretanto, o quadro de oferta e demanda de arroz no Brasil deverá seguir bem ajustado na temporada 2016/2017, com baixos estoques de passagem e maior equilíbrio entre exportações e importações.
- Os estoques iniciais da safra 2016/2017, em 1º de março de 2017, estão estimados em apenas 470,7 mil toneladas (base casca).
- Esses estoques iniciais, somados à produção, estimada em 12,210 milhões de toneladas, formariam uma oferta de 12,680 milhões de toneladas, com consumo interno de 11,5 milhões de toneladas.
- As exportações brasileiras devem voltar a crescer em 2016/2017 e estão estimadas em 1,2 milhão de toneladas (base casca), 34% acima das 894,7 mil toneladas registradas em 2015/2016.

ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- As exportações brasileiras de arroz (base casca) em abril/2017, o segundo mês do ano-safra 2016/2017, que iniciou em 1º de março de 2017 e se encerrará em 28 de fevereiro de 2018, atingiram 38.161 toneladas (base casca), ficando 69% abaixo do registrado no mesmo mês do ano passado (abril/2016).
- Em relação ao mês anterior (março/2017), a queda é de 17%.
- No acumulado do primeiro bimestre do ano-safra 2016/2017, entre março e abril, as exportações brasileiras de arroz apresentam expressivo recuo de 68%, totalizando apenas 84.404 toneladas (base casca), contra 263.575 toneladas (base casca) embarcadas no mesmo período do ano-safra anterior.
- As exportações de abril/2017 ficaram 49% abaixo da média mensal de embarques registrada no ano-safra 2015/2016, que foi de 74.561 toneladas (base casca).
- Com o fraco desempenho das exportações, o primeiro bimestre do ano-safra 2016/2017 fecha com déficit na balança comercial do setor da ordem de 159.084 toneladas (base casca).

ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Portanto, no acumulado da atual safra, o Brasil segue com importador líquido de arroz, com importações (243.488 toneladas base casca) superando o volume exportado (84.404 toneladas base casca).
- No ano-safra anterior (2015/2016), o Brasil voltou a ser importador líquido de arroz, com as importações superando em 292 mil toneladas o volume de exportações, após cinco anos consecutivos de superávit na balança comercial do segmento.
- Por outro lado, as importações brasileiras de arroz no acumulado do primeiro bimestre do ano-safra 2016/2017, entre março e abril, apresentam expressivo aumento de 103%, totalizando 243.488 toneladas (base casca), contra 119.681 toneladas (base casca) importadas no mesmo período do ano-safra anterior.
- Em abril de 2017, as importações brasileiras de arroz atingiram 69.240 toneladas (base casca), aumento de 5% em relação ao mesmo mês do ano-safra anterior (abril/2016).
- As importações de abril/2017 ficaram 30% abaixo da média mensal registrada em 2015/2016, que foi de 98.949 toneladas (base casca).

ARROZ: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- O preço médio ponderado do arroz em casca FOB produtor, para produto com 58% de grãos inteiros, é de R\$ 39,11 por saco de 50 Kg, acumulando uma baixa de 16,8% desde o início oficial da safra 2016/2017, em 1º de março deste ano.
- A média atual está, em termos nominais, 6,3% abaixo da registrada no mesmo período do ano passado (R\$ 41,75 por saco de 50 Kg).
- Considerando a inflação do período, nos últimos 12 meses, a queda do preço pago ao produtor já acumula uma retração real de mais de 10%.
- Na safra passada, o preço médio ponderado do arroz em casca FOB produtor, para 58% de grãos inteiros, não ficou abaixo da linha de R\$ 40 por saco de 50 Kg, em função da quebra na safra 2015/2016.
- O dólar no patamar atual é um fator limitante para as exportações brasileiras de arroz no curto prazo.
- Se o ritmo de importações dos países do Mercosul seguir superando o volume de exportações nos próximos meses, a recuperação das cotações no mercado doméstico poderá ser retardada, até que haja um reequilíbrio entre a oferta e a demanda internas.

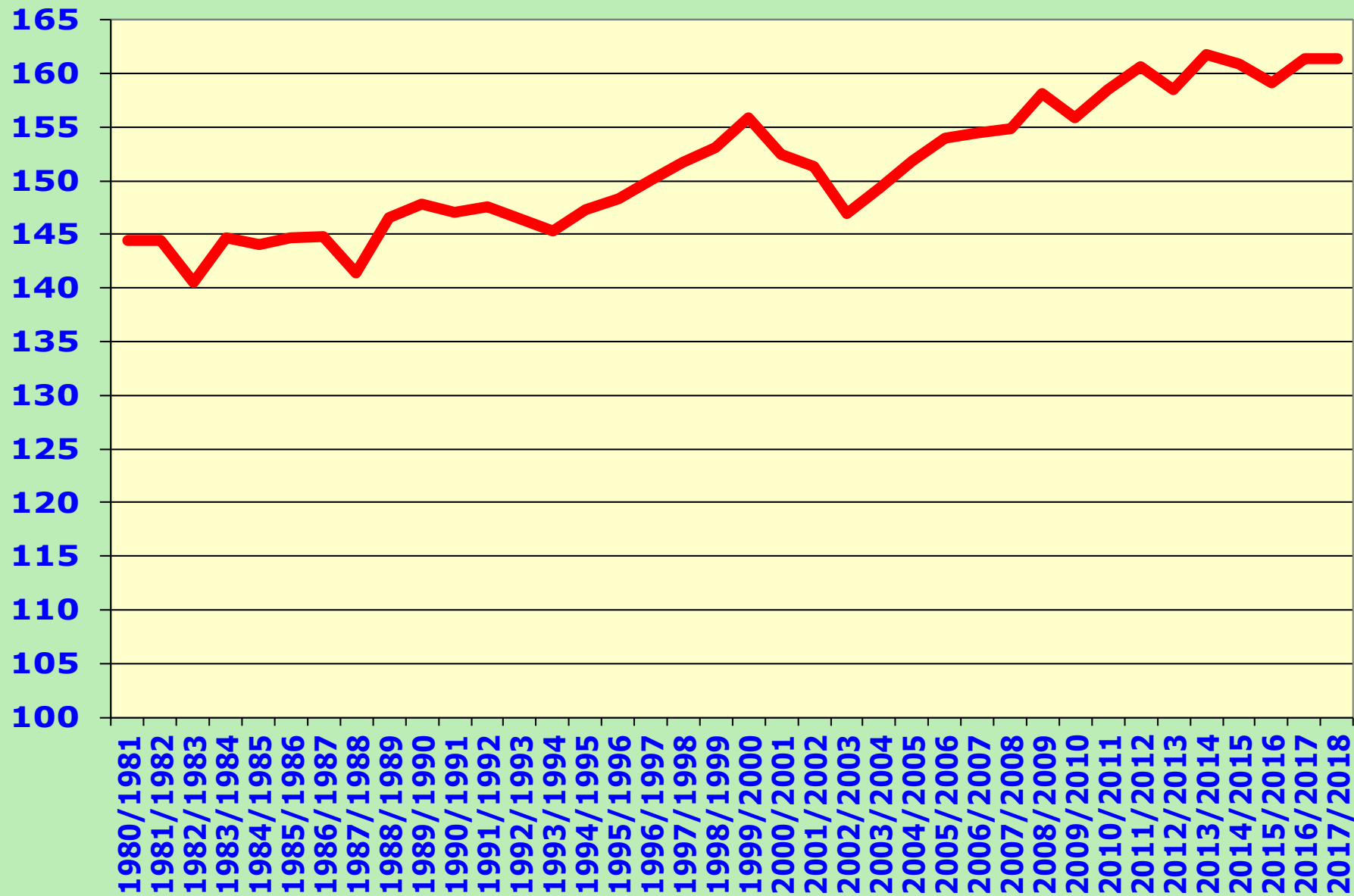
ARROZ: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL BASE BENEFICIADO

SAFRA	ÁREA DE CULTIVO milhões ha	PRODUTIVIDADE MÉDIA t/ha	PRODUÇÃO BASE CASCA milhões t	PRODUÇÃO BENEFICIADO milhões t	COMÉRCIO BENEFICIADO milhões t	CONSUMO BENEFICIADO milhões t	ESTOQUES FINAIS milhões t	ESTOQUES/ CONSUMO %
1980/1981	144,4	2.749	397,0	269,9	11,9	271,3	52,6	19,4%
1981/1982	144,4	2.828	408,3	277,9	11,3	280,0	50,5	18,0%
1982/1983	140,5	2.976	418,2	285,0	11,2	278,7	56,8	20,4%
1983/1984	144,6	3.118	450,9	306,9	11,9	294,4	69,3	23,5%
1984/1985	144,1	3.227	464,9	316,8	11,0	298,4	87,7	29,4%
1985/1986	144,7	3.229	467,3	318,0	11,8	308,0	97,7	31,7%
1986/1987	144,8	3.208	464,6	316,1	12,9	310,4	103,3	33,3%
1987/1988	141,4	3.286	464,8	315,1	11,4	313,1	105,3	33,6%
1988/1989	146,6	3.349	490,8	332,1	14,0	325,7	111,7	34,3%
1989/1990	147,8	3.453	510,4	345,3	11,7	336,3	120,6	35,9%
1990/1991	147,0	3.534	519,4	351,4	12,3	345,3	126,7	36,7%
1991/1992	147,5	3.543	522,8	353,2	14,4	353,2	126,7	35,9%
1992/1993	146,5	3.579	524,2	354,0	14,9	357,5	123,2	34,5%
1993/1994	145,3	3.620	526,1	354,7	16,6	358,9	119,0	33,1%
1994/1995	147,3	3.665	540,0	364,1	20,8	365,5	117,6	32,2%
1995/1996	148,4	3.689	547,3	368,8	19,7	368,3	118,1	32,1%
1996/1997	150,1	3.767	565,3	381,4	18,9	379,2	120,3	31,7%
1997/1998	151,7	3.792	575,2	387,4	27,6	380,0	127,7	33,6%
1998/1999	153,1	3.834	587,0	394,9	24,8	388,7	134,0	34,5%
1999/2000	155,9	3.906	608,8	409,3	22,8	400,3	143,1	35,7%
2000/2001	152,4	3.897	594,1	399,3	24,3	395,6	146,7	37,1%
2001/2002	151,3	3.927	594,3	399,5	27,9	413,3	132,9	32,2%
2002/2003	146,9	3.833	563,1	378,2	27,6	408,1	103,0	25,2%
2003/2004	149,3	3.920	585,4	392,5	27,3	413,8	81,7	19,7%
2004/2005	151,8	3.928	596,4	400,8	28,9	408,5	74,0	18,1%
2005/2006	153,9	4.043	622,2	417,8	29,0	415,4	76,5	18,4%
2006/2007	154,5	4.046	625,0	420,1	31,8	421,2	75,4	17,9%
2007/2008	154,8	4.157	643,5	433,6	29,5	428,1	80,9	18,9%
2008/2009	158,2	4.228	668,7	449,4	29,4	437,6	92,6	21,2%
2009/2010	155,8	4.212	656,2	440,7	31,8	438,4	95,0	21,7%
2010/2011	158,4	4.242	672,1	450,4	36,5	445,3	100,0	22,5%
2011/2012	160,7	4.339	697,2	467,6	40,0	460,8	106,8	23,2%
2012/2013	158,5	4.444	704,5	472,5	39,5	468,7	110,6	23,6%
2013/2014	161,7	4.411	713,4	478,4	43,4	481,6	107,5	22,3%
2014/2015	160,9	4.435	713,8	478,6	43,6	477,5	114,9	24,1%
2015/2016	159,2	4.419	703,3	471,8	40,5	471,2	115,7	24,6%
2016/2017	161,4	4.449	717,8	481,5	41,4	478,7	118,6	24,8%
2017/2018	161,4	4.445	717,4	481,3	42,2	480,1	119,8	24,9%
% 18/17	1,4%	-0,1%	0,0%	0,0%	1,8%	0,3%	1,0%	

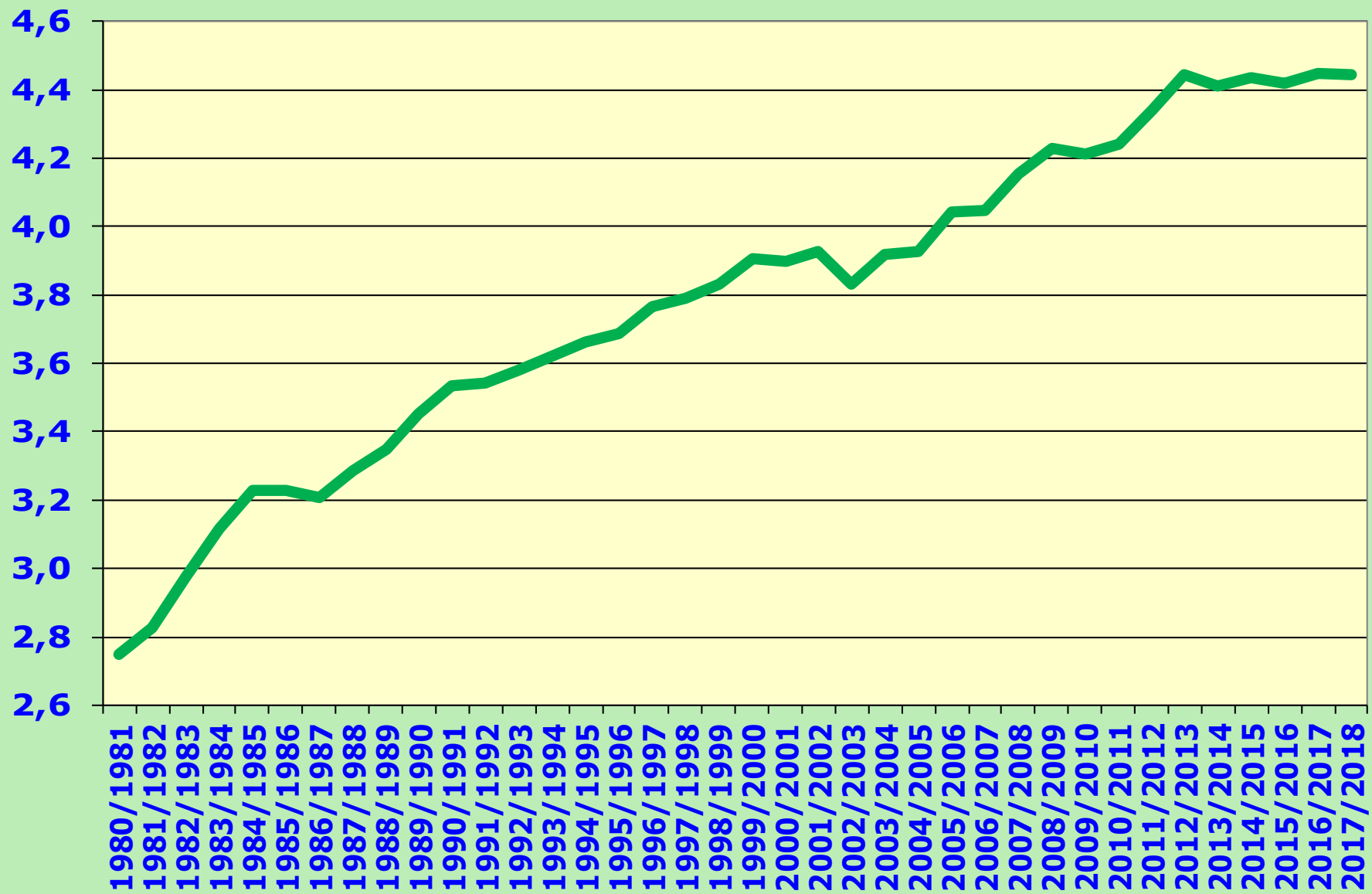
Fonte: USDA MAIO/2017

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

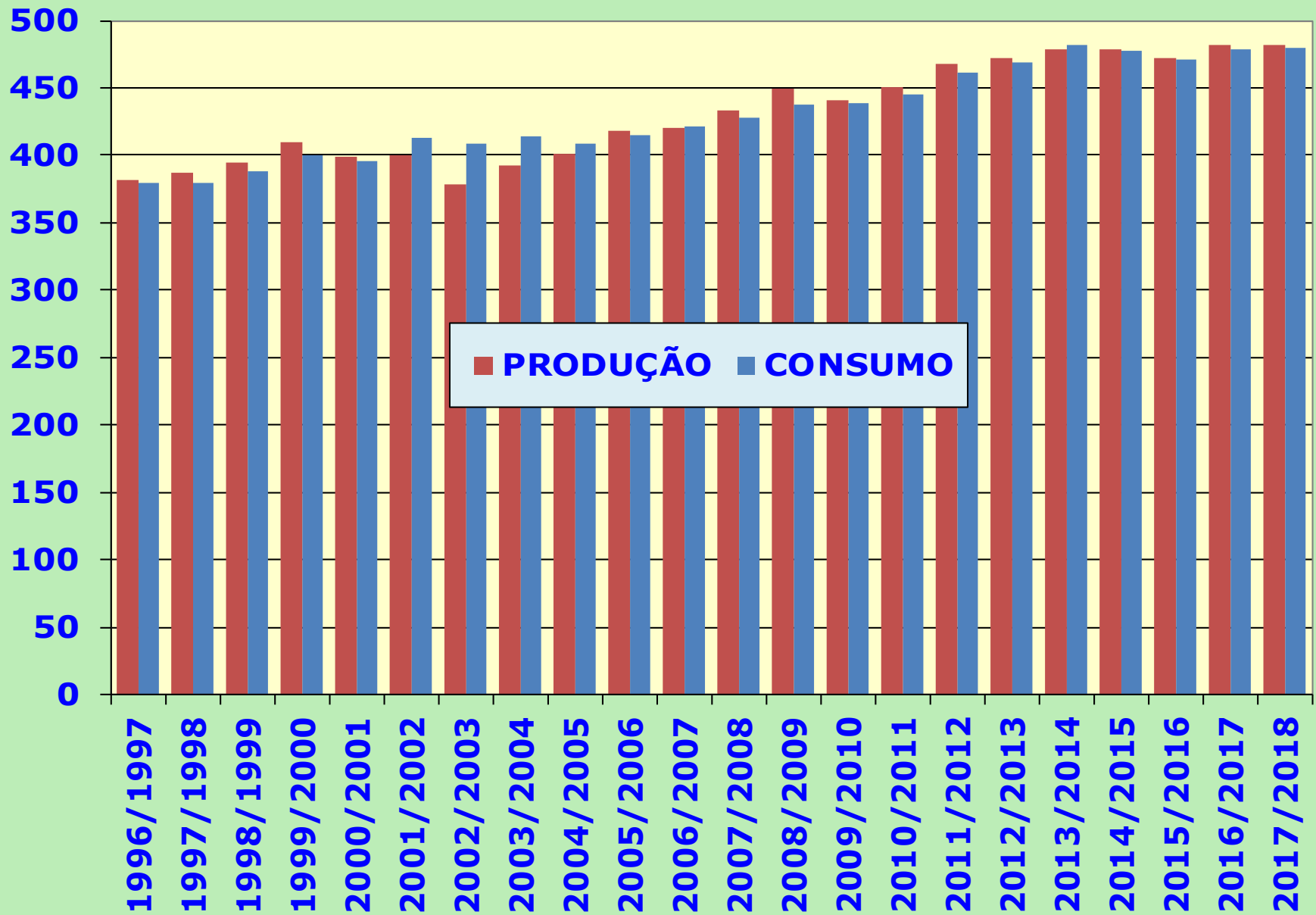
ARROZ: ÁREA DE CULTIVO MUNDIAL MILHÕES DE HECTARES



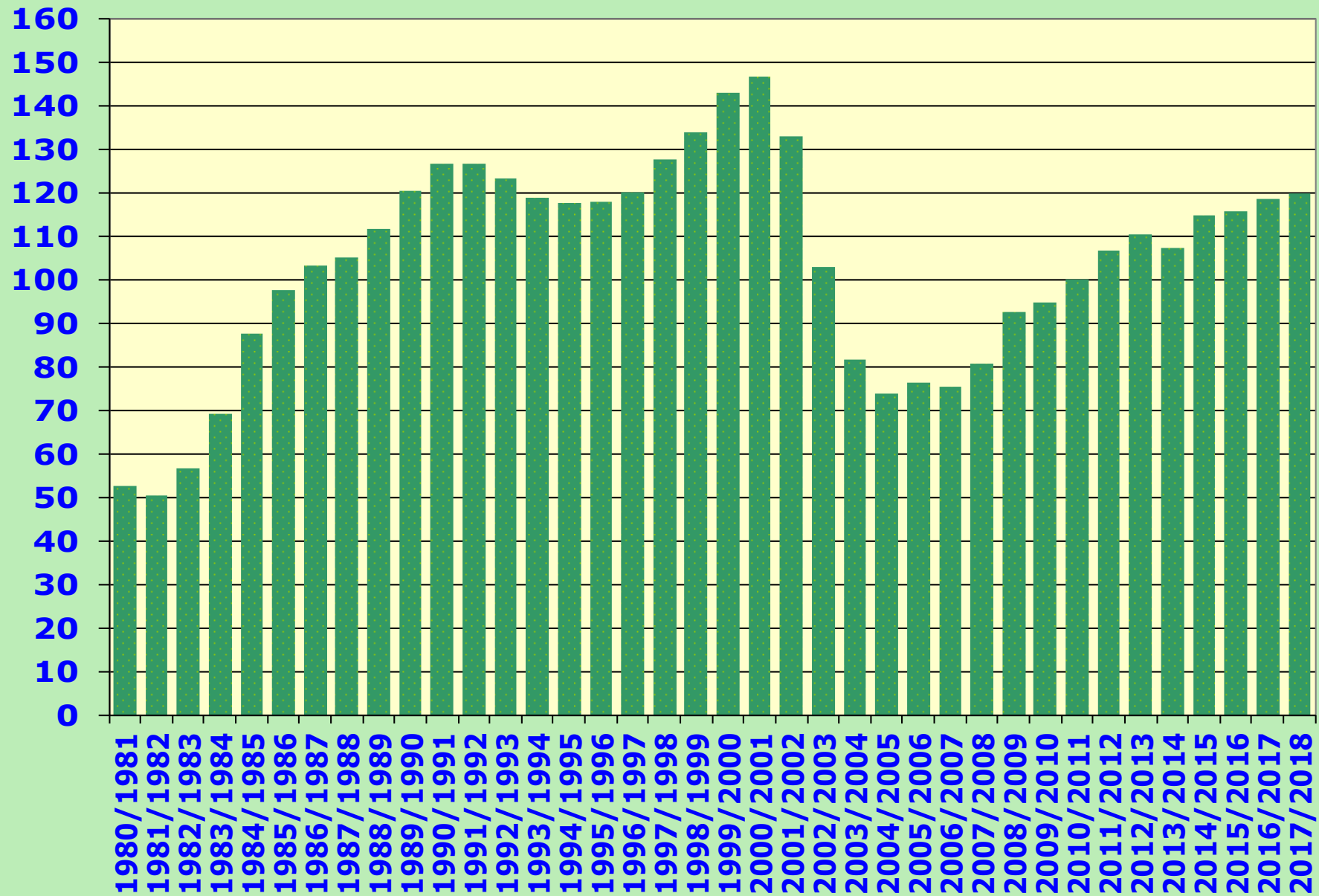
ARROZ: PRODUTIVIDADE MÉDIA MUNDIAL EM TONELADAS POR HECTARE



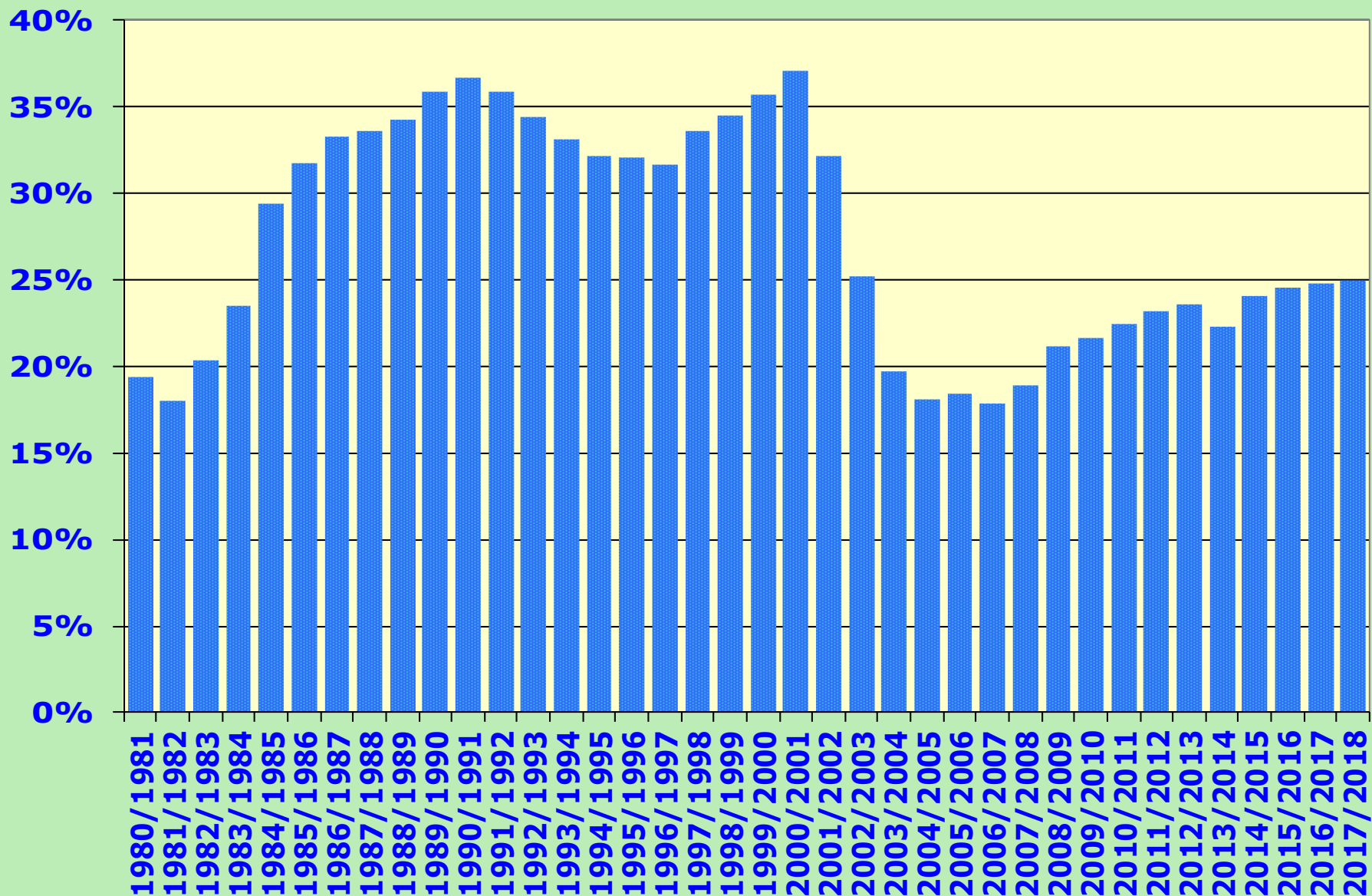
ARROZ: PRODUÇÃO x CONSUMO MUNDIAL EM MILHÕES T BENEFICIADAS



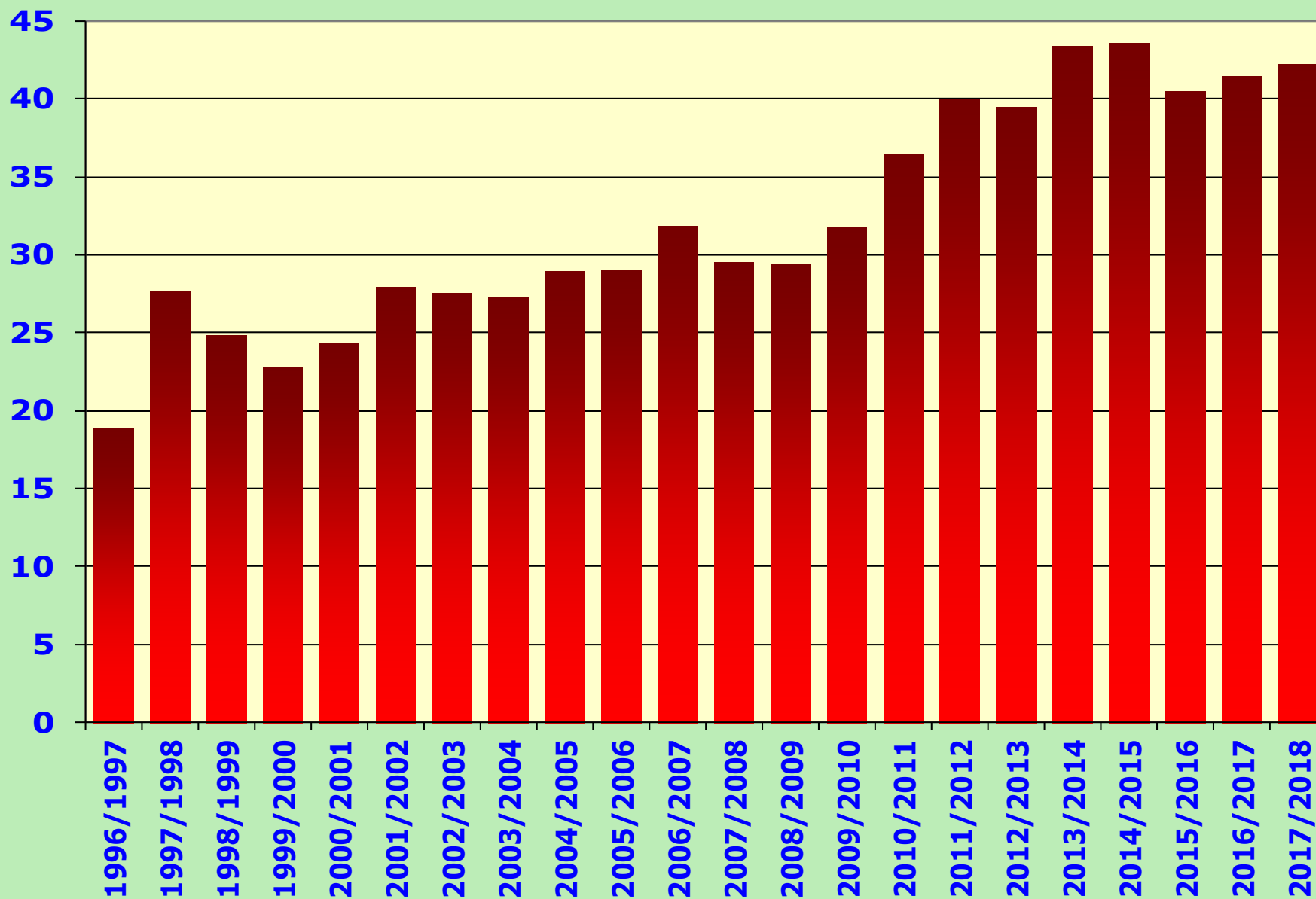
ARROZ: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES DE TONELADAS BENEFICIADAS



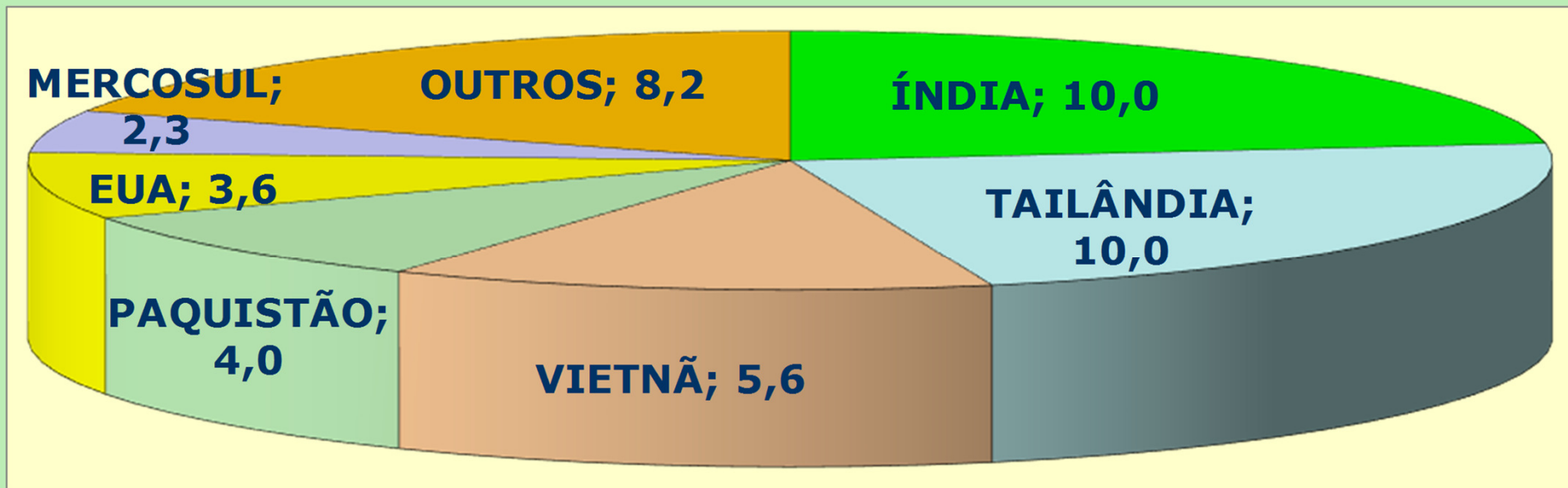
ARROZ BENEFICIADO: RELAÇÃO ENTRE ESTOQUES FINAIS E DEMANDA MUNDIAL



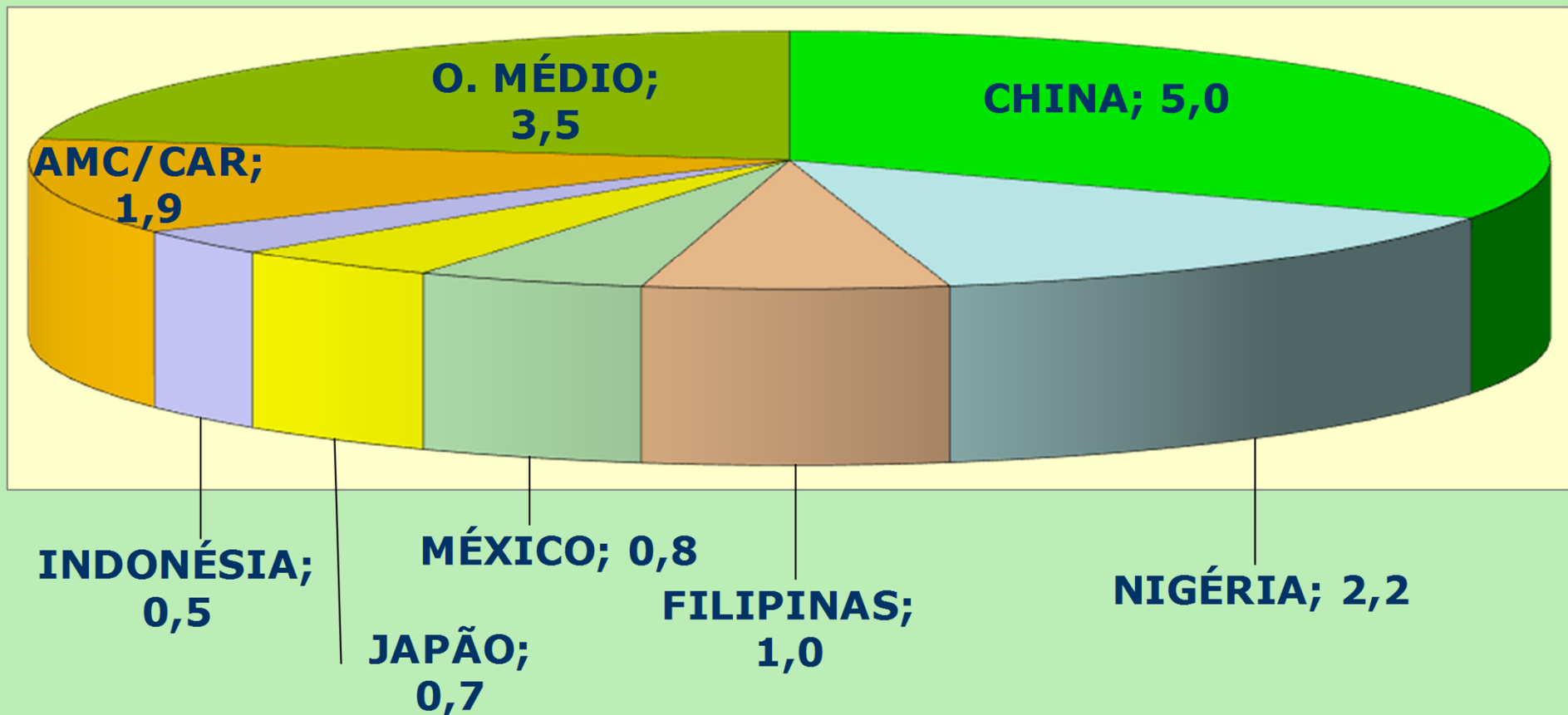
ARROZ: COMÉRCIO MUNDIAL EM MILHÕES DE TONELADAS BENEFICIADAS



ARROZ BENEFICIADO: EXPORTAÇÕES POR PÁIS EM 2016/2017 - MILHÕES T



ARROZ: PRINCIPAIS IMPORTADORES EM 2016/2017 - MILHÕES T

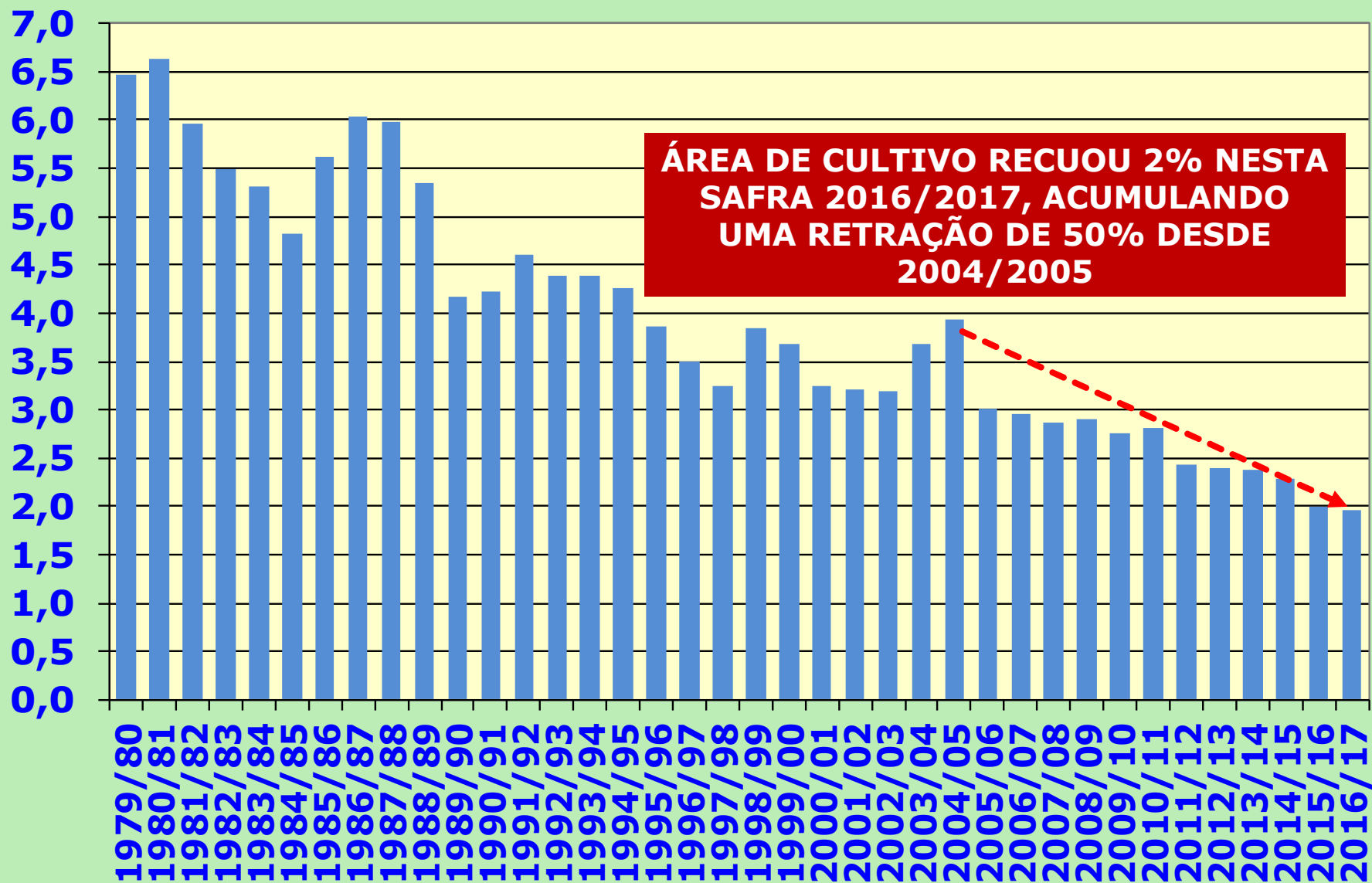


ARROZ BENEFICIADO: PREÇOS FOB TAILÂNDIA US\$/TONELADA - THAI 100%B

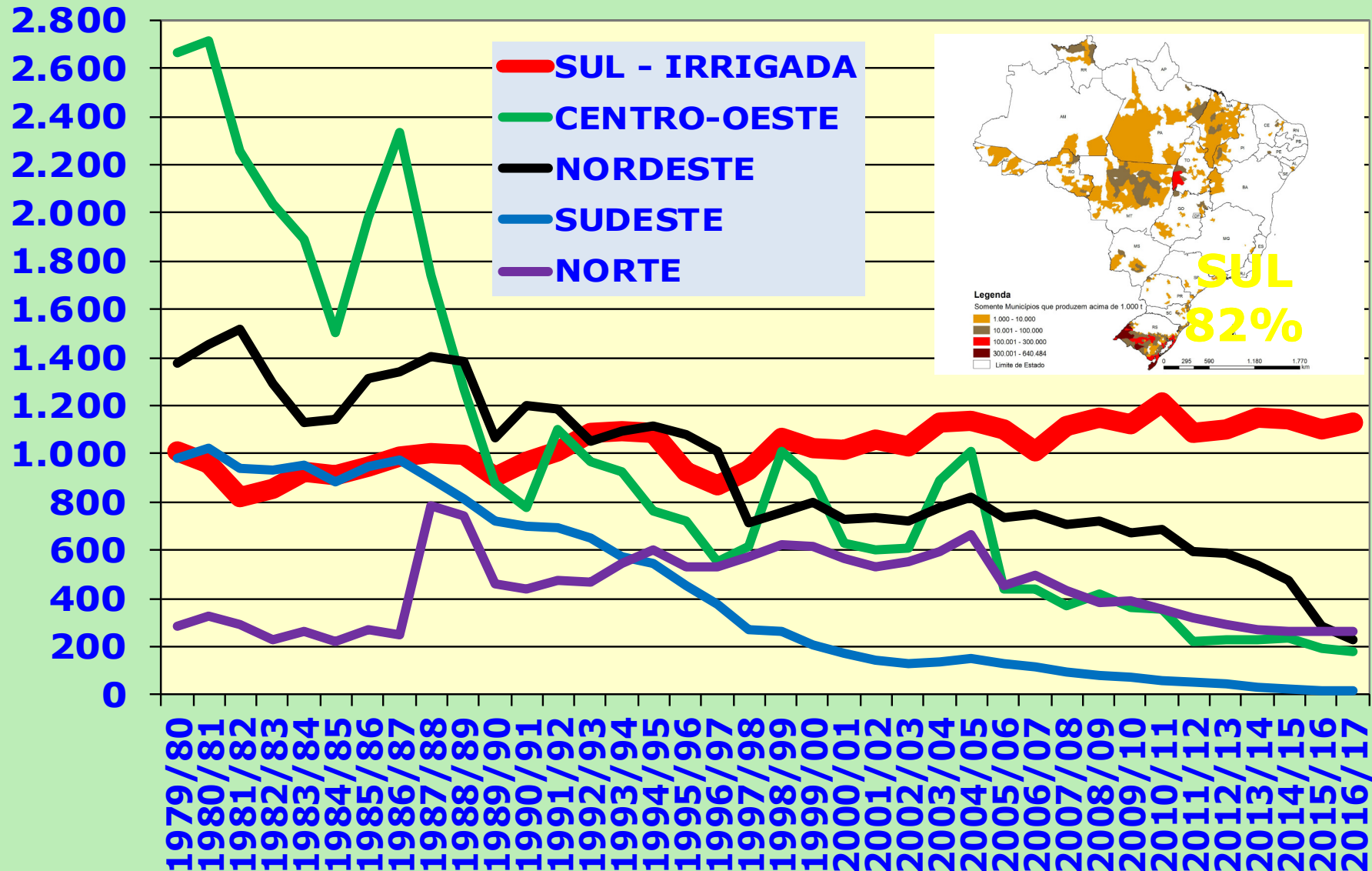


**PREÇOS MAIS ESTÁVEIS EM 2017, APÓS OS
RECUOS ACENTUADOS NO 2º SEMESTRE DE 2016**

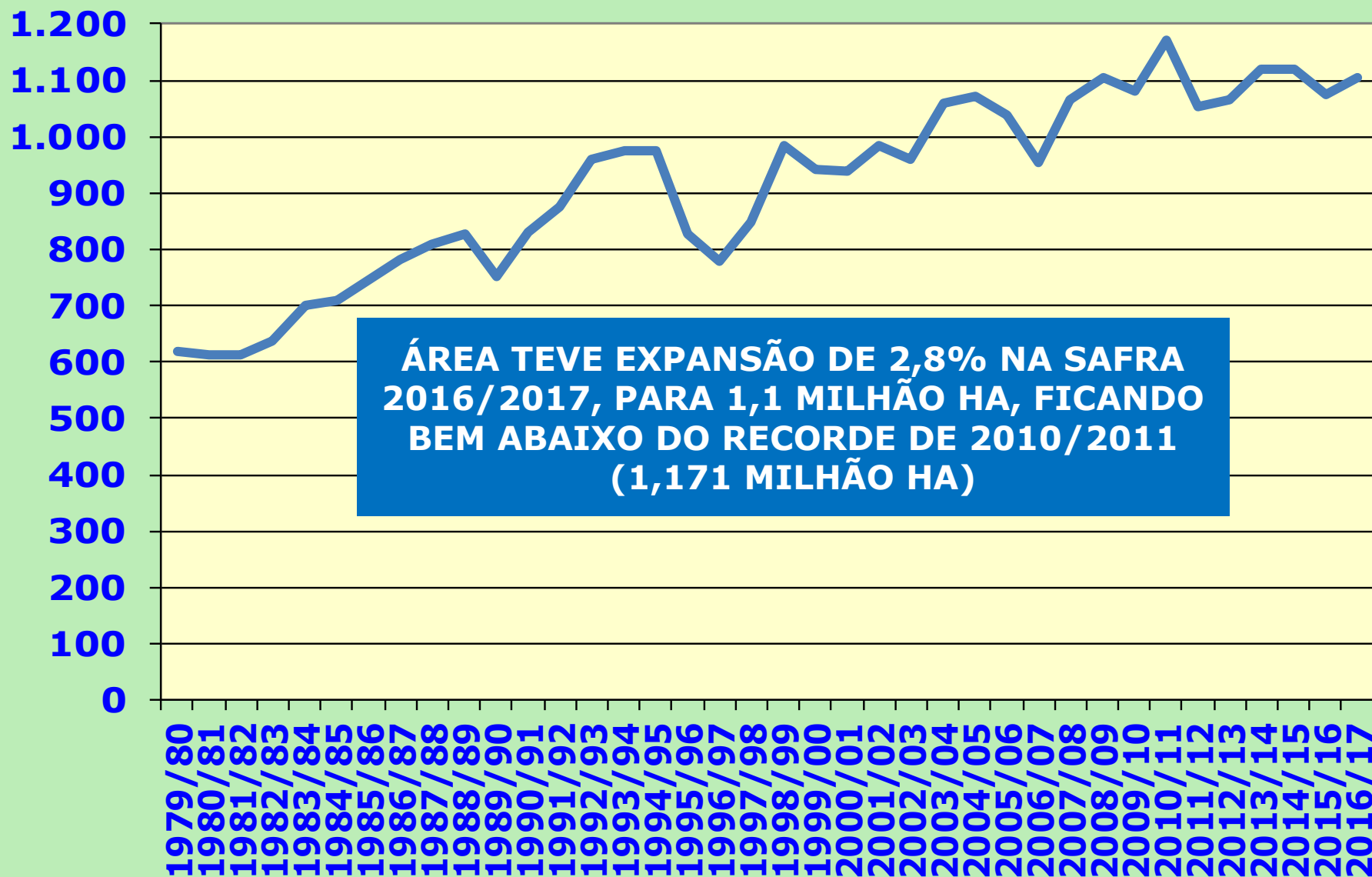
ARROZ: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES



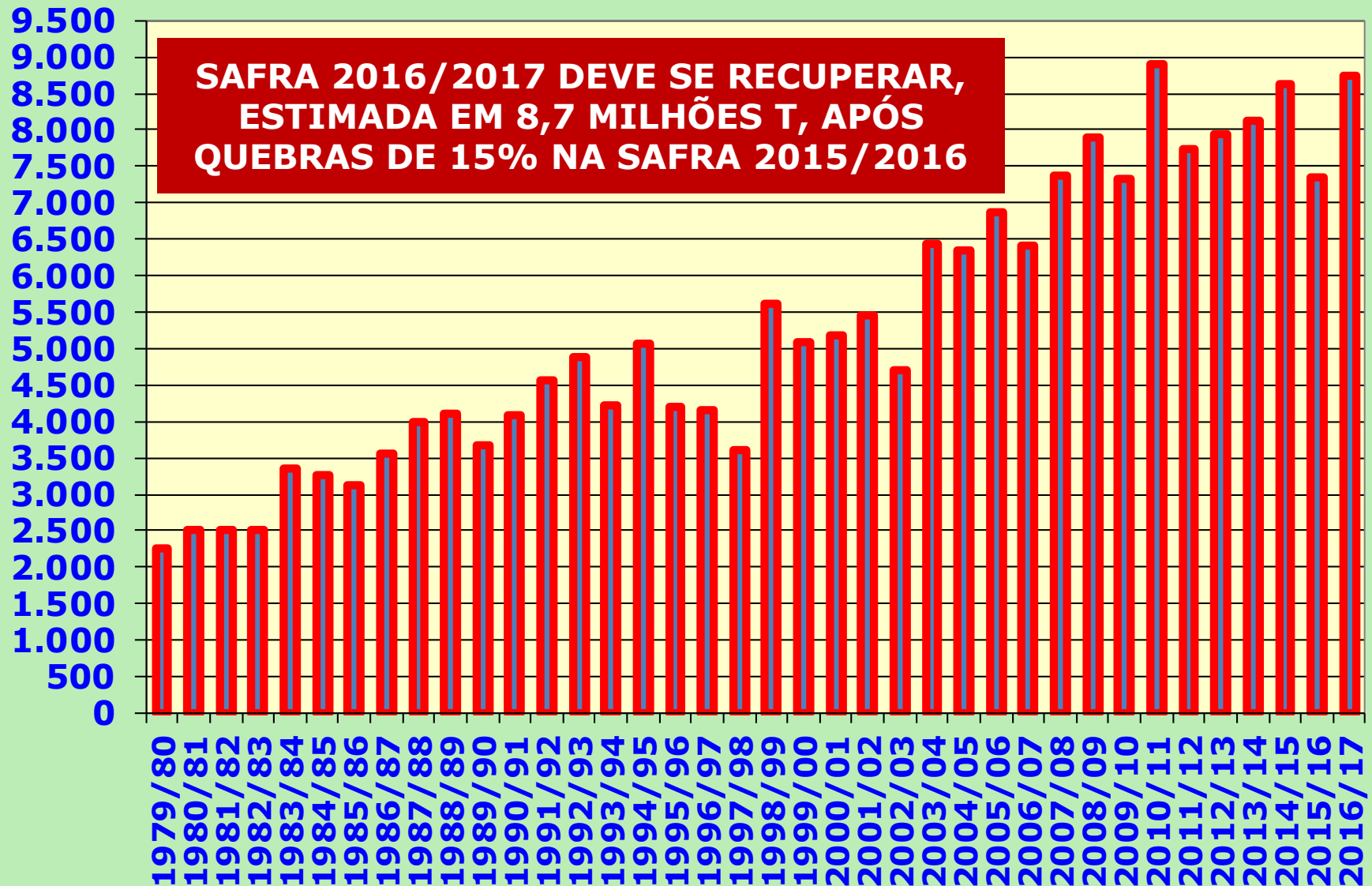
ARROZ: EVOLUÇÃO DAS ÁREAS DE CULTIVOS POR REGIÕES - MIL HA



ARROZ: ÁREA DE CULTIVO NO RIO GRANDE DO SUL - MIL HECTARES



ARROZ: PRODUÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL MILHÕES DE TONELADAS



ARROZ: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL - BASE CASCA

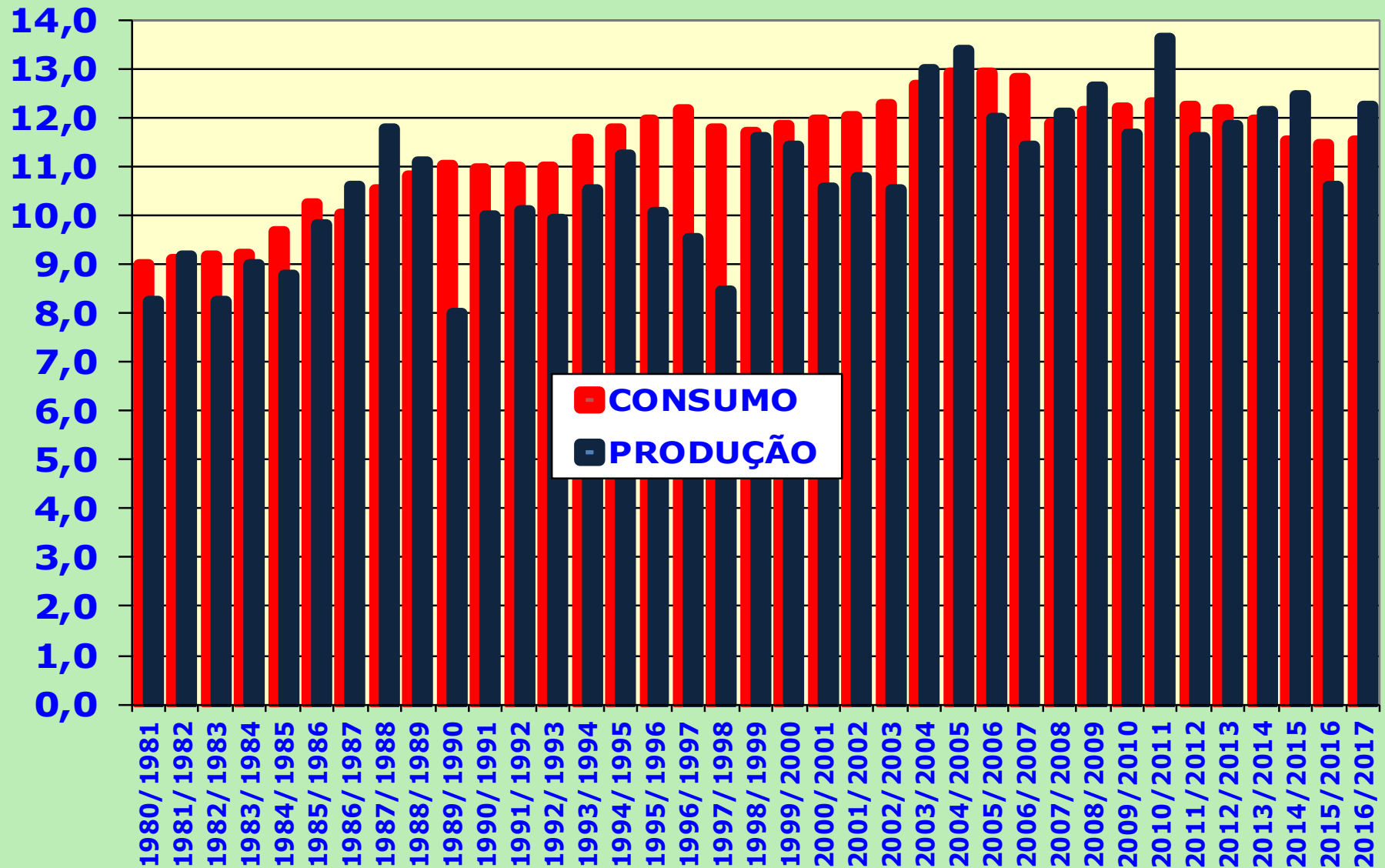
EM MIL TONELADAS

ANO SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO BASE CASCA	IMPORTAÇÃO BASE CASCA	SUPRIMENTO BASE CASCA	CONSUMO BASE CASCA	EXCEDENTE BASE CASCA	EXPORTAÇÕES BASE CASCA	ESTOQUE FINAL	ESTOQUE/ DEMANDA
1980/1981	2.059,0	8.228,0	209,0	10.496,0	9.000,0	1.496,0	73,0	1.423,0	15,8%
1981/1982	1.423,0	9.155,0	203,0	10.781,0	9.100,0	1.681,0	18,0	1.663,0	18,3%
1982/1983	1.663,0	8.224,0	465,0	10.352,0	9.150,0	1.202,0	12,0	1.190,0	13,0%
1983/1984	1.190,0	8.991,0	91,0	10.272,0	9.200,0	1.072,0	2,0	1.070,0	11,6%
1984/1985	1.070,0	8.760,0	500,0	10.330,0	9.660,0	670,0	5,0	665,0	6,9%
1985/1986	665,0	9.813,0	2.074,0	12.552,0	10.240,0	2.312,0	6,0	2.306,0	22,5%
1986/1987	2.306,0	10.578,0	235,0	13.119,0	10.000,0	3.119,0	5,0	3.114,0	31,1%
1987/1988	3.114,0	11.762,2	190,0	15.066,2	10.500,0	4.566,2	10,0	4.556,2	43,4%
1988/1989	4.556,2	11.092,0	252,5	15.900,7	10.800,0	5.100,7	10,0	5.090,7	47,1%
1989/1990	5.090,7	7.967,6	717,6	13.775,9	11.000,0	2.775,9	10,8	2.765,1	25,1%
1990/1991	2.765,1	9.997,2	1.327,9	14.090,2	10.936,4	3.153,8	2,1	3.151,7	28,8%
1991/1992	3.151,7	10.103,1	784,8	14.039,6	10.970,3	3.069,3	2,2	3.067,1	28,0%
1992/1993	3.067,1	9.903,0	1.057,1	14.027,2	10.987,5	3.039,7	6,0	3.033,7	27,6%
1993/1994	3.033,7	10.523,4	1.657,6	15.214,7	11.530,8	3.683,9	3,7	3.680,2	31,9%
1994/1995	3.680,2	11.238,0	1.102,8	16.021,0	11.751,2	4.269,8	5,9	4.263,9	36,3%
1995/1996	4.263,9	10.037,9	1.171,4	15.473,2	11.950,0	3.523,2	3,8	3.519,4	29,5%
1996/1997	3.519,4	9.524,5	1.269,0	14.312,9	12.147,0	2.165,9	4,6	2.161,3	17,8%
1997/1998	2.161,3	8.462,9	2.009,0	12.633,2	11.750,0	883,2	9,9	873,3	7,4%
1998/1999	873,3	11.582,2	1.338,0	13.793,5	11.700,0	2.093,5	37,7	2.055,8	17,6%
1999/2000	2.055,8	11.423,1	936,5	14.415,4	11.850,0	2.565,4	21,1	2.544,3	21,5%
2000/2001	2.544,3	10.536,0	951,6	14.031,9	11.950,0	2.081,9	24,4	2.057,5	17,2%
2001/2002	2.057,5	10.776,1	737,3	13.570,9	12.000,0	1.570,9	47,6	1.523,3	12,7%
2002/2003	1.523,3	10.517,1	1.601,6	13.642,0	12.250,0	1.392,0	23,5	1.368,5	11,2%
2003/2004	1.368,5	12.960,4	1.097,3	15.426,2	12.660,0	2.766,2	92,2	2.674,0	21,1%
2004/2005	2.674,0	13.355,2	728,2	16.757,4	12.900,0	3.857,4	379,7	3.477,7	27,0%
2005/2006	3.477,7	11.971,7	827,8	16.277,2	12.900,0	3.377,2	452,3	2.924,9	22,7%
2006/2007	2.924,9	11.420,8	1.069,6	15.415,3	12.800,0	2.615,3	313,1	2.302,2	18,0%
2007/2008	2.302,2	12.074,0	589,9	14.966,1	11.866,7	3.099,4	789,9	2.309,5	19,5%
2008/2009	2.309,5	12.602,5	908,0	15.820,0	12.118,3	3.701,7	894,4	2.807,3	23,2%
2009/2010	2.807,3	11.660,9	1.044,8	15.513,0	12.200,0	3.313,0	627,4	2.685,6	22,0%
2010/2011	2.685,6	13.613,1	825,4	17.124,1	12.300,0	4.824,1	2.089,6	2.734,5	22,2%
2011/2012	2.734,5	11.599,5	1.068,0	15.402,0	12.237,9	3.164,1	1.455,2	1.708,9	14,0%
2012/2013	1.708,9	11.819,7	965,5	14.494,1	12.155,5	2.338,6	1.210,7	1.127,9	9,3%
2013/2014	1.127,9	12.121,6	807,2	14.056,7	11.955,0	2.101,7	1.188,4	913,3	7,6%
2014/2015	913,3	12.444,5	503,3	13.861,1	11.500,0	2.361,1	1.362,1	999,0	8,7%
2015/2016	999,0	10.603,0	1.187,4	12.789,4	11.425,0	1.364,4	893,7	470,7	4,1%
2016/2017	470,7	12.210,2	1.100,0	13.780,9	11.500,0	2.280,9	1.200,0	1.080,9	9,4%
% 2017/2016	-53%	15%	-7%	8%	1%	67%	34%	130%	

*2016/2017: Estimativas Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica

Fonte dos dados: CONAB, SECEX, IBGE e CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ARROZ: PRODUÇÃO x CONSUMO NO BRASIL EM MILHÕES DE TONELADAS



ARROZ: EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS

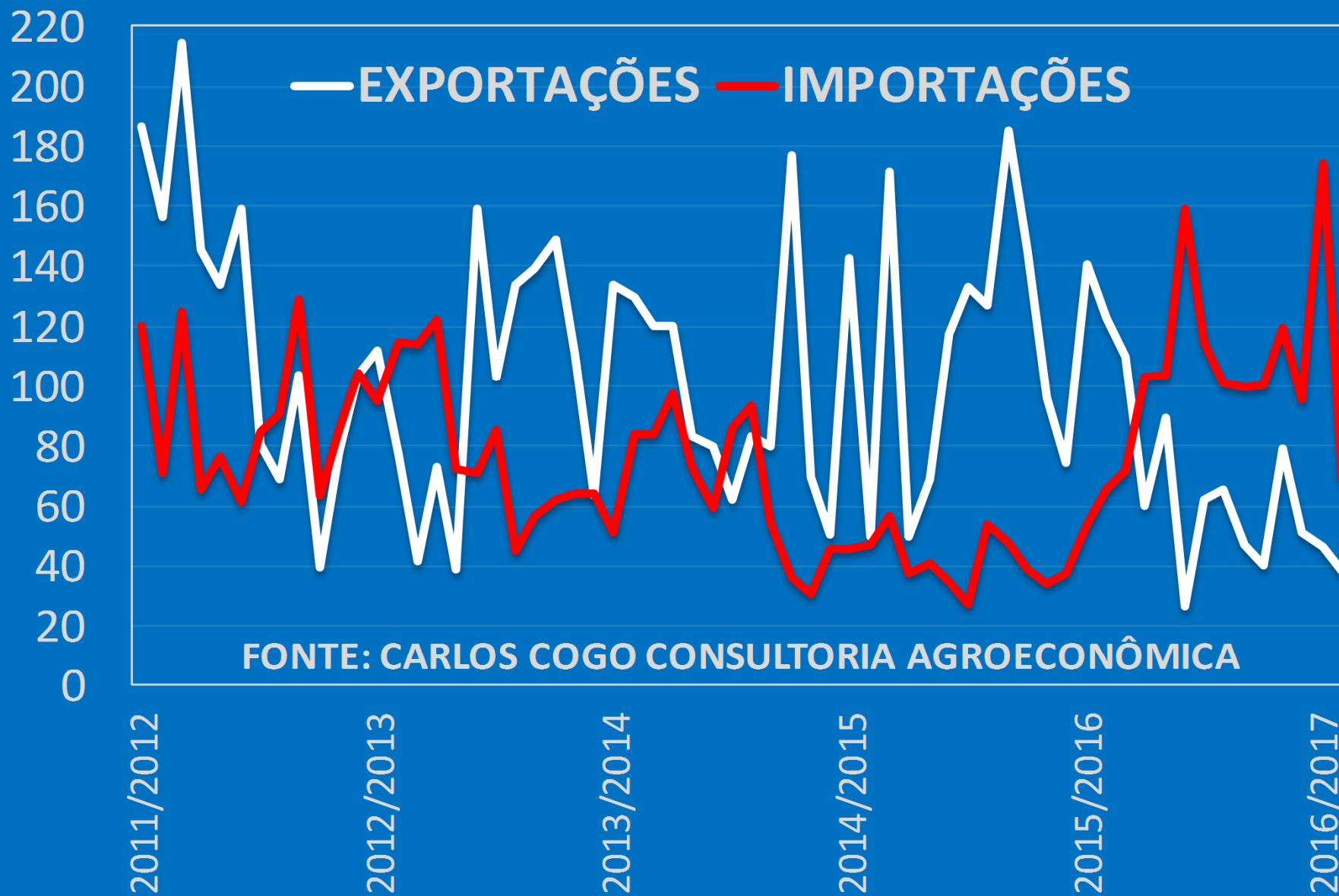
BASE CASCA

ANO-SAFRA		EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES	
ANO-SAFRA	MÊS	TONELADAS	ACUMULADO NO ANO-SAFRA	TONELADAS	ACUMULADO NO ANO-SAFRA
2015/2016	MAR	140.814		53.856	
	ABR	122.761		65.825	
	MAI	109.799		72.023	
	JUN	59.749		102.928	
	JUL	89.377		103.587	
	AGO	26.858		159.000	
	SET	62.401		114.513	
	OUT	65.312		100.930	
	NOV	46.808		99.455	
	DEZ	40.456		100.089	
	JAN	79.290		119.612	
	FEV	51.106	894.731	95.564	1.187.382
2016/2017	MAR	46.243		174.248	
	ABR	38.161		69.240	
	MAI				
	JUN				
	JUL				
	AGO				
	SET				
	OUT				
	NOV				
	DEZ				
	JAN				
	FEV		84.404		243.488
SAFRA 2015/2016: MAR-16 A ABR-16		263.575		119.681	
SAFRA 2016/2017: MAR-17 A ABR-17		84.404		243.488	
VARIÇÃO ABR-2017/ABR-2016		-69%		5%	
VARIÇÃO SOBRE O MÊS ANTERIOR		-17%		-60%	
VARIÇÃO NO ANO-SAFRA		-68%		103%	
MÉDIA MENSAL EM 2015/2016		74.561		98.949	
MÉDIA MENSAL EM 2016/2017		42.202		121.744	

Fonte dos dados: Secex/Mdic

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

ARROZ: EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MIL T BASE CASCA - 2011/2012 A 2016/2017



ARROZ: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR DESTINOS (BASE CASCA)

2015	
Países	Exportações (t)
CUBA	250.427
SENEGAL	156.567
VENEZUELA	119.974
SERRA LEOA	109.598
PERU	97.151
NICARÁGUA	78.790
GÂMBIA	62.514
IRAQUE	61.765
SUIÇA	60.456
BOLÍVIA	49.137
ESTADOS UNIDOS	27.210
COSTA RICA	26.396
MALI	24.616
HOLANDA	18.780
ÁFRICA DO SUL	16.323
NIGÉRIA	16.283
CABO VERDE	16.274
ARABIA SAUDITA	14.563
BENIN	14.015
ANGOLA	13.380
TRINIDAD TOBAGO	12.954
Outros	61.449
Total	1.308.622

2014	
Países	Exportações (t)
SENEGAL	165.062
CUBA	154.447
VENEZUELA	141.524
SERRA LEOA	124.395
GÂMBIA	115.047
BOLÍVIA	74.506
NICARAGUA	65.739
PERU	47.740
SUIÇA	46.362
BENIN	46.146
IRAQUE	44.118
PAÍSES BAIXOS	32.827
TURQUIA	31.500
ANGOLA	31.024
COSTA RICA	24.328
ESTADOS UNIDOS	21.240
TRINIDAD TOBAGO	12.965
ARABIA SAUDITA	12.838
PANAMÁ	11.478
CABO VERDE	9.480
CHILE	7.217
Outros	22.672
Total	1.242.655

5 MAIORES = 56% EM 2015 E 2014

ARROZ: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR DESTINOS EM 2016 TONELADAS – BASE CASCA

Países	Jan	Fev	Mar	Abril	Mai	Junho	Julho	Agosto	Set	Out	Nov	Dez	Total
SENEGAL	38.602	0	8.415	44.183	36.392	0	44.554	0	0	29.410	5.282	0	206.838
NICARÁGUA	24.480	0	0	27.495	25.157	0	0	0	26.571	0	0	0	103.703
PERU	11.065	5.882	6.140	11.287	7.429	7.978	5.037	9.044	7.612	3.088	3.564	6.653	84.779
VENEZUELA	6.305	0	59.990	0	0	0	1.069	3.601	3.842	4.098	2.283	2.361	83.549
GÂMBIA	0	2.220	735	18.380	0	11.765	23.528	0	0	0	26.334	0	82.962
ESTADOS UNIDOS	1.400	34.726	2.418	3.350	3.018	2.876	1.917	1.848	2.487	2.012	2.496	3.227	61.775
SUIÇA	74	16.550	147	110	110	13.500	147	368	13.706	13.677	0	74	58.463
CUBA	0	0	44.778	0	0	0	0	0	0	0	0	0	44.778
BOLÍVIA	1.716	2.266	4.125	3.400	2.924	4.030	2.365	1.365	1.868	1.872	2.570	2.400	30.901
COSTA RICA	404	551	625	110	26.250	809	147	441	218	294	221	294	30.364

SUB-TOTAL 10 MAIORES IMPORTADORES EM 2016 – 84,3% DO TOTAL = 788.112 T

OUTROS 54 PAÍSES IMPORTADORES EM 2016 – 15,7% DO TOTAL = 146.973 T

TOTAL EXPORTADO DE JANEIRO A DEZEMBRO DE 2016 = 935.085 T

ARROZ: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR DESTINOS EM 2017 TONELADAS – BASE CASCA

Exportações Brasileiras por país - 2017 (base casca) em toneladas

Países	Jan	Fev	Mar	Abril	Total
SERRA LEOA	19.132	13.970	14.852	0	47.954
CUBA	42.647	0	0	0	42.647
SENEGAL	0	11.096	15.441	0	26.537
GÂMBIA	0	0	0	23.658	23.658
PERU	5.662	4.412	7.063	6.124	23.261
SUIÇA	0	13.390	0	0	13.390
BOLIVIA	1.328	1.676	2.244	1.816	7.064
VENEZUELA	630	1.859	1.982	1.386	5.857
ESTADOS UNIDOS	1.934	394	883	1.217	4.428
ARABIA SAUDITA	2.677	255	184	441	3.557

SUB-TOTAL 10 MAIORES IMPORTADORES EM 2017 – 92,4% DO TOTAL = 198.353 T

OUTROS 34 PAÍSES IMPORTADORES EM 2017 – 7,6% DO TOTAL = 16.213 T

TOTAL EXPORTADO DE JANEIRO A ABRIL DE 2017 = 214.566 T

ARROZ: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR ORIGENS (BASE CASCA)

2015	
País	Importações (t)
Paraguai	360.374
Argentina	65.723
Uruguai	44.419
Guiana	27.722
Itália	4.458
Chile	4.215
Vietna	1.096
EUA	1.048
Tailândia	717
França	64
Índia	62
Paquistão	45
Portugal	14
Espanha	8
Japão	6
Total	509.971

2014	
País	Importações (t)
Paraguai	425.192
Argentina	131.097
Uruguai	181.420
Tailândia	89.512
Guiana	9.332
Chile	6.559
Itália	2.726
Paquistão	975
Índia	580
Vietna	246
EUA	185
França	59
Espanha	22
Portugal	10
Japão	3
Total	847.918

PARAGUAI: 50% EM 2014 -> 70% EM 2015

Fonte: MDIC

ARROZ: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR ORIGENS EM 2016 TONELADAS – BASE CASCA

País	Jan	Fev	Mar	Abril	Mai	Jun	Jul	Agos	Set	Out	Nov	Dez	Total
Argentina	2.085	5.782	7.655	7.539	22.503	13.601	14.835	19.373	18.267	15.525	16.993	18.085	162.243
Taiwan	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	10	10
Chile	371	165	203	165	165	165	165	165	165	329	0	0	2.058
Coréia do Sul	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
Espanha	4	6	6	6	0	0	0	10	0	0	0	0	32
EUA	43	5	5	0	0	18	0	23	0	0	6	0	100
França	1	0	2	0	0	0	3	0	0	0	0	3	9
Guiana	4.242	487	244	365	122	276	487	9.063	240	799	689	5.147	22.161
Índia	37	0	0	1	0	0	2	0	37	0	0	38	115
Itália	242	309	417	325	329	470	659	378	374	422	462	884	5.271
Japão	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Paquistão	37	0,0	4	0	7	1	4	37	5	37	1	1	134
Paraguai	23.831	25.482	39.344	53.190	36.691	57.152	47.854	58.348	51.062	50.921	47.471	42.003	533.349
Portugal	4	0	0	0	0	5	0	0	0	0	4	0	13
Tailândia	0	53	19	65	0	32	32	50	96	127	65	93	632
Uruguai	2.975	5.133	5.883	4.132	12.097	31.171	39.224	71.309	44.055	32.654	33.545	33.573	315.751
Vietna	238	352	74	37	109	37	321	244	212	116	219	252	2.211
Total	34.110	37.774	53.856	65.825	72.023	102.928	103.587	159.000	114.513	100.930	99.455	100.089	1.044.090

PARAGUAI = 51% DO TOTAL IMPORTADO ENTRE JANEIRO E DEZEMBRO DE 2016

ARROZ: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS POR ORIGENS EM 2017 JANEIRO A ABRIL - TONELADAS BASE CASCA

Importações Brasileiras por país - 2017 - (base casca) em toneladas													
País	Jan	Fev	Mar	Abril	Maio	Jun	Jul	Agos	Set	Out	Nov	Dez	Total
Argentina	23.286	19.510	27.374	10.437									80.607
Taiwan	0	0	0	0									0
Chile	0	165	0	165									330
Coréia do Sul	0	0	0	0									0
Espanha	25	0	0	5									30
EUA	18	0	0	28									46
França	1	1	0	0									2
Guiana	365	244	5.021	250									5.880
India	0	0	1	0									1
Itália	596	340	771	564									2.271
Japão	0	0	0	0									0
Paquistão	9	0,0	14	7									30
Paraguai	55.522	41.645	97.296	51.678									246.141
Suriname	7.756	0	0	0									7.756
Tailândia	146	65	1	94									306
Uruguai	31.853	33.594	43.554	8.614									117.615
Vietna	35	0	216	68									319
Total	119.612	95.564	174.248	71.910	0	0	0	0	0	0	0	0	461.334

PARAGUAI = 53% DO TOTAL IMPORTADO ENTRE JANEIRO E ABRIL DE 2017

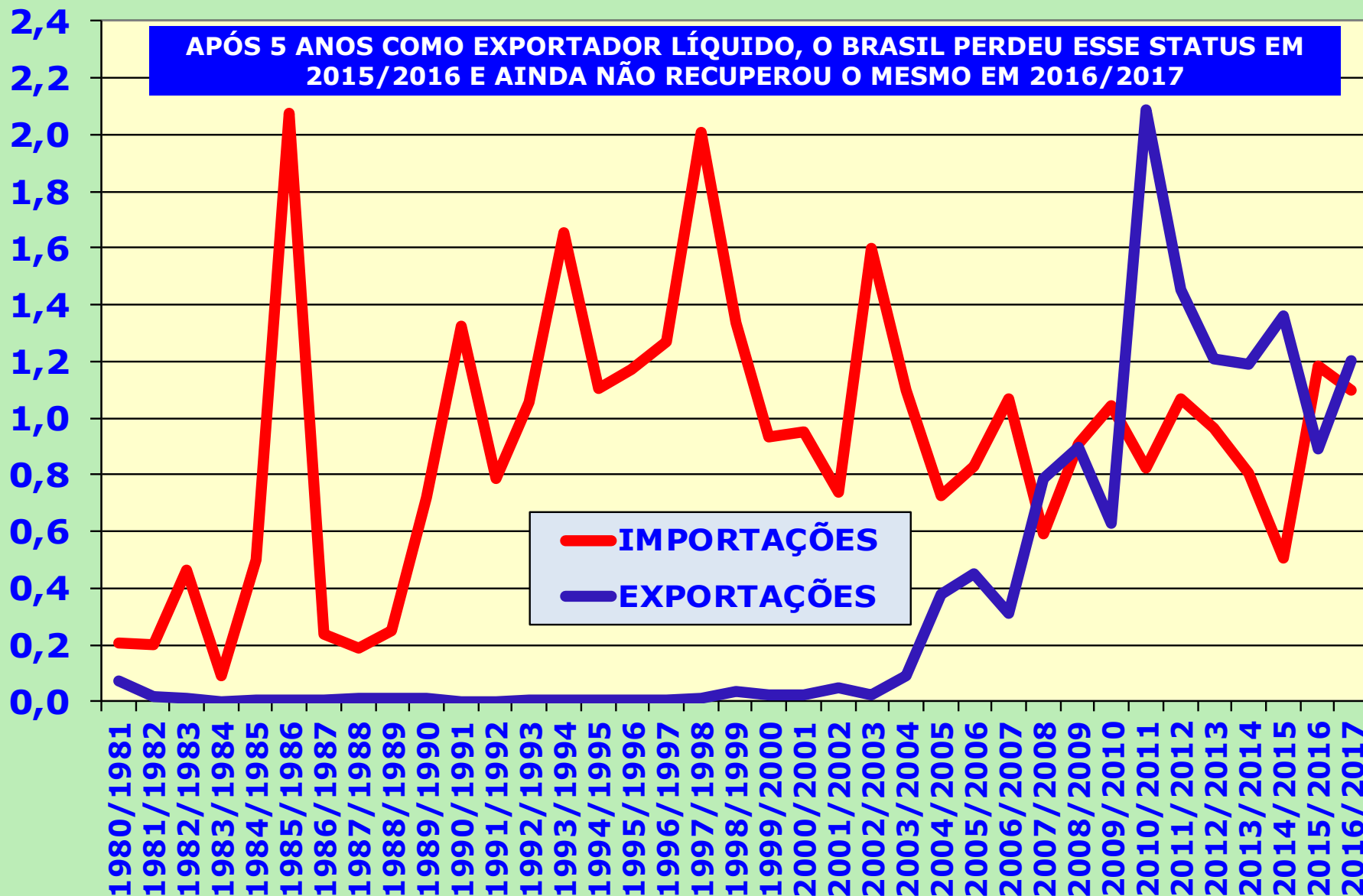
BRASIL: ESTIMATIVA DE OFERTA E DEMANDA DE ARROZ
EM MIL TONELADAS BASE CASCA

ESTIMATIVA CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

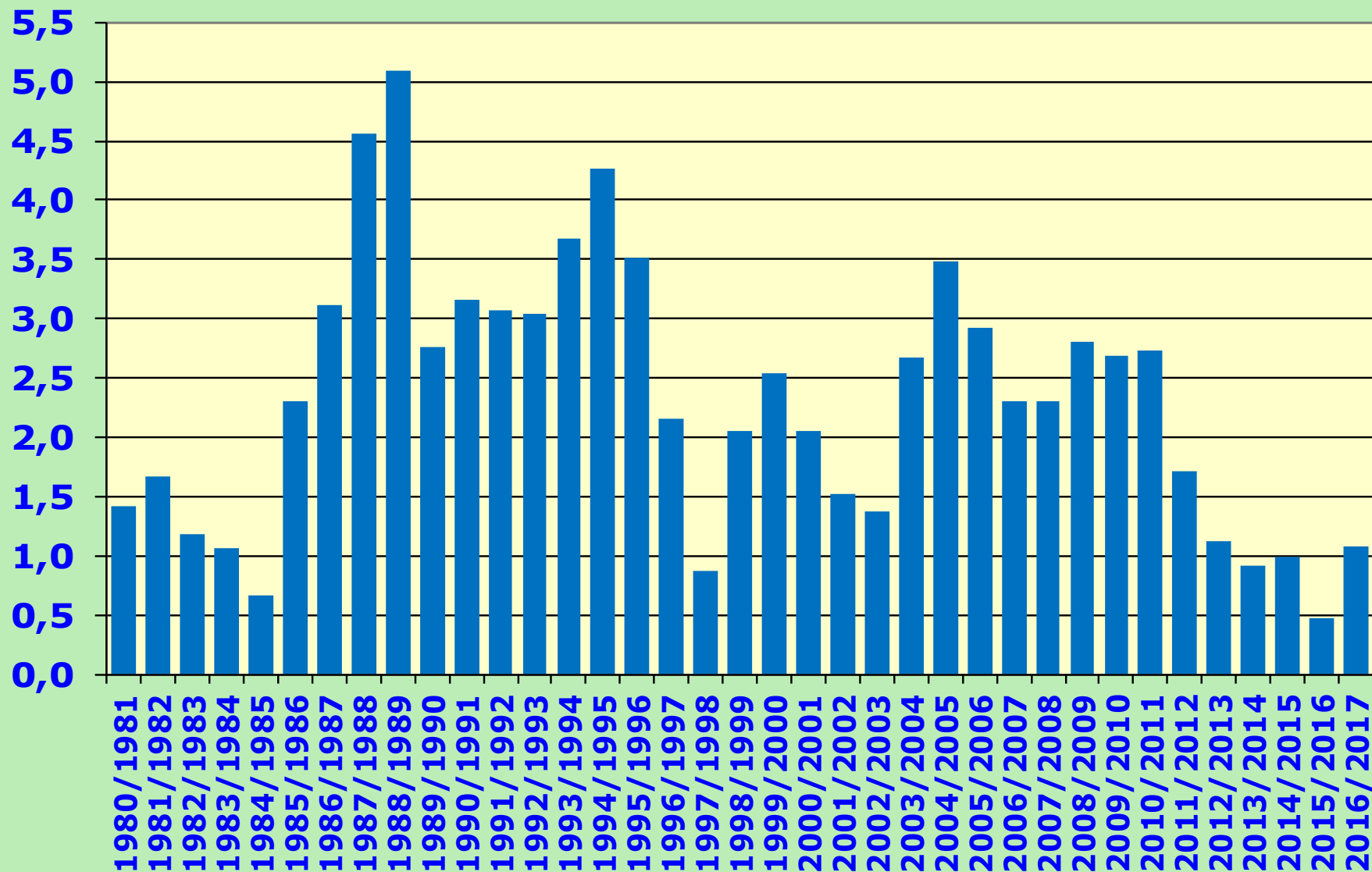
ITEM	2014/2015	2015/2016 (A)	2016/2017 (B)	(B) / (A)
ESTOQUE INICIAL	913,3	999,0	470,7	-53%
PRODUÇÃO	12.444,5	10.603,0	12.210,2	15%
OFERTA TOTAL	13.357,8	11.602,0	12.680,9	9%
DEMANDA	11.500,0	11.425,0	11.500,0	1%
EXPORTAÇÕES	1.362,1	893,7	1.200,0	34%
DEMANDA TOTAL	12.862,1	12.318,7	12.700,0	3%
IMPORTAÇÕES	503,3	1.187,4	1.100,0	-7%
ESTOQUE FINAL	999,0	470,7	1.080,9	130%
DIAS CONSUMO	32	15	34	

Elaboração: Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica

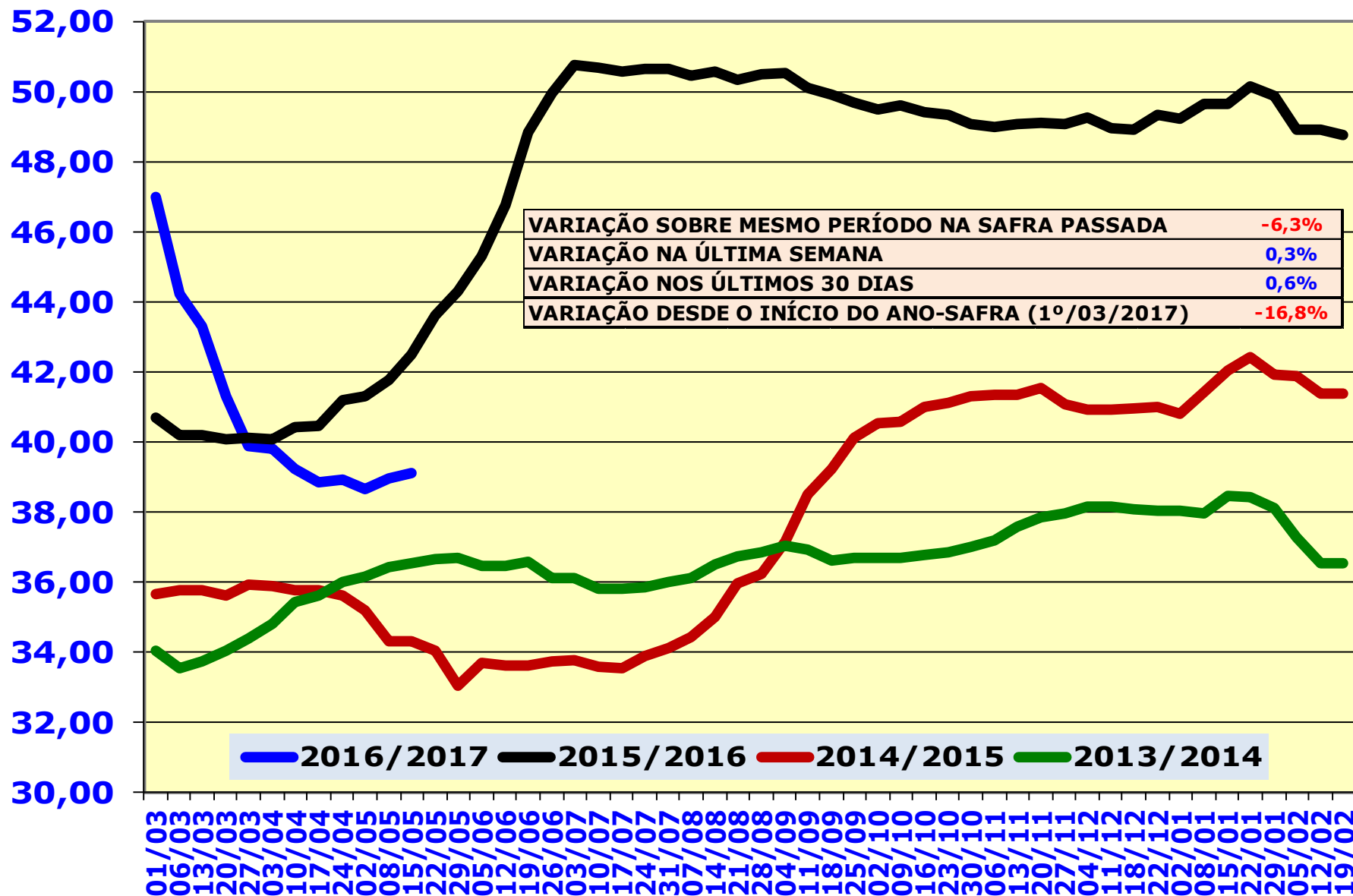
ARROZ: IMPORTAÇÕES x EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MILHÕES DE T



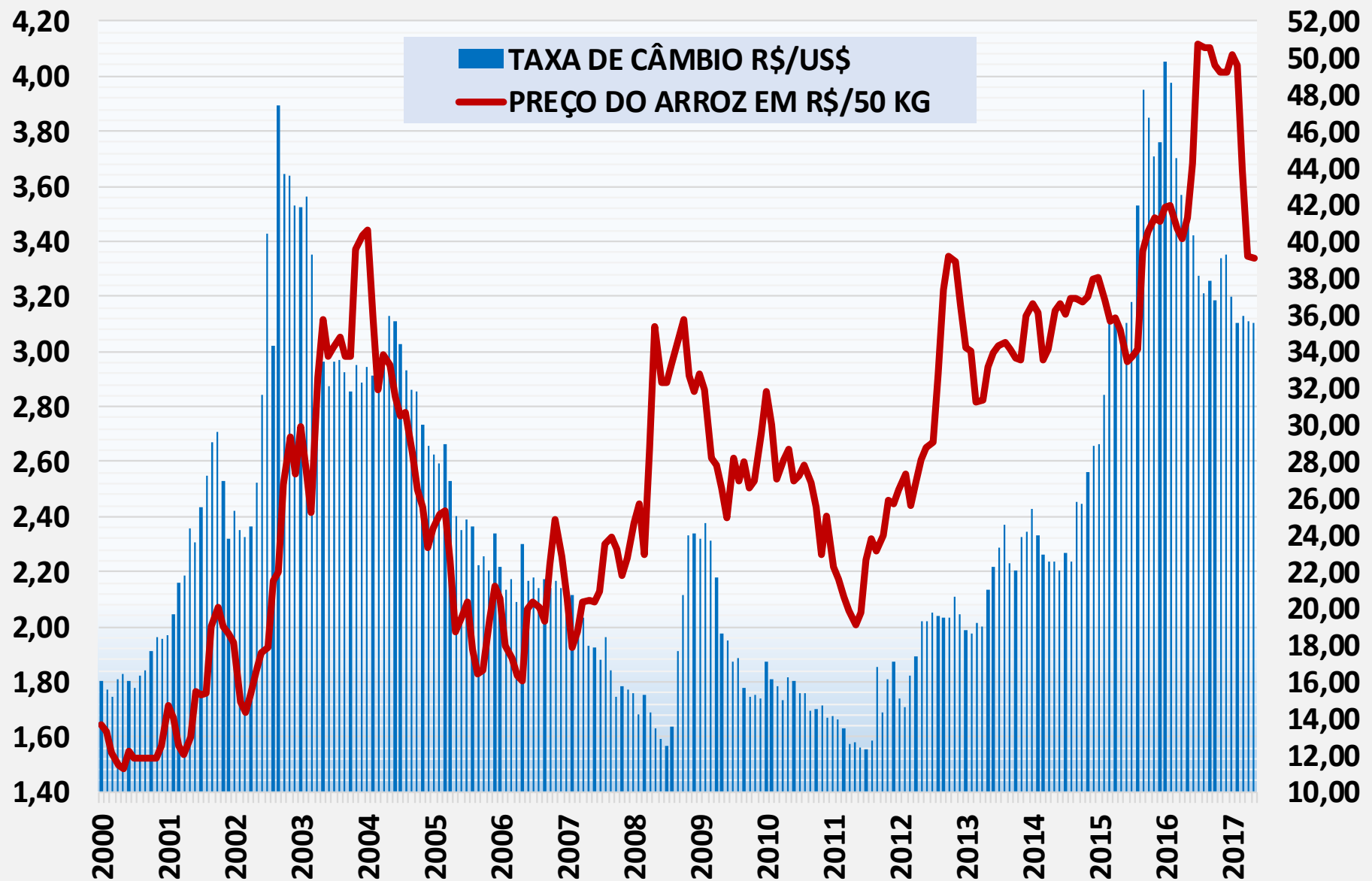
ARROZ: ESTOQUES DE PASSAGEM BRASIL - MILHÕES T BASE CASCA



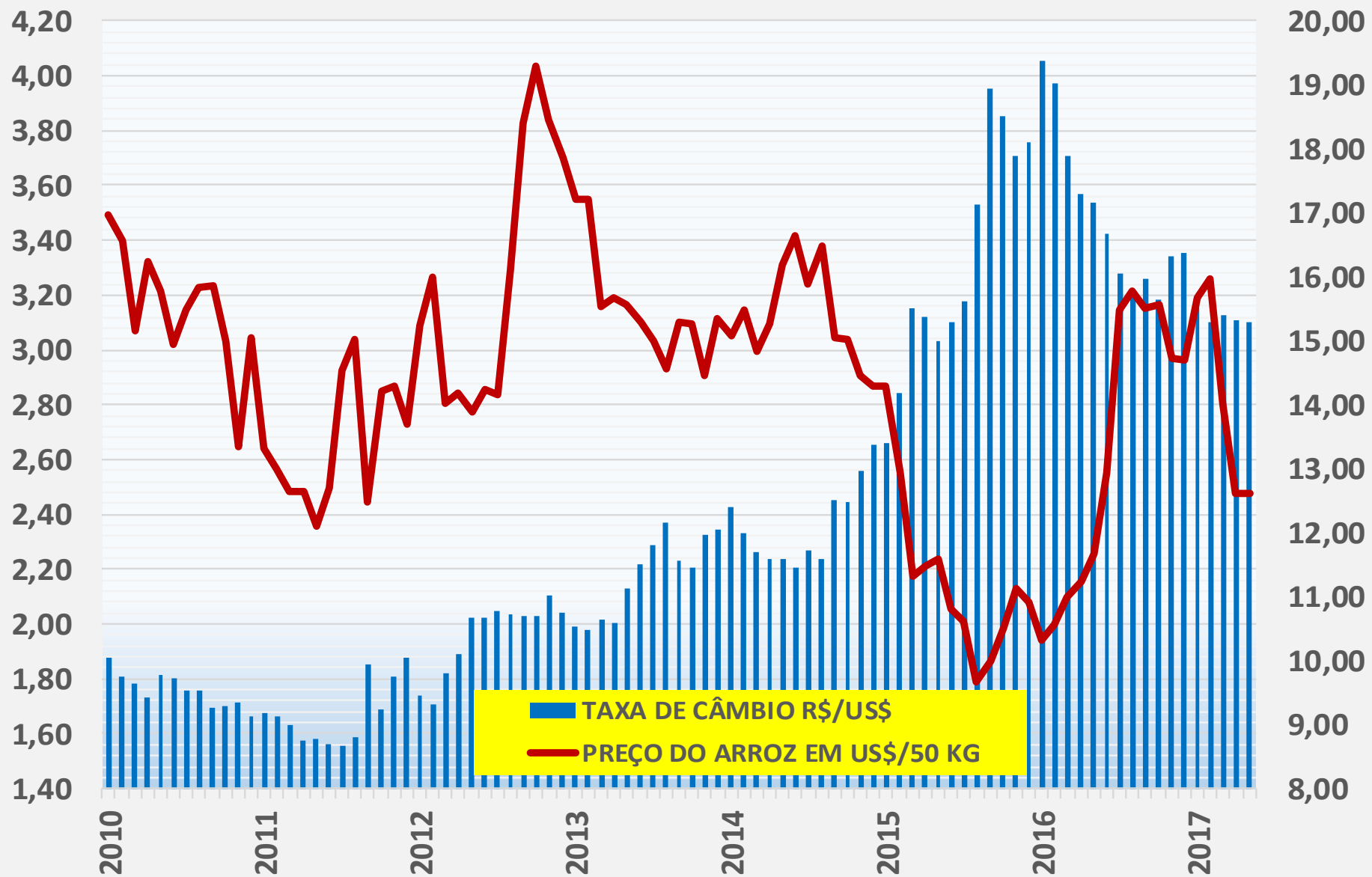
ARROZ EM CASCA: EVOLUÇÃO SEMANAL DOS PREÇOS AO PRODUTOR DO RS - R\$/50 Kg FOB



PREÇO DO ARROZ EM CASCA FOB PRODUTOR RS (R\$/50 KG) x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL (R\$/US\$)



PREÇO DO ARROZ EM CASCA FOB PRODUTOR RS (US\$/50 KG) x TAXA DE CÂMBIO NO BRASIL (R\$/US\$)



CARLOS COGO
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



FEIJÃO

WWW.CARLOSCOGO.COM.BR

FEIJÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A área de cultivo na 1ª safra 2016/2017 cresceu 13,7%, com colheita de 1,380 milhão de toneladas, 33,5% acima do ano anterior.
- Na 2ª safra 2016/2017, a área de cultivo atingiu 1,414 milhão de hectares, 7,9% acima do ano anterior.
- A tendência é de leve aumento na área plantada na 3ª safra 2016/2017, estimada em 567 mil hectares, 3,5% acima do ano anterior, mas com potencial de produção 21,8% maior, projetada em 689 mil toneladas.
- A produção total de feijão nas três safras de 2016/2017 está estimada em 3,327 milhões de toneladas, 32% acima das 2,512 milhões de toneladas produzidas em 2015/2016.
- Caso confirmada, a produção total estimada para 2016/2017 ficará levemente abaixo do consumo interno, que está estimado em 3,350 milhões de toneladas, expansão de 20% sobre as 2,8 milhões de toneladas de 2015/2016, em função da tendência de preços médios menores ao consumidor durante esse ano.
- A recuperação do consumo interno deve ajudar na sustentação dos preços pagos aos produtores durante este ano de 2017.

FEIJÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

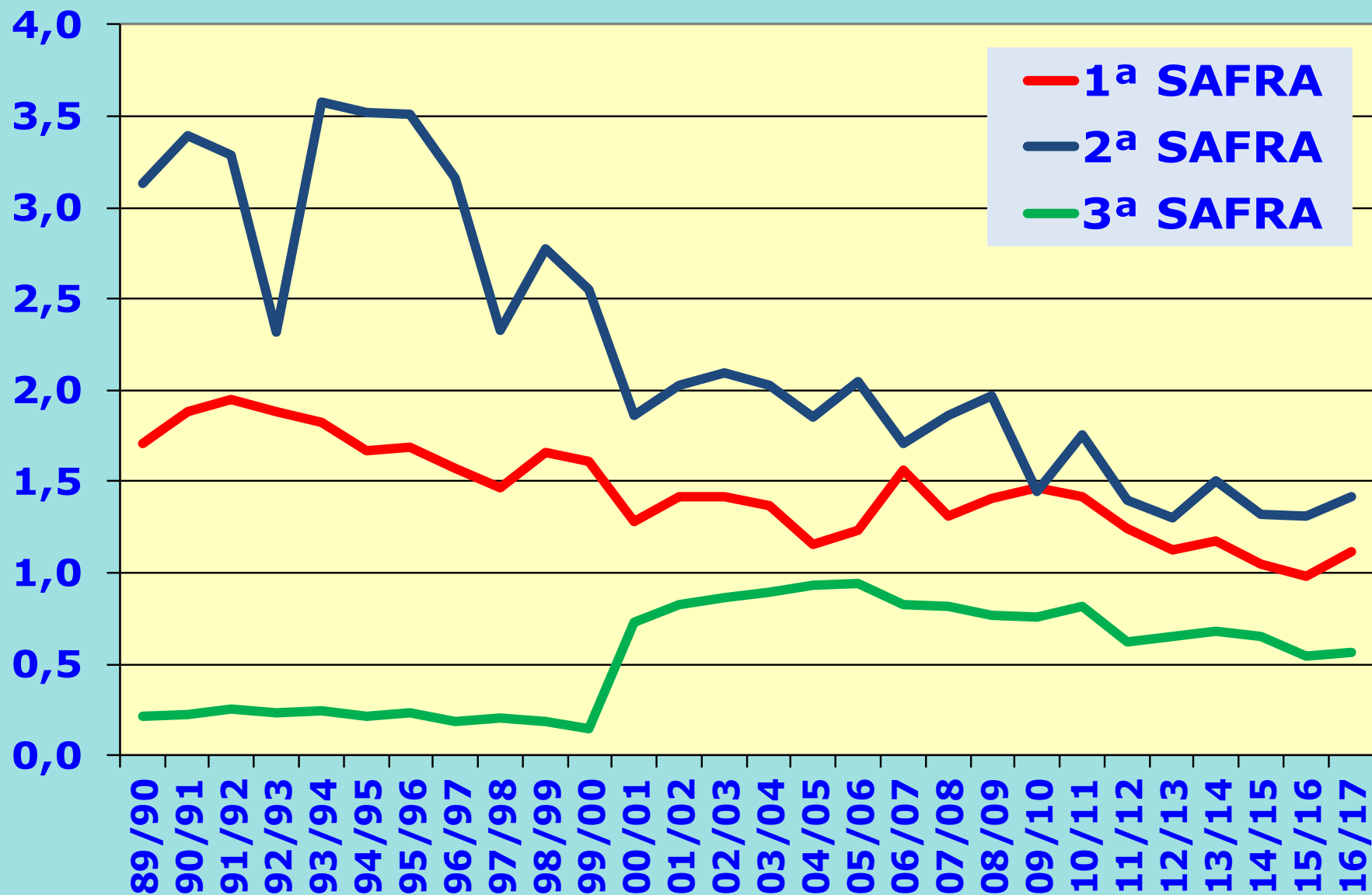
- No mercado de feijão carioca, os preços estão firmes neste mês de maio, oscilando entre R\$ 130,00 e R\$ 160,00 por saca de 60 Kg FOB, nas regiões produtoras do Centro-Sul do País.
- Os melhores tipos continuam escassos, diante das chuvas que atingiram as principais regiões produtoras da 2ª safra.
- Assim, as cotações são sustentadas em níveis mais elevados, por causa da baixa oferta de produto de melhor qualidade, com cor acima de nota 8, produto seco e sem manchas.
- A maior parte das ofertas é proveniente dos Estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Goiás.
- Os lotes de produto extra novo são provenientes da Região Sul do País, com destaque para o estado de Santa Catarina.
- No mercado de feijão preto, no atacado em São Paulo, os negócios estão enfraquecidos e os preços apresentam pequenos recuos.
- O feijão preto extra novo está cotado, em média, a R\$ 163,50 por saca de 60 Kg e o especial, a R\$ 142,50 por saca de 60 Kg.

FEIJÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HA

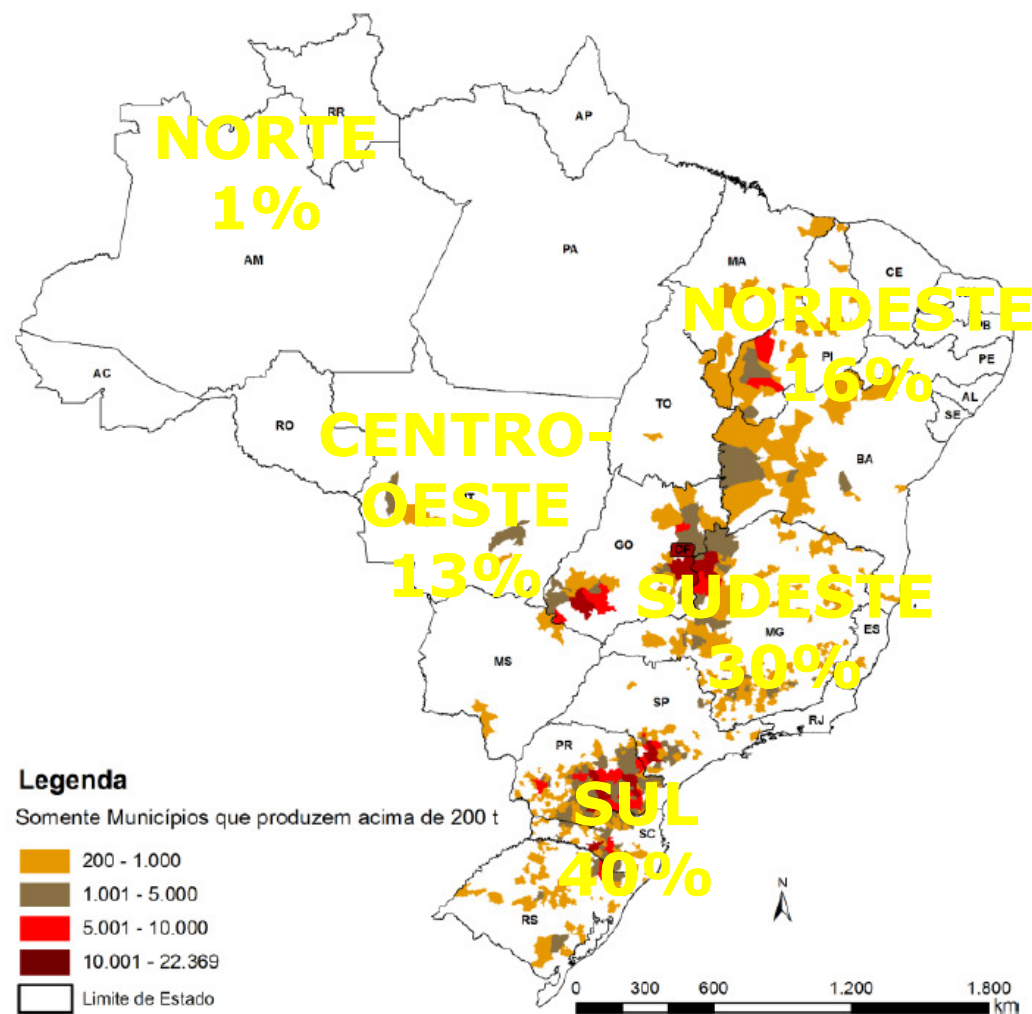


A ÁREA DE CULTIVO TOTAL (3 SAFRAS) DEVE SE RECUPERAR EM 2016/2017, COM EXPANSÃO DE ATÉ 9%





FEIJÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL EM MILHÕES DE HECTARES



FEIJÃO 1ª SAFRA 2017: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO



FEIJÃO 1ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO	█	█	█	█	█	█	█	█				
Nordeste												
PI		█	█			█	█					
BA	█	█	█	█	█	█	█	█				
Centro-Oeste												
MT	█	█	█	█	█	█	█					
MS	█	█		█	█							
GO	█	█	█	█	█	█						
DF	█	█	█		█	█						
Sudeste												
MG	█	█	█	█	█	█						
ES		█	█	█	█	█						
RJ	█	█		█	█							
SP	█	█	█	█	█							█
Sul												
PR	█	█	█	█	█						█	█
SC	█	█	█	█	█	█	█					█
RS	█	█	█	█	█	█	█				█	█

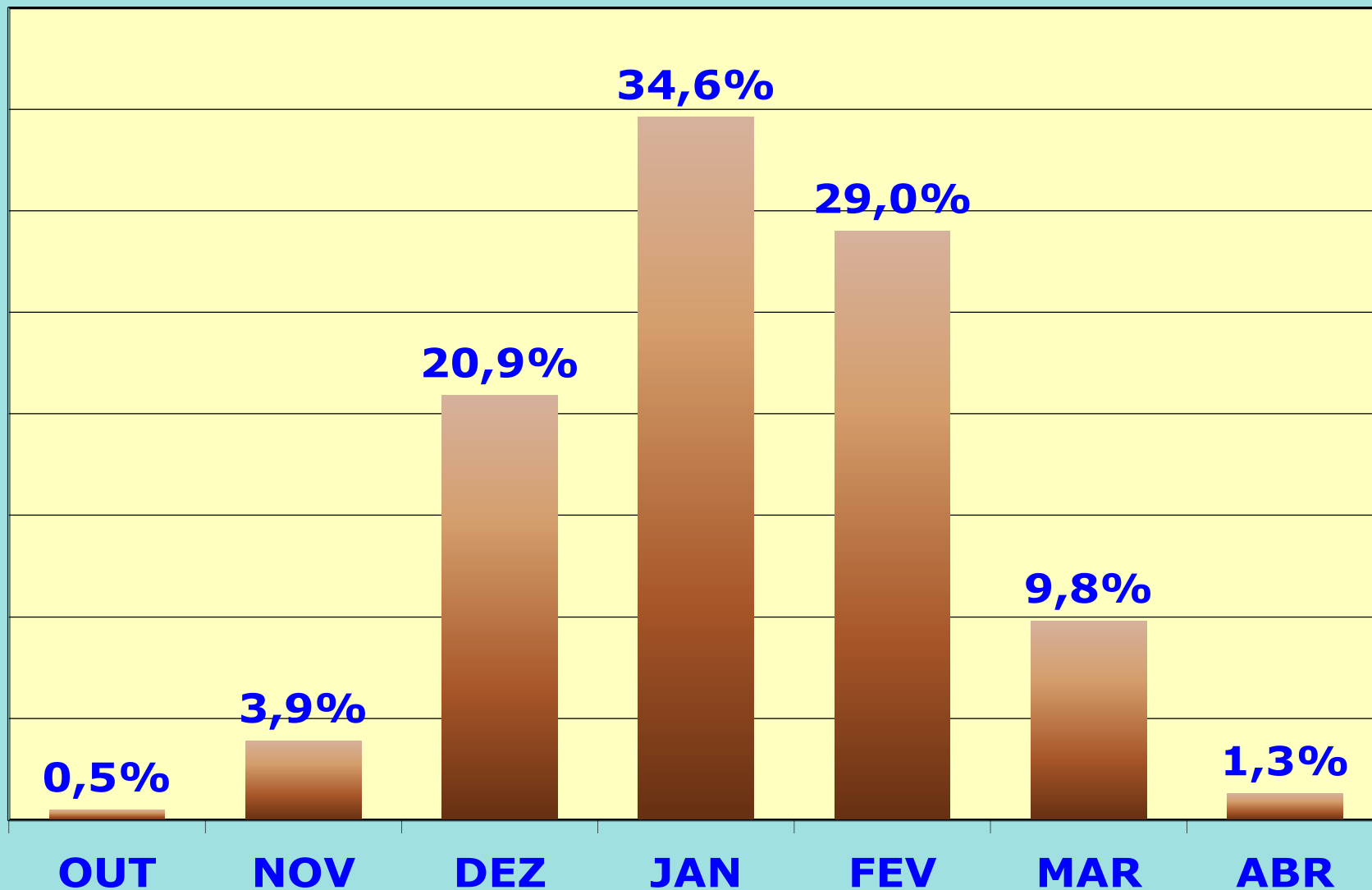


P = PLANTIO

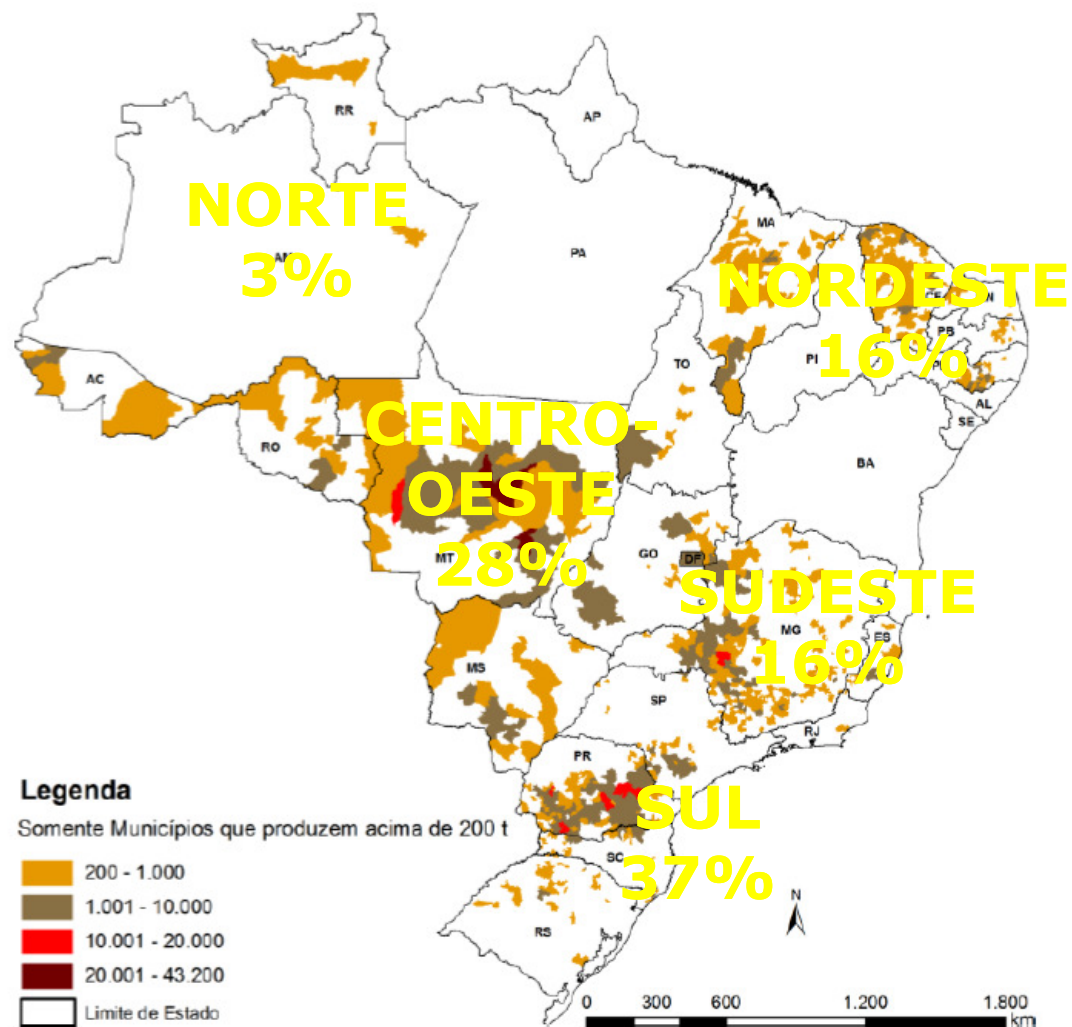
C = COLHEITA

Legenda: █ Plantio █ Colheita

FEIJÃO 1ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL



FEIJÃO 2ª SAFRA 2017: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO



FEIJÃO 2ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
	☀️			☀️			🌿			❄️		
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
RR							█	█	█		█	█
RO					█	█			█	█	█	
AC					█	█			█	█	█	
AM						█	█	█	█	█	█	█
AP							█	█	█	█	█	█
TO					█	█	█	█	█	█	█	█
Nordeste												
MA					█	█	█	█	█	█	█	
PI				█	█	█	█	█	█	█		
CE					█	█	█	█	█	█	█	
RN				█	█	█	█	█	█	█	█	█
PB						█	█	█	█	█	█	█
PE					█	█	█	█	█	█	█	
Centro-Oeste												
MT				█	█	█		█	█	█	█	
MS					█	█	█		█	█	█	█
GO				█	█	█		█	█	█	█	
DF				█	█			█	█			
Sudeste												
MG					█	█	█	█	█	█	█	█
ES					█	█	█	█	█	█	█	
RJ					█	█	█	█	█	█	█	
SP				█	█	█	█	█	█	█	█	
Sul												
PR				█	█	█	█	█	█	█		
SC				█	█	█	█	█	█	█		
RS				█	█	█	█	█	█	█		

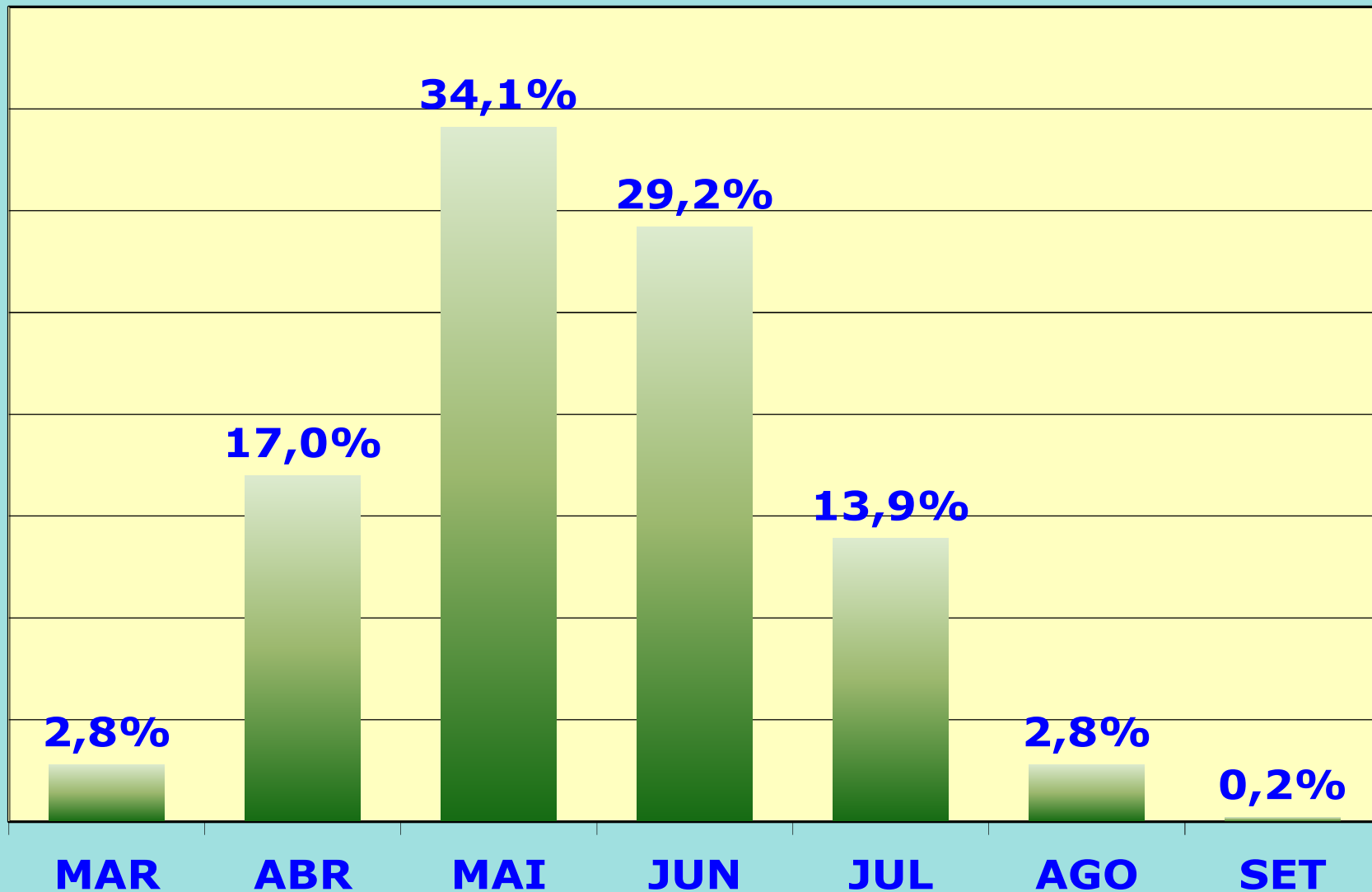
Legenda: █ Plantio █ Colheita



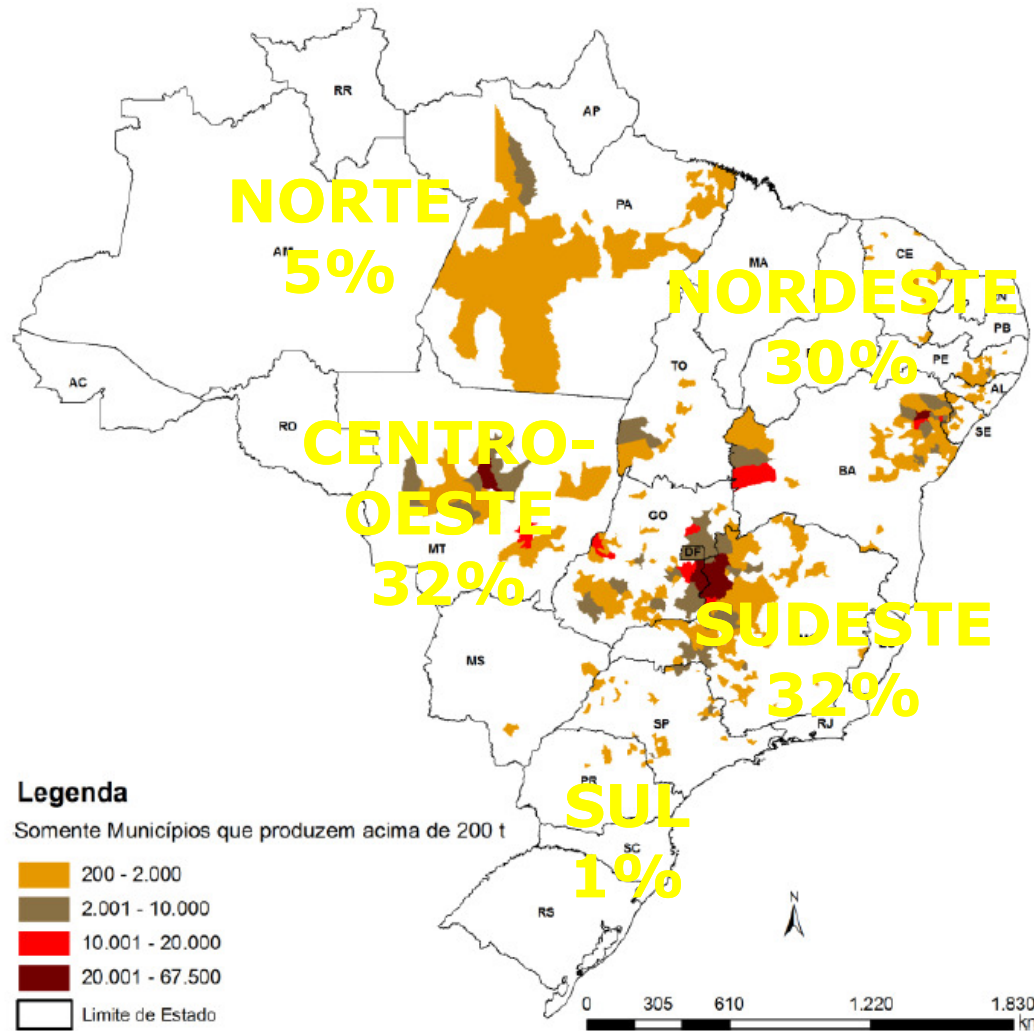
P = PLANTIO

C = COLHEITA





FEIJÃO 2ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL



FEIJÃO 3ª SAFRA 2017: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO



FEIJÃO 3ª SAFRA CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
PA	—						—	—	—	—	—	—
TO	—						—	—	—	—	—	—
Nordeste												
CE	—							—	—	—	—	—
PE	—						—	—	—	—	—	—
AL	—						—	—	—	—	—	—
SE	—						—	—	—	—	—	—
BA	—						—	—	—	—	—	—
Centro-Oeste												
MT							—	—	—	—	—	—
MS							—	—	—	—	—	—
GO							—	—	—	—	—	—
DF							—	—	—	—	—	—
Sudeste												
MG	—					—	—	—	—	—	—	—
SP	—						—	—	—	—	—	—
Sul												
PR					—		—	—	—	—	—	—

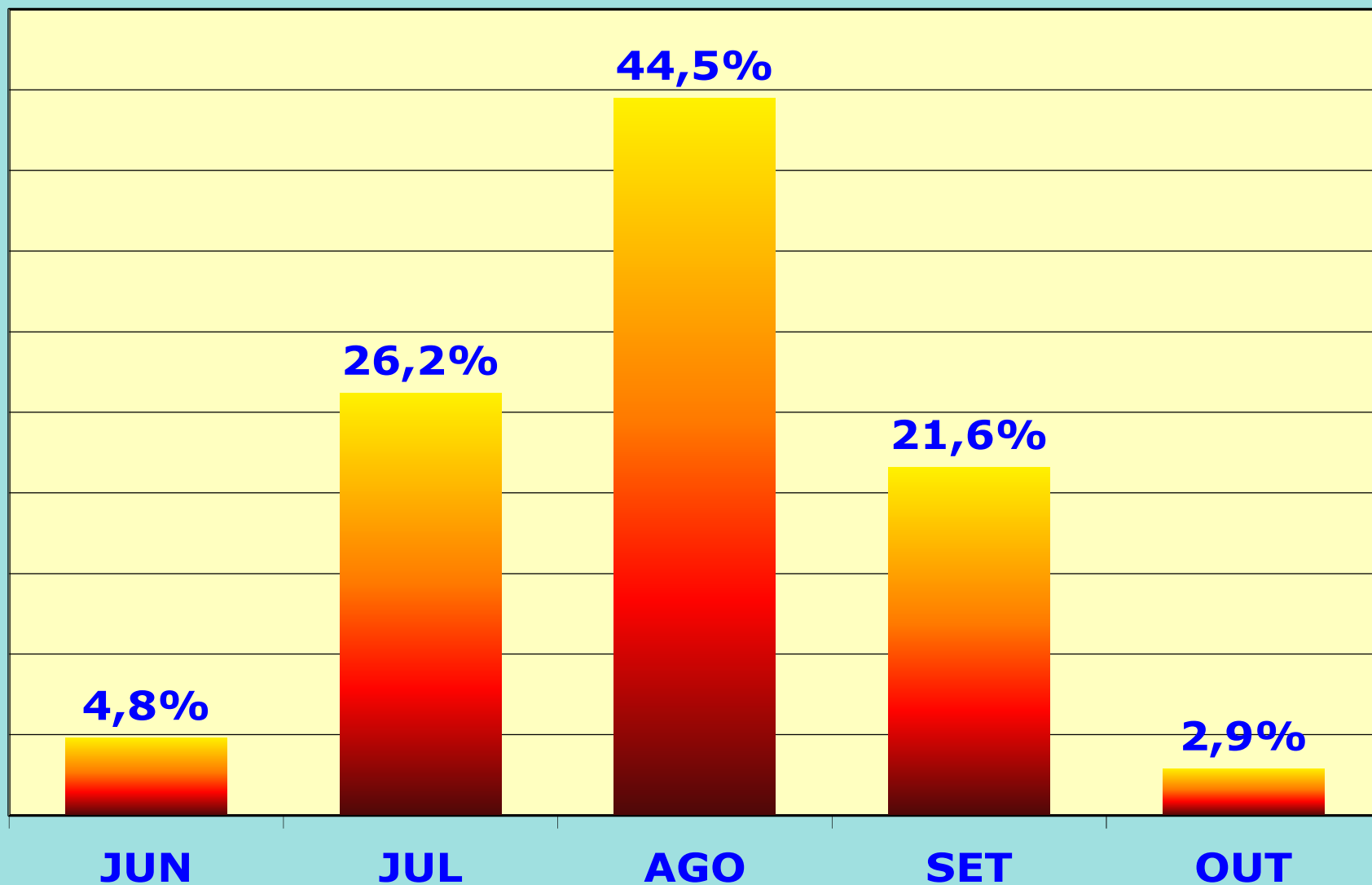
Legenda:  Plantio  Colheita



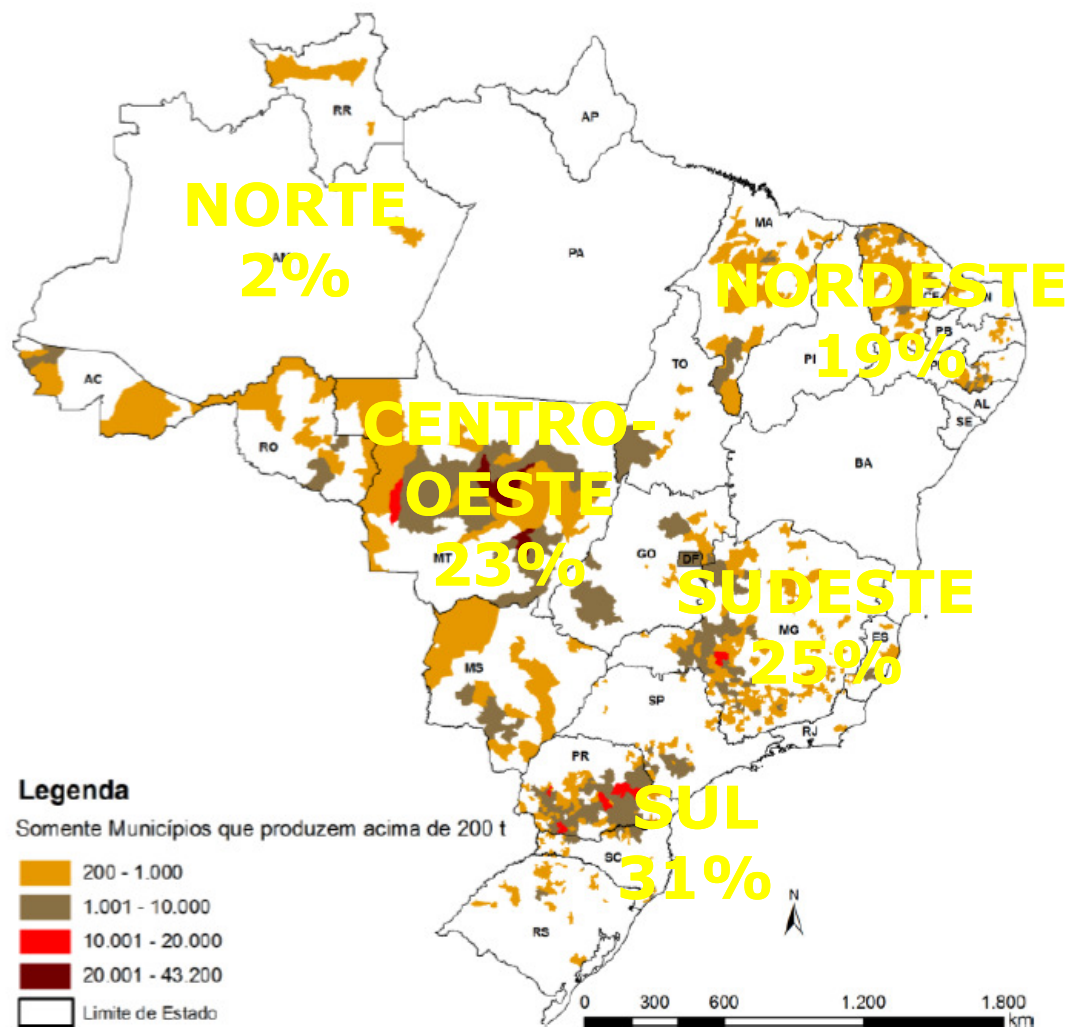
P = PLANTIO

C = COLHEITA

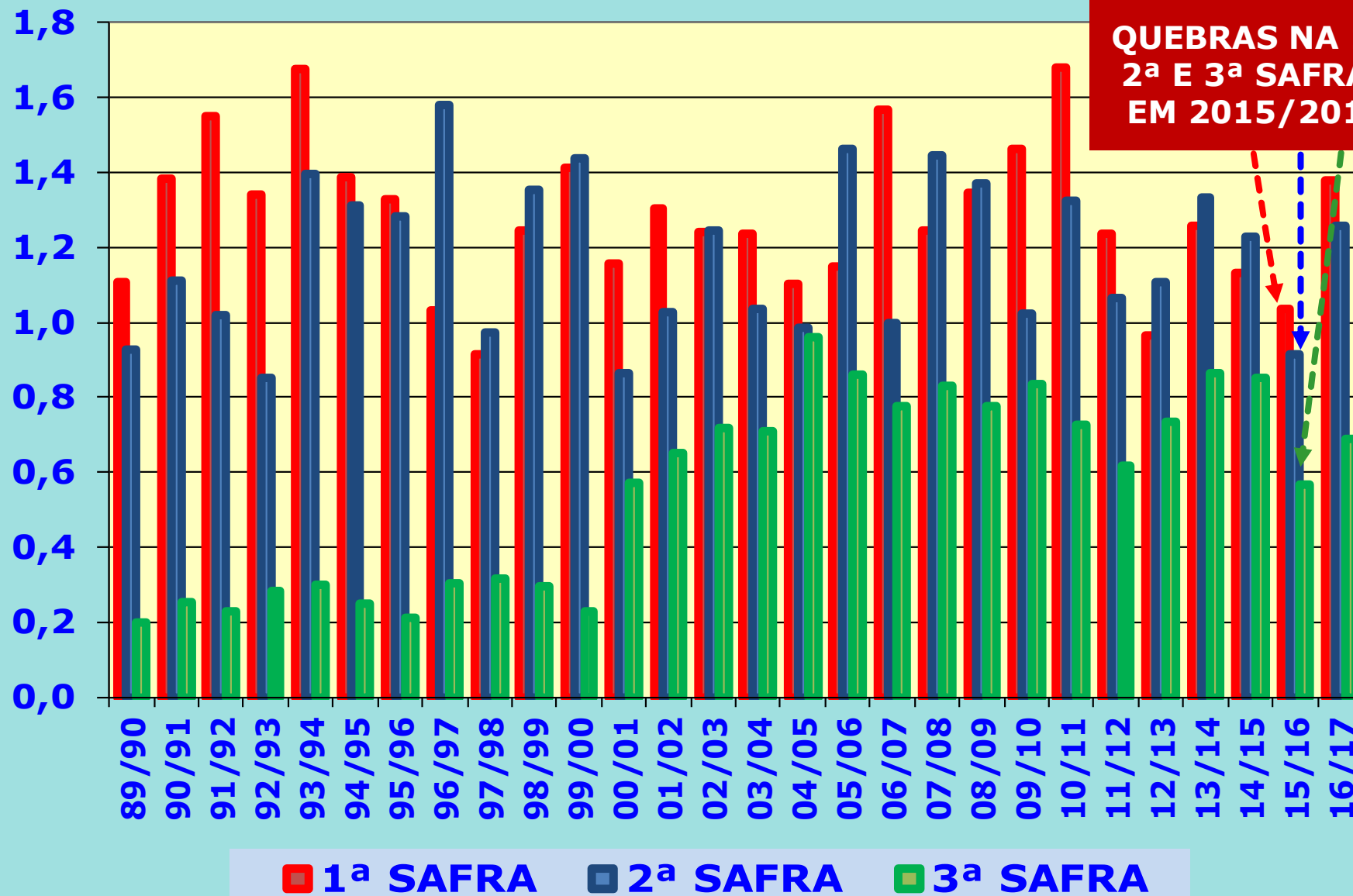
FEIJÃO 3ª SAFRA: FLUXO DA COLHEITA NO BRASIL



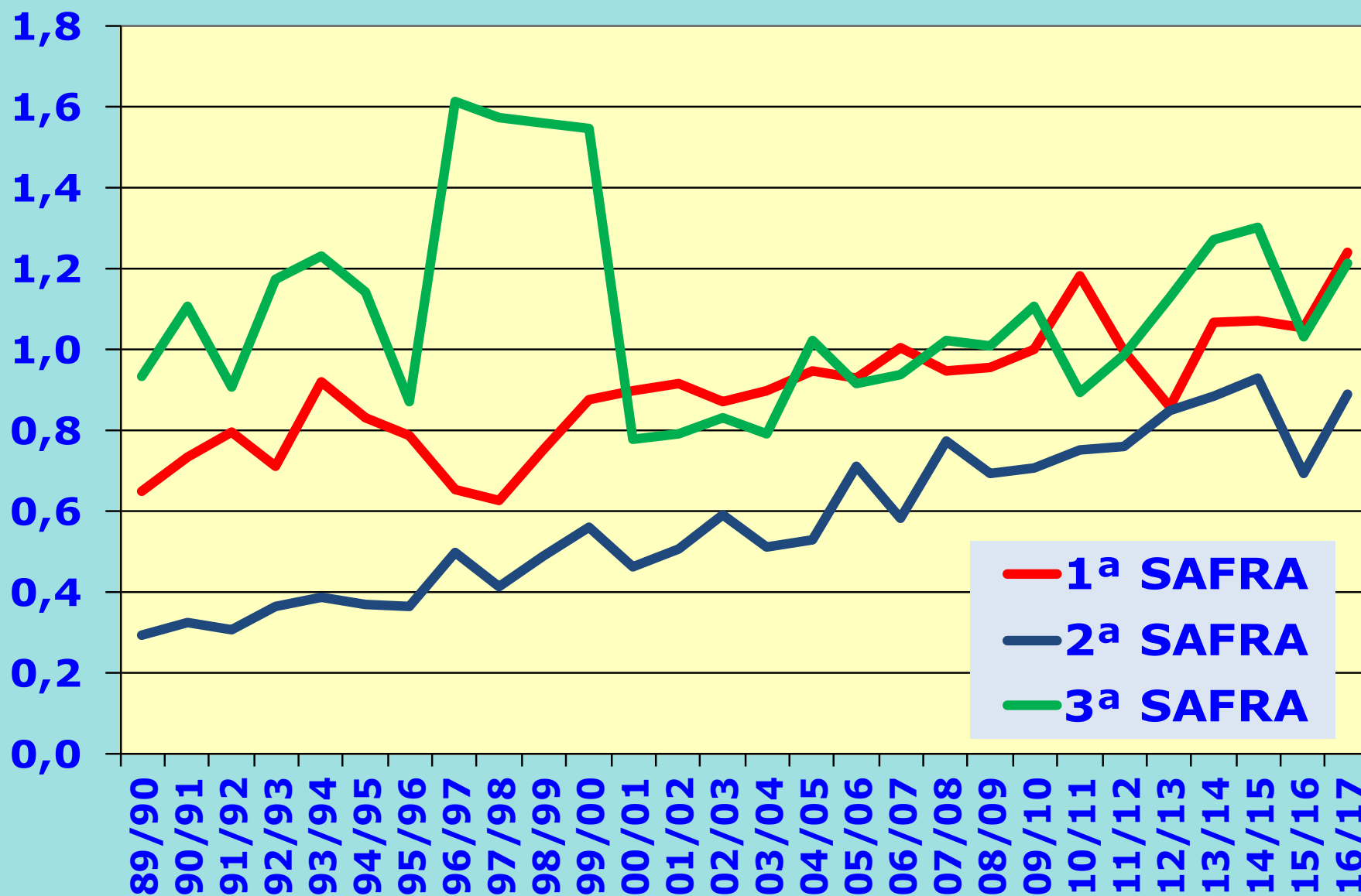
FEIJÃO TOTAL 3 SAFRAS: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO



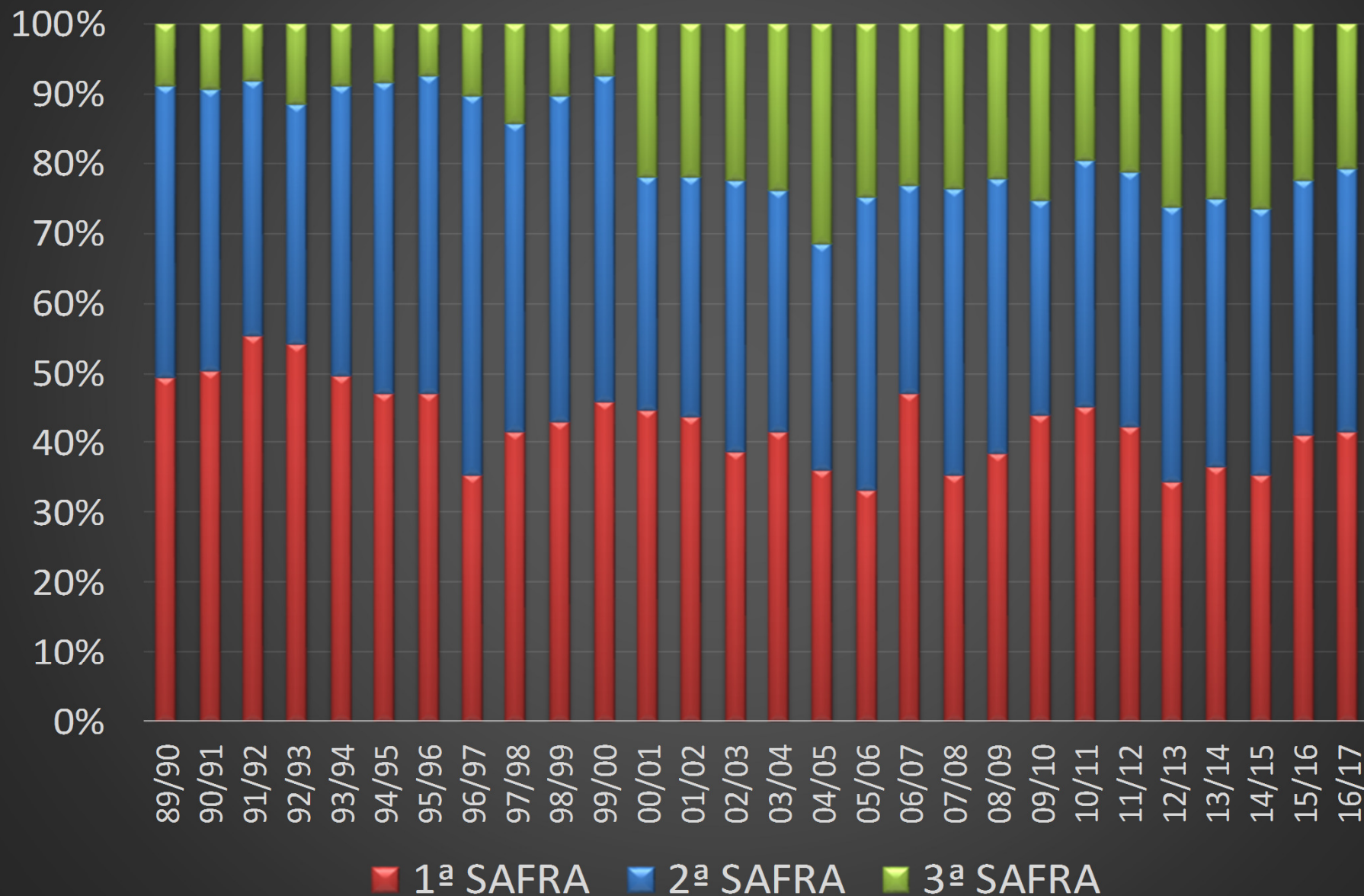
FEIJÃO: EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NO BRASIL - MILHÕES DE T



FEIJÃO: PRODUTIVIDADE MÉDIA EM TONELADAS/HA



FEIJÃO: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA NAS 3 SAFRAS ANUAIS (%)



FEIJÃO: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

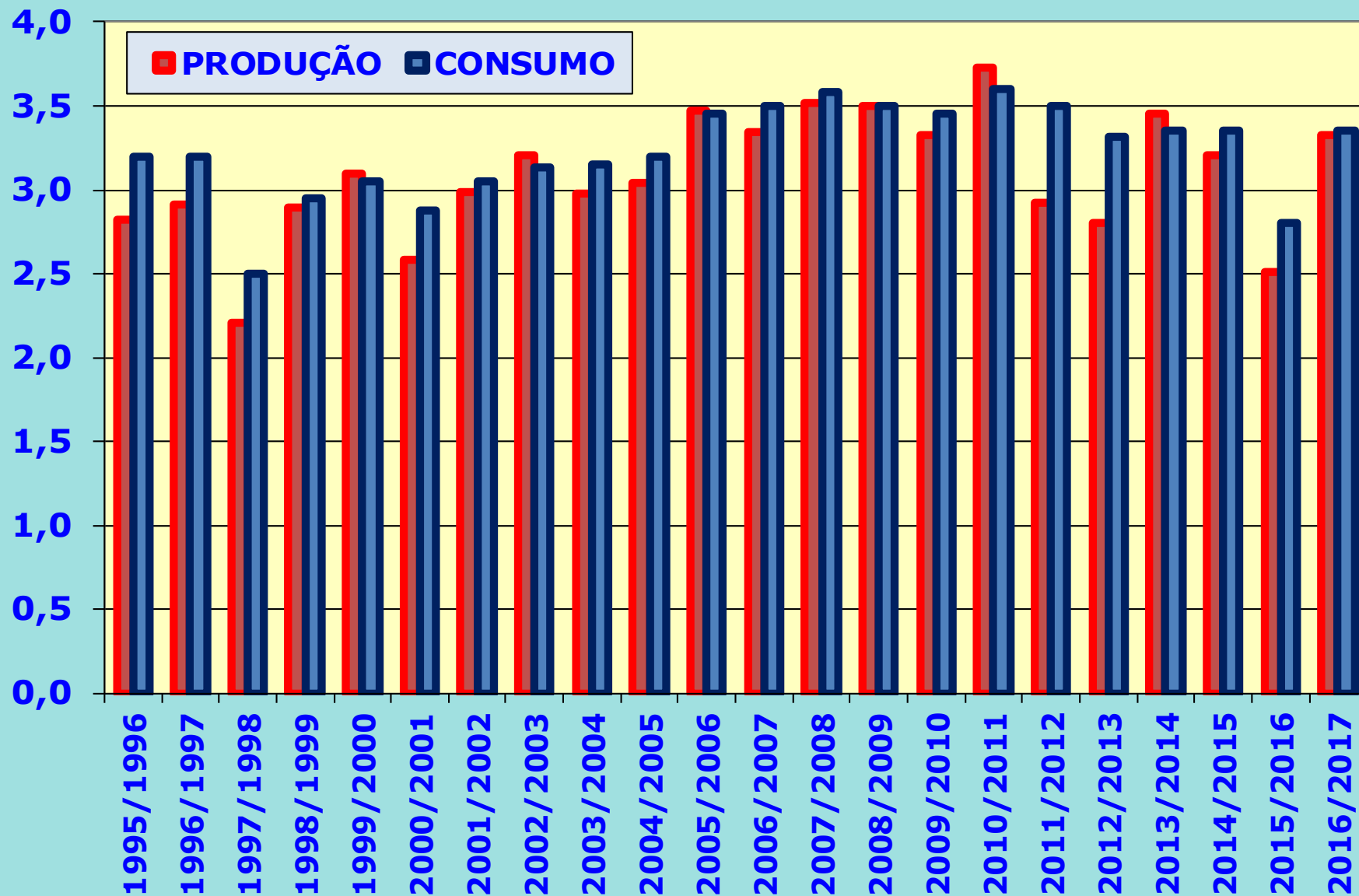
ANO-SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO TOTAL 3 SAFRAS	IMPORTAÇÕES TOTAIS	OFERTA TOTAL	CONSUMO INTERNO	EXPORTAÇÕES TOTAIS	ESTOQUES FINAIS	POPULAÇÃO BRASIL	CONSUMO PER CAPITA
	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	MIL T	HABITANTES	KG/HAB
1980/1981	296,2	2.407,0	0,0	2.703,2	2.407,0	0,0	296,2	121.381.328	19,8
1981/1982	296,2	3.097,6	0,0	3.393,8	3.097,6	0,0	296,2	124.250.840	24,9
1982/1983	296,2	1.653,9	3,7	1.953,8	1.653,9	0,0	299,9	127.140.354	13,0
1983/1984	299,9	2.616,1	60,5	2.976,5	2.616,2	0,0	360,4	130.082.524	20,1
1984/1985	360,4	2.533,8	15,3	2.909,5	2.533,8	0,0	375,6	132.999.282	19,1
1985/1986	375,6	2.244,8	95,0	2.715,4	2.244,9	0,0	470,6	135.814.249	16,5
1986/1987	470,6	2.108,0	35,0	2.613,6	2.108,0	0,0	505,5	138.585.894	15,2
1987/1988	505,5	2.752,0	10,0	3.267,5	2.600,0	0,0	667,5	141.312.997	18,4
1988/1989	667,5	2.386,4	25,0	3.078,9	2.600,0	0,0	478,9	143.997.246	18,1
1989/1990	478,9	2.234,0	70,3	2.783,2	2.370,8	0,0	412,4	146.592.579	16,2
1990/1991	412,4	2.748,0	88,6	3.249,0	2.638,1	0,0	610,9	149.094.266	17,7
1991/1992	610,9	2.797,0	57,7	3.465,6	2.795,6	0,0	670,0	151.546.843	18,4
1992/1993	670,0	2.478,0	54,9	3.202,9	2.771,0	0,0	431,9	153.985.576	18,0
1993/1994	431,9	3.369,0	156,4	3.957,3	3.200,0	0,0	757,3	156.430.949	20,5
1994/1995	757,3	2.946,0	189,5	3.892,8	3.300,0	0,0	592,8	158.874.963	20,8
1995/1996	592,8	2.821,0	81,8	3.495,6	3.200,0	0,0	295,6	161.323.169	19,8
1996/1997	295,6	2.914,8	157,4	3.363,7	3.200,0	4,1	163,7	163.779.827	19,5
1997/1998	163,7	2.206,3	211,3	2.575,1	2.500,0	6,2	75,1	166.252.088	15,0
1998/1999	75,1	2.895,7	92,9	3.061,1	2.950,0	2,6	111,1	168.753.552	17,5
1999/2000	111,1	3.098,0	78,8	3.283,2	3.050,0	4,7	233,2	169.799.000	18,0
2000/2001	233,2	2.587,1	130,3	2.948,3	2.880,0	2,3	68,3	172.385.826	16,7
2001/2002	68,3	2.983,0	82,3	3.117,4	3.050,0	16,2	67,4	174.632.960	17,5
2002/2003	67,4	3.205,0	103,3	3.372,9	3.130,0	2,8	242,9	176.871.437	17,7
2003/2004	242,9	2.978,3	78,9	3.298,1	3.150,0	2,0	148,1	181.581.024	17,3
2004/2005	148,1	3.045,5	100,7	3.292,0	3.200,0	2,3	92,0	184.184.264	17,4
2005/2006	92,0	3.471,2	70,1	3.625,3	3.450,0	8,0	175,3	186.770.562	18,5
2006/2007	175,3	3.339,7	107,1	3.589,5	3.500,0	32,7	89,5	183.989.711	19,0
2007/2008	89,5	3.520,9	209,7	3.818,1	3.580,0	2,0	238,1	189.612.814	18,9
2008/2009	238,1	3.502,7	109,9	3.817,7	3.500,0	33,0	317,7	191.480.630	18,3
2009/2010	317,7	3.322,5	181,2	3.817,0	3.450,0	4,4	367,0	190.747.855	18,1
2010/2011	367,0	3.732,8	207,1	4.286,4	3.600,0	20,5	686,4	192.379.287	18,7
2011/2012	686,4	2.918,4	312,3	3.873,8	3.500,0	43,3	373,8	193.946.886	18,0
2012/2013	373,8	2.806,3	304,4	3.449,2	3.320,0	35,3	129,2	201.032.714	16,5
2013/2014	129,2	3.453,7	135,9	3.653,8	3.350,0	65,0	303,8	202.768.562	16,5
2014/2015	303,8	3.210,2	156,7	3.548,1	3.350,0	122,6	198,1	204.450.649	16,4
2015/2016	198,1	2.512,9	325,0	2.986,0	2.800,0	50,0	186,0	206.086.254	13,6
2016/2017	186,0	3.327,8	150,0	3.543,8	3.350,0	120,0	193,8	207.116.685	16,2
VAR. 17/16	-6%	32%	-54%	19%	20%	140%	4%	0,5%	19%

Fontes: CONAB, SECEX e IBGE

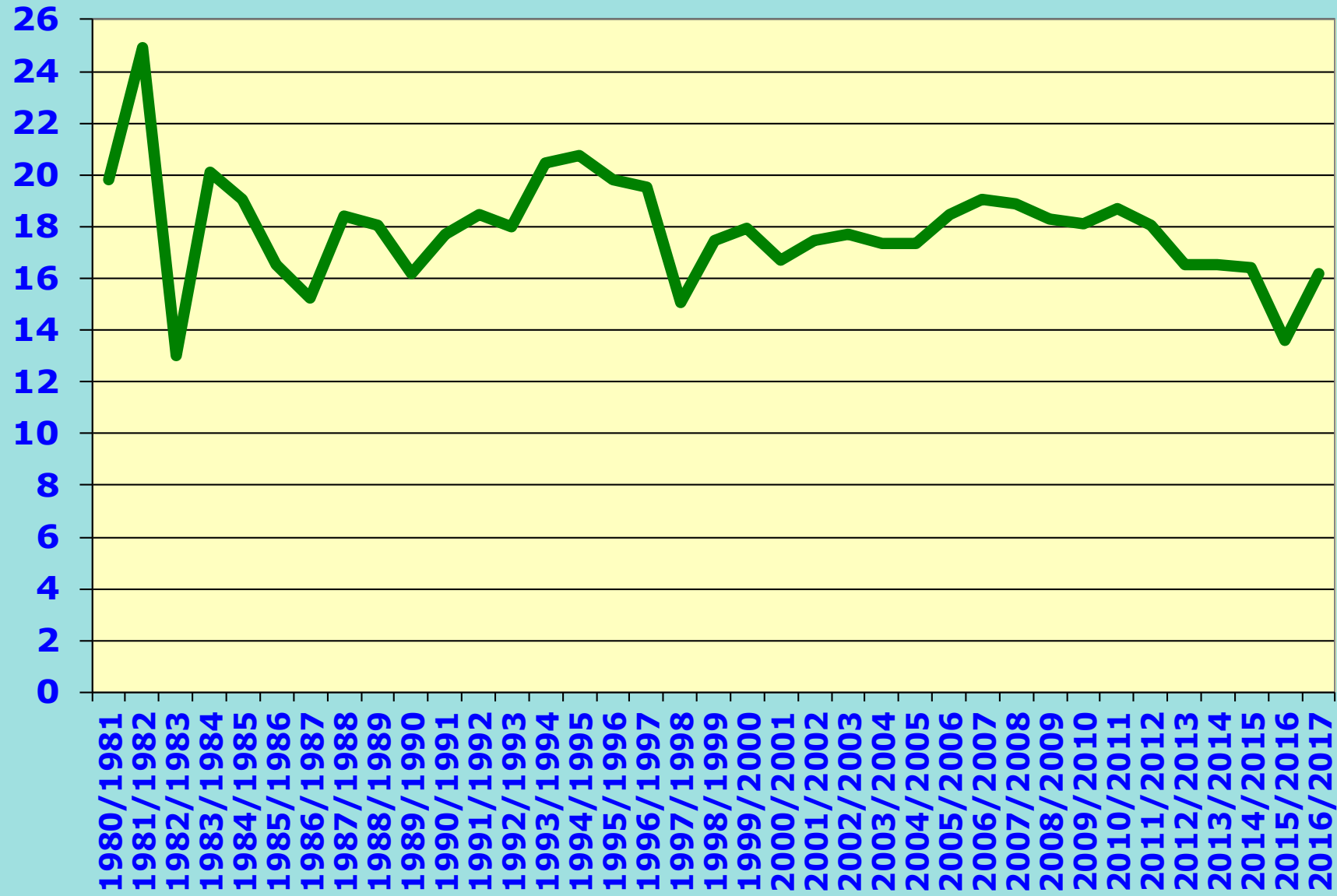
*2016/2017 - PROJEÇÕES CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

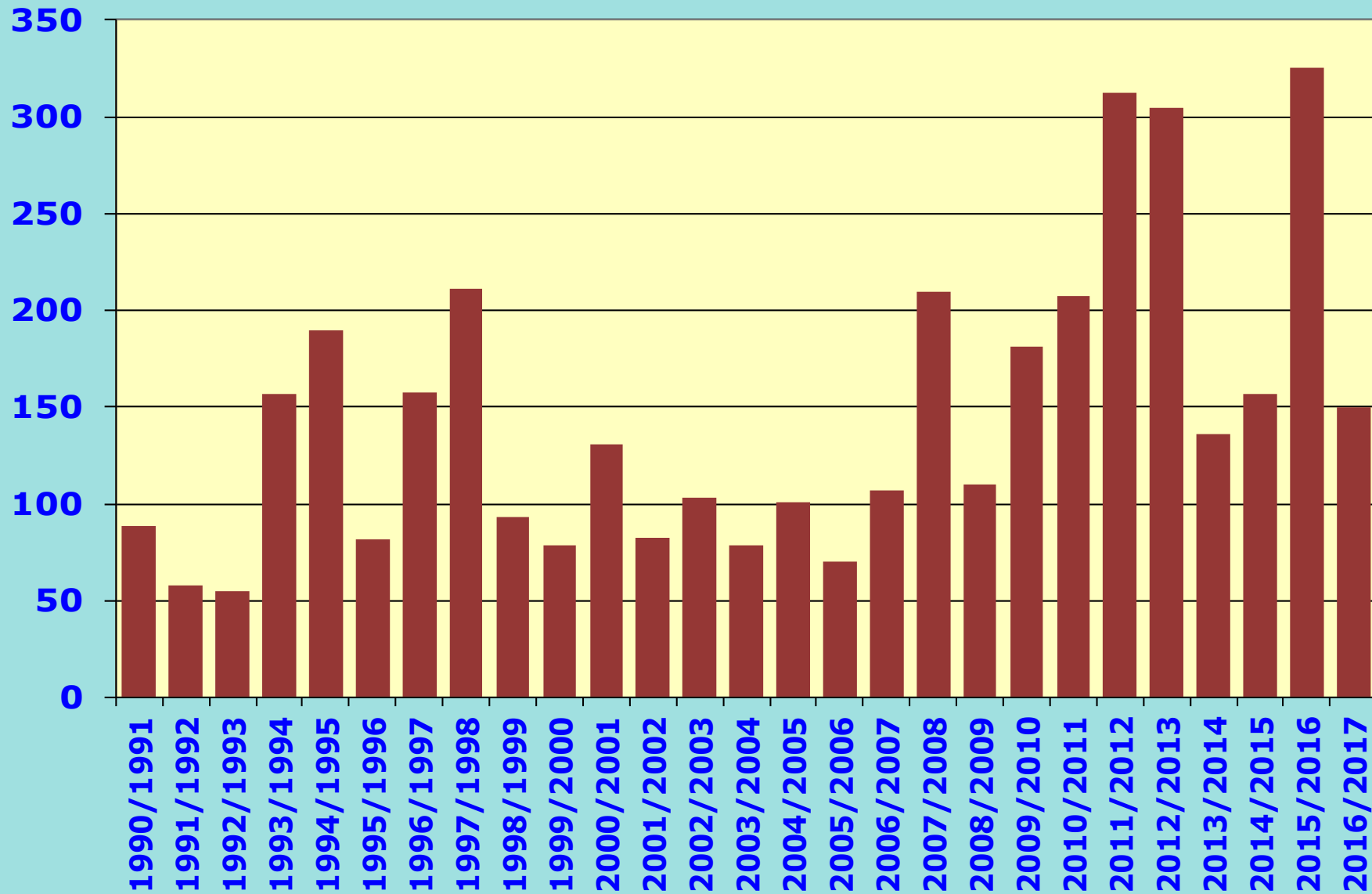
FEIJÃO: PRODUÇÃO x DEMANDA NO BRASIL EM MILHÕES DE TONELADAS



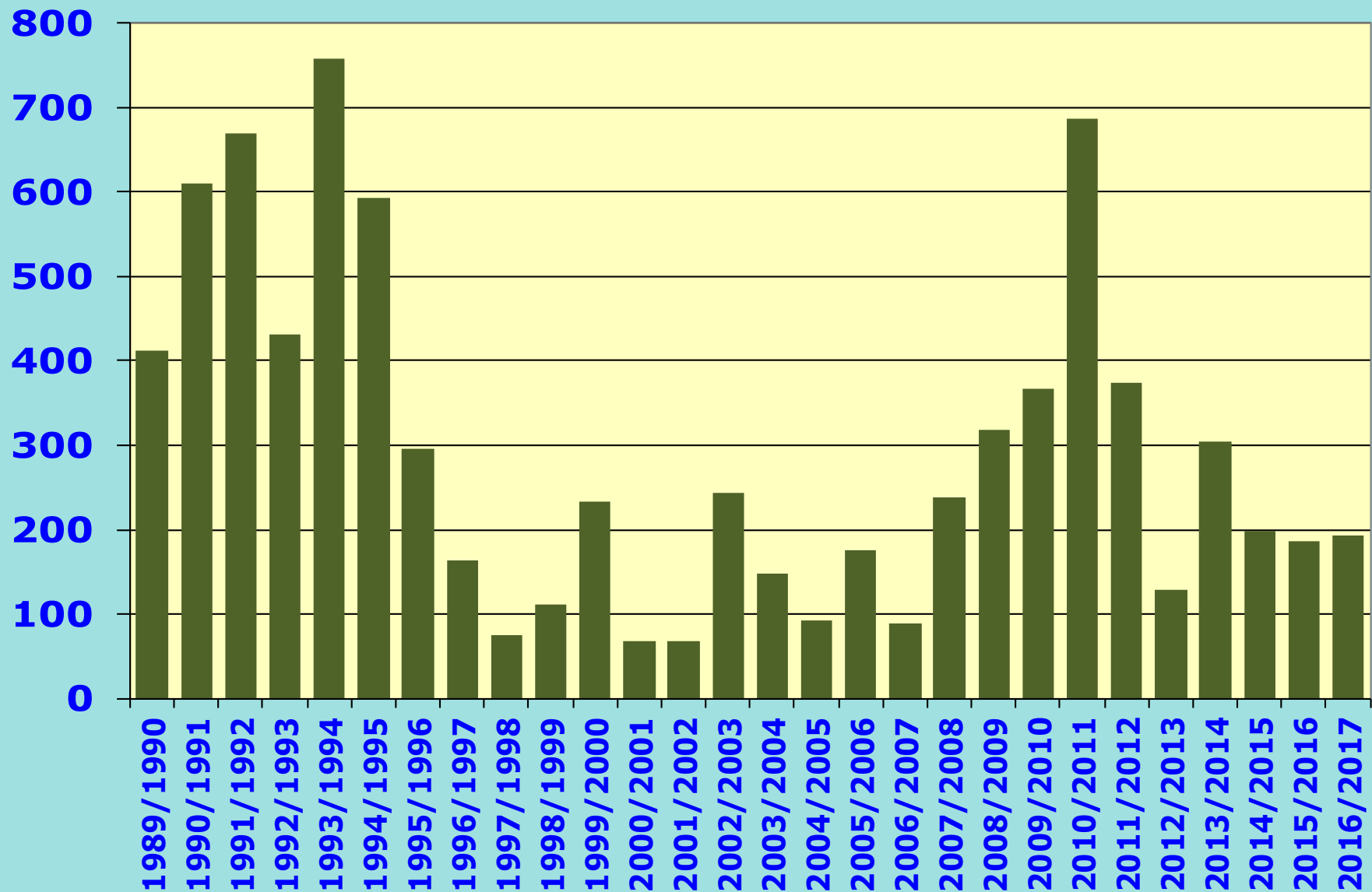
FEIJÃO: CONSUMO PER CAPITA NO BRASIL KG/HABITANTE/ANO



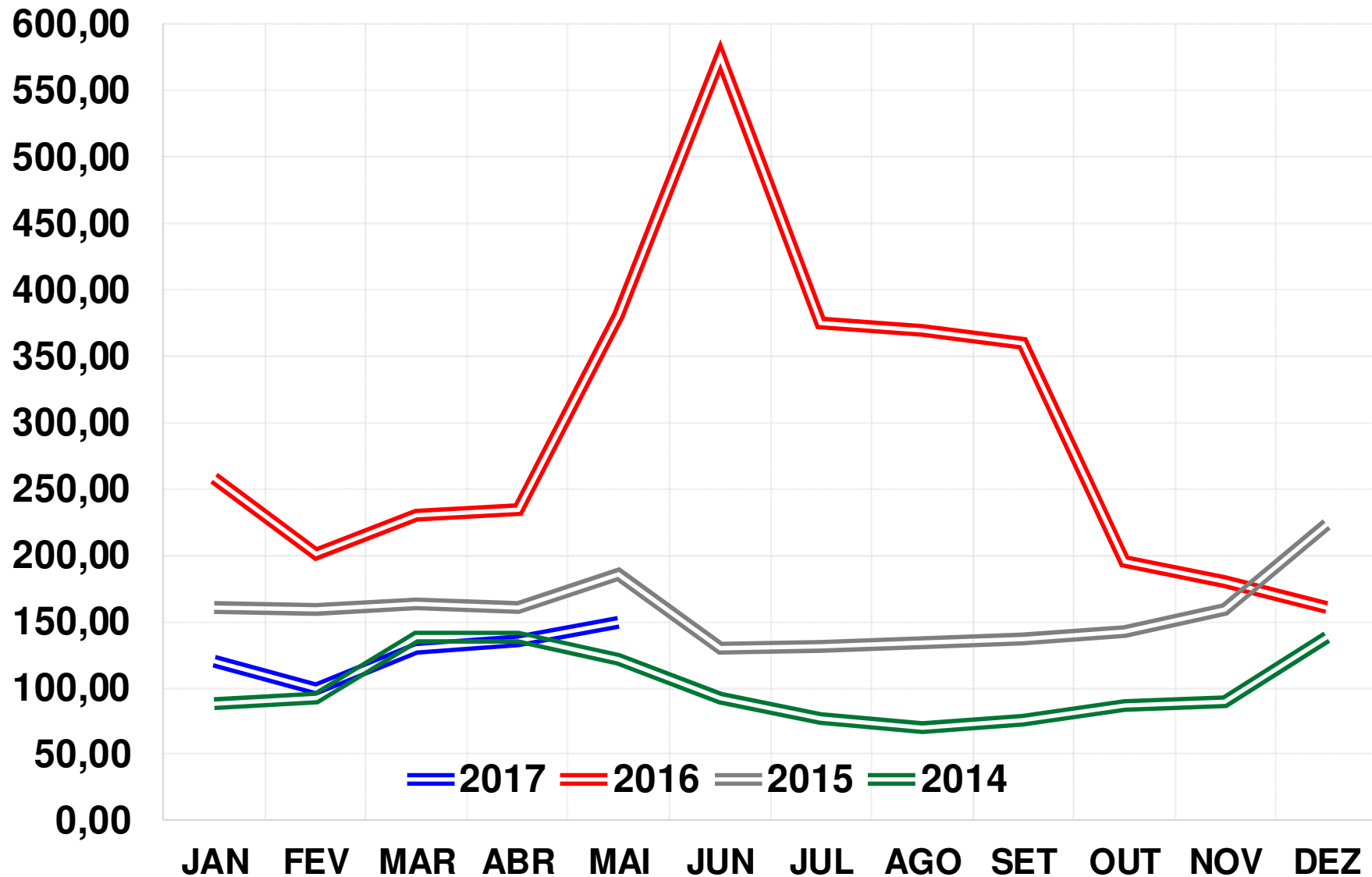
FEIJÃO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS MIL TONELADAS



FEIJÃO: ESTOQUES DE PASSAGEM NO BRASIL MIL TONELADAS



FEIJÃO CARIOCA: PREÇOS AO PRODUTOR MÉDIA CENTRO-SUL BRASIL - R\$/SACA 60 KG



CARLOS COGO
CONSULTORIA EM AGRIBUSINESS



WWW.CARLSCOGO.COM.BR

ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Segundo o relatório mensal de oferta e demanda de Maio/2017 do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), a produção mundial de algodão em 2017/2018 está estimada em 24,651 milhões de toneladas, alta de 6,9% frente à colheita de 2016/2017.
- O consumo mundial 2016/2017 está projetado em 25,203 milhões de toneladas, 2,3% acima da temporada anterior, excedendo a produção em um volume de 0,55 milhão de toneladas.
- A próxima temporada global 2017/2018 será a terceira consecutiva em que a produção ficará abaixo da demanda, o que implicará em novo recuo dos estoques de passagem mundiais.
- Os estoques finais mundiais deverão recuar 3,6%, para 18,793 milhões de toneladas, mas ainda representarão reservas suficientes para 272 dias de consumo, sendo que 46% dos mesmos estão na China.
- A comercialização global de algodão deverá crescer 1,8% na safra 2017/2018, para 8,194 milhões de toneladas, com expansão acumulada de 6,6% desde a temporada 2015/2016, mas um volume ainda bem abaixo do recorde de 10,114 milhões de toneladas de 2012/2013.

ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Os contratos futuros do algodão subiram 12% em apenas três sessões na Bolsa de Nova York, desordenando o planejamento das fábricas de produtos têxteis e tradings de fibras ao redor do mundo.
- Especuladores vêm impulsionando o preço, depois de o relatório mensal de Maio/2017 do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) mostrar um maior aperto na oferta global de algodão.
- Isso desencadeou o maior rali da commodity desde dezembro de 2010, com preços subindo para acima dos 85 centavos de dólar por libra-peso, para depois ceder para próximo de 81 centavos de dólar por libra-peso.
- A Intercontinental Exchange, que opera a Bolsa de Nova York, aumentou as exigências de margem, ou seja, a quantidade de dinheiro que compradores e vendedores devem colocar como garantia para negociar futuros de commodities.
- Aumentar as exigências de margem é uma ferramenta usada durante períodos de forte oscilação causados por movimentos de especuladores.
- As bolsas esperam forçar traders que não têm recursos para garantir posições a desfazer apostas.

ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- A rápida alta de preços está causando problemas para a indústria durante um período crucial no ciclo de algodão dos Estados Unidos, quando não haverá algodão novo disponível por vários meses enquanto os produtores do país começam a plantar a safra 2017/2018, cuja colheita começa em julho e vai até novembro.
- Muitos compradores de algodão fizeram contratos no ano passado para adquirir algodão dos Estados Unidos a um preço a ser fixado em data posterior, uma prática comum no mercado.
- A maioria apostava em quedas dos preços do algodão e pensava em pagar um preço mais baixo pela fibra no futuro.
- Contudo, os preços do algodão subiram 28% desde setembro e as fábricas estão ficando sem tempo para esperar que eles voltem a cair.
- Já as tradings de algodão que vendiam a fibra "on call" (a fixar considerando determinado vencimento da ICE Futures) para indústrias, aguardam a fixação do preço.
- Existem 4,62 milhões de fardos cujo preço ainda precisa ser fixado, um volume recorde para essa época do ano.

ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Os preços de algodão estão em 20 centavos por libra-peso ou 30% mais altos do que quando muitas vendas foram contratadas.
- Na segunda-feira (15/05), o volume negociado foi recorde no mercado de algodão, com mais de 109 mil contratos, quebrando o recorde anterior, alcançado em 11 de novembro de 2010, de 101.516 contratos.
- O catalisador para o rali veio na quarta-feira passada (10/05), quando o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) reduziu a sua estimativa para os estoques de fibra no país, atribuindo o movimento às vendas externas robustas.
- A tendência foi confirmada no relatório semanal de exportações da quinta-feira (11/05), que mostrou que os Estados Unidos venderam 328 mil fardos na semana encerrada no dia 4 de maio.
- Os maiores requisitos de margem devem prejudicar ainda as principais tradings de algodão.
- Companhias como Olam International, Cargill e Louis Dreyfus precisam desembolsar milhões de dólares por dia em chamadas de margens enquanto esperam que as indústrias fixem os preços do algodão.

ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- As chamadas de margem para todos os participantes do mercado somaram US\$ 262 milhões na segunda-feira (15/05).
- Isso intensifica o impasse entre tradings como a Cargill e a Louis Dreyfus e os especuladores.
- Muitos fundos de hedge e outros traders têm ampliado negociações especulativas no mercado agrícola, inclusive no algodão.
- O algodão atraiu dinheiro especulativo porque foi uma das matérias-primas com melhor desempenho.
- Com cerca de 700 mil fardos de algodão ainda não negociados na atual temporada dos Estados Unidos, algumas tradings estão renegociando contratos com indústrias.
- A maioria das fiações e tecelagens está na Ásia.
- Dado o recente aumento dos preços, deverá haver forte perda de interesse pelo algodão dos Estados Unidos.
- Neste ciclo 2016/2017, o volume já contratado para exportação de algodão norte-americano é de 14,55 milhões de fardos, dos quais 11 milhões de fardos já foram embarcados.

ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- No mercado interno, apesar da desvalorização do dólar frente ao Real, as recentes fortes altas nos preços internacionais da pluma vêm estimulando os vendedores a fecharem contratos para exportação.
- Até mesmo os contratos que estavam em aberto estão sendo fixados por tradings, envolvendo negócios das safras 2016/2017 e 2017/2018.
- Esse cenário elevou os preços domésticos do algodão, que estavam enfraquecidos nos primeiros dias deste mês de maio.
- Os produtores e tradings estão firmes nos valores pedidos na venda da pluma no mercado interno.
- Além da alta nos preços externos, esses vendedores se fundamentam na atual entressafra.
- Os primeiros lotes da pluma da nova safra da Bahia e de Mato Grosso devem chegar no mercado spot apenas a partir de julho.
- A produção nacional de algodão em pluma na safra 2016/2017 está estimada em 1,488 milhão de toneladas, devido à alta de 17,3% na produtividade, projetada em 1.584 Kg por hectare, já que a área deve diminuir 1,6% em relação à temporada anterior.

ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- Em Mato Grosso, a produção deve crescer 13,3%, para 998 mil toneladas, com produtividade média estimada em 1.589 Kg por hectare.
- A safra de verão (1ª safra 2016/2017) nas regiões médio-norte, oeste e sudeste de Mato Grosso está em desenvolvimento reprodutivo, com surgimento de botões florais, flores e maçãs.
- Na Bahia, a área deve recuar 14,1% em relação à safra 2015/2016, mas a produção deve ser 28,8% superior, estimada em 318,4 mil toneladas, em decorrência da forte alta de 50% na produtividade.
- Quanto aos contratos antecipados, vários negócios foram efetivados para entrega doméstica nos últimos meses, já comprometendo parte da produção da safra 2016/2017.
- No mercado spot, apenas comerciantes estão mais flexíveis nos preços de venda, especialmente na negociação de lotes com alguma característica (como micronaire, fibra e cor).
- Indústrias ativas buscam adquirir pequenos lotes para repor estoques, mas ofertam valores inferiores aos pedidos por compradores, enquanto outras unidades continuam operando apenas com estoques.

ALGODÃO: TENDÊNCIAS DE MERCADO PARA 2017/2018

- O Indicador CEPEA/ESALQ com pagamento em 8 dias registra alta de 0,5% nos últimos sete dias, cotado a R\$ 2,76 por libra-peso.
- Enquanto na primeira quinzena de maio, o Indicador acumula alta de apenas 0,1%, a média da parcial deste mês, de R\$ 2,75 por libra-peso, está 0,2% maior que a de abril/2017 e 0,9% acima da de maio/2016, com valores atualizados pelo IGP-DI de abril/2017.
- Para o mercado externo, na primeira quinzena de maio, os preços de exportação para embarque no segundo semestre deste ano (referentes à safra 2016/2017) tiveram média de 78,73 centavos de dólar por libra-peso, 2,64% maior que a média de abril/2017 e, para a temporada 2017/2018, de 75,90 centavos de dólar por libra-peso.
- A paridade de exportação na condição FAS (Free Alongside Ship), Porto de Paranaguá (PR), é de R\$ 2,37 por libra-peso, com base no Índice Cotlook A, referente à pluma posta no Extremo Oriente.
- A tendência é de expansão da área de algodão no Brasil na próxima temporada 2017/2018, em decorrência da elevação dos patamares de preços globais e da antecipação de vendas futuras para o próximo ciclo.

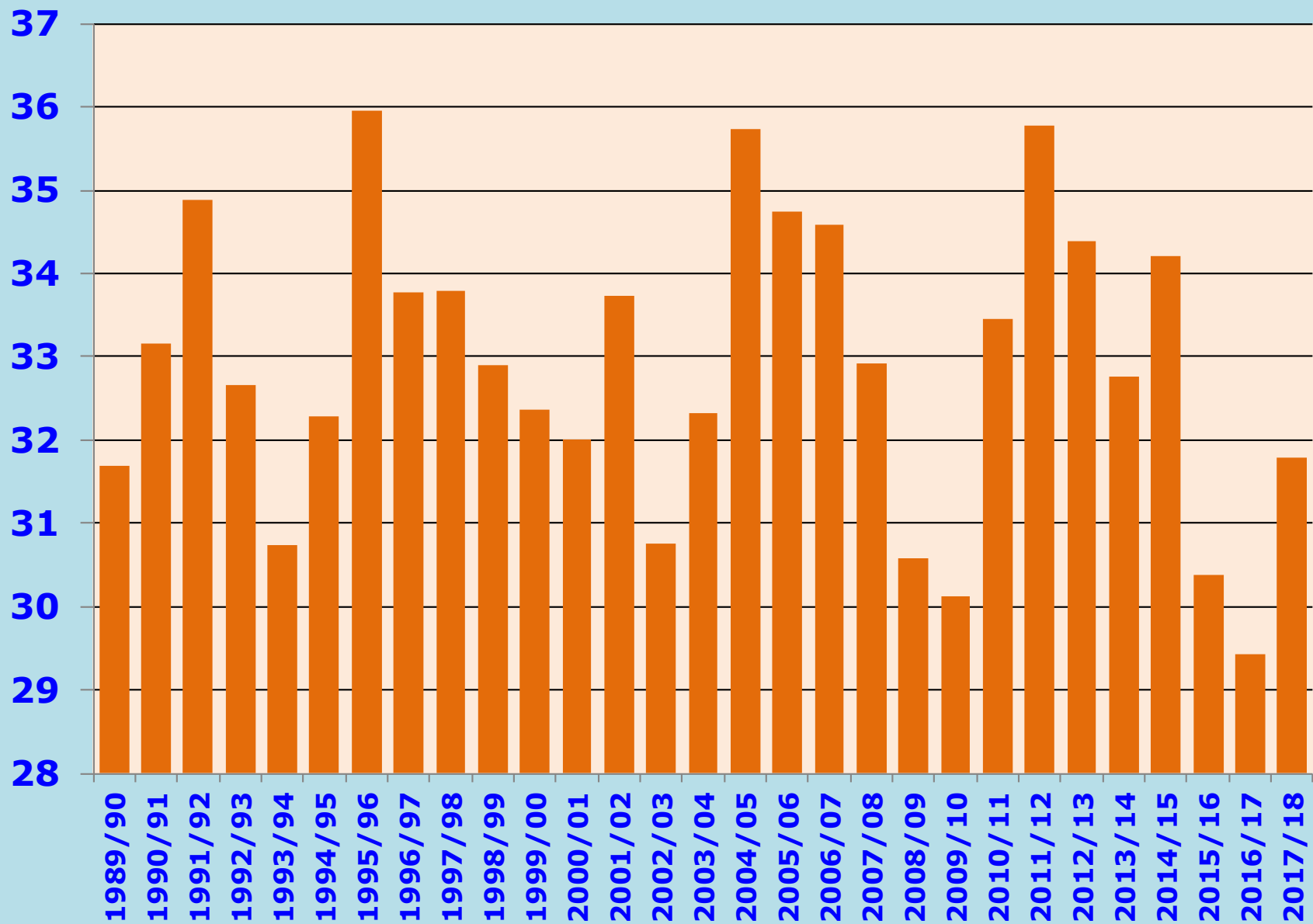
ALGODÃO EM PLUMA: OFERTA E DEMANDA MUNDIAL
EM MILHÕES DE TONELADAS

ANO SAFRA	PRODUÇÃO MUNDIAL	CONSUMO MUNDIAL	EXPORTAÇÕES TOTAIS	ESTOQUES FINAIS	ESTOQUES/ CONSUMO
1993/1994	16,770	18,593	5,830	5,825	31,3%
1994/1995	18,690	18,451	6,180	6,498	35,2%
1995/1996	20,260	18,722	6,040	7,960	42,5%
1996/1997	19,506	19,165	5,850	8,680	45,3%
1997/1998	19,980	19,010	5,820	9,600	50,5%
1998/1999	18,570	18,440	5,150	10,470	56,8%
1999/2000	19,050	19,820	5,950	9,930	50,1%
2000/2001	19,440	18,840	5,750	9,720	51,6%
2001/2002	21,490	20,280	6,150	10,500	51,8%
2002/2003	19,290	21,130	6,580	8,613	40,8%
2003/2004	21,130	21,660	7,240	8,830	40,8%
2004/2005	26,468	23,492	7,623	13,188	56,1%
2005/2006	25,359	25,425	9,785	13,464	53,0%
2006/2007	26,522	26,954	8,160	13,557	50,3%
2007/2008	26,050	26,485	8,503	13,260	50,1%
2008/2009	23,365	23,987	6,619	13,391	55,8%
2009/2010	22,258	25,813	7,750	10,914	42,3%
2010/2011	25,602	25,208	7,666	11,035	43,8%
2011/2012	27,743	22,666	10,029	16,202	71,5%
2012/2013	26,978	23,608	10,114	20,062	85,0%
2013/2014	26,209	23,896	8,951	22,480	94,1%
2014/2015	25,957	24,254	7,687	24,329	100,3%
2015/2016	21,068	24,216	7,685	21,150	87,3%
2016/2017	23,052	24,646	8,047	19,492	79,1%
2017/2018	24,651	25,203	8,194	18,793	74,6%
17-18/16-17 (%)	6,9%	2,3%	1,8%	-3,6%	-5,7%

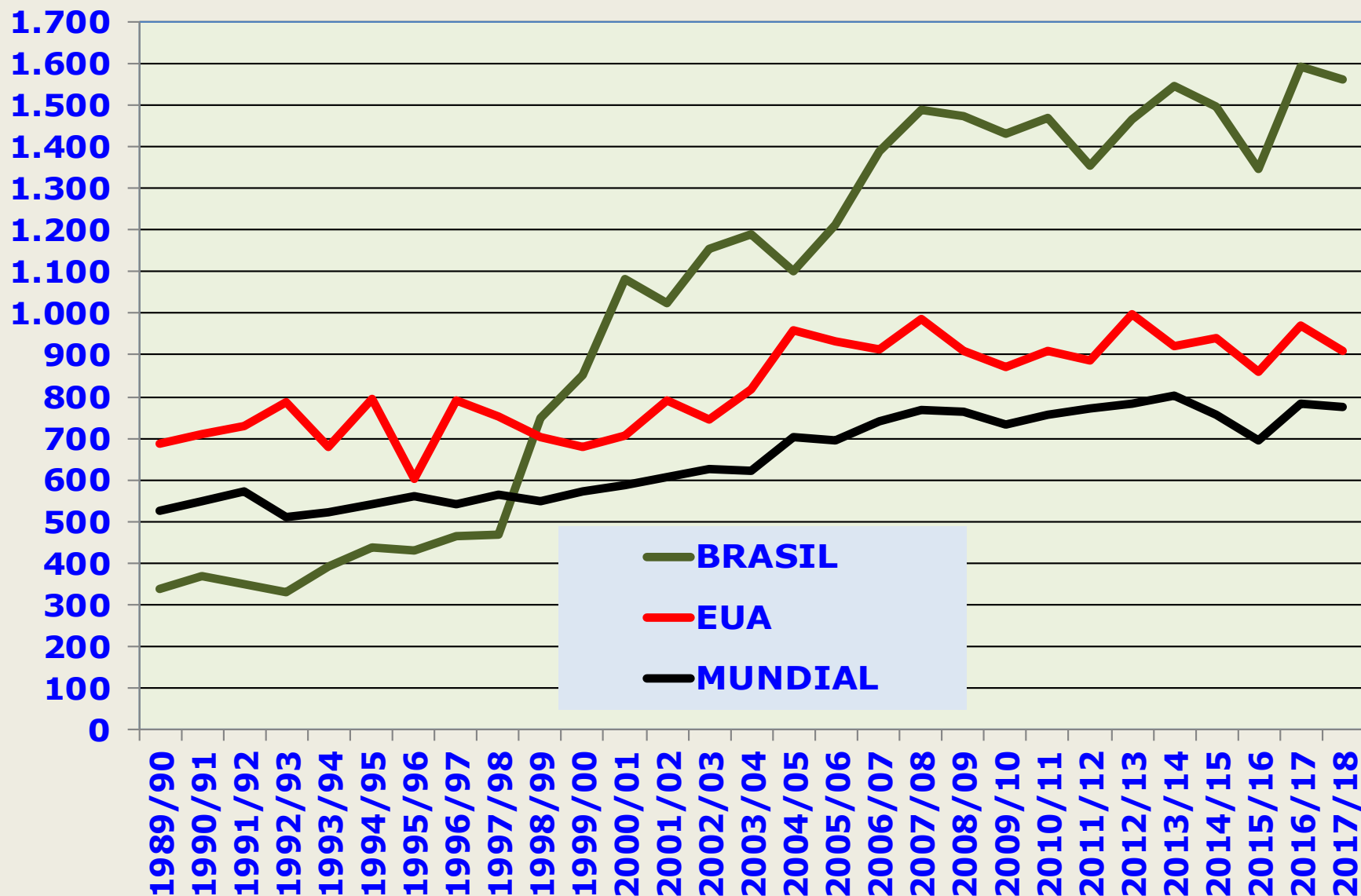
Fontes: USDA MAIO/2017 e ICAC MAIO/2017

Elaboração: CARLOS COGO CONSULTORIA AGROECONÔMICA

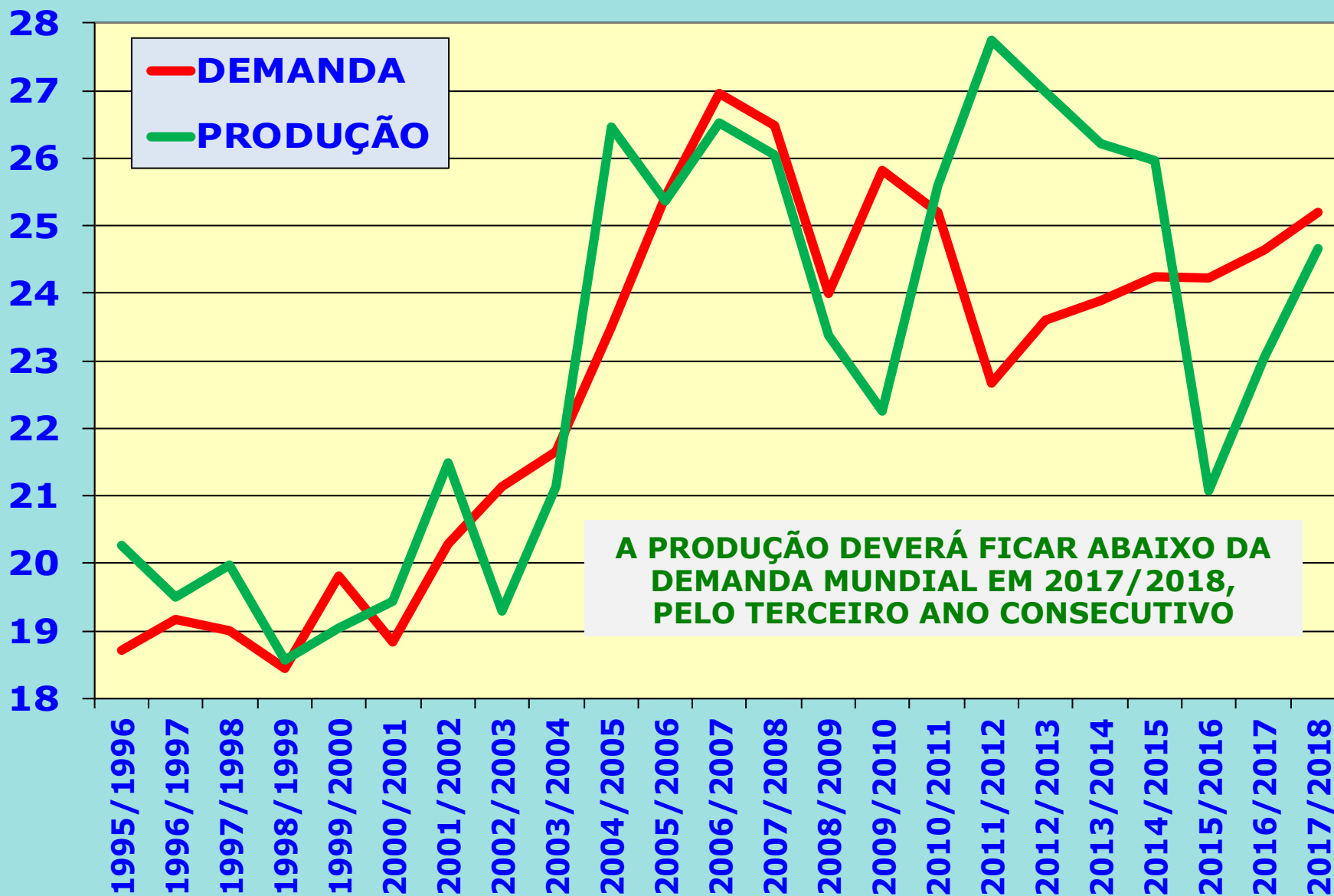
ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO MUNDIAL MILHÕES DE HECTARES



ALGODÃO: EVOLUÇÃO DA PRODUTIVIDADE MÉDIA - KG PLUMA/HA

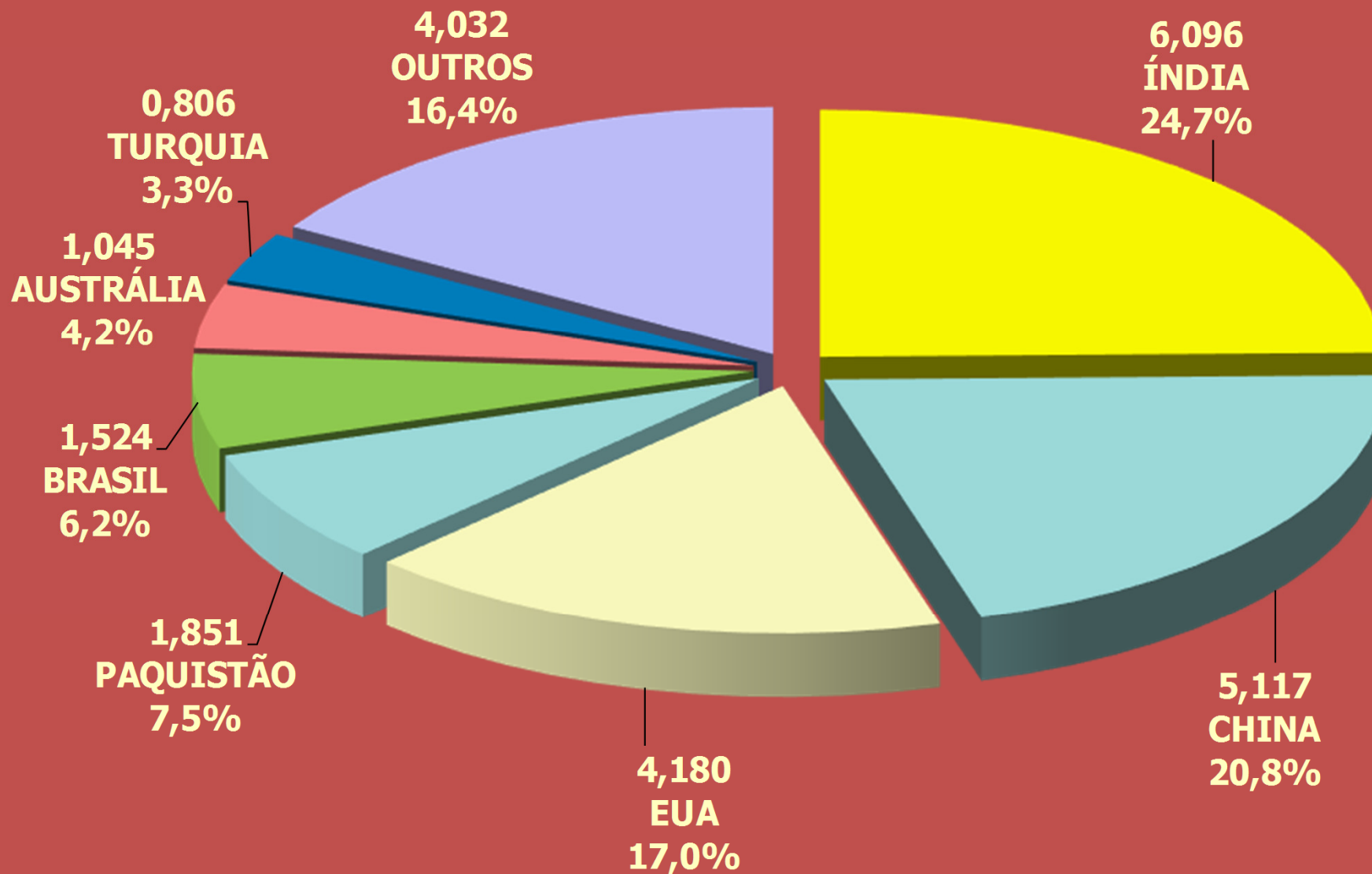


ALGODÃO: PRODUÇÃO E DEMANDA MUNDIAL DE PLUMA - MILHÕES T

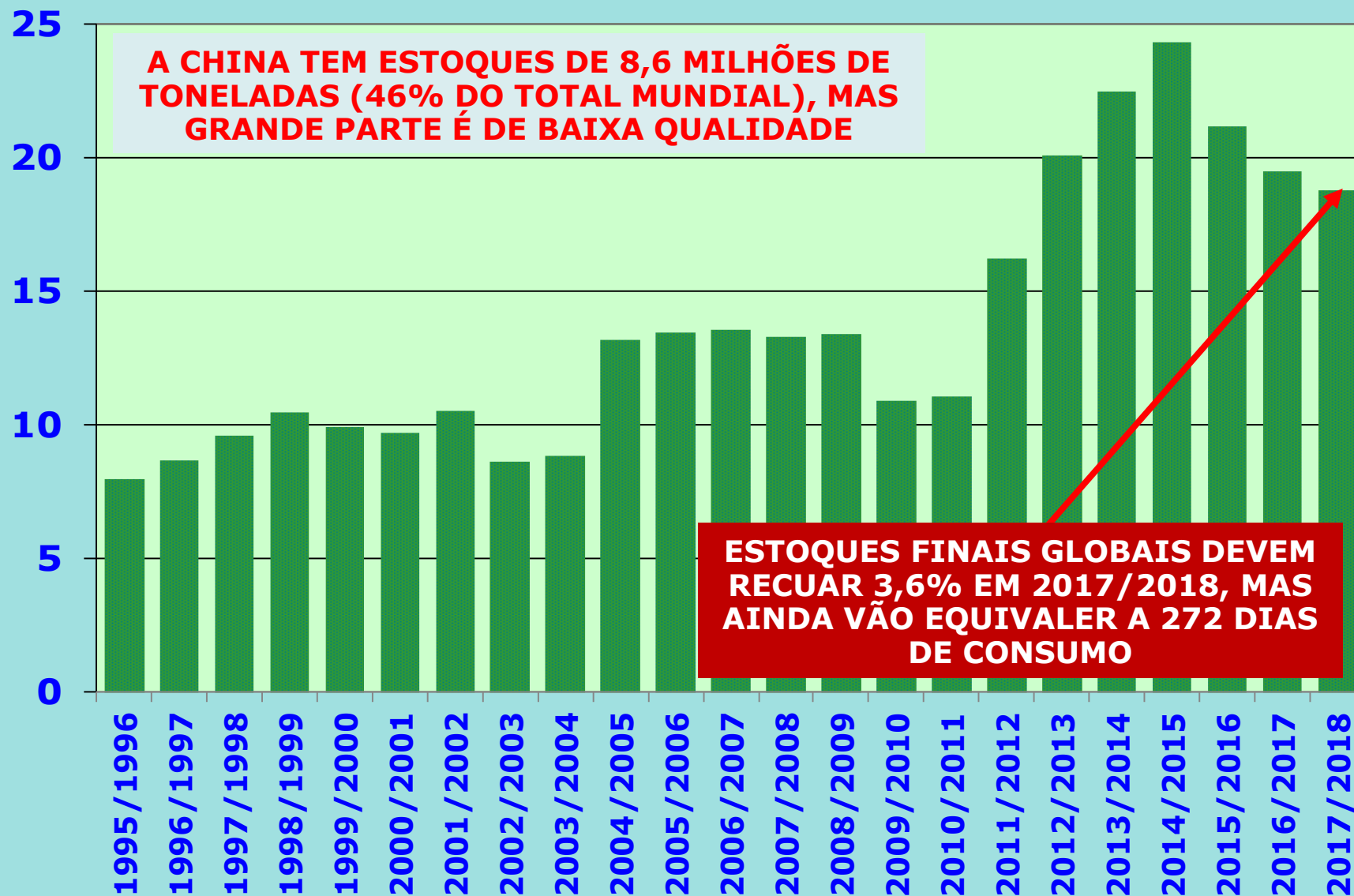


A PRODUÇÃO DEVERÁ FICAR ABAIXO DA DEMANDA MUNDIAL EM 2017/2018, PELO TERCEIRO ANO CONSECUTIVO

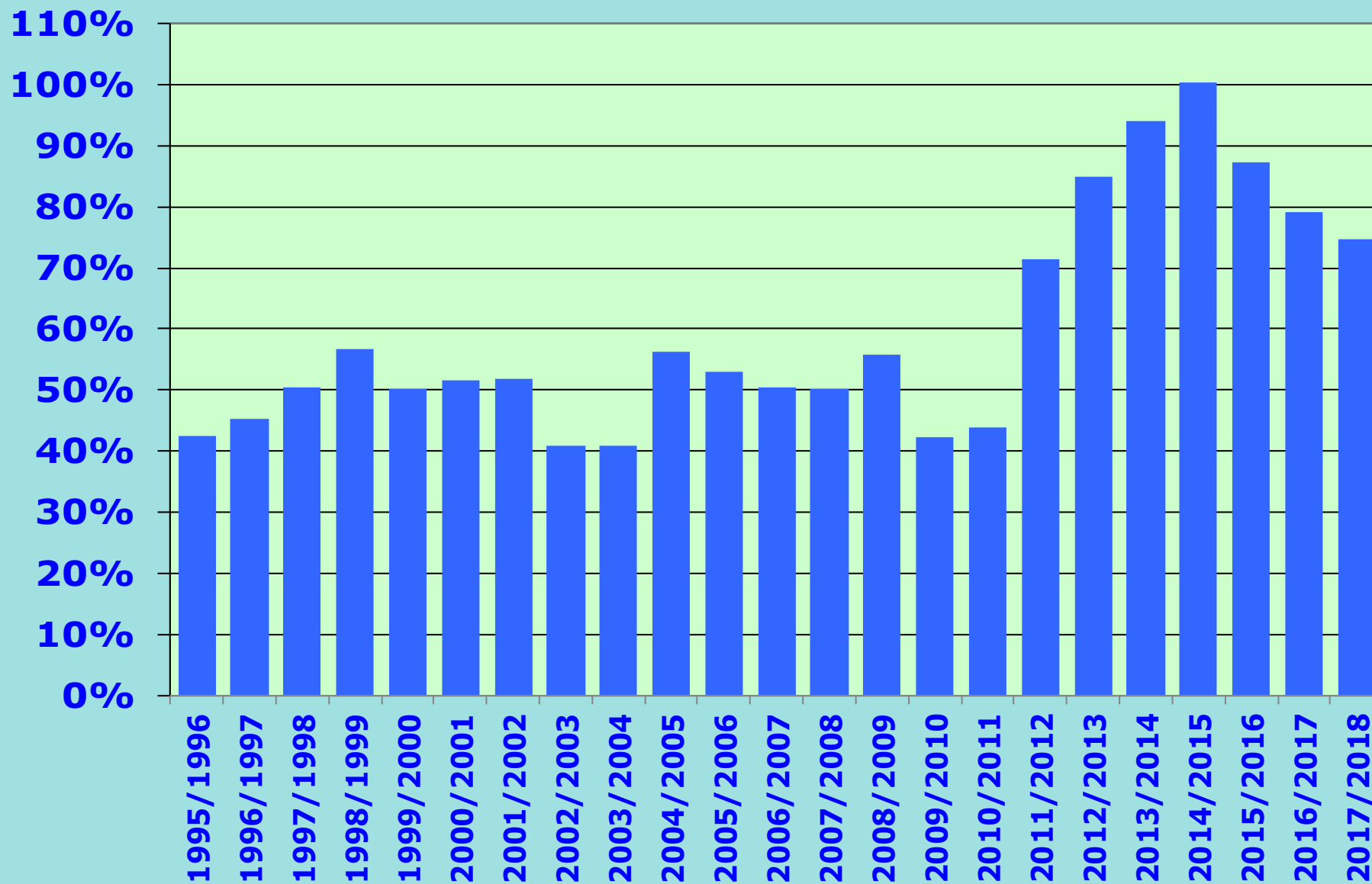
ALGODÃO: DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO MUNDIAL NA SAFRA 2017/2018 - MILHÕES T E % DO TOTAL



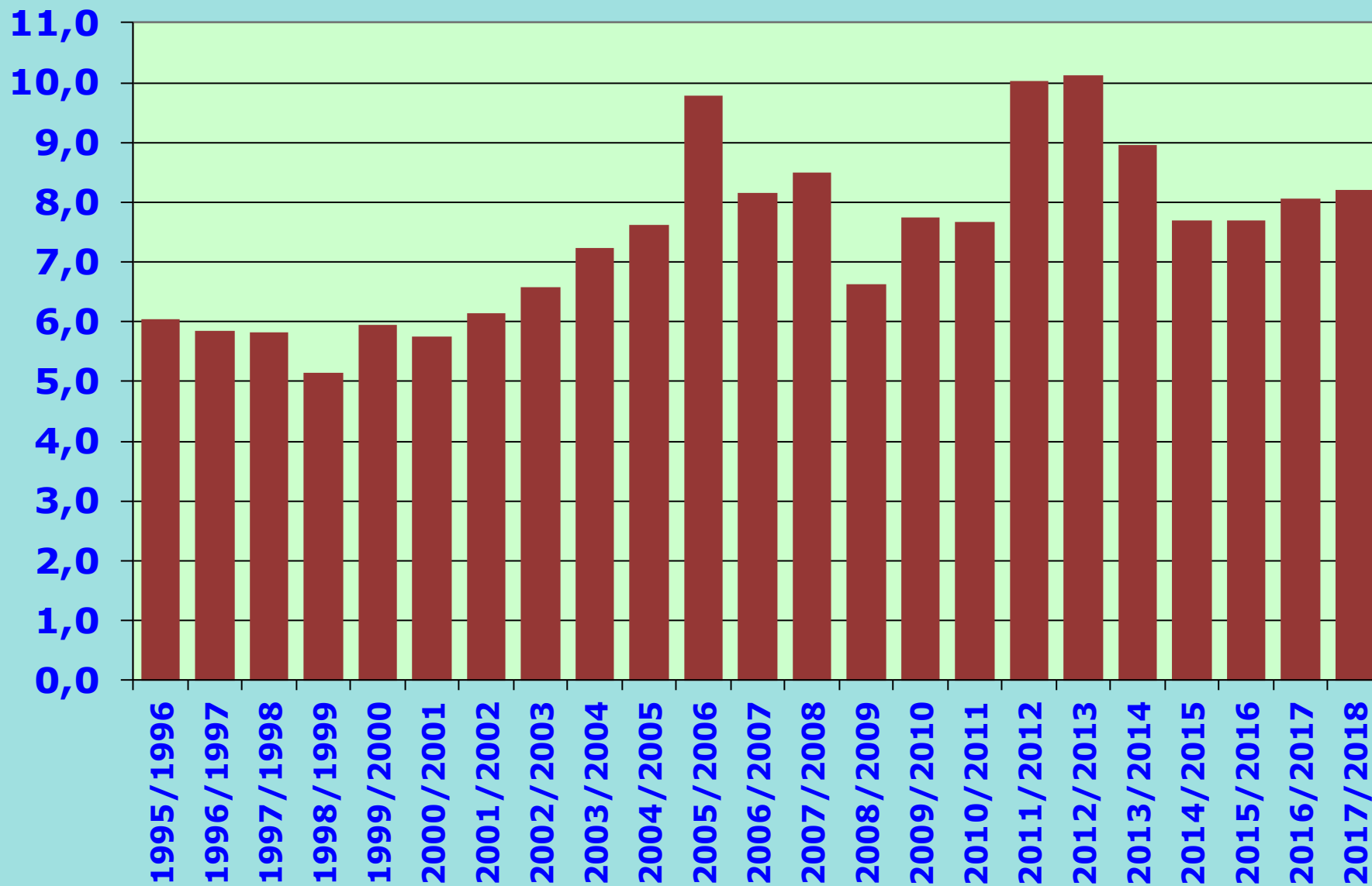
ALGODÃO: ESTOQUES FINAIS MUNDIAIS EM MILHÕES T



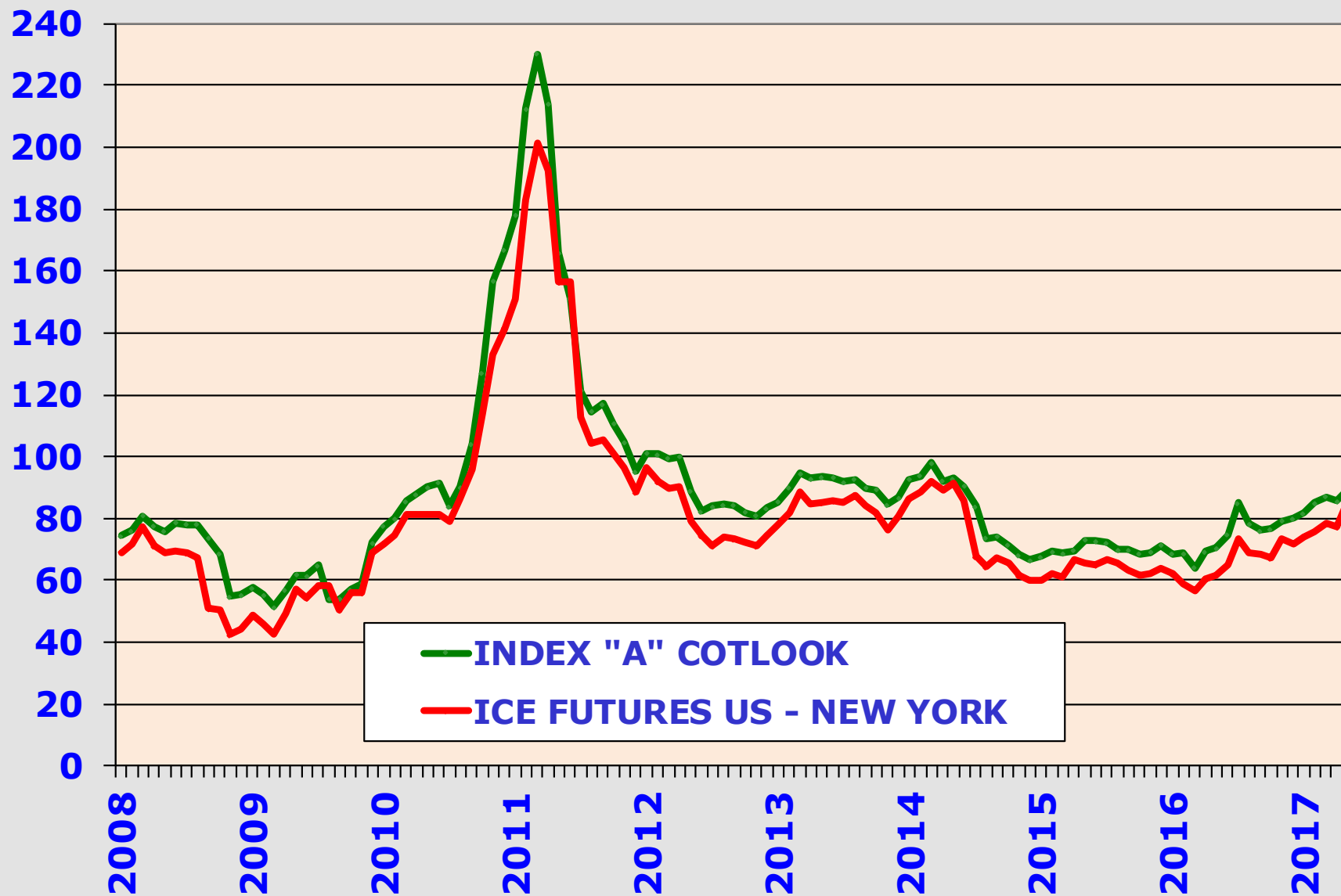
ALGODÃO: RELAÇÃO ESTOQUES/CONSUMO MUNDIAL



ALGODÃO: COMÉRCIO MUNDIAL DE PLUMA EM MILHÕES DE TONELADAS



**ALGODÃO: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES INDEX "A"
COTLOOK x ICE FUTURES US (NEW YORK)
¢/LIBRA-PESO**



ALGODÃO EM PLUMA: OFERTA E DEMANDA NO BRASIL

EM MIL TONELADAS BASE PLUMA





ANO SAFRA	ESTOQUE INICIAL	PRODUÇÃO PLUMA	IMPORTAÇÃO PLUMA	SUPRIMENTO TOTAL	CONSUMO TOTAL	EXPORTAÇÃO PLUMA	ESTOQUE PASSAGEM
1982/1983	460,7	586,3	2,4	1.049,4	556,7	180,2	312,5
1983/1984	312,5	674,5	7,8	994,8	555,2	32,3	407,3
1984/1985	407,3	968,8	20,5	1.396,6	631,4	86,6	678,6
1985/1986	678,6	793,4	67,4	1.539,4	736,6	36,6	766,2
1986/1987	766,2	633,4	30,0	1.429,6	774,7	174,0	480,9
1987/1988	480,9	863,6	81,0	1.425,5	838,0	35,0	552,5
1988/1989	552,5	709,3	132,1	1.393,9	810,0	160,0	423,9
1989/1990	423,9	665,7	86,1	1.175,7	730,0	110,6	335,1
1990/1991	335,1	717,0	105,9	1.158,0	718,1	124,3	315,6
1991/1992	315,6	687,1	167,8	1.170,5	761,6	33,8	375,1
1992/1993	375,1	420,2	501,2	1.296,5	829,6	7,4	459,5
1993/1994	459,5	483,1	367,3	1.309,9	836,6	4,3	469,0
1994/1995	469,0	537,0	284,3	1.290,3	803,7	52,5	434,1
1995/1996	434,1	410,1	472,0	1.316,2	829,1	1,6	485,5
1996/1997	485,5	305,7	438,5	1.229,7	798,7	0,3	430,7
1997/1998	430,7	411,0	334,4	1.176,1	782,9	3,1	390,1
1998/1999	390,1	520,1	280,3	1.190,5	806,5	3,9	380,1
1999/2000	380,1	700,3	299,9	1.380,3	885,0	28,5	466,8
2000/2001	466,8	938,8	81,3	1.486,9	865,0	147,3	474,6
2001/2002	474,6	766,2	67,6	1.308,4	815,0	109,6	383,8
2002/2003	383,8	847,5	118,9	1.350,2	830,0	175,4	344,8
2003/2004	344,8	1.309,4	105,2	1.759,4	903,4	331,0	525,0
2004/2005	525,0	1.298,7	37,6	1.861,3	945,9	391,0	524,4
2005/2006	524,4	1.037,8	81,6	1.643,8	983,4	304,5	355,9
2006/2007	355,9	1.524,0	96,8	1.976,7	990,0	419,4	567,3
2007/2008	567,3	1.602,2	33,7	2.203,2	995,3	532,9	675,0
2008/2009	675,0	1.213,7	14,5	1.903,2	1.004,1	504,9	394,2
2009/2010	394,2	1.194,1	39,2	1.627,5	1.039,0	512,5	76,0
2010/2011	76,0	1.959,8	144,2	2.180,0	900,0	758,3	521,7
2011/2012	521,7	1.893,3	3,5	2.418,5	895,2	1.052,8	470,5
2012/2013	470,5	1.310,2	17,4	1.798,1	920,2	572,8	305,1
2013/2014	305,1	1.734,0	31,5	2.070,6	883,5	748,6	438,5
2014/2015	438,5	1.562,8	2,1	2.003,4	820,0	834,3	349,1
2015/2016	349,1	1.289,2	27,0	1.665,3	660,0	804,0	201,3
2016/2017	201,3	1.488,8	55,0	1.745,1	700,0	750,0	295,1
VAR. 2017/2016	-42%	15%	104%	5%	6%	-7%	47%

ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO NO BRASIL MILHÕES DE HECTARES



ALGODÃO

CALENDÁRIO DE PLANTIO E COLHEITA

UF/Região	22/09 a 21/12			21/12 a 20/03			20/03 a 21/06			21/06 a 22/09		
												
	Out	Nov	Dez	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set
Norte												
TO			█	█	█				█	█		
Nordeste												
MA			█	█	█				█	█	█	█
PI			█	█	█				█	█	█	█
CE				█	█	█			█	█	█	
RN	█			█	█	█			█	█	█	█
PB	█				█	█	█	█	█	█	█	█
PE	█	█			█	█	█	█	█	█	█	█
AL	█						█	█	█			█
BA		█	█	█	█			█	█	█	█	█
Centro-Oeste												
MT			█	█					█	█	█	█
MS		█	█	█			█	█	█	█	█	
GO		█	█	█					█	█	█	
Sudeste												
MG		█	█	█			█	█	█	█	█	█
SP	█	█	█			█	█	█	█	█		
Sul												
PR	█	█	█			█	█	█				



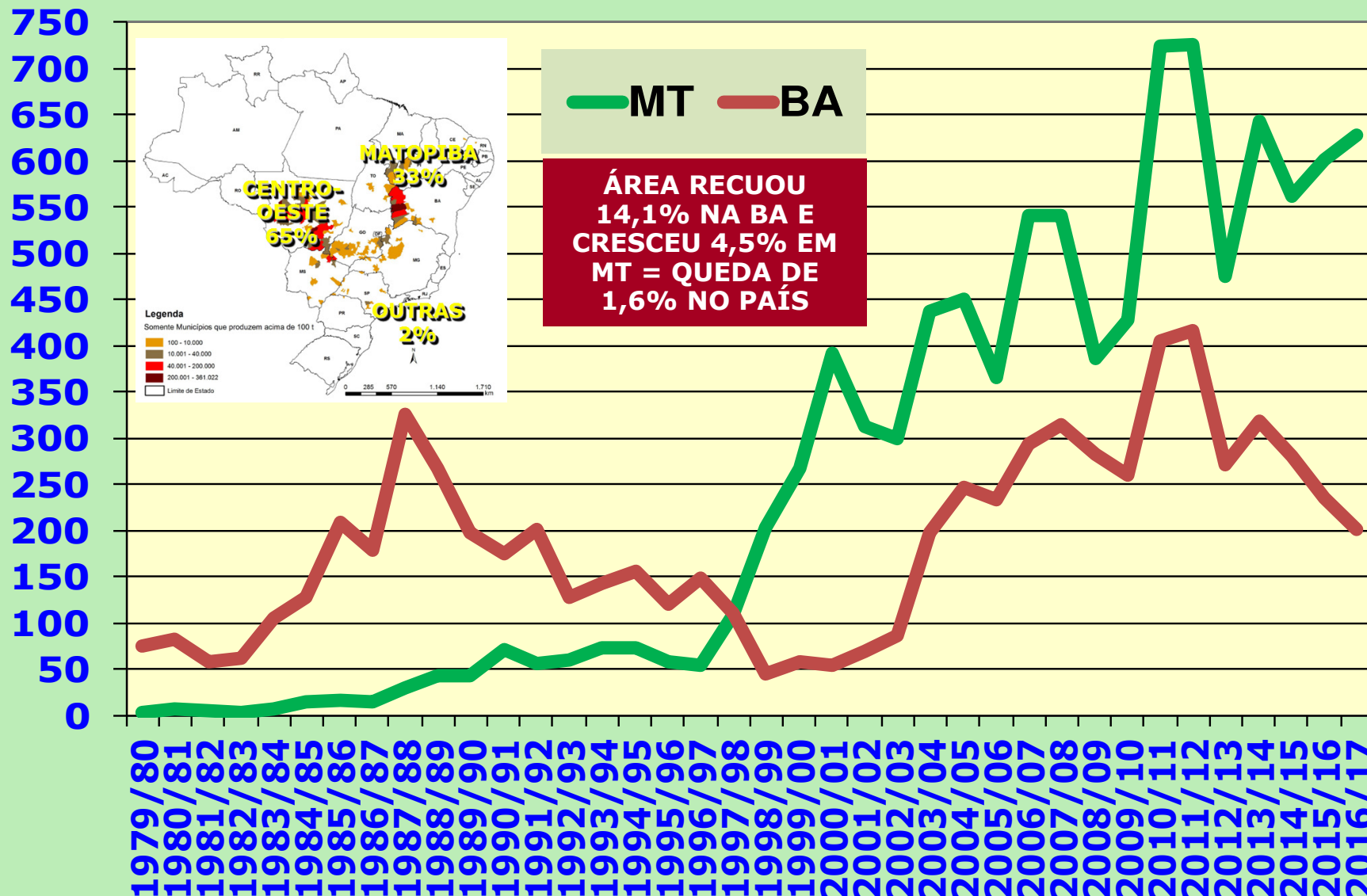
P = PLANTIO

C = COLHEITA

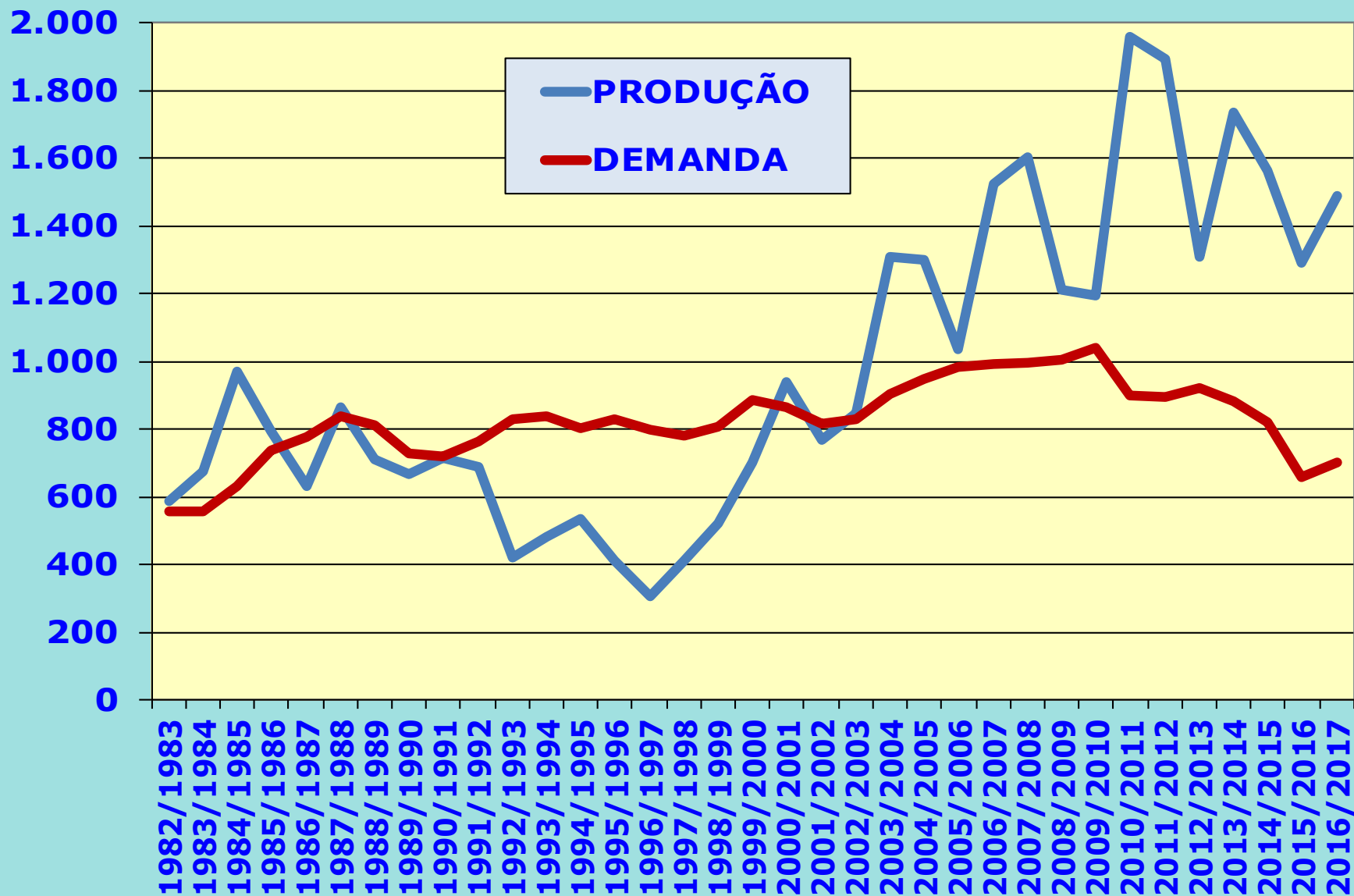
P/C = PLANTIO E COLHEITA

Legenda: █ Plantio █ Colheita

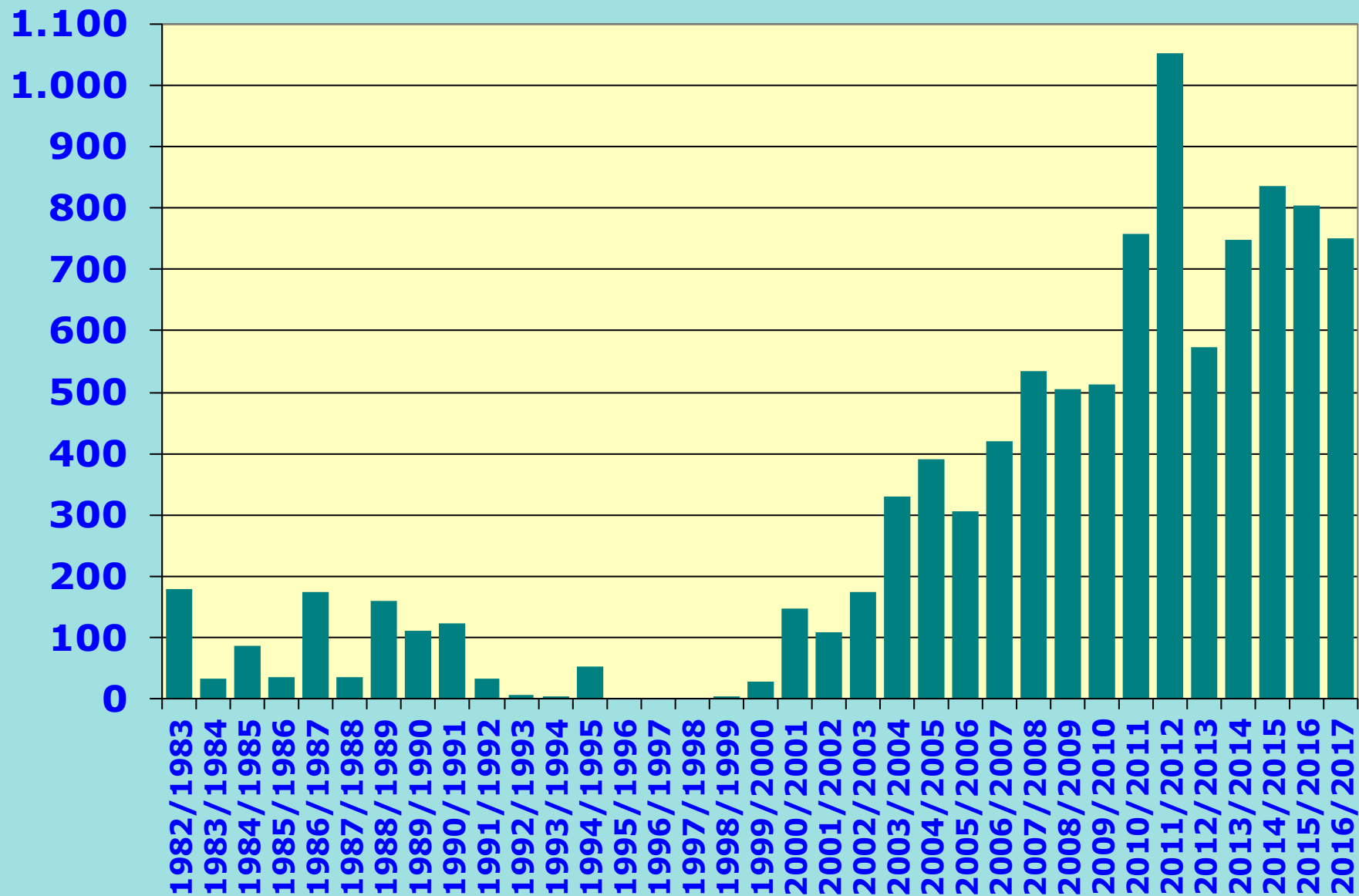
ALGODÃO: ÁREA DE CULTIVO NO MATO GROSSO E BAHIA - MIL HA



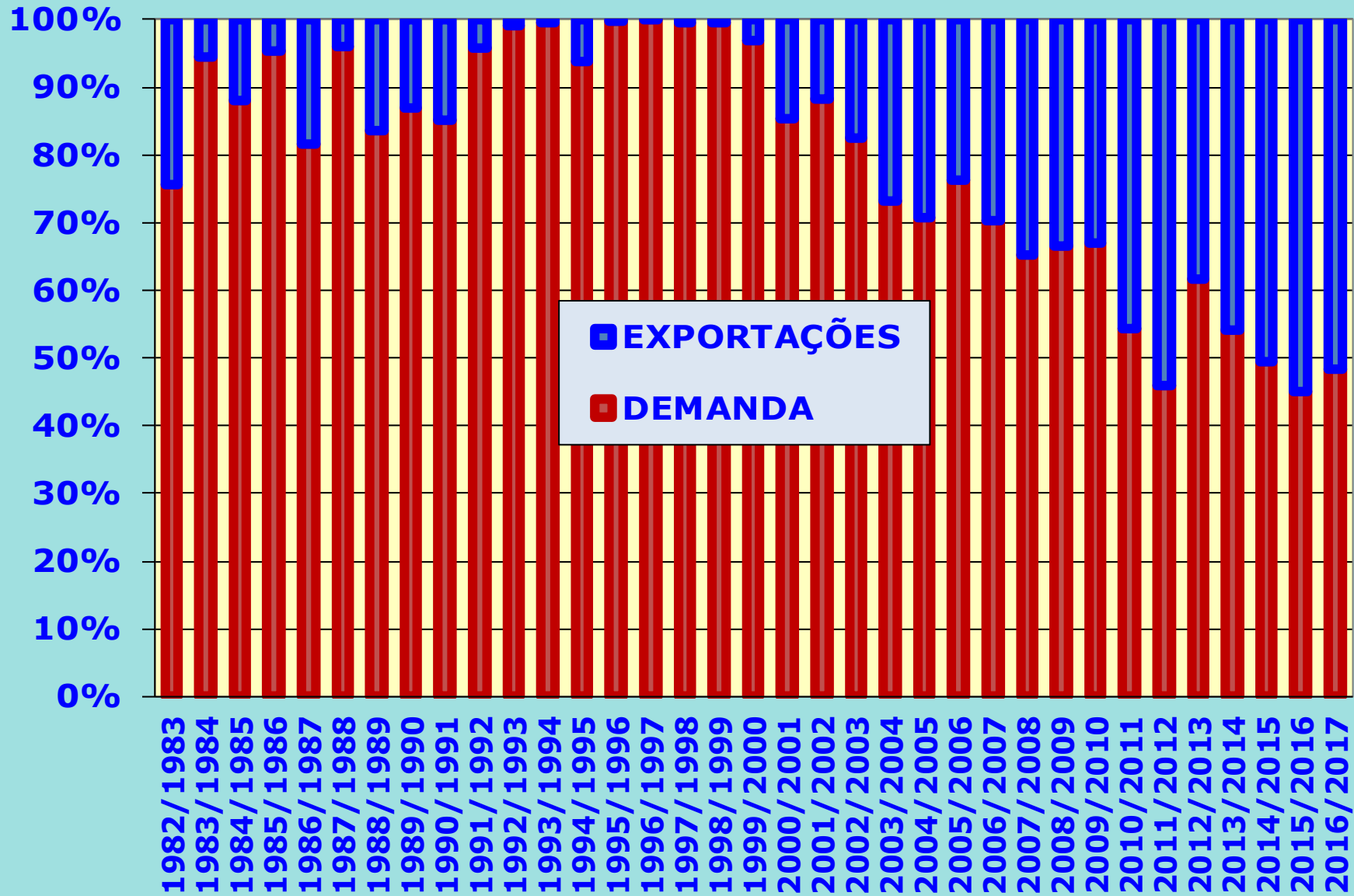
ALGODÃO: PRODUÇÃO x DEMANDA BRASIL EM MIL T BASE PLUMA



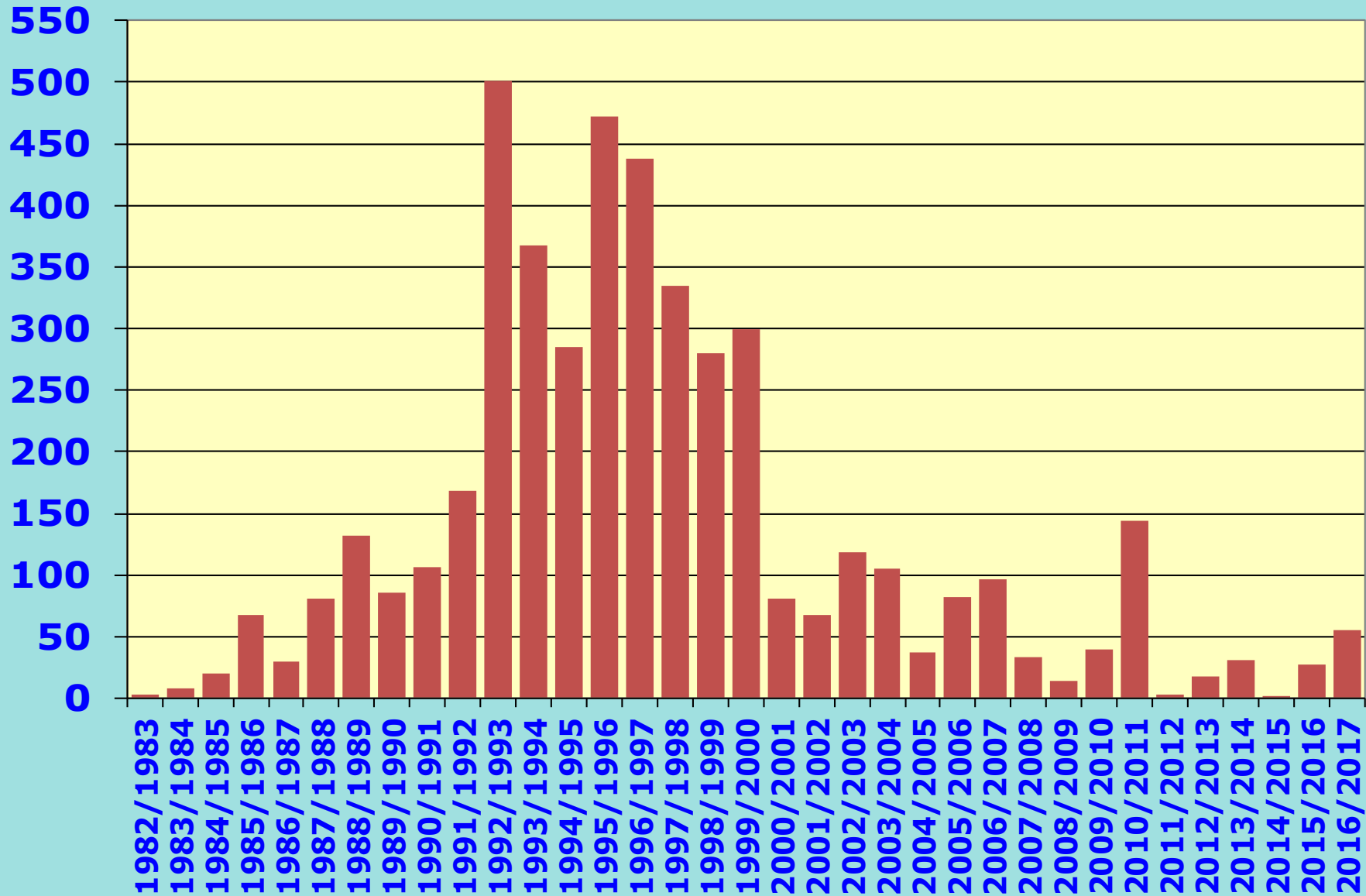
ALGODÃO: EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MIL T PLUMA



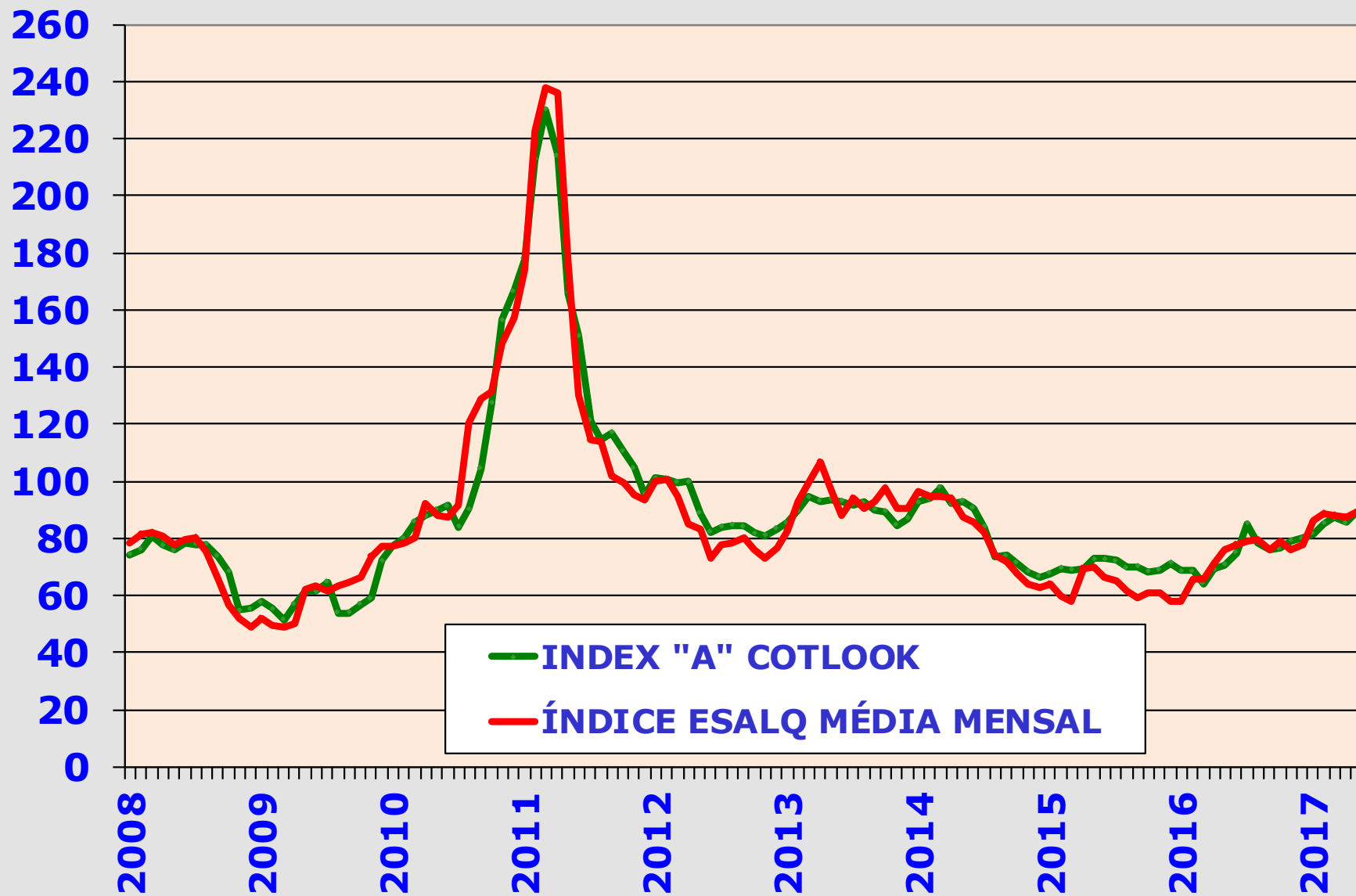
ALGODÃO: DEMANDA INTERNA x EXPORTAÇÕES NO BRASIL (%)



ALGODÃO: IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS EM MIL T PLUMA



ALGODÃO: EVOLUÇÃO DAS COTAÇÕES INDEX "A" COTLOOK x ÍNDICE ESALQ MÉDIA MENSAL ¢/LIBRA-PESO



ALGODÃO: EVOLUÇÃO DO INDICADOR ESALQ MÉDIA MENSAL - R\$/LIBRA-PESO



www.carloscogo.com.br

consultoria@carloscogo.com.br

Fone: +55 51 3248.1117

Cel: +55 51 99986.7666



Carlos Cogo Consultoria Agroeconômica



[@carloscogo](https://twitter.com/carloscogo)